

**OBRAS COMPLETAS**

**DO**

**CARDEAL SARATIVA**

OBRAS COMPLETAS  
DO  
CARDEAL SARATIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

---

TOMO VII



LISBOA  
IMPrensa NACIONAL  
1877

AC 75  
S28  
v. 7

# TRABALHOS FILOLOGICOS

---

ESTUDOS PARA A HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA

**M646864**





## ADVERTENCIA DO EDITOR

O *Ensaio de alguns synonymos* agora dado á estampa na collecção das obras do Cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz) não vem tal como foi impresso em vida do Auctor. Entre os manuscriptos do venerando Prelado se encontrou hum, com o titulo de *Notas e apontamentos*, e nelle esboçados, de certo com o pensamento de enriquecer o *Ensaio* em alguma nova edição, muitos artigos que, por circumstancias que não podemos avaliar, não chegou a aperfeiçoar e polir e pôr em limpo, mas que entendemos dever dar á luz no mesmo estado em que elle os deixou, como elementos preciosos para os que de futuro empregem trabalhos desta natureza.

Os artigos addicionados são os que correm desde n.º 381 até o n.º 505.

Outubro de 1877.

V. D.



ENSAIO  
SOBRE  
**ALGUNS SYNONYMOS**  
DA  
LINGUA PORTUGUEZA



## PREFAÇÃO

Muito tempo ha que se deseja hum *Tratado dos Synonymos da Língua Portuguesa*; e a Academia Real das Sciencias, que com tanto desvelo promove o adiantamento da litteratura nacional, e com igual discernimento escolhe para assumpto dos seus Programmas as materias que melhor podem illustral-a, e leval-a á perfeição, já no anno de 1812 propoz este trabalho, como conducente a tão importante fim, e digno por isso mesmo das applicações dos eruditos.

Nós tomámos a empreza, não de desempenhar completamente hum assumpto tão vasto, e tão difficil; mas de apresentar á Academia hum Ensaio, sobre o qual formando ella o seu juizo, possa indicar-nos os erros e defeitos, que parecerem dignos de correcção, e dirigir-nos por este modo com as suas luzes na continuação de hum trabalho, que julgámos ser de reconhecida utilidade.

Dizemos de *reconhecida utilidade*, porque sendo incontestavel, que os progressos da razão humana em qualquer ramo das sciencias dependem essencialmente da exacta precisão da linguagem, e que hum Diccionario bem feito

do idioma de qualquer nação, he o mais certo demonstrador do grão de perfeição, a que tem chegado nessa nação os conhecimentos uteis; claro está, que nem aquella precisão se póde alcançar, sem serem bem determinadas as differenças, ás vezes quasi imperceptiveis, que ha entre os vocabulos reputados por synonymos; nem este Dictionario se poderá jámais dizer bem feito, sem que nelle se notem essas differenças.

As mesmas razões porém, em que se funda a utilidade deste trabalho, são de algum modo as que entre nós o fazem de mui difficil desempenho.

Temos na verdade muitos e illustres classicos, que na idade aurea da nossa litteratura escrevêrão com pureza e elegancia, e até com sufficiente perspicuidade, e nos transmittirão em seus escriptos muitas riquezas da linguagem patria: mas não tivemos então, nem temos tido até o presente abundancia de sabios que escrevessem na lingua Portugueza obras scientificas, e didacticas, em que lhes fosse necessario determinar e fixar com toda a precisão filosofica o valor e differenças dos vocabulos synonymos, e em que por esse modo nos deixassem os subsidios necessarios para o bom desempenho do nosso assumpto.

Em todos os tempos parece que a criação, ou restauração da litteratura e bellas-artes tem precedido á das sciencias severas, e exactas: e esta lei que se observa na Historia litteraria das nações sabias, abrangeo tambem ao nosso Portugal.

Melhorou-se nos reinados dos Senhores D. Manoel e D. João III a nossa lingua: cultivou-se com grande esmero a poesia nacional, a eloquencia, a historia, e outros ramos de litteratura; mas as sciencias que costumámos chamar maiores, ficárão no misero estado, em que então se achavão geralmente em toda a Europa; e os progressos, que logo depois começárão a fazer em algumas nações

cultas, não poderão superar os redobrados obstaculos, que em Portugal se poserão á sua introduccção.

Assim, a lingua ganhou muito na abundancia de vocabulos, na regularidade das fórmas, na harmonia dos sons, e na flexibilidade a todos os estilos: mas mui pouco ou nada adquirio na exacção, e precisão filosofica: porque nem a verdadeira arte de pensar era ainda cultivada, ou pelo menos conhecida, nem a sua intima, e necessaria ligação com a arte de falar, e escrever era demonstrada, como depois o foi pelos esforços e immortaes trabalhos de Lock e Condillac.

Os nossos classicos pois não conhecendo as incomparaveis vantagens da analyse no estudo das faculdades intellectuaes, e de quaesquer outros humanos conhecimentos, nem julgando de absoluta necessidade para a belleza de seus escriptos essa apurada precisão dos vocabulos, em que consiste o principal instrumento da mesma analyse, empregarão as mais das vezes promiscuamente as palavras, que no uso vulgar se tinham por synonymas, e quasi nos não deixarão soccorro algum para bem determinarmos as suas differenças. E esta foi a maior difficuldade que encontrámos na execução do nosso projecto, e que por certo não acharão em igual grão os que quizerão fazer tão util serviço á lingua Franzeza, Ingleza, e Latina.

Debalde para remediarmos esta penuria nos lembrariamos de recorrer aos nossos Dictionarios antigos, ou modernos. A mais ligeira reflexão, que sobre elles se faça, basta para mostrar-nos, quanto seus auctores menosprezarão esta importantissima parte do trabalho, aliás difficil e arduo, a que consagrarão seus estudos. O mesmo douto compilador de Bluteau, de quem poderia esperar-se mais alguma cousa, e cujo merecimento se não deve já-mais desconhecer, foi tão descuidado neste ponto, que a cada passo encontrámos nelle vocabulos definidos, ou ex-

plicados huns pelos outros, omitindo totalmente as diferenças, ás vezes bem sensíveis, que os caracterizam, e que distinguem as suas significações.

No meio pois desta quasi absoluta carencia de subsidios, que facilitassem o nosso trabalho, eis-aqui o methodo com que procedemos na composição dos artigos, de que consta este Ensaio.

Quando nos classicos de melhor nota achámos expressamente definida a differença de duas ou mais palavras havidas por synonymas, essa auctoridade nos bastou, quasi sem mais exame, para adoptarmos a indicada differença: mas rarissimas vezes tivemos a satisfação de encontrar tão boa e segura guia.

Nos outros casos fizemos extensas analyses dos lugares extrahidos dos nossos bons escriptores, aonde parecia empregarem-se differentes vocabulos com identica significação, ou se contrapunhão huns aos outros, ou se notavão dous ou mais synonymos dispostos em certa gradação, correspondente á differença das idéas, ou sentimentos, que se querião exprimir. E fazendo sobre estas analyses a mais séria reflexão, comparámos o seu resultado, quando nos foi possível, com a raiz, e etymologia da palavra, que queríamos definir: examinámos as particulas componentes, ou terminativas, e a sua particular força e energia: conferimos os vocabulos semelhantes das linguas analogas, especialmente da Latina, Hespanhola, Franceza, e Italiana: observámos o uso vulgar até das pessoas indoutas, em cuja linguagem se conservão muitas vezes as significações mais primitivas (se assim podemos dizer) e mais originaes: e consultámos finalmente alguns Tratados de synonymos Latinos e Francezes, que tinhamos á mão: formando sobre todos estes fundamentos o nosso juizo, ainda assim não poucas vezes receoso e perplexo.

Quando entendemos que a significação das palavras,



de que tratavamos, correspondia exactamente á significação de outras semelhantes da lingua Franceza, não duvidámos fazer o extracto do proprio artigo, e ás vezes até copial-o formalmente das excellentes obras de Mrs. Girard, e Roubaud, ou de outros escriptores daquella nação, que no mesmo assumpto trabalharão: e como não julgámos conveniente á brevidade, nem necessario, notar isso em cada artigo, assim o declarámos aqui, para que ninguem nos accuse de plagiario, ou de pouco agradecido a quem com a sua riqueza auxiliou o nosso zelo: pois ingenuamente confessámos, que mui poucas cousas deste Ensaio são propriamente nossas, salvo o trabalho de as arranjarmos, e applicarmos opportunamente a bem da linguagem patria, á qual por suas excellentes qualidades temos a mais estremada affeição.

He bem de crer, que com quanta diligencia empregámos em aperfeiçoar os poucos artigos deste Ensaio não tenhamos a fortuna de merecer em todos elles a approvação dos eruditos: mas quem seriamente reflectir na difficuldade da empreza, na extrema delicadeza e apurado gosto, que ella demanda, e no estado actual da nossa lingua, por certo nos julgará com indulgencia, e talvez achará ainda alguma cousa que nos agradecer. Isto será bastante para animar-nos a continuar o nosso trabalho cada vez com mais desvelo, e com a assiduidade, que as nossas circumstancias nos permittirem.

Na disposição dos artigos não tivemos por necessario seguir a ordem alfabetica; porque não podendo ella verificar-se senão na primeira palavra de cada artigo, pouca ou nenhuma vantagem offerecia ao leitor. Com os dous indices, que vão no fim do Ensaio, suprimos sobejamente o que nisto se poderia considerar de defeituoso.

Finalmente em alguns artigos achará porventura o leitor, que omittimos hum ou outro vocabulo synonymo dos que abi se explicão. Esta omissão, quando por nós

advertida, nasceo de não sabermos atinar com a verdadeira differença especifica desse vocabulo omittido. Mas se huma falta de tal natureza faz o artigo imperfeito, não faz comtudo menos verdadeiras, nem menos exactas as significações dos vocabulos explicados; e aliás poderá talvez corrigir-se nos seguintes Ensaios, nos quaes esperamos que se vá cada vez mais facilitando, e ao mesmo passo apurando o nosso trabalho.

# ENSAIO

## SOBRE ALGUNS SYNONYMOS DA LINGUA PORTUGUEZA

---

### 1

#### Homem — Varão

*Homem* exprime propriamente o individuo masculino da especie humana; aindaque ás vezes se toma por toda a especie, sem attenção á differença dos sexos. (He o latim *homo*.)

*Varão* he o *homem*, que tem valor e virtude; que tem *hombridade*. (Latim *vir*.)

He proprio do *homem* ter paixões, e sentir os seus effeitos: mas o que he *varão* sabe dominal-as, e regel-as.

Arraes, Dial. 9.º, cap. 2.º *Se os homens tivessem hum pouco de coração, e fossem varões, não temerão a morte.*

Vieira, *Palavra do Prégador empenhada*, &c., § 6.º: *Este mesmo nome (de varão) não só significava o sexo, senão tambem o juizo, o valor, a experiencia, e todas as outras qualidades, de que se compõe hum heroe perfeito.*

*Non sentire mala sua, non est hominis: non ferre, non est viri.* (Seneca.)

**Convicção — Persuasão**

A *convicção* dirige-se directamente ao entendimento. A *persuasão* á vontade.

*Convencer* he reduzir alguém por provas evidentes a reconhecer huma verdade; a não poder negal-a.

*Persuadir* he determinar alguém a querer, ou a praticar alguma cousa.

Pela *convicção* ficámos conhecendo claramente a verdade, ou o bem, que se nos propõe. Pela *persuasão* ficámos movidos e determinados a amar, ou a praticar o que se nos insinua.

A *convicção* he filha só da razão: a *persuasão* depende mais da sensibilidade.

Para produzir a *convicção* basta conhecer bem as relações de huma idéa, de hum facto, ou de huma acção com a verdade, isto he, com os principios; e expor essas relações com precisão, e clareza. Para produzir a *persuasão* basta conhecer as relações, que tem o objecto, de que se trata, com as propensões, interesses, e paixões da pessoa, a quem se fala; e expor essas relações com força, vivacidade, e calor.

A primeira requer o completo conhecimento da materia, e hum juizo solido e profundo. A segunda demanda hum cabal conhecimento do coração humano, e a arte de excitar a sua sensibilidade.

Da união destes dous modos de considerar os objectos, he que resulta a divina eloquencia.

Se falta o primeiro, o discurso não terá solidez, e *persuadirá sem convencer*. Se falta o segundo, o discurso será desanimado e frio, e *convencerá sem persuadir*.

**Velho — Antigo**

*Velho* refere-se á idade individual da pessoa, ou cousa de que falámos, e diz-se de tudo aquillo, que tem muitos annos de existencia; que, no seu genero, está em idade adiantada, e talvez não longe do termo da sua duração. Assim, he *velho* o homem que conta setenta ou oitenta annos de idade: he *velho* o vestido, que está gastado do uso: he *velho* o edificio, que tem largos annos, e talvez ameaça ruina, &c.

*Antigo* refere-se a hum tempo passado, indefinidamente remoto da nossa idade, e diz-se de tudo aquillo, que he, ou parece ser dos seculos passados, do tempo de nossos avós, sem respeito á idade individual do sujeito. Assim chamámos *antigo* o homem, qualquer que seja a sua idade, quando elle vive, procede, e traja á maneira de nossos avós, e professa a simplicidade e singeleza dos tempos passados. Chamámos Portuguezes *antigos* os que nos precedêrão hum ou mais seculos: *antigos* monarchas os das primeiras idades da monarchia: *antigos* homens os das primeiras idades do mundo, ou de quaesquer outros tempos remotos da nossa idade, &c.

A *velho* oppõe-se *novo*: a *antigo* oppõe-se *moderno*.

Cicero era mais *velho* que Virgilio, porque vivendo no mesmo tempo, tinha mais idade que elle. Aristoteles he mais *antigo* que Cicero e Virgilio, porque viveo em hum seculo mais remoto da nossa idade, que elles ambos.

**Velho — Ancião**

*Velho* exprime simplesmente o homem, que tem chegado á idade da velhice.

*Ancião* ajunta á idéa de *velho* a de auctoridade: he o velho respeitavel, e digno de veneração pela sua sabedoria, e probidade.

## 5

**Quietação — Repouzo — Descanço — Tranquillidade — Socego  
Paz — Serenidade**

*Quietação* exprime a carencia de movimento.

*Repouzo* he a cessação de movimento.

*Descanço* he a cessação de movimento, ou trabalho, que causou fadiga, ou molestia.

*Tranquillidade* exprime hum estado isento de toda a perturbação, ou agitação.

*Socego* exprime a *tranquillidade* subsequente ao estado de perturbação, ou agitação.

*Paz* he o estado de *tranquillidade* a respeito de inimigos, que podem perturbar-nos, ou inquietar-nos.

*Serenidade* he a tranquillidade, que reluz no exterior; que se mostra nas apparencias.

Falando do homem, *quietação*, *repouzo*, e *descanço* dizem respeito mais immediato ao corpo: *tranquillidade*, *socego*, e *paz* referem-se mais propriamente ao espirito: e *serenidade* exprime o estado do espirito, manifestado no semblante, e nas mais apparencias.

Assim, hum homem está em *quietação*, quando se não move: está, ou fica em *repouzo*, quando cessou de fazer movimento: e está ou fica em *descanço*, quando cessou de fazer algum movimento, ou trabalho, que lhe causou fadiga, e cansaço.

Hum homem está *tranquillo*, quando nada perturba ou agita o seu espirito: está ou fica em *socego*, quando depois de perturbado e agitado recobra a sua *tranquillidade*: está em *paz*, quando nenhum inimigo o inquieta: está em *serenidade*, quando o seu semblante, e toda a

sua continencia mostra a *tranquillidade* do seu espirito, e a *paz* do seu coração: quasi da mesma sorte que dizemos estar o ceo *sereno*, quando nas suas apparencias indica não haver perturbação, ou agitação dos elementos.

Póde finalmente o homem estar em *quietação*, *repouzo*, ou *descanço*, sem gozar *tranquillidade*; e póde viver *tranquillo* no meio dos trabalhos e fadigas.

Mas todos estes vocabulos se applicão tambem ás cousas, e não só ao homem. Assim dizemos que hum corpo está em *quietação*, *repouzo*, ou *descanço*: e dizemos que o mar está *tranquillo*, que o vento *socegou*, que a república está em *paz*, que o ceo está *sereno*, &c.

## 6

## Outro — Outrem

*Outro* diz-se indifferentemente das pessoas, e das cousas. *Outrem* sempre se diz das pessoas.

*Outro* tem as fórmas adjectivas, e deve por isso mesmo ter claro, ou subentendido hum nome substantivo, a quem se refira a sua significação: v. gr., vi *outro homem*: plantei *outra arvore*: liguei hum metal com *outro*, &c.

*Outrem* não precisa de nome algum, que o determine, porque elle mesmo leva subentendido o substantivo *homem*, e até parece ser huma contracção de *outro homem*. Assim dizemos, por exemplo, qual de nós tem razão, *outrem* o julgará: quando eu cheguei, já *outrem* tinha tomado o lugar: vós dizeis isso, e *outrem* dirá o contrario, isto he, *outro homem*; *outra pessoa*.

*Outro* usa-se em ambos os numeros: *outrem* só no singular.

A mesma differença respectiva ha entre *algun*, e *alguem*; *nenhum*, e *ninguem*, como entre os vocabulos latinos *nemo*, e *nullus*.

## Documento — Monumento

O *documento* ensina: o *monumento* avisa.

O primeiro instrue, descreve, conta circunstanciadamente, e talvez prova: o segundo dá noticia, traz á lembrança, excita a idéa, aponta o facto.

Para o *documento* he necessaria a escriptura, e essa com alguma extensão. Para o *monumento* basta hum signal, e se he acompanhado de escriptura, esta deve ser concisa.

Os fastos, chronicas, diplomas, cartas, &c., são *documentos*: as pyramides, as columnas, os obeliscos, os mausoléos, os templos, as medalhas, as lapidas, &c., são *monumentos*.

## Palavra — Vocabulo — Termo — Expressão

*Palavra* he em geral a expressão do estado da alma por meio de sons articulados. O homem he o unico entre os animaes, que tem o dom da *palavra*, isto he, a faculdade natural de exprimir os differentes estados da alma por meio de sons articulados. E neste sentido he que os antigos chamavão *animaes mudos* a todos os irracionaes, e reputavão a faculdade de *falar*, como character essencial, e distinctivo do homem.

*Vocabulo* he o som simples ou articulado, com que o homem exprime os differentes estados da sua alma, segundo a *língua*, em que fala. A *palavra* he natural e commum a todos os homens: o *vocabulo* he particular de cada lingua, nação, ou povo.

*Termo* he o vocabulo proprio da sciencia, arte, ou dis-



ciplina, de que se trata: he o vocabulo que convem a essa sciencia, arte, &c. Assim, v. gr., *salso argento* são *termos* poeticos, que dizem o mesmo que o vocabulo commum *mar*. O *Ethna*, porque vomita o fogo, diz-se poeticamente *ignivomo*: *polygono* he *termo* geometrico: *baluarte* he *termo* de fortificação: *arabesco* he *termo* da arte de pintura, &c.

*Expressão* refere-se mais particularmente ao *modo*, com que declarámos os differentes estados da alma por meio dos vocabulos; he huma qualidade dos mesmos vocabulos, e pôde ser energica, viva, brilhante, picante, nobre, &c. Hum objecto serio e grave pede *expressões* decentes, e nobres: hum objecto ridiculo pede *expressões* comicas e burlescas: na conversação ordinaria servimo-nos de *expressões* familiares, e singelas, &c.

*Em summa*: o dom da *palavra* he commum a toda a especie humana; mas cada nação ou povo tem huma collecção de *vocabulos*, que constituem a sua lingua particular; e em cada lingua ha *termos* que são proprios das sciencias, artes, officios, &c. Porém qualquer que seja a lingua, materia, ou estilo, em que falámos, convem que as *expressões* sejam claras, precisas, justas, energicas, &c.

A pureza da linguagem demanda *vocabulos* auctorisados pelo uso. A precisão, e justeza rêquer que se empreguem os *termos* proprios da materia de que se trata. A belleza e elegancia depende da graça, energia, nobreza e vivacidade das *expressões*.

## 9

## Precisão — Abstracção

Estes dous vocabulos, no sentido em que se podem considerar como synonymos, convem na noção generica indicada pela sua propria etymologia, e exprimem huma

separação feita pelo espirito, quando considera os objectos de suas idéas. Mas *precisão* exprime particularmente a separação intellectual de tudo o que he estranho ao objecto, para o considerar só por só, na sua justa totalidade, sem confusão, e sem mistura com outro algum: e *abstracção* exprime a separação intellectual de cousas, que na realidade são inseparaveis, attendendo o espirito sómente a huma parte do objecto, que quer considerar, como se delle estivesse separada.

A *precisão* he ordinariamente hum dom da natureza: o seu effeito he a exacção, a clareza das idéas.

A *abstracção* he fructo da applicação, e do estudo: hum dos seus principaes effeitos he generalizar as idéas, e classificar os objectos da sciencia humana, por meio de huma nomenclatura simples e regular.

A *precisão* considera o objecto tal como elle he, separando tudo o que he estranho, ou inutil ao seu conhecimento: leva-nos directamente á verdade; e he por isso mesmo huma qualidade do espirito tão util no estudo das sciencias, como no trato da vida.

A *abstracção*, attendendo a huma só parte, qualidade, ou modificação do objecto, forma hum mundo ideal, a que não corresponde a realidade das cousas, e aindaque por este modo faz mais ampla a extensão do espirito, e descobre algumas vezes verdades uteis; tambem outras vezes dá occasião a erros de grande consequenciá, e póde ser nociva tanto para o conhecimento da verdade, como para a direcção dos negocios da vida social.

## 10

**Branco — Alvo — Candido**

*Branco* significa generica e precisamente o que tem côr branca, sem determinar especie alguma, ou gradação

de *brancura*. Assim dizemos papel *branco*, cal *branca*, *branco* rosto, *branca* neve, *branco* leite, &c.

*Alvo* parece que exprime o *branco* mais vivo, formoso, e talvez brilhante: e por isso dizemos *alva* neve, rosto *alvo*, roupas *alvas* como neve, o *albor* do dia, isto he, a primeira claridade da aurora, nitida *alvura*, &c.

*Candido* parece mais proprio para significar o branco puro, doce, agradável; o branco que não fere os olhos. Assim dizemos *candida assucena*, *candido jasmim*; e no sentido figurado, alma *candida*, isto he, singela, innocente, simples, sem nodoa; coração *candido*, isto he, puro, sincero; *candideza* de pomba, isto he, innocencia, singeleza, simplicidade, &c.

*Branco* e *alvo* sómente se usão no sentido fysico e proprio: *candido* emprega-se as mais das vezes no translatô e moral.

## 11

## Variação—Variedade

*Variação* exprime mudanças successivas no mesmo sujeito. (Latim *variatio*.)

*Variedade* exprime multidão de sujeitos com differença, ou diversidade entre si. (Latim *varietas*.)

Ha infinitas *variedades* de caracteres nos homens; mas algumas vezes até no mesmo homem se nota huma frequente *variação* de character.

A legislação de hum povo he sempre sujeita a frequentes *variações*. Nas differentes especies da natureza observão-se muitas *variedades*.

Todas as linguas se compõem de huma grande *variedade* de vocabulos; mas estes não são sempre os mesmos, porque o progresso das sciencias, a invenção ou aperfeiçoamento das artes, o augmento das relações de todo o genero, e mil outras causas estão a cada passo produzindo

humã continua *variação* no numero, na composição, e nas fórmulas dos mesmos vocabulos.

### Scepticismo — Pyrrhonismo

*Scepticismo* he hum systema de philosophia (se este nome se lhe pôde dar) que nada affirma.

*Pyrrhonismo* he hum systema de philosophia, que tudo nega.

O *scepticismo* suspende o juizo sobre todos os objectos. O *pyrrhonismo* affirma positivamente a incerteza universal.

Hum e outro systema encerra em sua propria natureza o principio da sua destruição; porque ambos são mais ou menos dogmaticos. A razão não pôde combater a razão, senão empregando o raciocinio, e todo o raciocinio suppõe principios, e suppõe a certeza das regras da logica.

O *sceptico*, se quizer ser consequente, deve ao menos reconhecer o facto primitivo da consciencia; porque o proprio acto da suspensão do juizo sobre todos os objectos he inintelligivel sem a distincção do *eu* que suspende o juizo, e dos objectos, a cujo respeito o suspende.

O *pyrrhónico* ainda he mais contradictorio comsigo mesmo; porque pretende destruir a razão com raciocinios: affirma com certeza, que nada ha certo: esta duvida absoluta e universal envolve necessariamente o dogmatismo.

Se nos he permittido neste lugar indicar as differentes paixões, que tem dado origem a esta estranha philosophia, diremos com o grande filosofo, que nos subministrou este artigo, que o empenho de abalar as verdades da fé, exagerando os foros da razão; ou de firmar o imperio das primeiras, calumniando a segunda — o egoismo sen-

sual, que concentra o espirito na matéria; ou o egoísmo contemplativo, que se esvaece em sonhos mysticos — o orgulho do saber; ou a vaidade de affirmar paradoxos — e finalmente a reacção contra o despotismo da philosophia dogmatica, tem sido quasi sempre as verdadeiras origens do *scepticismo*, e do *pyrrhonismo*, nas differentes épocas da sua existencia, ou renovação.

### Mulher — Dona — Dama — Matrona

*Mulher* refere-se ao sexo, e exprime o individuo feminino da especie humana, a femêa do homem. Consequentemente se applica para significar as que já chegarão á puberdade, das quaes dizemos, que já são *mulheres*, e tambem, como por excellencia, ás cazadas.

*Dona* diz tanto como *mulher senhora*. He derivado da raiz *dom*, *dum*, ou *don*, que exprime toda a idéa de elevação, superioridade, dominação, &c., e donde vem, em todos os idiomas, longas famílias de vocabulos. Pelo que se extendeo a significação de *dona* a todas as mulheres, que são caracterisadas por algum titulo de superioridade, respeito, &c., como ás cazadas, viúvas, religiosas, idosas, &c. (Vej. *Historia de S. Domingos*, part. 1.<sup>a</sup>, liv. 5.<sup>o</sup>, cap. 22.<sup>o</sup>, e *Monarquia Lusitana*, part. 5.<sup>a</sup>, liv. 16.<sup>o</sup>, cap. 55.<sup>o</sup>)

Leitão, *Miscellanea*, dial. 1.<sup>o</sup>, pag. 29: *Porque o tributo era de donzellas, e não de donas, que nunca se disserão moças donzellas, senão mulheres cazadas, ou viúvas, ou religiosas, e não mininas.*

Camões, *Lusiadas*, cant. 7.<sup>o</sup>, est. 49.<sup>a</sup>:

*Estão pelos telhados e janellas*

*Velhos e moços, donas e donzellas:*

aonde parece, que *donas* e *donzellas* do segundo hemistichio tem a mesma significação respectiva que *velhos* e

*moços* do primeiro. E daqui entendemos que a significação, que depois se deo ao vocabulo *dona*, tomando-o por mulher *que já conheceo varão*, foi huma significação secundaria, ou accessoria, empregada sem duvida, por eufemismo.

*Dama* tem a mesma origem que *dona*, e falando propriamente, dá-se-lhe a mesma significação de *mulher senhora*, ou *mulher nobre*. Neste sentido dizemos ainda hoje *damas do Paço*, *damas da Rainha*, &c., e no mesmo sentido o tomou D. Francisco Manoel nos *Apologos*, pag. 277, dizendo: *Aquellas quatro carroças são de damas e senhoras, que antigamente se chamavão donas*. Mas assim como *dona* se applicou depois para significar *mulher não virgem*; assim tambem *dama* tomou huma significação accessoria, com a qual se exprimia a *mulher nobre, decentemente galanteada e servida pelo seu namorado*, quando os costumes Portuguezes toleravão esta pratica derivada das leis, e usos da Cavallaria. Depois se usou para significar, ainda mais em geral, *mulher, com quem se tratão amores*. Nesta accepção parece que empregou este vocabulo o mesmo D. Francisco Manoel na *Carta de Guia*, pag. 25 verso, aonde diz: *Quem soube desmentir os ciumes de sua dama, quando a teve, por esse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha*. E em outro lugar, pag. 9 verso: *Aquelle amor cego fique para as damas, e para as mulheres o amor com vista*.

*Matrona* diz-se, com toda a propriedade, da mulher, mãe de familias, que he juntamente honesta, como cumpre ao seu estado.

## 14

## Esposo — Marido

*Esposo* he propriamente o que está promettido para casar: o que empenhou a sua fê para casar com huma mulher. *Marido* he o que já está cazado.

*Esposo* exprime tão sómente a fé, ou fidelidade promettida, o ajuste social, e o vinculo, união, e obrigação, que dahi resulta. E por isso he este vocabulo o unico, que se emprega no sentido espirital, quando, v. gr., se diz que Jesu-Christo he *esposo da Igreja*, ou *esposo das almas puras*.

*Marido* designa o estado, e refere-se á virilidade, isto he, aos direitos e superioridade que tem o homem cazado a respeito de sua mulher.

A *esposo* corresponde *esposa*, como hum conjuncto a outro. A *marido* corresponde *mulher*, como a femea ao varão.

## 15

## Occasião – Opportunidade – Conjuncção – Azo

*Occasião* he a sorte ou caso, que se nos offerece, e de que podemos lançar mão.

*Opportunidade* he occasião que vem a tempo, ou em lugar conveniente.

*Conjuncção* he a concurrencia simultanea de circumstancias, v. gr., de tempo, lugar, e disposição de cousas, propria, ou impropria para algum fim.

*Azo* he occasião commoda, apta, geitosa.

A *occasião*, e *conjuncção* podem ser boas ou más, proprias ou improprias para o que se intenta. A *opportunidade*, e *azo* sempre são a proposito, a geito, a tempo, e em lugar commodo, &c.

## 16

## Rei – Monarca – Principe – Potentado – Imperador

Attendendo ás etymologias destes vocabulos, *rei* he o que rege, dirige, e guia, mandando. *Monarca* he o que governa só, sem ter outrem, que participe com elle do

governo. *Príncipe* he o primeiro á frente, o cabeça, o chefe. *Potentado* he o que tem hum grande poder, isto he, auctoridade acompanhada de força, sobre hum grande extensão de territorio. *Imperador* he o que manda, e se faz obedecer.

*Rei* designa propriamente o officio, que he dirigir, reger, e conduzir os povos, que lhe são sujeitos. *Os reis* (diz Arraes, Dial. 3.º, cap. 1.º) *para reger e fazer bem a todos subirão ao regno, e de reger tomárão o appellido... o que com justiça rege, e se rege, esse he verdadeiro rei.*

*Monarca* exprime a especie de governo. O *rei* não he *monarca*, quando os poderes politicos se achão repartidos. Em Lacedemonia havia dous *reis*, e nenhum delles era *monarca*, nem o governo daquella republica era *monarquico*.

*Príncipe* refere-se ao lugar e graduação, e exprime propriamente àquellê que he primeiro, que tem o primeiro lugar, que está á frente da classe, &c. O *rei* ou *monarca* tem o primeiro lugar a respeito de toda a nação, e por isso se chama tambem *príncipe*. O herdeiro da corôa tem o primeiro lugar entre os filhos do rei, e entre todos os subditos, e por isso se lhe dá a mesma denominação. Os chefes perpetuos de hum pequeno povo tambem se chamão *príncipes*. E finalmente chamâmos *príncipes* dos poetas, dos oradores, dos filosofos aquelles, que pela opinião geral são tidos como primeiros em merecimento entre os da sua classe.

*Potentado* he o que tem grande poder, e este poder resulta da auctoridade suprema unida com as forças de hum grande estado. Não basta ser *monarca* para se poder chamar *potentado*: he necessário ser *monarca* muito poderoso, relativamente aos outros da mesma denominação.

Finalmente *imperador*, que entre os Romanos significava simplesmente hum chefe militar, designa hoje, ou hum *príncipe* grande pela vastidão de seus dominios, ou



hum *principe* grande pela sua vasta supremacia. No primeiro sentido he *imperador*, v. gr., o da Russia, ou o da Turquia; no segundo o de Allemanha. Os primeiros são *potentados* que dominão sobre vastos estados. O segundo he hum grande *principe*, que he juntamente chefe de huma grande confederação de *principes* e *reis*.

## 17

## Inveja — Ciume

*Inveja* he hum sentimento penoso, causado pelo bem, que outrem possue.

*Ciume* he hum sentimento penoso causado pela pretensão que outrem tem, ou receámos que tenha, de possuir hum bem, que julgámos nosso, ou que aspirámos a gozar exclusivamente.

A *inveja* he mais geral, que o *ciume*. Afflige-se do bem alheio, aindaque não possa pretendel-o, nem aspirar a elle, nem dahi lhe venha mal algum.

O *ciume* he mais limitado na sua extensão, e sómente domina aquelles, que pretendem, ou podem pretender a posse do mesmo objecto.

A *inveja* he hum sentimento baixo, e abjecto; he o tormento das almas vis: tudo o que póde servir de alguma utilidade, ou vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu!

O *ciume* tem huma origem menos ignobil: nasce do orgulho, isto he, da idéa vantajosa, que cada hum tem da superioridade do seu merecimento; e olha como inimigo o competidor, que lhe disputa essa superioridade.

A *inveja* róe e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se da sua propria baixeza, e não ousa apparecer em publico a cara descoberta.

O *ciume*, como he menos vil, não teme manifestar-se

de hum modo sensível e publico: rompe muitas vezes com impeto, e os seus effeitos são mais estrondosos, e talvez mais funestos.

18

### Segurança – Seguridade

*Segurança* diz-se das pessoas e das cousas (em Francez *sûreté*).

*Seguridade* sómente se diz das pessoas, e refere-se ao estado do espirito (em Francez *sécurité*).

*Segurança* exprime a effectiva carencia de perigo, quando não existem, ou estão removidas as causas delle.

*Seguridade* exprime a tranquillidade de espirito, nascida da confiança que se tem, ou da opinião em que se está, de que não ha perigo.

Póde o homem estar em *seguridade*, quando a sua *segurança* está ameaçada, e ao contrario. E póde huma cidade estar em grande perigo, e consequentemente sem *segurança*, quando os seus habitantes estão em plena *seguridade*.

19

### Ronda – Patrulha

*Ronda* he de gente de pé. *Patrulha* he de gente de cavallo.

D. Francisco Manoel, *Epanaphora Bellica* 4.ª, pag. 472: *A cavallaria do partido de Bargantinhos, pouca e mal armada, como lhe era possivel, fazia a patrulha da campanha: com tal nome, que funda em alguma origem estrangeira, quizerão os militares notar a differença da ronda de cavallaria á dos infantes.*

Tambem se chama *ronda*, e não *patrulha*, a das justças (gente de pé) que andão pela cidade, villa, ou lugar,

para evitar disturbios, e manter a segurança dos habitantes.

### Paralogismo — Sofisma

*Paralogismo* he hum raciocinio falso, ou huma argumentação viciosa, que se faz por erro do entendimento.

*Sofisma* he huma argumentação falsa, que se faz de proposito, maliciosamente, e com artificio, para enganar. He propriamente huma argumentação capciosa e insidiosa.

O *paralogismo* emprega talvez principios falsos como verdadeiros, ou proposições incertas como demonstradas; e talvez erra no modo de deduzir as consequencias: mas quem faz *paralogismos* engana-se a si, antes de enganar os outros: cuida, por erro, que discorre bem, e que tem achado a verdade.

O *sofisma* arranja com tal artificio os principios, os termos das proposições, e a ordem do discurso, que vem a tirar consequencias falsas. Mas quem usa do *sofisma* quer de proposito enganar os outros.

O *paralogismo* nasce dos nossos erros: he hum effeito da fraqueza do entendimento humano.

O *sofisma* nasce da malicia, e má intenção: he hum effeito do interesse que temos de enganar e illudir aquelles a quem falámos.

### Aguardar — Esperar

*Aguardar* he estar á espera. (Latim *expectare*; Francez *attendre*; Italiano *aspettare*.)

*Esperar* he ter esperanza. (Latim *sperare*; Francez *esperer*; Italiano *sperare*.)

*Aguardar* he estar olhando, estar em expectação, se vem, ou não, alguém, ou alguma cousa, que ha de vir, ou deve vir, ou que se presume que virá: estar disposto e preparado para receber essa pessoa, ou cousa.

*Esperar* he aguardar algum bem que desejámos, e que julgámos que alcançaremos.

*Aguardámos* os successos da vida, e *esperámos* que a Providencia os encaminhe á nossa felicidade. *Aguardámos* o momento em que havemos de começar alguma empreza, e *esperámos* que o seu exito seja feliz. *Aguardámos* huma pessoa ausente que deve vir, e *esperámos* que nos traga boas novas.

Hum accusado *aguarda* a sua sentença, e *espera* que ella seja favorável.

O philosopho *aguarda* a morte, sem a desejar nem a temer. O philosopho christão *espera* huma morte santa, qual a deseja, &c.

Duarte Nunes de Leão, *Origem da lingua Portugueza*, cap. 7.º: «Usámos (diz) da palavra *sperar* por *expectare*, havendo de huma a outra muita differença; porque *sperar* denota aquellá paixão, ou affecto do animo, que he *spes*, que segundo Marco Tullio he *aguardar por algum bem*, e o outro he *aguardar olhando* por alguma cousa, se vem, ou não, e diz-se de *ex*, e *specto*, *as*, porque quando *aguardámos* por alguma pessoa, costumámos olhar se vem».

#### Cara — Rosto — Semblante — Face — Vulto

*Cara* significa a parte dianteira da cabeça do homem, e de alguns animaes brutos, a qual se compõe de fronte, olhos, nariz, faces, bôca, &c.

*Rosto* tem huma significação mais ampla, e parece exprimir em geral a parte dianteira, que he juntamente a mais saliente, ou a que mais apparece, ou primeiro se

adverte, tanto no homem, como em outros objectos. Assim dizemos o *rosto* do homem, isto he, a *cara*; o *rosto* do cabo, o *rosto* da ilha, isto he, a parte do cabo, da ilha, mais saliente ao mar, e que primeiro apparece, e se nota; o *rosto* da cidade, isto he, a frente da cidade que primeiro se offerece ao espectador, &c.

*Semblante*, he a *cara*, ou *rosto* do homem, quando nelle apparece o estado da alma, a expressão dos affectos e paixões. Neste sentido o tomou João Franco Barreto na *Eneida Portuguesa*, liv. 6.º, est. 44.ª, quando dissê:

..... Nisto o sembrante  
Se lhe trocou do rostro peregrinô;

e Francisco de Moraes no *Palmeirim*, part. 1.ª, cap. 48.º: «A barba grande e crescida, a pessoa grave, e no sembrante do rostro representava tristeza e vida descontente»; e no cap. 35.º: «Huma donzella ... vestida de negro, e o sembrante do rostro triste», &c.

Por onde não diríamos com propriedade: *mantém-se o homem com o suor do seu semblante*; mas sim *do seu rosto*; *faz afronta á pessoa honrada e de bom entendimento, quem a louva em seu semblante*, mas sim *em sua cara*, em seu *rosto*, isto he, em sua presença.

Tambem analogamente se diz *semblante*, quando fallamos de animaes brutos, em cujo aspecto se pinta o brio, a *braveza*, a *ferocidade*, &c., e deste modo se expressou Camões nos *Lusiadas*, cant. 6.º, est. 64.ª, quando disse:

Mastigão os cavallos escumando  
Os aureos freios com feroz semblante.

*Face* significa propriamente aquella porção da superfície dos objectos, que está voltada para nós, que está defronte de nós, ou á vista dos nossos olhos, e neste sentido geral dizemos a *face* do espelho, a *face* da lua, a *face* do ceo, a *face* do dado, &c. E daqui vem tomar-se, fallando do homem, pelo *rosto*, ou mais em particular pela

porção do *rosto*, que desce dos olhos até á barba, ou ainda mais determinadamente pela maçã do *rosto*. Mas assim como *semblante* he o termo que se emprega com mais propriedade, quando nos referimos á expressão das paixões; assim *face* tem seu particular uso, quando queremos falar das côres, e de outras propriedades, que se percebem pela superficie, ou na superficie dos corpos, e por isso dizemos *face bella*, *faces córadas*, *rosadas*, *face pallida*, *desmaiada*, &c.

*Vulto* parece exprimir o relevo do corpo humano; o seu volume figurado, ou determinado pelos contornos, que lhe são proprios. Neste sentido dizemos: vi hum *vulto*, afigurou-se-me *vulto* de homem, imagem de *vulto*, &c. Toma-se comtudo algumas vezes, na sua significação Latina, por *semblante*: mas *semblante* he mais expressivo, e muito mais proprio.

## 23

**Firmeza — Constancia**

*Firmeza* exprime a qualidade do homem, que segue com coragem os seus designios, e resoluções, quando fundadas em huma razão justa.

*Constancia* exprime a qualidade do homem, que tem permanencia nos seus gostos, e nos sentimentos do seu coração.

O homem *firme* despreza, ou vence os obstaculos, e difficuldades que se lhe oppõem: resiste ao temor e á esperanza: não se deixa dobrar, nem abalar de forças estranhas, nem da violencia, e seducção das proprias paixões. A sua coragem o anima, e sustenta, e o conduz ao fim, que huma vez julgou razoavel.

O homem *constante* não he demovido dos seus gostos por objectos novos: segue sempre, e até ás vezes de seu máo grado, as mesmas inclinações do seu coração: não muda de affectos.

A *firmeza* suppõe huma razão vigorosa, e hum character energico. A *constancia* não exclue hum espirito limitado, e huma alma pusillanime.

O homem *firme* nunca pôde desapprovar o seu proceder. O homem *constante* pôde ter motivos de condemnar a sua propria constancia, e de reprehender-se della.

À *firmeza* oppõe-se a falta de vigor, a fraqueza de character. À *constancia* oppõe-se a volubildade dos affectos, a facilidade de mudar de gostos.

A *firmeza* he hum dos dous principaes elementos, de que se compõe o character do homem verdadeiramente honrado. O outro he a superioridade, ou elevação da alma, isto he, o imperio das idéas sobre as proprias necessidades, e interesses.

## 24

## Supposição — Hypothese

Estes dous vocabulos, trazidos hum do Latim, e outro do Grego, tem identica significação litteral, e exprimem proposições que se põem como base, para sobre ellas se formarem raciocinios. Mas o uso tem estabelecido entre elles algumas differenças, que o escriptor exacto não deve desprezar.

Primeiramente, *supposição* he do estilo commum: *hypothese* he mais proprio da linguagem filosofica, e usa-se quando tratâmos de materias scientificas.

Em segundo lugar, *supposição* parece exprimir huma só proposição: *hypothese* exprime muitas vezes hum ajuntamento de proposições, ou *supposições* ligadas, que formão hum systema. Os systemas de Copernico, de Descartes, de Leibnitz são *hypotheses*, e não lhe chamâmos *supposições*.

Em terceiro lugar, a *supposição* não exclue a verdade

da proposição, antes muitas vezes a *suppõe* reconhecida, e confessada; a *hypothes* he ideal e gratuita. Na *supposição* que a nossa alma he livre, deve também ser immortal. Na *hypothes* que a terra gyra em roda do sol, explicão-se muito bem os phenomenos do systema planetario. No primeiro caso a *supposição* he huma verdade incontestavel, da qual deduzimos huma consequencia, negada talvez por quem admite o principio. No segundo caso a *hypothes* he huma *supposição* ideal e gratuita, a qual, se com effeito explica os phenomenos, concluímos que pôde ser verdadeira: se os não explica, fica no seu estado puramente ideal e gratuito: e se della se seguem cousas impossiveis, concluímos que he absurda.

Ultimamente *hypothes* sómente tem hum sentido filosofico, ou scientifico, relativo á indagação, ou explicação da natureza. *Supposição* toma algumas vezes huma accepção moral, e em má parte, e exprime huma allegação falsa, huma produção de falsos títulos, &c.

### Fastos — Annaes — Chronica

*Fastos* significava originariamente as taboas, ou livros do calendario dos antigos Romanos, aonde se indicavão os dias destinados para as solemnidades religiosas, para as assembleas publicas, para os jogos publicos, para os trabalhos da agricultura, &c. Ajuntou-se depois a cada dia a nota dos acontecimentos mais importantes, que nelle tinhão succedido, as batalhas, os triunfos, os prodigios, o nascimento e morte dos Imperadores, &c. E daqui he que o nome de *Fastos* começou a ter relação com a *Historia*, e a significar o *registro publico e authentico*, aonde com os nomes dos dias, das festas, &c., se notavão também summariamente os feitos memoraveis da nação.



*Annaes* exprime huma narração simples e concisa de factos dispostos anno por anno, sem ornamento, e sem ligação. Alguns dos antigos povos tinham seus *Annaes publicos*, que assim como os *Fastos* subministrarão depois materia para a *Historia*, quando esta começou a tomar formas mais polidas e elegantes.

*Chronica* he propriamente huma especie de *Historia*, em que determinada a ordem dos tempos, se arranjam debaixo das differentes idades ou épocas os factos que lhe dizem respeito, ou lhe são subordinados. As nossas *Chronicas* descrevem a historia de certo reinado, ou pessoa; mas tambem arranjam os factos, segundo a ordem das suas datas.

O estilo das *Chronicas* he menos conciso que o dos *Annaes*, e mais simples e familiar que o da *Historia* propriamente dita, a qual requer nobreza e elevação, liga os acontecimentos pelas suas causas, effeitos, relações, &c., e não segue precisamente a ordem dos tempos.

### Historia universal — Historia geral

*Historia universal* he a *historia* de todos os povos e nações conhecidas, considerada em todas as suas idades, apresentada n'hum só quadro, como a de Bossuet, ou em tantos, quantas são as nações e povos, como a *Historia universal* composta por huma sociedade de litteratos na lingua Inglesa.

*Historia geral* he a de hum só povo ou nação, mas incluindo todas as suas idades, e todos os ramos da sua administração, e por isso comprehende a historia politica, religiosa, litteraria, militar, &c., como, v. gr., a *Historia geral* de Portugal por Mr. De la Clede,

**Mutuo — Reciproco**

*Mutuo* he precisamente o que se faz de huma parte e de outra.

*Reciproco* he o que se faz de huma parte e de outra, em recompensa.

*Mutuo* exprime a simples idéa de dar, e de receber de ambas as partes: esta troca de acções he voluntaria e livre.

*Reciproco* exprime a acção de dar ou fazer de huma parte conforme se tem dado ou feito da outra: esta reacção he devida, e talvez exigida.

Se duas pessoas que se avistão a primeira vez, sentem inclinação huma para a outra, esta amizade, ou amor, ou sympathia he *mutua*.

Se huma pessoa faz a outra algum obsequio, favor, ou serviço, e a outra lhe torna em recompensa outro serviço, favor, ou obsequio, a relação, que daqui resulta entre os dous, he *reciproca*.

Os amigos fazem huns aos outros obsequios voluntarios, desinteressados, *mutuos*.

Os amos e os criados satisfazem huns a respeito dos outros obrigações devidas, exigidas, *reciprocas*.

**Inclinação — Propensão**

*Inclinação* he o pendor, ou tendencia do animo para alguma cousa, v. gr., para as letras, para a vida militar, para huma arte, ou officio, &c.

*Propensão* parece que diz alguma cousa mais que in-

*clinação*: he hum pendor mais forte, huma inclinação maior, e mais decisiva.

A *inclinação* leva-nos para o objecto: a *propensão* talvez nos faz força, e nos arrasta.

Parece que a *inclinação* pôde nascer da educação, da leitura, dos exemplos, de alguma circumstancia casual; mas que a *propensão* tem a sua principal origem na organização, no temperamento, no natural.

A *inclinação* pôde talvez mudar-se, ou corrigir-se com facilidade; mas custa muito a suspender os effeitos da *propensão*, e ainda mais a destruil-a de todo.

## 29

## Chorar – Prantear – Lamentar – Carpir-se

*Chorar* exprime tão sómente lagrimas.

*Prantear* exprime vozes queixosas, talvez acompanhadas de lagrimas.

*Lamentar* exprime *pranto* forte, continuado, ás vezes immoderado, talvez acompanhado de lagrimas e gemidos: ou tambem canto lugubre, em que se *prantêa* alguma grande calamidade.

*Carpir-se* exprime acções demonstrativas de dor e lucto, como, v. gr., arrancar os cabellos, ferir as faces e o peito, &c.

Vieira, *Palavra de Deos empenhada, Sermão das Exequias da Rainha*, &c., § 2.º, pag. 10: «Note-se muito (diz) a differença das palavras, e a distincção dos affectos. O *plangeret* he *prantear*, e significa vozes: o *fleret* he *chorar*, e significa *lagrimas*».

Moraes, *Palmeirim*, part. 1.ª, cap. 6.º: «Ouvia *prantos* de pessoas, que com *palavras* cheias de muita lastima representavão sua dor e sentimento».

E no cap. 21.º: «Começando dentro hum *pranto* de vozes *tristes*», &c.

São bem conhecidas as *lamentações* dos Profetas Jeremias, Ezequiel, &c.: e Arraes, Dial. 10.º, cap. 70.º, falando da compaixão da Virgem Santissima á vista dos tormentos de seu Filho, diz: *Ouvi a Baptista Mantuano em nome da Senhora lamentando nesta sua transfixão. . . Oh fronte serena e divina! &c., &c.*

Finalmente não são menos conhecidas entre nós e na historia de nossas antiguidades as *carpideiras*, de que ainda restão vestígios em algumas povoações de Portugal.

### Affectos — Paixões

O bem, ou o mal, isto he, o prazer, ou a dor, sentido, ou apprehendido nos objectos pela nossa alma, excita nella commoções, ou movimentos de *attracção* para aquelles, que se lhe representam como bons, ou de *aversão* a respeito daquelles, que se lhe representam como máos: e estas commoções communicão-se ao corpo, e produzem nelle effeitos proporcionados, que se manifestão nos olhos, na côr do rosto, no movimento do sangue, e ás vezes em toda a pessoa do homem.

Quando estas commoções, consideradas em si e nos seus effeitos, são brandas, doces, temperadas, chamão-se simplesmente *affectos*. Quando fortes, violentas, impetuosas, chamão-se mais propriamente *paixões*.

Os *affectos* inclinão a alma suavemente, ou a procurar o objecto como bom, ou a fugir d'elle como máo. As *paixões* arrastão (por assim dizer) a alma, perturbão-na em suas operações, dominão e tyrannizão a razão, e quasi a fôrção a resoluções muitas vezes arriscadas, e perigosas.

A amizade, a compaixão, o amor filial, o reconhecimento, &c., são *affectos*. O amor sensual, a ambição, a colera, a vingança, &c., são *paixões*.

Comtudo, como os *affectos*, passando a ser immoderados e violentos, se transformão em *paixões*, e nos he impossivel fixar o grão, ou momento, em que se verifica esta transformação; e como por outra parte os *affectos* e *paixões* se excitão, e acalmão pelos mesmos meios, confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos, e usão-se indifferentemente na linguagem dos filosofos e dos moralistas.

### Liberalidade — Generosidade

*Liberalidade* he facilidade no dar, dando a proposito. Refere-se particularmente á boa distribuição que cada hum faz do seu dinheiro, ou das cousas que tem hum valor pecuniario, áquelles a quem isso se não deve de justiça.

*Generosidade* he propriamente hum sentimento nobre e desinteressado, que preside a esta distribuição.

O homem, que depois de ter cumprido os seus deveres para com a sua familia; depois de haver feito as despezas, a que a necessidade, ou as circumstancias do seu estado o obrigão, reparte do seu dinheiro, ou dos seus bens, com os outros, a quem não deve, he *liberal*.

O homem que dá sem esperança de reconhecimento; sem receio de ingratidão; que dá ao proprio inimigo necessitado; que dá sem ostentação, e sem vaidade, he *generoso*.

A *generosidade*, que muitas vezes se toma como synonymo de *liberalidade*, tem huma significação, e applicação muito mais ampla. He, falando em rigor, huma qualidade do homem bem nascido, e bem educado, que dá nobreza e lustre a todos os seus sentimentos, e acções.

O homem, que não toma vingança do seu inimigo, podendo tomal-a sem risco, he *generoso*. O homem, que no

meio da dependencia se não dobra a baixeza, tem huma alma *generosa*. O homem, que combatido da adversidade sustenta o seu character, procede *generosamente*. O homem, que no meio da geral corrupção de costumes, he exacto observador da lei, e defensor intrepido da virtude, mostra sentimentos *generosos*, e huma alma elevada.

Em summa: o homem *generoso* he estranho ás paixões baixas, e a todas as considerações meramente pessoaes. A belleza propria das acções he a que só o move, e arrebatá: a benevolencia geral he sua inseparavel compaheira.

*Amar a quem nos aborrece he acto de generosidade, diz Vieira, Sermões, part. 4.<sup>a</sup>, pag. 80; e logo adiante: Quem ha de trocar a nobreza e fidalguia de huma generosidade pela vileza e baixeza de huma ingratidão?*

## 32

**Pedir desculpa — Pedir perdão**

*Pede desculpa*, quem se mostra sem culpa, justificando-se de huma falta apparente.

*Pede perdão* quem reconhece que commetteo falta, e quer evitar o ser punido.

*Pede-se desculpa* por attenção, e civilidade. *Pede-se perdão* por arrependimento.

O bom entendimento *desculpa* facilmente. O bom coração *perdoa* promptamente.

## 33

**Observação — Observancia**

*Observação* he a acção de olhar attentamente, de considerar e notar com applicação os phenomenos naturaes, as acções dos homens, os lugares de hum auctor, &c. O que assim faz chama-se *observador*.

**Observancia** he o acto de cumprir e praticar as leis, mandamentos, regras, e ordens dos superiores: corresponde-lhe o adjectivo *observante*.

Deve o sabio ser curioso na *observação* da natureza, e ao mesmo tempo ser exacto e pontual na *observancia* das leis.

### Convém — Importa — Releva — Cumpro

**Convém** á decencia e decóro: *convém* ao estado, qualidade, e condição da pessoa: *convém* ás circumstancias, ao tempo, ao lugar, &c.

**Importa** á utilidade e proveito. *Releva* o que muito *importa*.

**Cumpro** á obrigação e dever.

**Convém** ao homem publico mostrar sizudeza e gravidade em todas as suas acções; trajar com simplicidade e modestia; não entrar nos jogos e divertimentos da mocidade, postoque licitos sejam e honestos, &c.

**Importa** ao homem de negocio ter em bom arranjo as suas contas; ao mercador e traficante não gastar mais do que permitem os seus lucros. **Releva** ao pai de familias trazer bem administrados os seus bens, bem governada a sua çaza, &c.

**Cumpro** a todo o homem ser justo, honesto, humano, virtuoso: *cumpro* ao prelado, ao pastor, ao mestre dar bom exemplo ás pessoas que lhe estão sujeitas: *cumpro* ao cidadão respeitar e observar as leis, &c.

### Até aqui — Até agora

*Até aqui* refere-se ao lugar, e he o Latim *hactenus*.  
*Até agora* refere-se ao tempo, e he o Latim *adhuc*.

*Até aqui* chegou a enchente do rio no anno de tantos, e desde então *até agora* ainda não tornou a subir á mesma altura.

### Paternal – Paterno

*Paternal* exprime o que he proprio *de pai*, o que pertence á qualidade de pai,

*Paterno* exprime o que he proprio *do pai*, o que pertence ao pai determinado, e individual da pessoa, de quem se fala.

Assim dizemos, v. gr., que Deos nos ama com amor *paternal*, isto he, com amor *de pai*. E dizemos que o filho herdou os bens *paternos*, isto he, os bens *do pai*, ou de *seu pai*.

Esta differença, com quanto parece subtil, e muitas vezes se desattende na locução vulgar, nem por isso he menos verdadeira, ou menos digna de reflexão em muitos casos.

Quando, por exemplo, dizemos, que tal ou tal pessoa tem as feições *paternas*; que descende de tal caza pela parte *paterna*, ou *materna*; que escreve com pureza e elegancia na lingua *materna*, &c., não podemos substituir *paternal*, ou *maternal* a *paterno* ou *materno*, sem erro e impropriedade.

Ao contrario, quando dizemos, por exemplo, que el-Rei ama os Portuguezes com sentimentos *paternaes*; que hum irmão tem praticado a respeito de outro irmão todos os deveres, ou todos os officios *paternaes*, &c., não podemos usar de *paternos* em lugar de *paternaes*, &c.

### Castidade – Pudicicia – Continencia – Virgindade – Pureza

*Castidade* he huma virtude, que regula, e sujeita



auctoridade sagrada da lei os appetites e prazeres carnaes, ainda quando permittidos. Todo o homem deve ser *casto*.

*Pudicicia* he a *castidade* acompanhada de *pudor*, ou de honesta vergonha. Ella teme, de algum modo, o proprio prazer honesto, e quando cede ao dever, sabe coarctal-o dentro dos mais estreitos limites, e córa de os ver ainda levemente transgredidos. Esta virtude he mais ordinaria no sexo feminino.

*Continencia* exprime a abstinencia actual dos prazeres da carne. O celibato christão demanda *continencia* perpetua. A viuvez, que não passa a segunda nupcias, deve ser *continente*.

*Virgindade* exprime huma continencia universal, absoluta, e perfeita, tanto do corpo, como do espirito, que se estende a todos os tempos e momentos da vida. He huma flor delicadissima, que qualquer sopro impuro a embaça, e murcha: hum só instante de fraqueza, hum só pensamento voluntario faz perder o merecimento desta angelica virtude.

*Pureza* não he propriamente huma virtude particular: he a excellencia, a perseverança, a honra, e o lustre da *virgindade*. Ella suppõe huma alma innocente, candida, intacta, que nem experimentou, nem sentio, e nem ainda conhece o que póde alterar a perfeita integridade da alma e do corpo.

A *castidade* he huma virtude, que todos devemos possuir em qualquer estado, e situação da vida. Faltámos a ella, quando não domámos o nosso corpo e o nosso espirito debaixo do jugo saudavel da lei.

A *pudicicia* he hum dos mais bellos ornamentos das mulheres. Ella se perde por qualquer immodestia, com que se gozem os prazeres honestos e permittidos.

A *continencia* he hum dever de todos aquelles, que ou por motivos religiosos, ou por outros quaesquer se tem

consagrado ao celibato. Qualquer acção voluntaria e illegitima a offende.

A *virgindade* finalmente he só propria de algumas almas privilegiadas, que se conservão no meio do mundo, como os meninos Hebreos na fornalha de Babylonia: a innocencia he sua inseparavel companheira: a *pureza* mais absoluta e mais perfeita constitue o seu essencial caracter, e o seu mais nobre ornamento: o mais ligeiro toque deslustra a sua belleza.

### Distincção – Diferença – Diversidade

A *distincção* exclue a perfeita identidade, ou a unidade.

A *diferença* exclue a perfeita semelhança.

A *diversidade* exclue a conformidade, e suppõe a quasi total, ou total dissemelhança.

Dous objectos *distinguem-se* pela simples razão de serem dous, aindaque aliás sejam perfeitamente semelhantes. O numero basta para excluir a perfeita identidade.

Dous objectos aliás semelhantes, e comparaveis, *differençam-se* por hum só caracter, nota, propriedade, ou accidente, que não seja commum a ambos. Este caracter particular basta para excluir a perfeita semelhança.

Dous objectos *diversificão* hum do outro, quando ou em nada conformão, ou ha entre elles huma grande, e quasi total dissemelhança.

A natureza offerece ás indagações do filosofo huma infinita variedade de objectos, todos *distinctos* huns dos outros. Conhecer a *diferença* dos que parecem mais semelhantes, e a *semelhança* ou *conformidade* dos que parecem mais *diversos*, são os dous extremos da sciencia, e o mais nobre emprego do espirito filosofico.

## Ultimo — Derradeiro

*Ultimo* suppõe distancia: refere-se ao espectador, ou a hum ponto, que se toma para termo de comparação: he o que está *mais além* desse ponto, ou do espectador.

*Derradeiro* suppõe numero: refere-se á serie: he o que vem atrás de todos, ou depois de todos os seres que a compõe.

*Ultimo* he o *ultimus* dos Latinos, superlativo de *ultra*: o seu opposto he *citimus*, o que está *mais áquem*.

*Derradeiro* he o *postremus* dos Latinos: o seu opposto he *primus*, o *primeiro*.

Como porém o que he *derradeiro* na serie se pôde considerar como *mais além* do primeiro; e o que he *ultimo* na distancia se pôde considerar como o *derradeiro* de todos os pontos, ou porções de espaço, que compõe essa distancia, daqui vem que se usa quasi indifferentemente de hum e outro vocabulo, aindaque em rigor exprimão differentes relações.

## Extraordinario — Singular

*Extraordinario* oppõe-se a ordinario, e exprime o que he fóra da ordem commum, fóra da medida ordinaria; notavelmente maior ou menor, que as cousas do mesmo genero.

*Singular* oppõe-se a plural, e exprime o que he só, unico, diverso de todos os mais; o que não tem concorrente, nem semelhante.

Tudo o que excede as medidas, que o nosso espirito tem dos objectos, he *extraordinario*. Tudo o que não

quadra com os typos ou modelos ideaes, que nós temos dos objectos, he *singular*.

Quando o objecto conforma em substancia com as nossas idéas, mas varia notavelmente nos grãos e dimensões, chamamos-lhe *extraordinario*. Quando não conforma, nem tem analogia com as nossas idéas, chamamos-lhe *singular*.

A estatura de hum gigante, ou de hum pigmeu he *extraordinaria* para nós, assim como a nossa o seria para hum povo de gigantes, ou de pigmeus; porque em ambos os casos he fóra da medida commum. A escriptura será hum prodigio *singular* para hum selvagem, que não tenha idéa alguma desta divina arte.

Todas as acções generosas são *extraordinarias* para huma alma apoucada e baixa. Todos os objectos novos são *singulares* para hum homem ignorante.

### Morte – Passamento – Transito – Fallecimento

*Morte* diz só e precisamente cessação de vida.

*Passamento*, e *transito* exprimem o acto de passar de hum lugar a outro, ou de hum estado a outro.

*Fallecimento* exprime o acto de fazer falta, acabando.

*Morte* he o termo proprio para significar o fim commum de todos os seres animados: e por isso se applica ao homem, aos brutos, ás plantas, e a todos os outros seres, em que considerámos vida.

*Passamento*, *transito* e *fallecimento* tem significação differente, e applicavel a differentes objectos; mas usão-se por euphemismo em lugar de *morte*, com o fim de desviar da imaginação o que ella tem de repugnante á natureza, e de disfarçar a idéa triste e melancholica, que o seu proprio nome ordinariamente excita.

Para se obter este effeito são especialmente proprios os dous vocabulos *passamento*, e *transito*, os quaes além de não offerecerem ao nosso espirito idéa alguma desagradavel, até parece que adoção o que a morte tem de terrivel, designando-a como simples *passagem* de huma para outra vida, e avivando deste modo a crença da immortalidade.

### Sêcco - Árido

*Sêcco* he o que não tem humidade, ou não tem a que lhe he precisa, segundo a sua natureza, e applicação.

*Árido* he o que não tem humidade, nem frescura, nem verdura, nem amenidade, antes he ardente, queimado do sol, e talvez esteril, e agreste.

O terreno, que não tem humidade bastante para a boa producção, he hum terreno *sêcco*. Aquelle porém, que não produz verdura alguma, nem tem amenidade, nem he refrigerado por virações frescas e agradaveis, he *árido*. Os vastos e ardentes desertos de Africa são *áridos*. Muitas terras em Portugal são *sêccas*, e por isso menos proprias para certos generos de cultura, &c.

Ambos estes vocabulos se empregão no sentido figurado, exprimindo os differentes grãos da sua significação. Assim, v. gr., chamámos *sêcco*, ou *árido* o estilo de hum auctor, conforme o maior ou menor grão, em que o considerámos falto de ornato, de agrado, de amenidade. E chamámos *sêcca*, ou *árida*, em estilo devoto, a alma que sente mais ou menos desgosto a respeito das cousas espirituaes; que está em hum estado de maior ou menor insensibilidade, e que apenas produz, ou de todo não produz algum bom desejo, &c.

Correspondem-lhe em Latim *siccus*, e *áridus*, com a mesma differença.

### Continuação – Continuidade

*Continuação* refere-se á duração. *Continuidade* á extensão.

*Continuação* exprime a successão não interrompida da duração, ou a successão não interrompida de actos da mesma natureza.

*Continuidade* exprime a união, ou ligação não interrompida das partes do corpo, ou do espaço.

O primeiro he o Latim *continuatio*: o segundo he o Latim *continuitas*.

Dizemos *continuação* dos annos, *continuação* do trabalho, da guerra, da paz, &c. E dizemos *continuidade* da planície, dos montes, do corpo, do espaço, &c.

### Continuado – Continuo

Estes dous vocabulos, considerados na sua rigorosa significação, devem ter a mesma differença respectiva, que acabámos de notar entre *continuação*, e *continuidade*.

*Continuado* quer dizer não interrompido na sua duração. Assim, trabalho *continuado* he aquelle que não he interrompido em algum momento da sua duração; trabalho *continuado* de duas horas; estudo *continuado* de muitas horas a fio; lagrimas *continuadas*, isto he, não interrompidas por algum instante de cessação, &c.

*Continuo* quer dizer não interrompido na sua extensão: v. gr., ilhas, que existirão, e que hoje estão *continuas* com a terra firme; entre as quaes e a terra firme não ha interrupção alguma, nem cessação de *continuidade*;

valle *continuo*, isto he, não interrompido pela elevação de algum outeiro, ou collina, não cortado por algum monte, &c.

Porém, como a idéa e as relações da duração se não podem de todo separar da idéa e relações do espaço; por isso também ordinariamente se confundem, e usão promiscuamente estes dous vocabulos, tomando-se *continuo* pela não interrupção do espaço ou da extensão, v. gr., montes *continuados*, serras *continuadas*, &c., e tomando-se *continuo* com respeito á duração, v. gr., trabalho *continuo*, estudo *continuo*, &c.

## 45

**Sofrer — Aturar — Soportar — Tolerar**

*Sofrer* significa absoluta, e genericamente levar, ou ir levando o mal que nos acontece, ou nos fazem.

*Aturar* he sofrer com repugnancia, e de má vontade; sofrer, porque mais não podemos.

*Soportar* he sofrer com paciencia, e boa sombra; sofrer de bom grado.

*Tolerar* he sofrer, não impedindo o mal, quem tem poder para isso; he deixar fazer, dissimulando; sofrer, fazendo semblante de que se não vê, ou se não entende, ou se não sofre.

*Sofrer* não exprime qualificação alguma do sofrimento, e diz-se de qualquer genero de mal. *Sofremos* os trabalhos da vida, as enfermidades, a pobreza, as injurias, &c.

*Aturar* exprime o sofrimento forçado. *Aturámos* até se encher a medida da paciencia; até nos enfadarmos de todo; até chegar o momento de sacudirmos o jugo; até podermos vingar-nos, &c.

*Soportar* diz sofrimento com conformidade, ou porque o mal he inevitavel, ou porque não considerámos vontade

deliberada de fazer mal em quem o pratica. *Soportámos* os defeitos dos nossos amigos; as fraquezas dos nossos semelhantes; o genio das pessoas com quem vivemos; as imperfeições inevitáveis da natureza humana. *Soportámos* os golpes da adversidade, a saudade dos amigos, a morte dos parentes, &c.

*Tolerar* exprime sofrimento com dissimulação. *Tolerámos* hum mal para evitar outro maior.

### Preocupação — Prevenção

*Preocupação* significa juízo antecipado, que occupa o nosso espirito, e o ~~embaraça de examinar~~ depois as cousas, e de as julgar livremente e com imparcialidade.

*Prevenção* significa ~~hum~~ disposição do animo, antecipada, e avêssa, que nos não deixa examinar, e conhecer a verdade, para obrarmos e procedermos segundo os seus dictames.

Ambas estas disposições nos impedem o conhecimento da verdade, e o recto procedimento da vida: mas a *preocupação* reside particularmente no entendimento, e o ~~faz~~ ego: a *prevenção* reside particularmente na vontade, e a faz injusta.

A *preocupação* mantém-nos no erro, e conduz-nos a outros erros. A *prevenção* suppõe hum inclinação avêssa da vontade, e muitas vezes nos leva a excessos reprehensíveis, e até a crimes.

### Riqueza — Opulencia

*Riqueza* he superabundancia de bens da fortuna, de ~~cousas~~ que tem hum valor apreciavel.



**Opulencia** he grande riqueza com ostentação, e talvez com poder, credito, influencia, &c.

### **Frota — Armada**

**Frota** he numero de navios, que navegação em conserva. Se estes navios são de guerra, e armados, chama-se a collecção delles **frota armada**, ou simplesmente **armada**.

Em outro tempo parece ter sido differente a significação destes vocabulos; porque na *Ordenação Affonsina*, liv. 1.º, tit. 54.º, num. 5, falando-se de navios de guerra, se diz, que *quando som muitos ajuntados em hui se chamam frota*, e *quando são mais poucos*, se dizem **armada**.

### **Altura — Alteza**

**Altura** diz-se mais frequentemente da elevação fisica. **Alteza** exprime sempre a elevação moral.

Dizemos **altura** das montanhas, das arvores, do edificio, &c., e **alteza** dos pensamentos, **alteza** do mysterio, **alteza** do estado, **alteza** das palavras, &c.

### **Infidelidade — Perfidia — Deslealdade — Traição — Aleivosia**

**Infidelidade** exprime simplesmente huma falta de fé; huma violação da fé promettida, ou devida.

A **perfidia** cobre a **infidelidade** com o verniz doloso de huma fidelidade constante: he **infidelidade** negra e pro-

funda: *infidelidade* com dolo, fraude, e simulação: talvez *infidelidade* á promessa feita com juramento.

A *infidelidade* pôde ser huma fraqueza: a *perfidia* he sempre hum crime commettido com reflexão.

*Deslealdade* he propriamente a *infidelidade* do vassallo: *infidelidade* commettida contra hum soberano ou senhor, a quem se rendeo homenagem, ou contra a pessoa que se considera como tal.

*Traição* he *infidelidade*, ou *deslealdade*, lançando-se nos braços do inimigo, e talvez entregando-lhe a pessoa, a quem se deve fidelidade, ou lealdade, ou entregando-lhe os interesses dessa pessoa, revelando-lhe os seus segredos, &c.

*Aleivosia* he *traição* sob capa de amizade.

## 51

**Muito — Sobejamento**

*Muito* quer dizer em grande abundancia, em grande numero, em grande quantidade, grandemente, &c., v. gr., colheita *muito* abundante; concurso *muito* numeroso; homem *muito* douto; *muitos* fructos, *muitos* homens, *muito* extenso, *muito* frio, &c. (He o *beaucoup* dos Francezes.)

*Sobejamente* quer dizer com excesso, com demasia, com nimiedade. (He o *trop* dos Francezes.)

## 52

**Acabar (neutro) — Feneceer — Pereceer — Morrer — Finar-se  
Falleceer**

*Acabar* he chegar ao cabo, fazer fim. He expressão mui generica, que não determina nem a natureza da cousa que *acaba*, nem o modo do *acabamento*. *Acaba* o

dinheiro, o tempo, o trabalho, a lição: *acaba* a vida, a existencia, a extensão, &c.

*Fenecer* he chegar á extremidade do tempo, ou da extensão, que he propria da cousa que *fenece*. *Fenece* a serra no mar; *fenece* o anno em Dezembro; aqui *fenece* o edificio; *fenece* a vida do homem, &c.

*Perecer* he chegar ao fim da existencia: *acabar* de todo.

*Morrer* he chegar ao fim da vida: *acabar* de viver.

*Finar-se* exprime propriamente o *acabamento* progressivo do ser vivente: he hir-se deteriorando a vida pouco a pouco, hir-se o homem, ou o vivente seccando, estilando, attenuando, até de todo *acabar*.

*Fallecer* he fazer falta acabando. *Fallece* o dinheiro para as despezas; *fallecem* os recursos; *fallece* o tempo para concluir o negocio; *fallece* o homem, morrendo, &c.

*Acaba*, ou *fenece* a montanha, ou a serra junto á cidade, e não *perece*, nem *morre*, nem se *finda*, nem *fallece*.

*Perece* hum edificio, huma cidade, hum movel, *perecem* todos os bens da terra, e não *morrem*, nem se *findão*.

*Morre* o homem, e não *perece*, &c.

#### **Symbolo — Emblema — Divisa — Empreza — Tenção**

*Symbolo* he em geral qualquer imagem sensivel, que representa, ou com que representámos hum objecto espiritual.

O *symbolo* deve ter alguma ligação com o objecto representado, ou esta seja natural, ou convencional. A pomba he *symbolo* natural da simplicidade; o tigre da ferocidade; a serpente da prudencia, &c. O caducêo he *symbolo* convencional da eloquencia; a oliveira, da paz; o louro, da victoria, &c.

*Emblema* he propriamente hum quadro composto de huma, ou mais figuras, que representão hum pensamento moral, ou politico.

O *emblema* he rigorosamente huma metáfora, ou allegoria, que fala aos olhos; e requer que as figuras tenham analogia, ou semelhança natural com o objecto representado. A imagem da pomba fazendo o seu ninho dentro de hum capacete militar he o *emblema* da paz. Huma mulher esvelta e leviana, com hum pé no ar, e tocando apenas com a ponta do outro huma roda, ou globo, levando nas mãos hum véo infunado pelo vento, he o *emblema* da fortuna, &c. Hum *emblema*, cujo sentido se não alcança facilmente, degenera em *enigma*.

*Divisa* he hum symbolo adoptado para discernir e distinguir huma pessoa, ou corporação, designando o seu character, o seu sentimento dominante, ou tambem alguma acção notavel e caracteristica, ou finalmente o principal emprego, a que essa pessoa, ou pessoas se destinão. Ordinariamente he a *divisa* acompanhada de huma letra, ou mote, e algumas vezes só a letra ou mote constitue a *divisa*.

O pelicano tirando o sangue do proprio peito para alimentar os seus filhinhos, com a letra «*pela lei e pela grei*», era a *divisa* de el-Rei D. João II. A esfera acompanhada do mote «*talent de bien faire*» era a aptissima *divisa* do illustre Infante D. Henrique. O Principe Eugenio tomou para *divisa* huma aguia, com esta letra «*natus ad sublimia*», &c.

*Empreza* he a representação emblematica das façanhas, ou virtudes heroicas dos varões illustres. Huma serie de *empresas*, allusivas ás acções grandes de hum homem illustre, compõe a sua historia.

*Tenção* he huma *divisa* allusiva ao pensamento, ou desenho, que alguma pessoa tem, de emprehender feitos altos e gloriosos.

## Gosto — Sabor

*Gosto* he hum dos cinco sentidos do homem: o seu órgão principal he a lingua; e por elle percebemos os *sabores* de diferentes corpos da natureza.

*Sabor* he a propriedade, que tem alguns corpos da natureza, de tocar agradável, ou desagradavelmente o órgão do *gosto*.

## Verão — Estio

Humas vezes considerámos o anno como dividido em duas metades, a huma das quaes damos o nome de *verão*, e á outra de *inverno*. Neste caso *verão* comprehende todo o tempo que decorre do equinoccio de Março ao de Setembro, e envolve na sua significação a *primavera* e o *estio*.

Outras vezes considerámos o anno dividido em quatro partes, ou estações, a que damos os nomes de *primavera*, *estio*, *outono* e *inverno*: e neste caso, subdividindo a estação da primavera em duas partes, conservámos á primeira esse próprio nome, e damos á segunda o nome de *verão*, quasi exprimindo por este vocabulo o que os Romanos chamavão *ver adultum*.

Deste modo nos parece que empregou Vieira o vocabulo *verão*, quando disse na 2.<sup>a</sup> part. dos *Sermões*, n.º 498: «De sorte que entre os sinais do dia do Juizo, e o mesmo dia, ha-de dar Christo de espaço, quanto vay da primavera ao *verão*, ou do *verão* ao *estio*, e dos fructos verdes aos maduros», distinguindo assim *verão* de *primavera*, e de *estio*, como estação de tempo média entre ambas as duas.

### Complacencia – Deferencia – Condescendencia

*Complacencia* he huma disposição habitual, que nos inclina a nos conformarmos com as vontades, desejos, e gostos das pessoas, com quem convivemos, para lhes agradar. Do Latim *complacere*, agradar-se alguém *juntamente com* os outros do que lhes agrada a elles.

*Deferencia* he huma disposição habitual, que nos inclina a acquiescer aos gostos e sentimentos alheios, preferindo-os aos nossos, quando tratámos com pessoas, a quem julgámos dever attenção e respeito. Do Latim *deferre*, em hum dos seus sentidos, *primas deferre, deferre honorem, &c.*

*Condescendencia* he huma disposição habitual, que nos inclina a conceder aos gostos e vontades alheias, descendo do nosso lugar, dignidade, auctoridade, opinião, &c. Do Latim *con*, e *descendere*, palavra por palavra, *descer a par de* outrem, *descer juntamente com* outrem, &c.

Os deveres communs da sociedade obrigão-nos a termos huma justa e racional *complacencia* para com todos os nossos concidadãos.

A idade, a qualidade, a dignidade, o merito das pessoas nos impõem o dever da *deferencia*.

As fraquezas, as necessidades, e até os defeitos dos outros demandão a nossa *condescendencia*.

Pela *complacencia* agradámos aos outros, e fazemo-nos amáveis. Pela *deferencia* rendemos homenagem, e damos honra ao merecimento, á virtude, á superioridade. Pela *condescendencia* mostrámo-nos indulgentes, flexiveis, benignos.

O homem razoavel e verdadeiramente social gosta de *deferir* aos superiores; de *condescender* com os inferior-

res; de *comprazer* a todos: mas todas estas qualidades tem seus limites fixados pela boa razão, que nos proíbe conformarmo-nos com gostos illegítimos, viciosos, perversos: e por isso a sobeja *complacencia* degenera muitas vezes em baixeza; a *deferencia* em adulação; a *condescendencia* em fraqueza e indignidade.

### **Amarellecer – Empallidecer**

Deve differenciar-se a significação destes dous vocabulos, do mesmo modo que se differença a côr *amarella* da côr *pallida*, ou do *amarello esbranquiçado*.

### **Preferir – Escolher**

*Preferir* he antepôr huma cousa a outra, ou a outras; pol-a em primeiro lugar, ou acima dellas; ter essa cousa em maior valor.

*Escolher* he tomar alguém para si huma cousa entre muitas, postas de parte as outras.

*Preferir* refere-se propriamente ao entendimento, ou discernimento. *Escolher*, á vontade, ou liberdade.

*Preferimos* o mais digno: *escolhemos* o mais agradável.

*Preferir* parece que diz respeito mais directamente á estimação e avaliação da cousa, e que indica o juizo especulativo, que della fazemos. *Escolher* parece que envolve sempre huma relação ao uso que queremos fazer da cousa; e que indica a intenção pratica de a empregarmos para o nosso fim.

*Preferimos* o que o nosso juizo nos mostra como melhor, e mais apreciavel, ou estimavel entre as pessoas, ou

cousas concorrentes. Se alguma vez *preferimos* o peor, he porque a paixão, ou outra semelhante causa tem preoccupado o nosso juizo e prevenido o seu exame.

*Escolhemos* humas vezes ao acaso; outras por sentimento; outras por capricho; outras por *preferencia*, e outras até contra a *preferencia*, isto he, contra o proprio juizo que fazemos do verdadeiro valor e merecimento das cousas.

Quando *preferimos* o peor por erro ou corrupção do juizo, a nossa *preferencia* he injusta. Quando *escolhemos* com acerto, guiados pela justa *preferencia*, que o objecto merece, a nossa *escolha* he boa.

Muitas vezes *preferimos* o que não está na nossa mão *escolher*, e então não *escolhemos* para nosso uso o que *preferimos* na especulação.

Todo o homem que tiver bom juizo *preferirá* a tranquillidade da vida particular aos cuidados, agitações e perigos da vida publica: mas nem todos podem *escolher* o modo de vida a seu arbitrio.

#### **Apressado — Apressurado**

*Apressado* exprime simplesmente que alguém obra, ou que alguma cousa se faz com celeridade, com expedição, e não de vagar, nem pausadamente.

*Apressurado* exprime *apressado* com estreiteza, aperto, e angustia de tempo, ou de espaço, talvez com afflicção. Parece derivado do Latim *pressura*, cuja terminação frequentativa inculca a verdadeira energia deste vocabulo, principalmente em alguns casos, como no lugar de Souza, *Historia de S. Domingos*, part. 1.<sup>a</sup>, liv. 5.<sup>o</sup>, cap. 19.<sup>o</sup>, onde diz: «Tirava muito do peito com o folego apressurado», &c.



### O *por vir* — O futuro

Parece que ha entre estes dous vocabulos alguma differença, hum pouco subtil na verdade, mas não indigna de reflexão.

O *por vir* he o que ainda não veio, nem aconteeço, nem he certo que haja de acontecer. O *futuro* he o que de certo ha de ser, ou acontecer, aindaque nós o ignoremos.

O *por vir* não só envolve escuridade relativamente ao nosso conhecimento, mas tambem suppõe a real indeterminação do objecto. O *futuro* tem realidade objectiva (como se exprimem os metafysicos) aindaque nós a ignoremos.

O *por vir* he expressão negativa, e por isso mais generica, mais vaga e mais indeterminada. O *futuro* he expressão positiva, e por isso mais determinada, e menos vaga e incerta.

Só Deos sabe o *por vir*; mas os homens podem pre-dizer com certeza alguns *futuros*.

O receio do *por vir* deve fazer-nos precatados, a fim de evitarmos hum *futuro* desgraçado.

### Affirmar — Assegurar — Confirmar

*Affirmar* lie simplesmente dizer alguma cousa com certeza; sem mostrar duvida.

*Assegurar* he afirmar com energia, isto he, com certas expressões, gestos, tom de voz, ou continencia tal, que inculque a nossa intima convicção, e dê a entender aos outros que o que affirmâmos he superior a toda a duvida.

*Confirmar* he dar novas provas, ou recorrer a novos

testemunhos, que reforcem ainda mais a certeza da nossa *afirmação*, ou da dos outros.

*Affirmar* refere-se particularmente á certeza de quem afirma, e julga dizer a verdade. Quem *affirma* está convencido do que diz, e dá provas, se necessario he.

*Assegurar* refere-se á intenção de obter a crença, ou approvação dos outros. Quem *assegura* toma o tom e os modos, que julga mais proprios para influir nas pessoas a quem fala: e não poucas vezes *assegurámos* as cousas, de que não estamos convencidos, ou ao menos, de que não podemos dar provas.

*Confirmar* exprime a idéa de ajuntar novas provas ás que já estão dadas, ou novos motivos, que corroborem a *afirmação*.

O verdadeiro sabio *affirma* poucas cousas, e só aquellas de que tem bons e solidos fundamentos.

O dogmatista tudo *assegura*, e parece ignorar os limites do nosso espirito, e as vantagens inapreciaveis de huma duvida e desconfiança razoavel. O seu fim he dominar os juizos dos outros e dobral-os á sua opinião.

O incivil falador mette-se muitas vezes a *confirmar* com a sua auctoridade, testemunho, ou razões, o que em sua presença *affirmão* homens de verdade e de respeito.

Quem tudo *affirma* nem por isso merece grande credito; mas seria temeridade negar o nosso assenso ao homem de juizo e probidade, que nos *assegura* hum facto, aindaque pouco ordinario, com tanto que seja possivel; maiormmente se elle o *confirma* com outros testemunhos de igual pezo.

#### Antecipado – Prematuro

*Antecipado* exprime tamsómente o que he feito antes do tempo, em que seria necessario fazer-se.

*Prematuro* exprime o que he feito antes do tempo opportuno, conveniente e apto.

O primeiro póde empregar-se em bom ou máo sentido: o segundo sempre se toma em máo sentido.

Em qualquer negocio ou empreza as providencias *anticipadas* podem ser boas, e ás vezes até são necessarias: as *prematuras* podem ser nocivas, e pelo menos são inuteis.

### Templo — Igreja — Basilica

Convem estes vocabulos em exprimir a idéa generica de hum lugar destinado para o exercicio publico do culto religioso; mas com suas differenças.

*Templo* refere-se directamente á divindade: *igreja* aos fieis: *basilica* á magnificencia, ou realza do edificio.

*Templo* he propriamente o lugar, em que a divindade habita e he adorada. *Igreja* he o lugar, em que se ajuntão os fieis para adorar a divindade e lhe dar culto.

Por esta só differença de relações, ou de modos de considerar o mesmo objecto, se vê que *templo* exprime huma idéa mais augusta; e *igreja*, huma idéa menos nobre: que *templo* he mais proprio do estilo elevado e pomposo; *igreja*, do estilo ordinario e commum.

Pela mesma razão se diz, que o coração do homem justo he o *templo* de Deos: que os nossos corpos são *templos* do Espirito Santo, &c., e em nenhum destes casos se póde substituir a *templo* o vocabulo *igreja*.

*Basilica*, que significa propria e litteralmente *caza regia*, e que na antiguidade ecclesiastica se applicou ás *igrejas* por serem cazas de Deos, Rei supremo do universo; hoje se diz de algumas *igrejas* principaes, mór-

mente quando os seus edificios são vastos e magnificos, ou de fundação regia. Taes as *basilicas* de S. Pedro, e de S. João de Laterão em Roma; tal entre nós a *basilica* Patriarcal, &c.

Quando falámos das falsas religiões, damos ás suas cazas de oração, ou o nome geral de *templo*, ou os nomes particulares de *mesquita*, *mochamo*, *synagoga*, *pagode*, &c., segundo a linguagem dos Turcos e Mouros, dos Arabes, Judeos, Gentios, &c. *Igreja*, e *basilica* sómente se dizem dos *templos* dos Christãos, e especialmente dos catholicos Romanos.

## 64

**Momento—Instante**

*Momento* exprime hum brevissimo espaço de tempo. *Instante* he hum espaço ainda mais breve, ou antes (se assim podemos dizer) hum ponto, hum primeiro elemento da duração.

«O *instante* (diz Heitor Pinto, *Dialogo da Justiça*, cap. 1.º) se ha com o tempo da maneira que se ha o ponto com a linha, porque tam indivisivel he hum como o outro; e pois o ponto não he linha, logo nem o *instante* he tempo.»

Além disso, *momento* parece que admite huma significação mais ampla, tomando-se ás vezes pelo tempo em geral, ou pela conjuncção das cousas: como quando dizemos, que para o bom successo de hum negocio importa muito aproveitar o *momento* favoravel. *Instante* porém sempre se toma na sua significação restricta, pela mais pequena e indivisivel duração do tempo.

Finalmente *momento* tambem se usa em sentido figurado pelo valor, pezo e importancia de hum negocio. *Instante* sómente se emprega no sentido litteral.

## Diccionario — Vocabulario — Glossario

*Diccionario* he em geral a collecção dos vocabulos de qualquer lingua, ou dos termos de qualquer arte, sciencia, ou disciplina, dispostos por ordem alphabetica, com as suas significações, e talvez com explicações,

*Vocabulario* diz-se mais particularmente da collecção dos vocabulos de huma lingua dispostos por ordem,

*Glossario* sómente se diz dos que tratão dos vocabulos barbaros, ou peregrinos, que se tem introduzido em huma lingua; dos que são de mais difficil, ou menos vulgar intelligencia; dos antigos, ou antiquados, &c.

São bem conhecidos os *Diccionarios* de diferentes linguas : o das sciencias e artes; o dos homens illustres; o das heresias, &c.—os *Vocabularios* de Bento Pereira, de Bluteau, &c.—o *Glossario* de Du-Cange, o das *palavras, termos e frases que antigamente se usarão em Portugal*, a que o seu auctor deo o nome de *Elucidario* pelos motivos que dá na *Advertencia preliminar*, &c.

## Largura — Largueza

*Largura* sómente se usa no sentido fysico, e exprime precisamente huma das tres dimensões dos corpos, isto he, a distancia que ha de hum lado a outro de qualquer superficie, sem respeito ao seu comprimento. Assim dizemos, v. gr., a *largura* de hum rio, de huma praça, de huma taboa, &c., quando sómente queremos designar a distancia que ha de huma margem á outra, ou de hum lado ao outro, &c. (Latim *latitudo*.)

*Largueza*, no mesmo sentido fysico, tem significação menos restricta, e exprime em geral a extensão de huma superficie, ou a capacidade e amplidão de hum espaço. Assim dizemos, v. gr., a *largueza* dos campos vizinhos á cidade, isto he, a sua extensão; a *largueza* de huma praça, que tem capacidade de receber muitos mil homens; a *largueza* de huma caza, que aloja muitas familias, &c.

Mas além disso *largueza* tambem se usa no sentido moral (do Latim *largitas*), v. gr., *largueza* de animo, quando queremos exprimir hum animo amplamente liberal, não acanhado—*largueza* de idéas, de opiniões (como hoje dizemos), isto he, opiniões ou idéas liberaes, largas, despejadas, não estreitas, &c.

#### Para — A fim

Ambos estes vocabulos exprimem a relação das nossas acções com o fim a que as dirigimos, ou com o intento que levámos em as praticar. Mas *para* refere-se a hum fim mais proximo, a hum intuito mais immediato: *a fim* refere-se a hum fim mais remoto, a hum intuito, que he secundario em ordem, aindaque o não seja na importancia.

O homem bem educado estuda *para* cultivar, ornar e engrandecer a sua razão, *a fim* de fazer-se digno da estimação geral, e alcançar gloria entre os seus contemporaneos.

O homem de probidade respeita os direitos dos outros *para* obter delles igual consideração, *a fim* de concorrer, quanto está da sua parte, para a tranquillidade e boa ordem da sociedade, &c.

## Geral — Universal

O que he *geral* póde admittir excepções: o que he *universal* não tem nenhuma.

O que he *geral* comprehende o maior numero dos particulares, ou a todos em grosso: o que he *universal* comprehende todos os particulares hum por hum.

He opinião *geral*, que as mulheres são pouco aptas para o estudo das sciencias profundas; mas esta opinião está muito longe de ser *universalmente* adoptada, e muitas mulheres illustres a tem desmentido.

*Geralmente* fallando, quem he infiel a Deos não he fiel aos homens. — He *maxima universal* que o homem deve viver conforme as leis, &c.

## Benevolencia — Beneficencia

*Benevolencia* he a inclinação habitual da nossa alma, que nos faz desejar constantemente o bem e a felicidade dos nossos semelhantes.

*Beneficencia* he a disposição habitual da nossa alma, que nos inclina a fazer todo o bem que podemos aos nossos semelhantes: he a *benevolencia* posta em pratica: he a vontade e o feliz poder de fazer bem.

O homem *benevolo* he tambem *benefico*, quando póde; e o homem *benefico* he o que tem a fortuna de poder exercitar, quando quer, a sua *benevolencia*.

Estas duas virtudes parece comprehenderem todas as boas qualidades, que se exprimem pelo vocabulo *humanidade*. A estreitissima relação que ha entre ellas, faz que

muitas vezes se tomem hum pelo outro os vocabulos que as significação.

## 70

**Benevolencia — Bemquerença**

Se attendermos á formação destes dous vocabulos, acharemos que a significação de ambos he perfeitamente synonyma, não havendo entre elles outra differença, que a de ser o primeiro derivado das duas palavras latinas *bene-velle*, e o segundo das duas portuguezas de identica significação *bem-querer*. Comtudo parece que *benevolencia* se empregará melhor, quando quizermos falar da virtude desse nome, isto he, do sentimento ou disposição habitual, que nos inclina a querermos e desejarmos o bem dos nossos semelhantes: e que *bemquerença* será mais accommodado para exprimir essa disposição do animo, quando tem por objecto alguma pessoa particular e determinada.

## 71

**Imprevisto — Inesperado — Inopinado**

*Imprevisto* he aquillo que acontece, sem que nós o tenhamos previsto.

*Inesperado* he o que succede, sem que nós o tenhamos aguardado, ou esperado.

*Inopinado* he o que succede, sem que nós o tenhamos pensado, e sem que nos haja vindo á imaginação.

Quando pois nos succede alguma cousa repentina, ou extraordinaria, na ordem dos acontecimentos, que são objecto da nossa previsão, dizemos que essa cousa he *imprevista*. Quando na ordem dos acontecimentos, que são objecto de nossas esperanças, dizemos que a cousa he *inesperada*. Quando finalmente na ordem dos aconte-



cimentos, que são, em geral, objecto de nossos pensamentos, ou fantasias, dizemos que he *inopinada*.

Todo o homem de juizo deve usar de providencia no que diz respeito aos negocios importantes da vida, á saude, ao bem da sua caza e familia, aos seus procedimentos moraes, &c. O que nesse genero de cousas lhe succede repentinamente, he *imprevisto*.

Todo o homem aguarda os acontecimentos ordinarios, que são resultado da ordem do mundo e das cousas, e para os quaes costumâmos estar mais ou menos preparados. E todo o homem espera certa ordem de acontecimentos agradaveis, que são objecto de seus razoaveis e moderados desejos. O que neste genero de cousas lhe succede repentinamente he *inesperado*.

Todo o homem finalmente tem hum certo numero de idéas e de fantasias. Tudo o que acontece extraordinario, ou contrario a estas idéas, tudo o que nunca veio ao pensamento desse homem, e parece exceder a sua concepção, he *inopinado*.

A morte he hum acontecimento quasi sempre *imprevisto* para todos nós; porque raras vezes a mettemos em conta nos calculos que fazemos para o arranjo dos nossos negocios e da nossa vida. He *inesperada* para aquelles, que se persuadem gozar de boa saude; porque neste estado não he natural aguardal-a. E só poderia ser *inopinada* para o insensato, que se julgasse isento desta lei fatal, imposta a todo o vivente; porque só este acharia extraordinario e incomprehen-sivel hum acontecimento tão natural, como certo e inevitavel.

Para o homem que só quer gozar do presente, que nunca pensa no futuro, que lhe não importa o dia de amanhã, tudo he *imprevisto*.

Para o homem que nada deseja, nada espera, em nada confia, tudo he *inesperado*.

Para o homem, que nada sabe, e em nada pensa, tudo he *inopinado*.

O soccorro, que vos vem de huma mão desconhecida e generosa, quando estamos na miseria e desgraça, he *imprevisto*.

O favor, que longo tempo sollicitámos em vão, e que se nos faz, quando mais remoto o julgavamos, he *inesperado*.

A aleivosia, que nos faz hum homem, que sempre reputámos nosso amigo e honrado, e com quem não tivemos quebra alguma, he hum acontecimento *inopinado*.

## 72

**Sempre — Continuamente**

*Sempre* quer dizer, em qualquer lugar, tempo e occasião, que se offereça e seja opportuna.

*Continuamente*, quer dizer, sem interrupção.

Devemos preferir *sempre* o nosso dever ao nosso gosto. O homem não póde trabalhar *continuamente*.

Para agradarmos aos outros, convem falar *sempre* bem; mas quem fala *continuamente* não póde deixar de enfastiar a quem o ouve.

He maxima inculcada no Evangelho, que o verdadeiro christão deve orar *sempre*; mas não he possivel, nem póde ser de obrigação orar *continuamente*.

## 73

**Incerteza — Indecisão — Irresolução — Perplexidade**

*Incerteza* exprime o estado da alma, quando lhe falta a luz necessaria para fazer com segurança os seus juizos.

*Indecisão* he o estado da alma, quando não vê nos

objectos motivos sufficientes que a determinem a formar hum juizo seguro e a fixar a sua escolha. He a *incerteza* nos casos praticos, em que he necessario *decidir* para obrar.

*Irresolução* he o estado da alma, quando não tem energia bastante para seguir a *decisão* do seu entendimento; para vencer a indifferença da sua vontade; para superar os obstaculos, que se oppõem ao seu proceder.

*Perplexidade* he indecisão, ou irresolução inquieta.

A *incerteza* diz sómente respeito ao estado intellectual. Os outros vocabulos referem-se á pratica das acções moraes.

Da *incerteza* nasce a *indecisão*, que nos não permite julgar *decisivamente* o que convem, ou cumpre obrar.

A *irresolução* he propria da vontade. Muitas vezes estamos *decididos* sobre o que devemos praticar, mas *irresolutos* por indolencia, pusillanimidade, insensibilidade, timidez, &c.

*Perplexidade* suppõe *indecisão* do entendimento, ou *irresolução* da vontade, com inquietação e agitação, nascida da necessidade em que nos vemos de *decidir*, ou *resolver*, e do receio de tomarmos hum partido errado, cujas consequencias nos venhão a ser nocivas.

Remove-se a *incerteza* e *indecisão*, instruindo, illustrando, convencendo o homem *incerto*, ou *indeciso*.

Remove-se a *irresolução*, excitando, estimulando, persuadindo, forçando, arrastando o homem *irresoluto*.

Remove-se a *perplexidade* por hum e outro modo, mostrando ao mesmo tempo, que quem procede, depois de justo exame e deliberação, com recta intenção, e segundo a prudencia, não deve inquietar-se a respeito do bom ou mau successo das suas acções.

A *indecisão*, bem como a *incerteza*, suppõe poucas luzes, ou desconfiança dellas.

A *irresolução* suppõe fraqueza, ou pouca energia de animo, falta de coragem.

A *perplexidade* suppõe de mais o receio do futuro.

### Desterrar — Exterminar — Degradar

*Desterrar* he litteralmente *lançar da terra*. *Exterminar* he *lançar fóra do termo*, ou limites. *Degradar* he *decretar* (do latim *decerno*—*decretum*, donde o portuguez *degrede*).

*Desterrar* pois he lançar alguém da propria terra, ou seja do lugar que lhe deo nascimento, ou do lugar do domicilio, ou do reino a que pertence.

*Exterminar* he lançar fóra de certo termo, ou limites.

*Degradar* suppõe que se *decreta* lugar certo e determinado para residencia do *degradado*.

*Desterrar* diz immediato respeito ao lugar, donde alguém he lançado fóra. *Desterrado* da patria, *desterrado* do reino, &c.

*Exterminado* refere-se aos limites, dentro dos quaes lhe não he permittido entrar, ou habitar. *Exterminado* da comarca, da provincia, da côrte, &c.

*Degradado* exprime determinação do lugar, aonde deve residir. *Degradado* para Castro-marim, para Africa, para Angola, para Moçambique, &c.

«O sabio (diz Arraes, Dial. 1.º, cap. 3.º) póde ser peregrino, mas não *desterrado*; podem-no mudar de hum lugar para outro, mas não *degradar*, porque toda a terra he sua patria.»

«O *desterro* (diz Cicero no 2.º *Paradoxo*, traducção de Duarte de Rezende), terrivel he áquelles, que tem seu lugar dentro de algum limite, ou termo, e não aos que cuidam que toda a redondeza da terra he huma soo cidade.»

**Negligente — Preguiçoso — Indolente — Inerte**

Todos estes adjectivos qualificão o homem de *pouco expedito* em qualquer negocio, ou trabalho, e convem entre si nesta idéa generica: mas o *negligente* he pouco expedito por falta de cuidado: o *preguiçoso* por falta de acção: o *indolente* por falta de sensibilidade: o *inerte* por falta de arte, esperteza, desembaraço.

O *negligente* não tem cuidado, nem vigilancia; não dá valor ás cousas; nada lhe merece huma attenção séria, perca-se o que se perder.

O *preguiçoso* não tem actividade, nem energia, não quer mover-se: a quietação, o repouso he o seu elemento.

O *indolente* nada o estimula: parece que não tem desejos, nem gostos, nem appetites vivos, nem paixões: a apathia he o seu character.

O *inerte* não tem arte, nem esperteza para conhecer e discernir os modos e os meios: não sabe o que ha de fazer: fica indeciso e suspenso por ignorancia, ou por falta de uso dos negocios.

O *negligente* he necessario corrigir-lhe a ligeireza do espirito, fazel-o bem conhecer a importancia das cousas, mostrar-lhe as consequencias das suas omisões.

O *preguiçoso* he necessario fazer-lhe perder o amor demasiado da quietação, e convencel-o de que ha hum movimento, actividade e agitação util, que mantém em nós o vigor do corpo e do espirito, e nos isenta dos vicios molles e effeminados, que corrompem o nosso coração e gastão a nossa vida.

O *indolente* he necessario excitar-lhe a sensibilidade;

mostrar-lhe que essa apathia, ou perfeita indifferença filosofica he huma quimera, e que a felicidade do homem não consiste em não sentir affectos e paixões, mas em saber domal-as e regel-as.

O *inerte*, finalmente, he necessario mostrar-lhe o caminho, ensinar-lhe os meios, exercital-o na pratica dos negocios, &c.

### Prenhe — Grávida — Pejada

*Prenhe* exprime precisamente o estado da femea, que traz a criança no ventre.

*Grávida* refere-se ao pezo, que a femea sente, quando anda prenhe.

*Pejada* exprime o embaraço, incommodo, ou estorvo, que ella experimenta em seus movimentos, no estado de prenhez.

Arraes, Dial. 10.º, cap. 52.º «D'aqui he quadrar mais á sagrada Virgem o nome de *prenhe*, que o de *grávida*, e *pejada*, pois não sentio algum gravame, ou pezadume em seu ventre».

Sem embargo desta judiciosa reflexão, parece que os nossos modernos oradores sagrados recusão hoje o vocabulo *prenhe*, usando em seu lugar de *grávida*, que he menos popular, e tem hum certo ar scientifico. Na linguagem commum das pessoas cultas diz-se quasi sempre *pejada*, falando das mulheres.

Comtudo no sentido figurado prefere-se de ordinario o vocabulo *prenhe* a *grávida*, ou *pejada*, quando dize-mos, por exemplo, nuvem *prenhe* de raios, palavras *pre-nhes*, terras *pre-nhes* de metaes, &c.; e a razão desta preferencia he, porque em taes casos não intentámos indicar o gravame, ou pezadume da nuvem, das palavras, &c., mas sim que a nuvem traz dentro de si o raio; que as

palavras envolvem dentro de si, e dão a entender mais do que mostra o seu sentido obvio, &c., &c.

### **Desnaturado — Desnaturalizado**

*Desnaturado* exprime, palavra por palavra, o que decahio da sua natureza, o que degenêrou della, o que se despojou, ou foi despojado da natureza que lhe he propria (de *des*, e *natura*).

*Desnaturalizado* he o que se privou, ou foi privado da sua naturalidade (de *des*, e *natural*).

O primeiro diz-se do homem de costumes estragados, que erra aos sentimentos da natureza, que obra contra o que elles inspirão, que parece haver degenerado do ser de homem. Tal he, por exemplo, o que não tem compaixão dos seus semelhantes; o que não tem amor nem respeito a seus pais; o que os não soccorre em suas necessidades, &c.

O segundo diz-se do cidadão, que a si mesmo se despojou, ou por crimes foi privado dos direitos civis e nacionaes, lançado da sociedade dos seus concidadãos, &c.

### **Victoria — Triunfo**

*Victoria* he a vantagem que se alcança sobre o inimigo na guerra; sobre o competidor na pretensão; sobre o adversario na disputa; sobre o litigante na demanda, &c.

*Triunfo* significa propriamente a ostentação, que se faz da *victoria*; a demonstração publica em honra do vencedor.

### Contiguo — Proximo — Visinho — Confine

*Contiguo* he o que se toca, ou está em contacto com outra cousa. (Latim *contiguus*, de *con*, e *tango*.)

*Proximo* he o que está muito perto; que está logo depois; que se segue. (Latim *proximus*, superlativo de *prope*.)

*Visinho* he propriamente o habitante do mesmo lugar, aldeia, villa, ou cidade. (Latim *vicinus*, de *vicus*, e este do vocabulo Celtico *vic*.)

*Confine* he o que tem limite commum com outra cousa. (Latim *con-finis*.)

*Contiguo* sómente se diz dos corpos que estão em contacto. Hum homem póde estar *contiguo* a outro; huma caza a outra; hum campo a outro, &c.

*Proximo* tem significação mais ampla, e diz-se: 1.º, dos *corpos*, v. gr., hum livro, huma banca, hum quarto, &c., *proximo* a outro, ou a outra cousa: 2.º, do *tempo*, o anno *proximo*, o dia *proximo* seguinte, &c.; 3.º, da *ordem do discurso*, o paragrafo *proximo*, a razão *proximamente* dada, o *proximo* argumento, &c.; 4.º, da *semelhança da natureza*, falando do homem, todos somos *proximos*; mas entre os nossos *proximos* são mais *proximos* os parentes, &c.

*Visinho* diz-se mais particularmente da proximidade de habitação. Os que morão em caza *contigua*, ou na mesma rua, ou no mesmo bairro, ou na mesma villa, &c., são *visinhos*. Duas cazas podem ser *visinhas*, sem serem *contiguas*, nem *confines*, nem *proximas*.

*Confine* diz-se daquellas cousas que tem hum limite, ou limites communs. Campos *confines*; comarcas, territórios *confines*; reinos *confines*; &c., &c.



**Afortunado — Ditoso — Feliz**

*Afortunado* he o que he favorecido da fortuna: e nós chamâmos favorecido da fortuna aquelle, que quasi por sorte, ou caso, com mediana diligencia sua, ou sem nenhuma, alcança bens não ordinarios, e ás vezes nem esperados, nem pretendidos.

*Ditoso* he, segundo a força etymologica do vocabulo, aquelle que goza de muitos bens e riquezas.

*Feliz* he o que goza de felicidade, e nós dizemos que goza de felicidade o homem, que vive tranquillo e satisfeito na pacifica fruição dos bens, que bastão aos seus desejos.

Assim, tomando estes vocabulos em todo o rigor e propriedade das suas significações, pôde o homem ser *afortunado* e *ditoso*, sem ser *feliz*; e pôde ser *feliz* no meio da *desdita* e do *infortunio*.

O ambicioso, por exemplo, que chega a conseguir o objecto de seus vastos pensamentos e desejos, que pôde supplantar os seus competidores na carreira das honras; que subindo, por favor da fortuna, até ao cume da humana grandeza avassalla e subjuga reinos e imperios, e vê ante si ajoelhados os outros homens; este ambicioso, digo, he sem duvida *afortunado*; mas pôde não ser *feliz*, e por certo que a *felicidade* raras vezes se encontra acompanhada de tanto aparato.

Pelo contrario o homem modesto, que ama a verdade e a virtude; que sabe dominar as suas paixões e reger os seus desejos; que vive contente com a sua mediocridadé, e que reune a tranquillidade do espirito e a paz do coração com a saude e vigor do corpo, pôde certamente dizer-se *feliz*, e comtudo não he *afortunado*, nem *ditoso*.

O homem *afortunado* e *ditoso* logo tem parentes, amigos, lisongeiros, adoradores; mas se a *fortuna* o desampara, tudo isto desaparece. Elle está sempre dependente dos objectos externos.

O homem verdadeiramente *feliz* vive as mais das vezes desconhecido, e apenas estimado de poucos; mas elle não depende nem dos louvores do vil adulator, nem dos forçados obsequios do pretendente. A sua *felicidade* está dentro do seu proprio coração.

O homem mau e malvado he muitas vezes *afortunado* no meio dos seus crimes; mas nunca pôde ser *feliz*. Pelo contrario o homem virtuoso e verdadeiramente sabio pôde ser *feliz* até no meio das perseguições e dos supplicios.

O rei mais poderoso e o homem mais *afortunado* de toda a Asia admirou-se de saber pela voz do oraculo, que o mais pobre dos Árcades era o homem mais *feliz* de toda a terra.

## 81

## Clarão — Claridade — Esplendor

Parece que estes tres vocabulos exprimem differentes gradações de luz, sendo o *clarão* hum como principio de *claridade*, e o *esplendor* a sua maior perfeição. Mas *clarão* tambem se diz algumas vezes de huma luz forte e rapida: *claridade* e *esplendor* suppõe mais duração e permanencia.

O *clarão* faz perceber os objectos: a *claridade* mostra-os distinctamente: o *esplendor* apresenta-os em todo o seu luzimento.

O *clarão* he humas vezes o primeiro assômo da luz nascente (o *clarão* da aurora — o *clarão* do crepusculo): outras vezes he huma luz fraca, que se emprega com pouca actividade sobre os objectos, por estarem a grande

distancia do corpo luminoso (o *clarão* da lua — o *clarão* do archote, que passa ao longe): outras vezes he huma luz fugitiva e de pouca duração, aindaque forte e talvez deslumbrante (o *clarão* do relampago).

A *claridade* he huma luz mais ou menos pura, mas duravel e sufficiente para bem se verem e distinguirem os objectos.

O *esplendor* he huma claridade viva, brilhante, forte e talvez deslumbrante; mas tambem duravel: he a plenitude da luz.

O *clarão* penetra como através das trévas: a *claridade* dissipa as trévas: o *esplendor* he todo luz.

#### Claridade — Clareza

*Claridade* emprega-se mais ordinariamente no sentido physico e proprio: *clareza* no sentido figurado e moral.

Assim dizemos, v. gr., a *claridade* do sol, da luz, do dia, &c., e a *clareza* do entendimento, do discurso, das expressões: a *clareza* do sangue, da familia, &c.

#### Clareza — Perspicuidade

Ambos estes vocabulos exprimem huma qualidade essencial do bom discurso, ou seja escripto, ou pronunciado: mas *clareza* parece que se refere particularmente ás idéas, e *perspicuidade* ás expressões.

A *clareza* requer precisão, exacta deducção e boa ordem nas idéas. A *perspicuidade* requer termos proprios e de significação bem determinada, construcção regular, ligação conveniente.

Tem *clareza* o discurso, quando mostra a verdade em toda a sua luz. Tem *perspicuidade* o estilo, quando através (digamos assim) dos vocabulos, se vê perfeitamente o pensamento de quem fala, ou escreve.

### Movel — Movediço

*Movel* he simplesmente o que pôde mover-se: *move-diço* he o que se move com facilidade.

A differença bem sensível destes dous vocabulos basta para nos advertir, que na nossa lingua a terminação em *iço*, nos adjectivos, exprime as mais das vezes a *facilidade* de se produzir a acção, ou de se adquirir o estado, ou propriedade significada pelo adjectivo simples. Assim, v. gr., dizemos:

De alagado	<i>alagadiço</i> , isto he, <i>facil de alagar-se.</i>
espantado	<i>espantadiço</i> , <i>facil de espantar-se.</i>
agastado	<i>agastadiço</i> , &c.
dobrado	<i>dobradiço.</i>
abafado	<i>abafadiço.</i>
encontrado	<i>encontradiço.</i>
descontente	<i>descontentadiço.</i>
&c., &c.	

### Conjuração — Conspiração

*Conjuração* he união de pessoas para algum fim, firmada com juramento.

*Conspiração* he união de pessoas ou cousas para algum fim.

A *conjuração* suppõe proposito. A *conspiração* pôde ser casual.

*Conjuração* toma-se as mais das vezes em mau sentido; mas não sempre. A nossa feliz restauração de 1640 foi effeito de huma *conjuração*.

*Conspiração* parece ser de huma significação mais indifferente, aindaque tambem se emprega muitas vezes em mau sentido.

A *conjuração* parece dirrigir-se sempre a algum effeito externo: a *conspiração* pôde ser sómente em opiniões e sentimentos.

### Novo — Recente

*Novo* he o que d'antes não tinha acontecido, ou não tinha sido inventado, ou de que não havia noticia, e tambem o que não tem tido uso, ou tem sido mui pouco usado.

*Recente* exprime precisamente o que succedeo ha pouco tempo, o que ainda está fresco, ou succedeo de fresco.

Huma lei he *nova* quando se promulga pela primeira vez: hum invento he *novo*, quando d'antes não era conhecido, ou não havia noticia delle: hum vestido he *novo* quando ainda não teve uso, ou só mui pouco.

A lei he *recente* quando foi promulgada ha pouco tempo. O *invento* he recente, quando ha pouco tempo começou a ter voga, ou a ser conhecido do publico. O vestido he *recente*, quando está feito de fresco.

*Novo* parece que se refere á substancia (por assim dizer) da cousa, do factò ou do sujeito; e *recente* á sua data.

A revolução Franceza offerece-nos muitos exemplos *recentes* dos terriveis effeitos das paixões humanas, quando são violentamente agitadas pelas commoções publicas: mas nenhum destes exemplos he *novo* na Historia das nações.

A doutrina do magnetismo animal he *recente* na Europa; mas muitos dos phenomenos, em que ella se funda, nada tem de *novos*, &c.

### Preciso – Succinto – Conciso

Todos estes vocabulos caracterizão hum discurso, em que sómente entra o necessario; mas esta idéa generica he determinada em cada hum delles por differenças particulares.

*Preciso e succinto* referem-se ás idéas: *conciso* refere-se á expressão e estilo.

He *preciso* o discurso, quando não entrão nelle idéas algumas estranhas ao objecto de que se tracta. (Veja-se o art. 9.)

He *succinto* o discurso, quando não entrão nelle senão as idéas mais essenciaes e importantes, e essas talvez tocadas pelo maior, e sem desenvolvimento.

He *conciso* o estilo e a expressão, quando no discurso se empregão sómente os termos mais proprios e significativos, e se excluem todas as palavras e circumlocuções desnecessarias.

O discurso *preciso* requer analyse rigorosa, e deducção exacta e severa; e separa cuidadosamente toda a idéa vaga, inutil, superflua, ou de qualquer modo estranha ao seu assumpto, isto he, toda a idéa, que não nasce delle, ou não tende a illustral-o.

O discurso *succinto* contenta-se com as idéas fundamentaes e com os principios genericos, comtanto que sejam solidos e fecundos. Suppõe que o leitor he capaz de desenvolver-os e de fazer as suas particulares applicações.

O discurso *conciso* escolhe com grande cuidado os vo-

cabulos mais expressivos, e emprega sómente os que bastão para pôr em boa luz o pensamento.

#### Olfato – Cheiro

*Olfato* he hum dos sentidos do homem, cujo órgão principal he o nariz, e pelo qual elle percebe o *cheiro* dos objectos.

*Cheiro* he a propriedade, ou disposição que tem alguns corpos da natureza, pela qual fazem impressão agradável ou desagradável no órgão do *olfato*.

#### Gabar – Louvar

*Gabão-se* as forças e a valentia do homem. *Louva-se* e tambem se *gaba* o seu procedimento, o seu saber.

*Gaba-se* a formosura, a gentileza, a graça, a vivacidade de huma mulher. *Louva-se* a sua honestidade, o seu pudor, a sua virtude.

*Gaba-se* hum bom traste, hum bom cavallo, huma maquina bem construida, hum edificio formoso e bem arranjado, &c., e nada disto *se louva*.

Pelo que, *gabar* refere-se ás pessoas e ás cousas. *Louvar* refere-se particularmente ás pessoas.

*Gaba-se* tudo o que he bom no seu genero: *louva-se* tudo aquillo por que o homem se faz benemerito e digno da estimação dos outros homens.

Quem se *gaba* he vaidoso. Quem se *louva* he orgulhoso: por isso nos rimos ordinariamente do homem que se *gaba*, e aborrecemos o homem que se *louva* a si mesmo.

### Respeito – Deferencia – Reverencia – Veneração – Acatamento

*Respeito* he a attenção, ou consideração, que se tem, ou se dá a alguém, ou a alguma cousa.

*Deferencia* he o *respeito* que se tem aos sentimentos, desejos e gostos de qualquer pessoa, preferindo-os aos nossos, por alguma superioridade que julgámos haver nessa pessoa. (Veja-se o art. 56.)

*Reverencia* he *respeito* com temor filial.

*Veneração* he *respeito* profundo e submisso: *respeito* religioso: especie de culto, que se dá ás cousas santas, ou ás que reputámos como taes, ou aos objectos que julgámos mais dignos de *respeito* e honra.

*Acatamento* he todo o acto externo, com que mostrámos o nosso *respeito*, *reverencia*, ou *veneração*.

*Respeitámos* os outros homens, os seus direitos, as suas infelicidades: *respeitámo-nos* a nós mesmos, os nossos deveres, os nossos justos interesses, &c.

*Deferimos* á idade, ao merito, á virtude, ao saber, quando concedemos aos gostos, opiniões, sentimentos, ou desejos das pessoas, em quem suppomos, ou reconhecemos essas qualidades.

*Reverenciámos* os mestres, os pais, os pastores, os magistrados, o soberano: *reverenciámos* tudo aquillo, em cuja presença estamos como o filho costuma estar diante de seu pai, isto he, com huma especie de temor respeitoso.

*Venerámos* a Deos, os santos, as cousas religiosas e sagradas, e tudo aquillo a que tributámos algum genero de culto, como aos pais, á patria, aos homens de eminente virtude, &c.

*Acatámos* finalmente. mais ou menos, todas as pes-



soas e cousas, a quem devemos *veneração, reverencia, deferencia, ou respeito*.

### Folga — Folgado

*Folga* he simplesmente a larga que se dá ao espirito e ao corpo. interrompendo o trabalho, para tomar alguma honesta recreação.

*Folgado* he muita *folga*, grande *folga*, *folga* continuada, ou que dura muito tempo, &c.

Por occasião deste artigo não será inutil advertir, que a terminação em *edo* exprime muitas vezes a mesma differença respectiva entre varios outros vocabulos, significando multidão, duração, continuação, ou repetição da mesma cousa significada pelo substantivo simples. Assim, v. gr., derivámos

De brinco	<i>brinquedo</i> , isto he, <i>grande brinco</i> , ou <i>muito brincar</i> , ou <i>brincar continuado</i> .
arvore	<i>arvoredo</i> , isto he, <i>multidão</i> , <i>continuação de arvores</i> .
fraga	<i>fraguedo</i> , <i>fragas continuadas</i> .
silva	<i>silvedo</i> , &c.
vinha	<i>vinhedo</i> .
&c., &c.	

### Onda — Vaga

*Onda* exprime no seu sentido primario abundancia de agoas, e d'aqui se deriva a accepção secundaria, em que muitas vezes o tomámos, significando a fluctuação, ou o movimento ondulatorio das mesmas agoas, originado da sua abundancia e fluidez.

*Vaga* exprime originariamente o grão ruído das agoas violentamente agitadas, e desta significação se deriva a outra, em que o tomámos por *onda* grande, formada pela violenta agitação das agoas.

Ambos estes vocabulos se usão falando do mar, e dos rios; mas se os considerarmos em sua rigorosa significação, e desacompanhados de epitheto; o primeiro exprime huma ondulação mais branda, e, se assim podemos dizer, mais pacifica, nascida da propria fluidez das agoas, ou de causas accidentaes, mas ordinarias: e o segundo huma ondulação mais agitada, mais forte e mais violenta, nascida do movimento não ordinario, e talvez perturbado e tumultuoso das agoas.

Os ventos fortes fazem empolar as *ondas*, e levantão *vagas*.

O navio corta as *ondas*, e navega por ellas; mas he fortemente embatido, e ás vezes soçobrado pelas *vagas*.

### Attracção — Gravidade — Gravitação — Afinidade

Ha huma força universal na natureza, que sollicita todas as moléculas da materia, e todos os aggregados dellas a aproximarem-se huns dos outros debaixo de certas leis. Esta força chama-se *attracção*.

Quando considerámos a *attracção* sollicitando os corpos terrestres, e cada huma das suas particulas, a aproximarem-se do centro da terra, chamámos-lhe mais ordinariamente *gravidade*: e o mesmo nome damos a essa força considerada nos corpos, de que se compõe cada astro, a respeito desse astro.

A mesma *attracção* considerada nos grandes corpos,

ou astros, de que se compõe o systema do mundo, e sollicitando-os huns para os outros, e todos para hum centro commum, toma o nome de *gravitação*.

Finalmente a mesma força obrando nas mais pequenas moléculas da *materia*, e em pequenissimas distancias, chama-se *afinidade*.

Considerão ainda os fýsicos outras especies de *attracção*, que só se observão em certos corpos, ou em corpos modificados de certo modo; mas estas especies não tem nome particular, e designão-se pelo vocabulo generico de *attracção* respectivamente qualificado, v. gr., *attracção* electrica, *attracção* magnetica, &c.

## 94

**Gravidade — Pezo**

*Gravidade* he a força attractiva, que sollicita os corpos terrestres, e cada huma das suas particulas a se aproximarem do centro da terra. (Veja-se art. 93.)

*Pezo* he a somma das acções, que essa força exercita sobre cada huma das particulas, de que se compõe hum corpo.

A *gravidade* he igual em todos os corpos, e nas suas mais pequenas particulas. Hum pedaço de ouro, e huma pluma, hum globo de ferro, e outro igual de cortiça, deixados a si a igual altura da superficie de terra, cahirão sobre ella ao mesmo tempo, se o ar lhes não oppozesse mui desiguaes resistencias.

O *pezo* he desigual nos differentes corpos, segundo he maior ou menor o numero de particulas materiaes, que nelles se contém debaixo de igual volume. A cortiça, por exemplo, tem menos pezo que o chumbo, ou o ferro. porque debaixo de hum volume igual contém muito menos particulas de materia *grave*.

### Obrigaçào — Dever

A lei liga o homem, impõe-lhe huma *obrigaçaõ* (*obligatio*). A *obrigaçaõ* constitue o homem n'huma *divida*, gera hum *dever*.

A lei prende a liberdade do homem, e não a deixa seguir senão hum caminho: esta he a *obrigaçaõ*. A liberdade coarctada pela *obrigaçaõ*, deve seguir o unico caminho que a lei lhe indica: este he o *dever*.

*Dever* he huma acção, que o homem faz, conforme á *obrigaçaõ* legal.

Como a *obrigaçaõ* nasce da auctoridade da lei, não pôde estender-se além dos limites dessa auctoridade: e como o *dever* he huma divida do homem, não pôde estender-se além da esfera das suas faculdades, isto he, da sua possibilidade. Assim cessa a *obrigaçaõ*, quando a cousa não pôde ser mandada, ou quando quem a manda não tem auctoridade para isso: e cessa o *dever*, quando a cousa não pôde, ou não deve ser executada.

### Realizar — Verificar

*Realizar* he fazer *real*, dar *realidade* ao que d'antes a não tinha, ou parecia não a ter. *Verificar* he fazer, ou mostrar *verdadeiro* o que se duvidava, ou podia duvidar.

*Realiza-se* huma promessa: *verifica-se* huma narraçaõ.

*Realiza-se* hum plano, hum projecto: *verifica-se* huma allegaçaõ, hum facto historico.

*Realiza-se* huma esperança, hum desejo: *verifica-se* a exactidão de huma experiencia, a justeza de huma demonstração.

*Realiza-se* e *verifica-se* huma profecia. *Realiza-se*, porque o acontecimento profetizado não tem realidade, quando se profetiza: e *verifica-se*, porque o profeta o vê de algum modo como presente, e o annuncia como tendo realidade, aindaque futura.

### Mundo — Universo

*Mundo* significa especialmente a collecção de todos os grandes corpos, que tem o sol por centro dos seus movimentos, e comprehende o mesmo sol, os planetas, os seus satellites, e os cometas. Na linguagem vulgar toma-se muitas vezes pelo só globo terrestre, e tambem pelo *universo*.

*Universo* comprehende não só o nosso systema planetario, mas tambem todos os outros, que parecem semelhantes; ou essa grande multidão de estrellas, que se nos representão como centros de outros tantos *mundos* disseminados na vasta extensão do espaço celeste.

### Lisongear — Adular

*Lisongear* he fazer ou dizer a outrem cousas agradaveis, principalmente em seu obsequio, e louvor, talvez com justiça e verdade, e talvez com affectada complacencia.

*Adular* he *lisongear* vil e baixamente; *lisongear* men-

tindo; lisongear de huma maneira servil, grosseira, impudente.

*Lisongear* toma-se em bom ou mau sentido: *adular* sempre se toma em mau sentido.

O *lisongeiro* pôde estar em erro, ou ser exagerado nos seus louvores; mas sempre obra de boa fé: o *adulador* he exagerado de proposito, fala contra o que entende, lisongeia de má fé, e ás vezes até diviniza as paixões e os crimes.

A *lisonja* pôde ser agradável até ao homem modesto: a *adulção* aborrece, e causa fastio até ao orgulhoso.

A *adulção* he para a *lisonja* como a mentira he para o erro.

## 99

**Moça — Donzella — Rapariga**

*Moça* refere-se propriamente á idade, e significa em geral mulher de pouca idade.

*Donzella* he diminutivo de *dona*, e significa originariamente *moça nobre*. Neste sentido o tomou Camões, quando disse, falando da desditosa Ignez de Castro, *Lusiadas*, canto 3.º, est. 134.º

*Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as rosas...*

entendendo por *donzella*, *moça nobre*, linda e mimosa, aindaque já mãe de filhos, bem como os antigos entendião por *donzel* moço nobre, e em particular aquelles, que desde pequenos se criavão com os Reis e Infantes. (*Monarquia Lusitana*, liv. 16.º, cap. 15.º)

*Rapariga* parece significar mais propriamente *moça* não nobre, *moça* de baixa origem, talvez de serviço. &c.

## Desnecessario – Inutil – Escusado – Superfluo

He *desnecessario* o que não he necessario, ou deixa de o ser. He *inutil* o que não presta para o fim que se intenta. He *escusado* o que se pôde omittir sem risco, ou sem má consequencia. He *superfluo* o que sobeja além do necessario.

Todos estes vocabulos exprimem, ou antes suppõem huma comparação. que o nosso espirito faz entre os meios e o fim que se intenta.

Chamámos *necessarios* aquelles meios, sem os quaes se não pôde obter o fim: mas cessando este, os meios vem a ser *desnecessarios*.

Chamámos *util* tudo o que serve, o que presta, o que aproveita para o fim, aindaque não seja *necessario*. O que não aproveita, nem presta, nem serve para o fim, que se intenta, n'huma palavra, o que não tem relação com esse fim, he *inutil*.

Muitas cousas, que não são *necessarias*, podem ser *uteis* e convenientes para mais facilmente conseguirmos o fim: mas se essas cousas demandão muito trabalho, ou muita despeza, ou trazem comsigo grandes difficuldades, he *escusado* empregal-as, porque não são indispensaveis, e podem omittir-se sem risco do negocio.

Finalmente muitas vezes temos á mão diferentes meios todos *uteis* para o fim que intentámos. Se hum delles basta e he efficaz para o conseguirmos, os outros sobejão, são *superfluos*.

He *desnecessario* vigiar a praça, quando não ha receio de inimigos. He *inutil* reprehender o homem, que não tem pejo. He *escusado* fazer leis, aonde reinão os bons costumes. He *superfluo* amontoar provas de huma ver-

dade, quando temos dado alguma, que seja demonstrativa e irrecusavel.

## 101

**Concorde – Conforme**

*Concorde* refere-se propriamente ao acordo do animo, da vontade, do coração, e diz-se de duas ou mais pessoas, que tem as mesmas opiniões, os mesmos gostos, os mesmos sentimentos.

*Conforme* refere-se mais particularmente á identidade, ou analogia das fôrmas; e diz-se de duas ou mais cousas, que tem entre si fôrmas identicas, ou semelhantes.

Todos os homens razoaveis são *concordes* em adoptar certas maximas de moral. Todos os animaes da mesma especie são *conformes* na sua figura e organização.

Duas pessoas podem *conformar-se* nas mesmas praticas, sem *concordarem* nos mesmos principios.

Aindaque todos os homens são *conformes* na sua organização, he raro achar dous, que sejam perfeitamente *concordes* em sentimentos, &c.

## 102

**Juventude – Mocidade**

*Juventude* significa propriamente hum tempo determinado da vida humana, distincto do tempo da infancia, da puericia, da adolescencia, da idade varonil e da velhice. He o tempo da vida do homem, que medeia entre a adolescencia e a idade varonil.

*Mocidade* toma-se muitas vezes indeterminadamente pelas tres idades da puericia, adolescencia, e *juventude*, como se as comprehendesse todas.



Assim, v. gr., nestas frases: *a mocidade portugueza he apta para o estudo das sciencias*, *a mocidade he dada aos prazeres*, &c., não usaremos com propriedade do vocabulo *juventude*, em lugar de *mocidade*.

## 103

**Acção — Acto**

Aindaque estes vocabulos se confundem no uso vulgar, por não ser necessario empregar-os sempre em todo o rigor da exactidão metafysica; nem por isso deixão de ter entre si huma differença bem notavel, que ás vezes será conveniente attender, e que he applicavel a muitos outros vocabulos respectivamente analogos.

*Acção* he hum vocabulo abstracto, e *acto* he hum vocabulo concreto: isto basta para nos conduzir na indagação da sua differença.

O vocabulo abstracto exprime huma consideração do nosso espirito, que observando os modos, as qualidades, ou as relações semelhantes, que ha em differentes sujeitos, faz dellas huma separação intellectual, e lhes dá huma denominação generica. O vocabulo concreto suppõe sempre hum sujeito em que reside, ou se emprega essa modificação, qualidade, &c.

*Acção* exprime a modificação, ou o estado da potencia em exercicio. *Acto* he o effeito da *acção*.

*Acção* he a *operação* da potencia: *acto* he a *obra* que resulta dessa operação.

A potencia, quando está em *acção*, emprega a sua energia, e faz, ou produz alguma cousa: o seu producto he o *acto*.

Os mesmos vocabulos de *operação* e *obra*, de *produção* e *product* confirmão a nossa explicação, e a illustrão.

O nosso entendimento he huma potencia, cuja *acção* se desenvolve por differentes modos e produz differentes *actos*. O raciocinio he hum *acto* do entendimento, e não lhe chamâmos propriamente *acção*, nem damos esse nome a outros *actos* da mesma faculdade.

Em moral chamâmos *actos humanos* os productos da vontade livre do homem. A consideração intellectual da energia, que a vontade desenvolve para os produzir, e que liga cada hum desses *actos* com a sua causa, he o que chamâmos *acção*.

Por este modo nos parece que se deve, no rigor metafysico, fazer differença entre *moção* e *movimento*; *reformação* e *reforma*; *indemnisação* e *indemnidade*; *oblação* e *offerenda*, &c., &c., aindaque na linguagem vulgar poucas vezes se dê attenção a essa differença.

## 104

**Abrogar — Derogar — Antiquar**

Em linguagem de Jurisprudencia, *abrogar* he annullar a lei: *derogar* he annullar parte da lei: *antiquar* he pôr a lei em desuso.

Dizemos que a lei foi ou está *abrogada*, quando todas as suas disposições forão abolidas por outra lei: dizemos que foi, ou está *derogada*, quando alguma parte della foi abolida por outra lei: e dizemos, que está *antiquada*, quando está posta no numero das que não estão em uso.

*Abrogar* e *derogar* a lei pende de hum acto positivo do legislador, *antiquar* he hum effeito do não uso, ou do costume legitimamente introduzido em contrario.

*Abrogar* e *antiquar* sómente se diz das leis, constituições, ceremonias, e outras cousas semelhantes: *derogar* tambem se diz analogamente por *diminuir*, *tirar alguma cousa de*, &c., v. gr., *derogar* a auctoridade, a

nobreza, a dignidade, isto he, diminuir, tirar alguma cousa da auctoridade, da nobreza, &c.

**Costumar — Soer — Estar affeito**

*Costumar* exprime propriamente a repetição dos mesmos actos.

*Soer* significa tambem a continuação da mesma cousa, ou do mesmo modo de ser ou estar, e isto desde muito tempo. A *palavra* soem estar (diz a *Monarquia Lusitana*, part. 5.<sup>a</sup>, liv. 16.<sup>o</sup>, cap. 72.<sup>o</sup>) denota continuação de tempo antigo.

Hum homem *costuma* ler todos os dias, *costuma* fazer actos de beneficencia, *costuma* seguir os seus caprichos, isto he, repete muitas vezes estes actos, tem habito, ou *costume* de os fazer.

As pessoas de certas familias *soem* ser doudas. A residencia dos nossos Soberanos *sohia* ser em Lisboa. Portugal já não he o que d'antes ser *sohia*. As escolas geraes do reino *soem* ser em Coimbra, isto he, continuão a ser desde tempo antigo, &c.

E por aqui se vê quanto sem razão se despreza hoje este vocabulo, e quasi se vai tirando do uso commum, como antiquado; quando elle tem huma significação bem differente do seu synonymo *costumar*; tem boa e legitima derivação do Latim *solere*; e tem a seu favor o uso dos melhores classicos, e ainda de alguns escriptores modernos, posto que rarissimos.

*Estar affeito* exprime propriamente huma consequencia do *costume*: he ter adquirido facilidade, geito, e talvez gosto e propensão de fazer alguma cousa, que se *costuma* fazer, ou a que se está *acostumado*.

Quando temos *costume* de fazer qualquer cousa, por

difficil que seja, *affazemo-nos* finalmente a ella, e então não só cessa a difficuldade, mas até muitas vezes fazemos com gosto, o que ao principio nos causava pena, ou molestia. Isto he o que se chama *estar affeito*.

### **Deshonesto — Obsceno**

*Deshonesto* he tudo o que se oppõe á castidade, á pudicicia, á pureza, &c.

*Obsceno* exprime muito mais que *deshonesto* na mesma ordem de cousas ; porque a sua particular energia he significar o que he sujo, immundo, sordido, torpe, &c. (Do Latim *caenum*, lama, lodo.)

O *deshonesto* offende a castidade, a pudicicia, a pureza. O *obsceno* viola abertamente estas virtudes, ajunta á deshonestidade a torpeza, a immunda grosseria e talvez a impudencia.

*Deshonesto* diz-se de tudo quanto offende a castidade: pensamentos, lembranças, vistas, acções, &c. *Obsceno* he mais proprio das cousas externas, e que se offerecem á vista ; e por isso se diz com particularidade das palavras, livros, paineis, gestos, posturas, &c., e se alguma vez dizemos tambem *pensamentos obscenos*, he porque nos referimos á fantasia, quando ella nos representa imagens, que merecem essa qualificação.

### **Ordir — Tramar — Tecer — Maquinar**

Os tres vocabulos *ordir*, *tramar* e *tecer* considerados nas suas significações proprias e primarias, tem diffe-

renças bem sensíveis e bem sabidas, as quaes parece que deverião passar com igual grão de energia para o sentido metaforico, ou translato.

*Ordir* he lançar os primeiros fios para a teia: *tramar* he passar outros fios por entre, e através da ordidura: *tecer* abrange o *ordir* e o *tramar*; he fazer o que resulta de ambos; he fazer a teia.

Logo, no sentido figurado parece que *ordir*, *tramar* e *tecer*, v. gr., hum enredo, huma traição, &c., deverião ter a mesma differença, e neste caso o vocabulo *ordir* exprimiria menos que *tramar* e *tecer*; e o vocabulo *tecer* exprimiria mais que *ordir* e *tramar*.

*Ordir* hum enredo seria lançar as primeiras linhas para elle, dar as primeiras idéas, traçar o primeiro plano, ou desenho.

*Tramar* exprimiria o enlaçamento do enredo, a acção de o ligar, de combinar todas as suas partes, de lhe dar força e consistencia.

*Tecer* exprimiria ambas as cousas, e diríamos que *teceo* hum enredo, quem inventou o primeiro plano, quem lhe deo consistencia e força, combinando, ligando, unindo todas as suas partes, e finalmente quem o arranjou completamente desde o principio até o fim.

Comtudo parece que o vocabulo *tramar*, ou por suas articulações asperas, ou por exprimir a parte mais difficil da teia, isto he, o *entrelaçado* dos fios, e lhe dar com isso mais consistencia, he o que no uso vulgar se emprega para significar com mais força e energia hum enredo implicado, e bem concertado para produzir o fim que se intenta.

*Maquinar* usa-se no mesmo sentido, mas parece que exprime hum modo mais embaraçado, mais profundo, mais artificioso, e talvez mais baixo e mais odioso de armar hum enredo, huma traição, huma empreza criminosa, &c.

**Reconhecimento — Gratidão**

*Reconhecimento* exprime o acto de tornar a conhecer, isto he, de conhecer bem o beneficio, de repassal-o na memoria de o confessar.

*Gratidão* exprime o sentimento habitual, que nos inclina a dar graças pelo beneficio.

*Reconhecimento* refere-se immediatamente ao beneficio; *gratidão*, ao bemfeitor. *Reconhecemos* o beneficio, e somos *gratos* a quem nol-o fez.

O *reconhecimento* parece que depende principalmente do juizo e da memoria: he hum dever de justiça: basta ser justo, para ser reconhecido.

A *gratidão* depende mais da sensibilidade: he hum dever de sentimento: faz-nos caro o bemfeitor, e inspira-nos o desejo de lh'o mostrarmos: he necessario ter o coração sensível para amarmos a quem nos faz bem.

O *reconhecimento* lembra-se do beneficio; confessa-o: e está prompto a pagal-o por outro.

A *gratidão* lembra-se do beneficio com prazer e sensibilidade: tem gosto em confessal-o: está também prompta a retribuil-o; mas nunca chamará a isto paga, nem jamais se julgará desobrigada da sua divida.

O *reconhecimento* emfim he o principio da *gratidão*: esta he o complemento do *reconhecimento*.

Aquelle, que *reconhecendo* o beneficio, cuida em pagal-o por outro, para se livrar do pezo do *reconhecimento*, he hum *íngrato*. A *gratidão* préza e ama o titulo de devedora, e quer sempre conserval-o, aindaque muito faça em serviço do bemfeitor.

**Acabar — Cessar — Descontinuar**

*Acabar* diz tanto como *pôr fim*, ou remate a alguma cousa; dar-lhe fim.

*Cessar* he abandonar o trabalho, ou empreza.

*Descontinuar* he interromper o trabalho para tornar depois a elle.

*Acabar* suppõe o trabalho concluido, por não haver mais nada que fazer.

*Cessar* póde dizer-se do trabalho ainda não *acabado*; mas cuja continuação se abandonou por algum motivo.

*Descontinuar* suppõe que o trabalho se interrompe, para se voltar a elle em tempo opportuno.

Aindaque o homem prudente não deva empregar trabalho algum, sem que se julgue com forças para o *acabar*; comtudo convem algumas vezes *descontinuar-o* para dar recreação ao espirito, ou ao corpo fatigado; e outras vezes he forçoso *cessar* de o proseguir, porque circumstancias imprevistas obstão á sua conclusão.

**Crescer — Augmentar-se**

*Crescer* he a expressão propria, com que significámos aquella operação, pela qual os corpos organizados passam gradual e insensivelmente por todas as differenças de grandeza, desde que começam a ser visiveis, até chegarem á perfeição, que lhes he propria: he o desenvolvimento gradual e insensível de todas as partes dos corpos organizados: *Crescem* as plantas, os homens, os animaes; *cresce* o cabello, a lã, o pello, a pennugem, &c.

Por analogia parece que se applica este vocabulo com propriedade para exprimir o engrandecimento progressivo e gradual de qualquer cousa, quando este se faz por huma especie de mechanismo interno, ou por causas e modos, que nos são invisíveis. Neste sentido dizemos, que *cresce* a massa em fermentação, *crescem* os dias e as noites, *crescem* os rios, *crescem* no homem os vícios com a idade, *cresce* a violência das paixões, &c.

*Augmentar-se* exprime mais particularmente o engrandecimento, que se faz por huma addição de novas quantidades, ou por addição de cousas da mesma especie, e não supõe que esse engrandecimento seja progressivo, nem gradual, nem insensível. Assim *augmenta-se* o trigo no celeiro, o dinheiro no cofre, o numero dos homens em huma função publica, os bens de huma casa, &c., &c.

A mesma differença parece verificar-se quando empregamos estes vocabulos no sentido figurado. *Cresce* (por exemplo) o poder de huma nação, quando se desenvolvem os meios proprios, internos, e por assim dizer, organicos do seu engrandecimento, quaes são o melhoramento das leis, o progresso das luzes, a influencia efficaz da religião sobre os costumes, a vigilancia activa do governo, &c., e *augmenta-se* esse poder pela acquisição de algum novo territorio, pela addição de outros estados, por allianças habilmente combinadas, &c.

## 111

**Tomar — Receber — Aceitar**

*Tomar* alguém alguma cousa, he havel-a a si; havel-a á mão; apprehendel-a com a mão. Não envolve, nem supõe acção estranha, que nos mande, ou dê, ou offereça essa cousa; nem idéa de movimento que a traga a nós. *Tomámos* o vestido, o chapéo. a espada; *tomámos*



o livro para ler, a penna para escrever, as armas para brigar; *tomámos* amor, odio, asco; *tomámos* occasião, tempo, &c., &c.

*Receber* he tomar o que se nos dá, ou se nos offerece, ou se nos manda, ou vem a nós. *Recebemos* hum presente, hum favor, hum injuria; *recebemos* hum hospede, hum visita, hum noticia, hum ferida na guerra, etc.; *recebemos* o fôro que se nos paga. o dinheiro que se nos deve, &c., &c.

*Aceitar* he receber com agrado e boa sombra, e tambem approvar, assentir, dar consentimento, auctorizar o que se nos offerece, ou propõe. *Aceitámos* hum obsequio, hum graça, hum offerta; *aceitámos* as condições de hum contracto, a proposta que se nos faz, a obrigação que se nos impõe, &c.

*Aceitámos* a offerta que *alguem* nos faz do seu prestimo, e não a *recebemos*, nem *tomámos*.

*Recebemos* hum insulto, hum injuria, hum descortezia, e não a *tomámos*, nem *aceitámos*.

Finalmente *tomámos* as armas para ir á guerra, e não as *recebemos*, nem *aceitámos*, &c.

## 112

**Aventurar — Arriscar**

*Aventurar* he pôr em sorte e ventura. *Arriscar* he pôr em risco.

*Aventurar* he pôr o negocio, ou cousa de que se tracta, nas mãos da fortuna; sujeital-a ás suas alternativas, e aos seus caprichos: indica hum perfeita incerteza do successo, e suppõe a igual probabilidade, ou antes possibilidade de ser bom ou mau.

*Arriscar* exprime alguma probabilidade, aindaque remota, de mau successo: he pôr o negocio sobre o *risco*

(se assim podemos dizer) em que se começa a declinar para o mau termo.

Quem joga com hum jogador igual, *aventura-se* a perder ou ganhar. Quem joga com hum jogador mais habil, *arrisca-se* a perder.

Quem entra em hum jogo, em que o caso e sorte decidá tudo, *aventura* o seu dinheiro. Quem se expõe a huma viagem maritima difficil e extensa, por causa de commercio, *arrisca* o seu dinheiro e a sua vida.

## 113

**Alvedrio — Liberdade**

O primeiro destes vocabulos exprime a faculdade, que a nossa vontade tem de resolver, de decidir e de se determinar depois da deliberação.

O segundo exprime huma propriedade do *alvedrio*, e consiste em que essa determinação da vontade se faz por energia sua propria, sem que a isso seja forçado por genero algum de necessidade.

O *alvedrio* faz que a vontade resolva e se determine com deliberação. A *liberdade* faz que essa acção seja só e toda sua: que a vontade seja senhora absoluta da sua determinação; que nenhuma cousa estranha tenha sobre ella influencia necessaria e inevitavel.

Vieira diz, em alguma parte dos seus Sermões, *a liberdade do alvedrio*, e Heitor Pinto no *Dialogo da Vida Solitaria*, cap. 3.º usa da mesma expressão.

## 114

**Abundante — Abundoso**

*Abundante* he o que actualmente abunda. *Abundoso* he o que tem a qualidade natural, a propriedade,

a força de abundar, ou também a plenitude da abundancia.

A terminação em *ante* do particípio do presente denota a acção actual, ou o estado da cousa no momento de que se fala; o que acontece e se faz de presente; o facto, ou as suas circumstancias, &c. A terminação em *oso* denota a qualidade, ou propriedade natural, a força, a inclinação, a paixão, o habito; emfim ás vezes a plenitude, perfeição, excesso, &c., de alguma qualidade, ou accidente.

Assim, por exemplo, *estudante* he o que actualmente estuda, ou cursa os estudos: *estudioso* he o que tem inclinação natural, paixão, habito de estudar; he o que tem como a propriedade natural de estudar, ou a plenitude desta inclinação.

*Negociante* he o que actualmente nogoceia, que tem este estado, ou vida: *negocioso* he o que he naturalmente dado a negocios; que todo se emprega nisso; e o tem de seu genio e inclinação.

*Radiante* he o que actualmente lança raios de luz: *radioso* he o que tem em si e como de sua natureza a qualidade, a propriedade, a força de os lançar. O sol he *radioso*, ainda quando não está *radiante*.

*Amante* he o que actualmente ama; o que actualmente está possuido deste sentimento ou paixão: *amoroso* he o que por natureza he inclinado a este sentimento; que facilmente se deixa levar do amor; que tem a propriedade e facilidade natural de amar, &c.

Ha pois a mesma differença entre *abundante* e *abundoso*. A colheita, v. gr., he *abundante*; o terreno he *abundoso*. Se alguma vez dizemos colheita *abundosa*, he para significarmos o excesso, a plenitude da abundancia. Os pastos são *abundantes*, quando queremos exprimir a actual producção de hum paiz, relativamente aos rebanhos, que alimenta: e são *abundosos*, quando quere-

mos exprimir a fecundidade da terra, que os produz em grande abundancia, ou a plenitude da actual producção, &c.

115

### **Incognito – Desconhecido**

*Incognito* he precisamente o que não he conhecido. *Desconhecido* diz-se tambem daquillo que deixou de ser conhecido; daquillo que outr'ora se conheceo, e de que depois se perdeu o conhecimento.

Terras *incognitas* são aquellas, que nunca forão descobertas, nem conhecidas: mas huma terra, huma villa ou cidade póde haver soffrido taes alterações e mudanças, que venha a dizer-se *desconhecida* daquelles mesmos, que em outro tempo a conhecêrão.

O Messias não era *incognito* aos Judeos; mas foi *desconhecido* delles, quando veio.

*Desconhecemos* hum amigo, que depois de larga ausencia e varios trabalhos, se nos apresenta demudado. *Desconhecemos* os nossos deveres, quando obrámos, como se os não conhecessemos, ou como se deixassemos de os conhecer. *Desconhece-se de homem, o que não sabe perdoar*, diz Arraes, Dial. 5.º, cap. 4.º

A particula *in* na composição dos adjectivos exprime muitas vezes a simples negação da qualidade significada pelo adjectivo não composto. A particula *des* nos mesmos casos exprime a separação, a perda dessa qualidade, ou que ella foi tirada ao objecto, ou que o objecto decahiu della, &c.

Assim, *ser inanimado* he o que não tem alma: e *ser desanimado* he aquelle que está como se perdêra, ou lhe tirárão a alma.

*Informe* he o que não tem fôrma: *disforme* o que perdeu a fôrma que tinha; que a tem alterada, ou afeiada.

**Inhabitado** he o lugar ermo, que não tem habitadores: **deshabitado** he o lugar que já foi habitado e que agora está sem habitantes.

**Inculpado** he o homem que não tem culpa: **desculpado** he o que se justificou da culpa que lhe imputavão, que se mostrou isento della, &c., &c.

**Pedir — Orar — Exorar — Rogar — Supplicar — Implorar**  
**Obsecrar — Demandar — Requerer — Exigir**

**Pedir** he de todos estes vocabulos o mais generico, isto he, que não especifica nem a cousa que se pede, nem o modo com que se pede, nem a pessoa a quem se pede. **Pedimos** huma graça: **pedimos** justiça: **pedimos** o que se nos deve: **pedimos** a Deos: aos homens, em juizo, ou fóra delle, &c., &c.

**Orar** he *pedir a Deos*, diz Vieira, *Sermão do Rozario*, tom. 2.º, pag. 239.

**Exorar** he demover, conseguir com supplicas; pedir afincadamente de maneira que alcancemos o que pedimos.

**Rogar** he pedir por graça e mercê.

**Supplicar** he pedir humildosamente, pedir com submissão, pedir de joelhos.

**Implorar** he pedir com lagrimas, pedir com grande ardor.

**Obsecrar** he pedir por alguma cousa sagrada, ou mui respeitavel.

**Demandar** he pedir por e com direito; pedir em juizo. *Pedir a quem me deve* (diz Vieira, *Sermão do Rozario*, tom. 1.º, pag. 476) *mais he demandar, que pedir.*

**Requerer** he pedir ao magistrado, ao superior, ao principe o que segundo a lei nos deve ser concedido.

*Exigir* he pedir com auctoridade, pedir como divida, talvez pedir por força. Deos *exige* de nós obediencia e amor — a amizade *exige* correspondencia — o principe *exige* tributos, &c.

### Superioridade — Auctoridade — Poder — Soberania — Senhorio

*Superioridade*, no sentido em que aqui o considerá-mos, exprime aquella relação, pela qual huma pessoa se considera em mais alto gráo que outra, ou seja nos talentos, ou nas forças, ou na excellencia, ou no poder, ou em qualquer outra cousa. Hum homem he *superior* a outro em litteratura, em virtudes, em gentileza, em nobreza, em valor, &c., &c.

*Auctoridade* he a *superioridade* legal, isto he, a *superioridade* estabelecida pela lei da natureza, pela lei divina positiva, pela lei humana, ou pela lei da opinião. O pai tem *auctoridade* sobre o filho pela lei da natureza: o bispo sobre os seus diocesanos pela lei divina: o magistrado sobre os seus subditos pela lei humana: o mais velho sobre o mais moço, ou o douto sobre o ignorante pela lei da opinião.

*Poder* he *auctoridade* com força de se fazer respeitar, e obedecer.

*Soberania* he *auctoridade* com *poder* independente sobre huma nação, ou povo inteiro.

*Senhorio* he *auctoridade* com dominio.

### Infante — Menino — Criança

*Infante* he o individuo da especie humana, de tão tenra idade, que ainda não fala, ou não pronuncia bem

o que fala (do Latim *infantia*, carencia da palavra). O tempo da *infancia* costuma contar-se desde o nascimento do homem até aos sete annos de sua idade.

*Menino* ou *menina* he o individuo da especie humana na sua puericia, isto he, desde os sete annos, até que apparecem os sinaes da puberdade.

*Criança* he o individuo masculino, ou feminino de qualquer especie de animal, emquanto se anda criando, e por isso se diz tambem do animalzinho ainda no ventre da mãe. Hoje quasi que sómente applicamos este vocabulo aos individuos da especie humana; mas o seu uso, em sentido mais extenso, he fundado na derivação, e na auctoridade dos classicos, e não merece ser antiquado.

#### **Enganar — Embair — Seduzir — Illudir**

*Enganar* he simplesmente induzir alguem em erro: exprime qualquer genero de *engano*, sem qualificação alguma. *Engandmos* a outrem innocentemente; *engandmos* com malicia e de proposito; *enganámos* com palavras, ou acções, &c. &c.

*Embair* he *enganar* com impostura, com embustes, com emblecos, com mentiras, &c. Os Judeos dizião de Jesu-Christo que era *embaidor*. Arraes, Dial. 3.º, cap. 34.º, e Dial. 7.º, cap. 20.º

*Seduzir* he *enganar*, trazendo para o mal com conselhos avessos, com insinuações, com exemplos, &c.

*Illudir* he *enganar* com falsas apparencias — *enganar* como por jogo e zombaria — *enganar* mostrando os objectos debaixo de côres enganosas e alheias da verdade, &c.

**Figura — Fôrma**

A *figura* dos corpos he determinada pelas suas superficies e contornos, isto he, pelos limites externos da sua extensão. A *fôrma*, pela construcção e arranjo das partes.

Dizemos *figura* de homem, de elefante, de leão, *figura* oitavada, quadrangular, oblonga, &c., e dizemos *fôrma* solida, macissa, delicada, simples, &c.

Muitas vezes dizemos tambem *fôrma* por *figura*; porque em realidade a *figura* depende da *fôrma* externa, ou nella mesma consiste; mas não podemos dizer *figura* por *fôrma*.

No sentido figurado observa-se huma differença analogica entre estes dous vocabulos. V. gr., empregámos *figura* para significar o aspecto, ou apparencia externa do negocio, da empreza, &c., quando dizemos que elle ou ella estão em boa ou má *figura*: e usámos de *fôrma* para exprimir tudo aquillo que he susceptivel de algum arranjo de partes, v. gr., a *fôrma* do governo, a *fôrma* das eleições, a *fôrma* da administração, &c., &c.

**Breve — Curto**

*Breve* diz-se mais propriamente, quando falámos do tempo e da duração. *Curto*, quando falámos da extensão da materia, ou do espaço, considerada na sua longura.

He *breve* a vida do homem, *breve* a duração dos seus prazeres, *breve* huma conversação, &c. He *curto* o ca-



minho, *curta* a distancia, *curto* o vestido, *curta* a régua, &c.

Comtudo a duração convem com a extensão e espaço na idéa de continuidade; e a extensão e espaço convem com a duração na idéa de successão: por onde, quando considerámos o tempo com respeito á continuidade, ou o espaço com respeito á successão, as duas noções coincidem perfeitamente, e então usámos bem, e a proposito, de qualquer dos vocabulos. Por isso dizemos que he *curta* ou *breve* a vida do homem; *curta* ou *breve* a duração dos nossos prazeres, *curta* ou *breve* a distancia, o caminho, &c.

Mas algumas vezes considerámos a extensão sem respeito algum á idéa de successão, e nesses casos já nos não he permittido trocar os vocabulos: e por isso dizemos, v. gr., que hum vestido he *curto*, que huma cadeia he *curta*, que huma régua he *curta*, e em nenhuma destas frases podemos usar de *breve* em lugar de *curto*.

A *breve* oppõe-se *longo*. A *curto* oppõe-se *comprido*.

## 122

**Semelhança — Analogia**

Dizemos que ha *semelhança* entre dous objectos, quando não conhecemos, ou não sabemos determinar a sua differença. *Semelhança* pois he essa identidade, que nos parece observarmos entre duas cousas, naquillo porque ellas se costumão differencar.

*Analogia* he huma especie de *semelhança*: he a *semelhança* de razão, que se funda na *semelhança* das cousas, e faz que das causas, effeitos e relações de huma concluamos as causas, effeitos e relações da outra.

Hum homem costuma differencar-se de outro homem pela figura, pelo talhe, pelas feições, pelos dotes do es-

pirito, &c. Se dous homens pois tem, ou nos parece que tem a mesma figura, o mesmo talhe, as mesmas feições, os mesmos dotes de espirito, &c., dizemos que são *semelhantes*, que hæ entre elles *semelhança*.

Os planetas parecem-nos *semelhantes* a este globo da terra, que habitámos; fazem *semelhantes* revoluções diarias á roda do seu eixo, e annuas á roda do sol, &c. D'aqui inferimos por *semelhança de razão*, que assim como na terra ha habitantes, tambem os haverá nos outros planetas. Isto se chama *analogia*, ou discurso por *analogia*.

A *analogia* deve ter por base a semelhança real dos objectos. Quando esta he meramente de apparencia, a *analogia* he falsa e nos conduz ao erro.

## 123

## Justificação – Apologia

A palavra *justificação* exprime litteralmente a acção de fazer justo, isto he, de mostrar justo aquillo, de cuja justiça se duvidava, ou podia duvidar.

A palavra *apologia* exprime litteralmente o discurso que se faz em defensão de alguém, ou de alguma cousa.

A *justificação* pois mostra a justiça: a *apologia* intenta mostral-a.

A *justificação* he o fim da *apologia*, e he tambem o seu effeito e resultado, quando a *apologia* he convincente e victoriosa. A *apologia* he o meio que se emprega para a *justificação*.

Demais, a *justificação* nem sempre suppõe accusação: basta que alguém receie ser accusado, ou se lembre que o póde ser, para tractar de *justificar* o seu procedimento. A *apologia* he discurso em defensão, e consequentemente em rigor suppõe accusação.

O accusado faz a sua *apologia*, quando intenta mostrar-se innocente. O accusador póde alguma vez querer *justificar* a sua propria accusação.

Finalmente, a *justificação* póde fazer-se por factos, instrumentos, testemunhas, e por qualquer outro genero de argumentos, ou provas. A *apologia* he propriamente defensão por meio do discurso, aindaque no uso vulgar nem sempre se toma neste rigor.

### Erro — Illusão — Allucinação

Todos estes vocabulos exprimem hum juizo falso que fazemos sobre qualquer objecto : mas o *erro* nasce principalmente de não analysarmos bem as idéas : a *illusão* nasce de tomarmos as apparencias pela realidade ; a *allucinação* nasce de não estar livre, tranquilla e senhora de si a potencia que julga.

D'aqui vem, que attribuímos mais communmente o *erro* ao proprio entendimento, á sua fraqueza, imperfeição, ou inadvertencia : a *illusão*, aos sentidos, á imaginação, a tudo o que transforma os objectos e lhes dá falsas apparencias : a *allucinação*, á preocupação, ás paixões, a tudo o que perturba a nossa alma, faz hum certo desarranjo nas potencias intellectuaes, e as offusca, ou obscurece, ou lhes impede o seu livre exercicio.

As idéas obscuras, confusas, inexactas, superficiaes, emfim mal analysadas, induzem-nos em *erro*. Estas causas residem no proprio entendimento.

Os sentidos, a imaginação, as preocupações, as paixões, os homens *illudem-nos*, ou nos *allucinão*, mas com esta differença, que, quando nos *illudem*, offerecem-nos apparencias mentirosas ; abuso dos objectos : quando nos *allucinão*, perturbão a razão, offuscão as suas luzes,

impedem-lhe o exame; abusão, por assim o dizer, da potencia.

### Beijos – Labios

*Beijos* são os dous órgãos do rosto do homem, e de alguns animaes brutos, que cobrem os dentes, formão com a sua abertura a entrada da bôca, e com seus variados movimentos fazem na fysionomia humana mudanças mui características e mui expressivas dos sentimentos e paixões do homem. (Latim *labium*, *labia*.)

*Labios* são extremidades, ou bordas daquelles órgãos. (Latim *labrum*, *labra*.) E daqui vem, que no sentido figurado dizemos mais ordinariamente os *labios* do que os *beijos*, v. gr., da ferida, da chaga, de hum vaso, &c.

*Beijos* he mais usado na linguagem vulgar: *labios* na linguagem anatomica e scientifica.

### O homem – Os homens

*Os philosophos* (diz hum sabio) *ordinariamente conhecem muito melhor* o homem, que os *homens*.

Nesta e em outras semelhantes frases, *o homem* refere-se á essencia: *os homens* ao estado. *O homem* entende-se por toda a comprehensão da idéa da natureza humana: *os homens*, por toda a extensão dessa idéa, isto he, pela collecção de todos os sujeitos, a quem ella compete. *O homem* entende-se tal qual elle he, attenta a sua natureza e as suas relações essenciaes: *os homens*, entendendo-se quaes elles são em realidade, attenta a sua natureza facticia (se assim podemos explicar-nos) e as suas relações accidentaes e artificiaes. *O homem* finalmente

entende-se o typo original da natureza humana: *os homens* entende-se esse typo alterado por innumeraveis accessorios, que ás vezes o tornão quasi desconhecido a si mesmo e aos outros.

Neste sentido dizia outro filosofo «*o homem* he bom, mas *os homens* são maus».

A philosophia diz-nos o que he *o homem*; mas a historia he que nos dá a conhecer *os homens*, e talvez melhor que ella, o tracto e conversação com elles, acompanhado de séria e sizuda reflexão.

**Mau grado — Apezar — A despeito — Não obstante  
Sem embargo**

Todos estes vocabulos exprimem a relação de huma opposição, ou resistencia inefficaz, que nem se attende, nem impede, que a cousa seja, ou se faça, como a proposição principal enuncia.

Mas a opposição ou resistencia póde vir das pessoas, ou das cousas, e em hum e outro caso póde ter seus grãos. Estas differenças são as que caracterizão a significação particular de cada hum dos ditos vocabulos.

*Mau grado* suppõe, propriamente falando, opposição ou resistencia de alguma pessoa, que não leva a bem, que não leva em gosto isso de que se tracta; que o terá em desg rado. *Mau grado* vosso farei o que tenho resolvido, quer dizer, *aindaque isso vos desagrade, &c.*: *aindaque o não leveis em gosto, &c.*, logremos a vida, *mau grado* á fortuna, &c.

*Apezar* suppõe opposição mais forte de alguma pessoa, a quem se causará não só desg rado, mas *pezar*, e magoa com isso que se quer fazer. *Apezar* vosso fostes emfim vencido — Sahirei com a minha,

*apezar* de quem m'o quer contrariar, isto he, *em que lhe pez*, &c.

A *despeito* suppõe huma grande opposição das pessoas, ou das cousas, e exprime de mais, que essa opposição não só he desattendida, mas desdenhada e desprezada. O homem de coração corrompido pratica o mal *a despeito* do proprio dever, *a despeito* das leis, dos clamores da consciencia, da auctoridade, &c., isto he, *em desprezo* do dever, das leis, &c. Tal nos parece ser a verdadeira energia de *despeito*, que julgámos derivado do Latim *despectus*, bem como *conceito* de *conceptus*, *respeito* de *respectus*, &c., e tal nos parece ser a sua força de significar no bello periodo de Vieira, *Sermão das Exequias de D. Maria de Ataide*: «Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo *despeito*, com que piza igualmente os palacios dos Reis, e as cabanas dos pastores».

*Não obstante* exprime huma opposição de cousas, ou de circumstancias, que *obstão* directamente ao intento; que o impugnão de frente; emfim, que lhe põem hum *obstaculo*. O general venceo, *não obstante* a superioridade do inimigo: commettem-se crimes nos templos, *não obstante* a santidade do lugar, &c.

*Sem embargo* suppõe huma resistencia menor das cousas, ou das circumstancias, que difficultão a cousa; que lhe põem algum *embaraço*, ou impedimento. Os poderosos levão sempre a sua avante, *sem embargo* das protestaões dos fracos: o verdadeiro sabio prosegue firme em seu proposito, *sem embargo* das insensatas reflexões do vulgo, &c.

*Embaraço* diz menos que *obstaculo*, assim como *embargar* menos que *obstar*: e por isso *não obstante* se empregará para exprimir huma opposição mais forte; e *sem embargo*, para exprimir huma opposição menor e mais facil de se vencer.

**Fecundo — Fertil**

*Fecundo* refere-se á potencia natural de produzir abundantemente.

*Fertil* refere-se á actualidade da producção abundante.

Dizemos que hum terreno he *fecundo*, isto he, capaz de dar grande producção: e dizemos que o anno foi *fertil*, isto he, que as terras produzirão bem; que houve abundancia de fructos.

A *fertilidade* ostenta as riquezas da *fecundidade*.

Confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos no uso vulgar, já porque a *fecundidade* e *fertilidade* tem entre si estreitissima e necessaria relação, como causa e effeito; já porque o povo, considerando as terras, não como filosofo, mas sim como cultivador, sómente attende aos resultados da *fecundidade*, que consistem na effectiva producção e se manifestão pela *fertilidade*. Mas o filosofo, o fysico nunca jamais confundirá estes termos, porque sabe que hum terreno, hum animal, ou huma especie de animaes he *fecunda*, quando tem todos os principios necessarios para dar huma abundante producção, ou geração; e que o terreno ou o animal só he *fertil*, quando esses principios se desenvolvem e produzem o seu effeito.

A mesma differença se observa no sentido figurado. O *genio* he *fecundo*, isto he, capaz de criar, de produzir. O escriptor he *fertil* pela abundancia de suas producções. Huma grande verdade he *fecunda* em consequencias. O homem de estado, em tal situação de negocios, mostra-se *fertil* em recursos.

Quem diz que huma nação, v. gr., tem sido *fertil* em grandes acontecimentos, exprime simplesmente, que

nessa nação tem havido muitos desses acontecimentos. Quem diz que ella tem sido *fecunda*, exprime, que a nação tem em si e na sua organização politica principios proprios para produzirem taes acontecimentos. No primeiro caso, podem estes ser effeito de algum feliz concurso de circumstancias casuaes: no segundo, são sempre resultados da influencia do governo, das leis, dos costumes, do espirito publico, &c.

### Adjectivo – Epitheto

Na lingua Grega *epitheto* diz o mesmo, que na Latina *adjectivo*, e significão vocabulo *apposto*, ou *ajuntado* ao substantivo para modificar a sua significação. Neste sentido generico póde-se dizer que os dous vocabulos coincidem exactamente hum com o outro.

Considerando porém o uso mais particular, que se faz de cada hum delles, *adjectivo* he termo da Grammatica e da Logica; *epitheto* he termo da Eloquencia e da Poesia.

As primeiras duas artes considerão o *adjectivo* como exprimindo huma qualidade do substantivo, necessaria para modificar e determinar a sua idéa. As outras duas considerão o *epitheto*, como exprimindo huma qualidade do substantivo, conveniente para vestir, ornar, pintar e pôr vivamente presente a sua idéa.

O *adjectivo* completa a idéa do nome e o sentido da proposição: he necessario. O *epitheto* faz mais viva, mais pittoresca, mais animada a idéa, dá vivacidade e energia ao discurso: he util e conveniente.

O *adjectivo* acaba a imagem do objecto: o *epitheto* dá-lhe o colorido. O espirito justo emprega o *adjectivo* mais proprio: a imaginação brilhante emprega o *epitheto* mais expressivo.



Se tirámos o *adjectivo*, a proposição muda de termos: se tirámos o *epitheto*, a proposição fica sem ornato, sem graça, sem energia.

«O homem *justo* he digno da immortalidade», o *adjectivo justo* determina a idéa principal e completa o sujeito da proposição. Tirado esse *adjectivo*, o sujeito muda e a proposição he falsa.

«A *pallida* morte piza com igual despeito os palacios e as cabanas»; o *epitheto pallida* dá huma côr á idéa principal, e quasi pinta aos nossos olhos esse horrído objecto. Tirado o *epitheto*, fica o mesmo sentido, mas a imagem descórada e amortecida.

### Postulado — Axioma

Significação estes dous vocabulos certas proposições, que se põem como indubitaveis no principio de alguma obra, ou discurso scientifico, para dellas nos servirmos a seu tempo em nossos raciocinios ou demonstrações: mas ha entre elles huma differença mui attendivel.

*Postulado* he huma proposição, que pomos como certa, e pedimos se nos conceda como tal, porque o adversario a não deve negar.

*Axioma* he huma proposição, que pomos como certa, por ser evidente em si mesma, e porque o adversario a não póde negar.

*Postulado* vem do Latim *postulare*, que significa propriamente pedir com direito a que se nos conceda o que pedimos.

*Axioma* he vocabulo grego, que significa dignidade, auctoridade: enunciado que tem em si mesmo auctoridade; que he digno de fê; enunciado ou proposição por excellencia.

O *postulado* he huma proposição, que talvez se demonstrou em outro lugar, ou que de tal modo he recebida e reconhecida por todos, que ninguem a deve pôr em duvida.

O *axioma* he huma proposição, que não precisa de demonstração; porque entendidos os termos, não se pôde duvidar da sua verdade.

Quem impugna a primeira, ou ha de duvidar de huma demonstração já feita, ou ha de contrariar o senso commum dos sabios.

Quem impugna a segunda, ou não entende os termos, ou não reconhece verdade alguma nos conhecimentos humanos.

### Ouvir — Escutar

*Ouvir* he sentir o som por meio das impressões feitas no orgão do ouvido.

*Escutar* he prestar ouvido attento: applicar cuidadosamente o ouvido: ouvir com attenção.

*Ouvir* he o Latim *audire*: *escutar* he o Latim *auscultare*.

### Velho — Envelhecido — Envelhentado

*Velho* he o que tem larga idade, relativamente á sua ordinaria duração.

*Envelhecido* he o que se tem feito *velho*: ou está como *velho*: ou tambem, analogamente, o que tem durado largo tempo em algum exercicio.

*Envelhentado* exprime o que está como *velho*, mas refere-se a huma acção estranha, que tem produzido esse effeito.

As modas, costuma dizer-se, que *envelhecem*, antes de serem *velhas*. Os homens *envelhecem* com as afflicções, desgostos, &c.; e essas afflicções e desgostos, as perseguições, os trabalhos, &c., o *envelhentão*.

*Envelhecido* he, na frase dos grammaticos, participio do verbo *envelhecer*, neutro. *Envelhentado*, do verbo *envelhentar*, activo.

Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. 1.<sup>a</sup>, liv. 5.<sup>o</sup>, cap. 2.<sup>o</sup> «O Padre Fr. Pedro de Montemór, *velho* na idade, e *envelhecido* em virtudes», &c.

Jorge Ferreira, *Ulyssipo*, act. 3.<sup>o</sup>, sc. 1.<sup>a</sup>: «Verdade he que não sou tão *velha*, como trabalhos e desgostos me *envelhentarão*».

### Enunciar — Expressar

*Enunciar* he fazer conhecer, dar a saber a outrem o nosso conceito por meio de palavras.

*Expressar* he fazer conhecer a outrem o nosso conceito por qualquer modo, e isso da maneira mais significativa, mais energica e mais propria para imprimir-lhe no espirito a imagem do objecto, que queremos fazer conhecer.

*Enunciar* vem do Latim *enuncio*, dar a conhecer, produzindo fóra. *Expressar* vem do Latim *exprimo*, produzir fóra *imprimindo*, gravando, pintando ao natural.

Para *enunciarmos* bem o nosso pensamento, basta expôr o seu objecto em termos claros, intelligiveis, precisos. Para o *expressarmos* he necessario fazer sensivel o seu objecto, ou empregando termos cheios de força, energia e calor; ou ajuntando aos termos qualquer outro meio, que suppra essas qualidades.

*Enunciar* pertence á arte de falar. *Expressar* pertence

à arte de falar eloquentemente, e também às outras artes, em que he essencial a *expressão*.

A primeira contenta-se com desenhar exacta e precisamente a idéa. As segundas dão-lhe côr, vida e alma: pintão a idéa e o sentimento.

O povo *exprime-se* muitas vezes melhor do que se *enuncia*, porque sabe pouco para se enunciar bem; e sente profundamente para pintar ao vivo o seu estado d'alma.

O estrangeiro, que não sabe a lingua para se *enunciar* bem, serve-se muitas vezes do gesto, ou de imagens sensíveis, e *exprime* por esse modo com mais energia o seu pensamento, &c.

### Linguagem — Lingua — Idioma — Dialecto

*Linguagem* exprime em geral qualquer meio natural ou artificial, de que nos servimos para comunicar aos outros os nossos pensamentos. O gesto, a palavra, a pintura, a escriptura, &c., são especies de *linguagem*.

*Lingua* he outra especie de *linguagem*: he o modo particular de comunicar os nossos pensamentos por meio da palavra.

Todas as *linguas*, tendo por objecto pintar as idéas, devem seguir certas leis constantes e invariaveis, sem o que a pintura não será verdadeira, nem fiel. Estas leis constituem o que se chama *Grammatica universal*. Mas assim como na arte da pintura os artistas, havendo de representar o mesmo objecto, se accommodão comtudo às maneiras, fórmãs e estilo particular da sua escola, assim também na pintura do pensamento, os differentes povos, sem se desviarem das leis fundamentaes da natureza, seguem todavia suas particulares maneiras, fórmãs e estilo, cujas regras constituem a *Grammatica particu-*

*lar* de cada *lingua*. As *linguas*, consideradas debaixo deste segundo aspecto, tomão o nome de *idiomas*, derivado de hum vocabulo grego, que significa o que he *proprio* e peculiar de alguém, ou de alguma cousa. Assim dizemos *a lingua Portuguesa*, ou *o idioma Portuguez*, significando no primeiro caso, em geral, a applicação que os Portuguezes, bem como os outros povos, fazem do dom da palavra, para communicarem os seus pensamentos: e significando no segundo caso, em particular, as fôrmas, maneira, e estilo nacional e proprio, com que executão o quadro do pensamento e modificão as leis da Grammatica universal pelas da sua propria Grammatica.

*Dialecto* he o *idioma* de hum povo, que fala huma *lingua* commum a outros povos, mas que tendo os mesmos vocabulos, a mesma construcção, e até as mesmas fôrmas substanciaes, differe comtudo delles, ou na pronunciação, ou em algumas fôrmas meramente accidentaes, ou em certos usos peculiares e subalternos. A *lingua* Grega nos offerece, nos seus differentes *dialectos*, hum exemplo bem sensivel do que aqui dizemos.

*Linguagem* he de todos estes vocabulos o mais generico. Tudo o que exprime os nossos pensamentos he huma especie de *linguagem*.

Os outros tres vocabulos convem com *linguagem* na idéa commum de exprimir o pensamento; mas determinão além disso o modo dessa expressão, que he por meio da palavra. Elles mesmos porém differem entre si, segundo o particular respeito, com que os empregâmos.

*Lingua* refere-se em geral ao modo, com que huma nação exprime pela palavra os seus pensamentos, seguindo as leis fundamentaes da Grammatica universal. Todas as *linguas* tem vocabulos que exprimem substancias, qualidades, relações, &c. Todas as *linguas* tem huma syn-

taxe, huma prosodia, &c. Os dictionarios mostram os vocabulos de que se compõe huma *lingua*, &c., &c.

*Idioma* exprime hum modo particular de considerar as *linguas*, isto he, com relação aos usos particulares, que modificão a Grammatica universal. Nem todos os *idiomas* declinão os nomes por casos: nem todos tem o mesmo numero de proposições, adverbios, &c.: nem todos tem o mesmo systema de tempos, &c., &c.

Finalmente quando huma nação se compõe de muitos povos, que tiverão a mesma origem, ordinariamente esses povos falam huma *lingua* commun, isto he, composta dos mesmos vocabulos, das mesmas formas geraes, da mesma syntaxe: mas ás vezes cada povo adopta certas variedades accidentaes, que não constituindo differente *idioma*, fazem comtudo hum differente *dialecto* do mesmo *idioma*. Taes forão, como dissemos, os Gregos, e taes são ainda hoje alguns povos da Italia, da Allemanha, &c.

## 135

## Sociavel – Social

A terminação em *avel* nos adjectivos portuguezes exprime quasi sempre a idéa de potencia, virtude, força, capacidade, e propriedade natural da pessoa ou cousa. He a terminação latina *abilis*, que significa litteralmente «o que possui a virtude de...».

Assim dizemos *amavel*, *respeitavel*, *estimavel*, &c., o que possui a potencia, a virtude, a propriedade, a dignidade de se fazer amar, respeitar, estimar, &c.

A terminação em *al* exprime ordinariamente a idéa do que he dependencia, accessorio, pertença, effeito, ou circumstancia de alguma cousa. Assim dizemos *natural* o

que pertence á natureza, ou lhe diz relação, &c.; *moral*, o que diz respeito aos costumes, ou delles depende; *casual*, o que he, ou parece effeito do acaso; *substancial*, o que pertence ou diz respeito á substancia, ou he accessorio della, &c., &c.

Segundo pois a differença destas terminações, *sociavel* quer dizer o que tem potencia, força, capacidade, ou virtude natural de viver em sociedade; o que tem disposições naturaes que o sollicitão para o estado de sociedade. *Social* quer dizer o que pertence, diz relação, ou respeito á sociedade; o que he dependencia, accessorio, effeito, ou circumstancia do estado de sociedade.

O homem he *sociavel*, e por isso em nenhuma parte da terra se tem descoberto homens, que não vivão no estado *social*, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos aperfeiçoado.

Todas as disposições fysicas e moraes mostram que a natureza o sollicita para o estado de sociedade, de tal maneira que elle não poderia viver, nem conservar-se, nem desenvolver as suas mais nobres faculdades fóra desse estado. O homem pois he essencialmente *sociavel*. O pretenso *estado natural*, que alguns auctores parece terem querido pintar-nos como estado primitivo do homem, he huma quimera.

O homem porém não pôde conceber-se no estado de sociedade sem certas relações com os seus semelhantes, sem certos deveres para com elles. Essas relações e deveres são *sociaes*. Nesse mesmo estado, e á proporção que elle se vai aperfeiçoando, desenvolvem-se no coração humano certos sentimentos, o homem adquire certas virtudes, governa-se por leis, usos, praticas e opiniões, &c. Estas opiniões, usos, leis, virtudes, &c., são *sociaes*. A amizade, a generosidade, o amor da gloria, &c., são sentimentos *sociaes*.

**Oppugnar – Expugnar**

*Oppugnar* he atacar para render, v. gr., huma praça, huma fortaleza, huma cidade.

*Expugnar* he render e tomar: render vencendo, e tomando á força de armas

Do Latim *oppugnare*, e *expugnare* com a mesma differença de significação.

**Impugnar – Propugnar**

*Impugnar* he pugnar contra. *Propugnar* he pugnar a favor, pugnar defendendo, contra os que *impugnãõ*.

Usão-se sómente no sentido figurado. *Impugnâmos* huma opinião, hum ponto de doutrina, hum parecer, &c., quando disputâmos contra elle. E *propugnâmos* a favor dessa opinião, parecer, ou doutrina, quando a defendemos contra os que a *impugnãõ*.

**Êmulo – Competidor – Rival**

*Êmulo* significa precisamente aquelle, que reputando-se inferior a outrem em qualquer genero de merecimento, faz esforço por o igualar: ou talvez, que julgando-se igual, trabalha pelo exceder.

*Competidor* he o que achando-se, ou reputando-se em igualdade de circumstancias a respeito de outrem, aspira á mesma cousa, e esforça-se a conseguil-a. (Do Latim *com-*



*petere*, pedir, ou pretender ao mesmo tempo, em concorrência.)

*Rival* he aquelle, que não só entra em competencia com outrem sobre o mesmo objecto, mas combate, se necessario he, e emprega todos os meios para supplantar o seu contrario, e ficar senhor do objecto da sua rivalidade. (Do Latim *rivalis*, donde *rivalitas*, que se toma sempre em mau sentido.)

O *émulo* nem deprime o seu adversario, nem lhe diminue o merecimento, antes muitas vezes o exalta para conseguir maior gloria igualando-o, ou superando-o.

O *competidor* pretende o mesmo lugar, o mesmo emprego, a mesma distincção, o mesmo objecto, porque se julga igual ao seu competidor; mas como esse objecto se não pôde dividir, supporta com bom animo a decisão da sorte, se lhe he adversa, e espera nova occasião de entrar na liça.

O *rival* não se satisfaz senão vencendo: quer ser feliz a despeito do seu rival, e em detrimento d'elle: disputa a prêa com todo o esforço e por todos os meios, até abater e humilhar o seu contrario.

A *emulação* he mui propria dos corações generosos. O mancebo nas escolas, o militar nos exercitos, o sabio nas academias pôde ser animado deste sentimento, sem offensa da honra e da virtude. Hum bom governo deve excital-o entre os cidadãos para os animar a cousas grandes.

A *competencia* aos empregos, honras e distincções publicas pôde muito bem conciliar-se com o honrado desinteresse, moderação e modestia. A nenhum homem he vedado sentir a sua propria dignidade e merecimento, e pretender por meios razoaveis e legitimos aquillo que o pôde fazer util á sociedade e a si mesmo.

A *rivalidade* he incompativel com a benevolencia que devemos aos nossos semelhantes. He huma paixão vio-

lenta, que produz a cada passo inimizades e odios inextinguíveis, e que não poucas vezes tem arruinado nações inteiras. A *rivalidade* participa algum tanto da *inveja*; mas não he vil como ella, antes tem a sua origem no orgulho e altivez natural do coração humano.

Cicero e Hortencio forão *émulos* na carreira da eloquencia. Os candidatos que se apresentavão na eleição de algumas magistraturas romanas erão *competidores*. Cezar e Pompeo forão *rivaes* na pretensão do supremo imperio.

Dous artistas eminentes podem ser *émulos*. Dous sabios que concorrem a algum premio academico são *competidores*. Dous amantes da mesma mulher são *rivaes*.

O *emulo* vai ordinariamente após o seu *emulo*. O *competidor* a par do *competidor*. O *rival* contra o seu *rival*.

### Orgulho – Vaidade – Presumpção – Vangloria

O *orgulho* he o sentimento habitual, que resulta em nós da alta idéa que fazemos da grandeza e superioridade do nosso merecimento, e que nos inclina a julgar-nos dignos do respeito, admiração e louvor dos outros, e talvez a menosprezal-os.

A *vaidade* he o sentimento habitual, que nos inclina a fazer alardo e ostentação dos nossos merecimentos, ou reaes, ou imaginarios, e a pretender por elles os applausos dos outros.

A *presumpção* he o sentimento habitual, que nos inspira huma confiança excessiva, e talvez temeraria, nas nossas forças, e nasce de nos attribuirmos talentos, ou qualidades que não temos, ou que só temos em grão muito inferior ao que pensámos.

A *vangloria* he o sentimento habitual, que nos inclina

a nos estimarmos em muito, e a pretender a estimação dos outros, por nos suppormos com merecimento para isso; mas fazendo consistir esse merecimento em cousas pequenas, futeis, frivolas e talvez estranhas; em dotes meramente exteriores; emfim em qualidades taes, que não fazem o homem melhor, nem constituem o verdadeiro e solido merecimento.

O *orgulhoso* pensa exageradamente do seu merecimento.

O *vaidoso* gaba-se e jacta-se de ter merecimento.

O *presumpçoso* confia nimiamente em si.

O *vanglorioso* faz consistir o seu merecimento em cousas, que ou lhe não pertencem, ou nada valem.

O *orgulhoso* quer parecer contentar-se com a alta estima, que tem de si mesmo: affecta isenção e talvez soberberia a respeito dos outros, mas nem por isso deseja menos que o estimem e respeitem, nem julga que haja outrem, que melhor o mereça.

O *vaidoso* derrama-se nos louvores proprios: he mais dependente da opinião e dos applausos dos outros: quer que todos se occupem d'elle e do seu merecimento, e não perde occasião de alardear o que tem, ou de affectar o que não tem.

O *presumpçoso* confia tudo de si, porque avalia exageradamente as suas forças: de tudo fala, e em tudo dogmatiza com ar magistral: rejeita os pareceres, os conselhos, os auxilios alheios; e não poucas vezes vê malogradas suas emprezas, porque ellas são em realidade superiores aos seus meios.

O *vanglorioso* he definido pelo seu proprio nome: põe a sua gloria em cousas vãs: applaude-se, por exemplo, da nobreza da sua familia, dos seus avoengos, dos seus protectores, dos seus dinheiros, dos seus amigos: gaba-se de ser festejado, complimentado, querido, &c., emfim quer supprir o merecimento real, que lhe falta, pela

posse, ás vezes imaginaria, de vantagens, que o não suprem. He o grou da fabula enfeitado com alheios ornamentos.

140

### Immune – Isento – Immuidade – Isenção

*Immune* he vocabulo de significação negativa: exprime o que não tem cargo. (Do Latim *immunis*, isto he, *sine muniis*, o contrario de *com-munis*, cargo, que a todos toca.)

*Isento* he vocabulo de significação positiva: exprime o que he tirado, separado, remido da obrigação, ou cargo commum. (Do Latim *eximo*, tirar, livrar, exceptuar de...)

Parece pois que *immune* he propriamente o que de si mesmo, e como por sua propria natureza, ou por alguma qualidade inherente, não he obrigado aos cargos communs, ou não he sujeito a certos onus, ou goza de certas prerogativas, que o distinguem do commum: e *isento*, o que sendo obrigado a esses cargos e onus, e pertencendo, por assim dizer, ao commum; he comtudo exceptuado, separado, distinguido por privilegio e graça.

Esta differença acha-se igualmente nos substantivos *immuidade* e *isenção*.

*Immuidade* exprime huma qualidade do objecto: esta he a força da sua terminação. *Isenção* exprime huma acção.

*Immuidade* suppõe huma propriedade particular no objecto, hum destino especial, huma especie de consagração, que como de sua natureza põe esse objecto fóra da regra geral, que abrange a todos os mais.

*Isenção* suppõe huma acção estranha, que por graça e favor dispensa o objecto da obrigação commum, a que aliás era sujeito.

Os templos são *immunes*, gozão de *immuidade*, pela

sua consagração e especial destino, como lugares, em que Deos habita e he adorado.

Muitos cidadãos são *isentos*, tem *isenção* de alguns cargos e obrigações communs, por privilegios, que os principes lhes concedêrão, em attenção a seus relevantes serviços.

Algumas destas *isenções* tem sido, em diferentes tempos, concedidas aos ministros da Religião, com respeito ao seu character, á sua consagração, e á dignidade, que os distingue do commum dos cidadãos. Por este motivo, pôde ser, tomárão tambem o nome de *immunidades*.

Por isso mesmo que *immunidade* exprime huma qualidade; a sua significação recahe mais propriamente sobre os objectos, que della gozão, e não requer necessariamente hum complemento. Pelo contrario *isenção* não tem sentido determinado, emquanto se lhe não ajunta esse complemento. Os lugares sagrados gozão de *immunidade*. Os bens ecclesiasticos tem gozado *isenção de alguns tributos, &c.*

#### Seara — Mêsse

*Seara* quer dizer os pães já nascidos nos campos, ou crescidos, mas ainda não maduros: e ás vezes se toma pelos campos semeados, principalmente de grãos frumentaceos. (Latim *seges*.)

*Mêsse* quer dizer os pães já maduros, e a ponto de se colherem: ou tambem a propria ceifa. (Latim *messis*.)

As *searas* estão boas, quando os pães nascem bem, ou se vão criando e crescendo bem. As *mêsses* são abundantes, quando os pães estão bem criados e chegados á sua madureza, e só falta ceifal-os e recolhel-os.

*Seara* diz relação mais immediatamente á *sementeira*

e ás suas proximas consecuencias: do Latim *sero*. *Messe*, á colheita e ao objecto della: do Latim *meto*.

*Seara* he termo mais usual, tanto no sentido proprio, como no figurado. *Messe* he menos vulgar, e por assim dizer, mais scientifico, e emprega-se com especialidade no sentido religioso, isto he, quando se fala da *messe evangelica*, alludindo ao lugar do Evangelho de S. Matheus, ix, 37.º Assim Lucena, *Vida de Xavier*, liv. 3.º, cap. 9.º «sendo pois ... grande a copia da *messe*, e igual a falta dos obreiros», &c.

#### Usura — Onzena

*Usura* exprime em geral o avantajado lucro, que se tira do uso de alguma cousa, e mais em particular o avantajado lucro, que se tira de alguma negociação, e especialmente do dinheiro, que se dá a outrem a ganho.

*Onzena* exprime *usura* immoderada e illegitima.

*Usura* não envolve necessariamente a idéa da illegitimidade do lucro. *Onzena* encerra necessariamente essa idéa.

*Usura* he por consequencia empregado muitas vezes em bom sentido. *Onzena* sempre significa huma acção criminosa.

#### Absolver — Remittir — Perdoar

*Absolver* he litteralmente desligar o accusado dos laços que o prendião.

*Remittir* he desistir, em todo, ou em parte, daquillo que com direito se podia exigir de alguém.

*Perdoar* he, segundo a força do vocabulo, dar ou doar

perfeitamente; dar sem restricção e sem reserva. (Do Latim *per-dono*.)

*Absolver* he acto de hum juiz justo, ou propicio. O seu effeito he restituir o accusado, ou penitente á sua innocencia, e ao gozo dos seus direitos e da sua liberdade.

*Remittir* he acto de moderação, pelo qual alguém renuncia ao seu direito, e deixa de exigir em todo, ou em parte, o que se lhe devia.

*Perdoar* he acto de generosidade, ou de clemencia. O seu effeito he extinguir a especie de separação que ha entre o offensor e o offendido, ou entre o inferior que quebrantou a lei, e o superior que zéla a sua observancia.

*Absolve-se* o accusado. *Remitte-se* a divida, a pena, ou parte della. *Perdoa-se* o crime e a pena.

## 144

## Systema — Theoria

*Systema* exprime propriamente a ordem e arranjo-mento que se dá a hum certo numero de cousas, ou de factos, para fazerem como hum todo: he a unidade, que se introduz na multiplicidade de cousas ou de factos.

*Theoria* exprime propriamente o conhecimento real ou hypothetico dos principios, pelos quaes se explicão esses factos, as suas causas, razões e effeitos, e sua reciproca dependencia, e se discorre sobre outros semelhantes.

O arranjo-mento que o celebre naturalista Sueco deo aos diversos e infinitamente variados productos da natureza, reduzindo-os a certo numero de classes, ordens, generos e especies, he hum *systema*.

A explicação, que deo Condillac, de todos os phenomenos do espirito humano, pretendendo achar na sensação a primeira razão, ou principio de todos elles, he huma *theoria*.

Toda a humana sciencia depende essencialmente dos factos: he necessario arranjar-os para evitar a confusão: este he o *systema*. He necessario depois explical-os por principios simplicies e luminosos: esta he a *theoria*.

Neste sentido não he facil confundir *systema* com *theoria*. Mas *systema*, na linguagem scientifica, toma-se tambem muitas vezes por hum arranjo de principios, com que se pretende explicar huma serie de factos, e então parece synonymo de *theoria*.

Comtudo ao vocabulo *systema*, nesta accepção, tem-se ajuntado huma idéa accessoria, que o distingue da *theoria*, e que em certo modo o faz suspeito na linguagem dos sabios.

Chamão *systema* esse arranjo e combinação de principios, quando os principios consistem em proposições geraes e abstractas, em hypotheses arbitrarías, ou em factos suppostos, e ainda não verificados pela observação e experiencia. E chamão *theoria* esse arranjo e combinação de principios, quando os principios são deduzidos de factos reaes, ou antes consistem em certos factos principaes. bem verificados e escolhidos, em que se assomão (por assim o dizer) todos os outros, e que os ligão entre si, mostrão as suas relações e os explicão, fazendo talvez conhecer a dependencia que tem da causa, ou causas, que os produzirão.

Com respeito a esta differença deverão chamar-se *systemas*, v. gr., o de Espinosa, o de Leibnitz, o de Mallebranche, e tantos outros dos antigos e modernos filosofos, que successivamente se tem ido arruinando, como edificios magnificos elevados sobre bases vacillantes e mal seguras. E deverão chamar-se *theorias*, v. gr., as



de Newton, a de Condillac, e as de muitos fysicos e chimicos modernos sobre differentes objectos destas sciencias.

Os *systemas* fundados em principios abstractos, em hypotheses arbitrarías, &c., quasi sempre conduzem ao erro. As *theorias* fundadas em factos, ainda quando não são boas, sempre nos põem no caminho da verdade, e raras vezes os seus desvios nos levarão a consequencias perigosas.

### Começo — Principio — Exordio

*Começo* he aquillo que se concebe, ou he primeiro na extensão ou duração de qualquer objecto. Assim o *começo* do anno he o seu primeiro dia, ou mez: o *começo* da vida, os primeiros annos della: o *começo* do edificio, os primeiros fundamentos que se lanção para o sustentar, &c.

*Principio* tem significação mais extensa, e refere-se não só á duração e extensão, mas tambem á origem e causa intellectual, ou moral de alguma cousa ou acção. Pelo que não só dizemos *principio* do anno, do caminho, do trabalho, &c., entendendo por *principio* o mesmo que *começo*; mas tambem dizemos, v. gr., *principio* do discurso. isto he, a primeira verdade em que elle se funda, a qual muitas vezes não tem sido o *começo* do mesmo discurso: *principio*, de qualquer sciencia ou arte, isto he, as verdades fundamentaes dessa sciencia, ou arte, que não são *começos* della, &c.

*Exordio* significa particularmente aquelle preambulo ou entrada de qualquer obra, fala ou discurso, na qual o orador ou escriptor costuma preparar os seus leitores ou ouvintes para as cousas que ha de dizer-lhes. E por

aqui se vê a differença que ha entre *começo*, *principio* e *exordio*; porquanto não havendo discurso, fala ou livro que não tenha seu *começo*, e que se não funde em algum *principio*, ha comtudo algum, que não tem propriamente *exordio*.

### Futil—Frivolo

Attendendo ao valor primitivo, que estes vocabulos tem na lingua latina, parece que *futil* he o que facilmente se derrama, se dissipa, se evapora: e *frivolo* o que facilmente se quebra e se faz pedaços.

Por onde *futil* significa hum pouco mais que *frivolo*.

Dizemos que he *futil* huma cousa vã, que não tem realidade, que se desvanece como hum sopro, como o vapor fugitivo. E dizemos que he *frivola* huma cousa de pouca monta, de pouco valor, de pouca consistencia, de pouca solidez.

O homem *futil* será aquelle que fala e obra sem razão, e sem reflexão; em frase vulgar, que não diz cousa com cousa, que tudo faz no ar, que nem sabe o que diz, nem o que faz: e o homem *frivolo* será o que diz cousas de pouca importancia, que se occupa de objectos de mui pouco valor, &c.

Hum raciocinio *futil* será aquelle que he vazio de sentido e de razão, que só consta de palavras: e hum raciocinio *frivolo* será aquelle que tem pouca força e solidez, que facilmente se desfaz, que não tem fundamento algum seguro.

Os bens da vida são *frivolos*, tem mui pouca consistencia. As nossas *esperanças* são muitas vezes *futeis*, só existem na nossa fantasia, e dissipão-se como o fumo, &c.

### Achar — Descobrir — Inventar

*Achar* he dar com alguma cousa, topar com ella, ou seja conhecida, ou não, e ou se ande em busca della, ou não.

*Descobrir* he litteralmente *achar* huma cousa, que estava coberta, ou encoberta, ou escondida, ou que não era conhecida. He tirar o véo, a cobertura a alguma cousa.

*Inventar* he *achar*, ou *descobrir* novas relações, novos usos, novas combinações e novas applicações de objectos já conhecidos.

*Achar* he expressão mais vaga e mais indeterminada que *descobrir*. Não determina, se o que *achámos* era ou não já conhecido, nem se o buscavamos, ou não. *Achámos*, v. gr., em caza huma pessoa, que hiamos buscar, e *achámos* ahi outra, ou outras, que não buscavamos. *Achámos* huma cousa que estava coberta, ou escondida; e *achámos* outras, com que topámos, e que estavam patentes. *Acha* a justiça o criminoso, que se tinha escondido, e que ella buscava, e acha no mesmo lugar, ou pelo caminho, pessoas ou cousas, que nem se buscavão, nem estavam escondidas, &c.

*Descobrir* exprime que o objecto, que se *descobre*, estava coberto, ou escondido, ou não era conhecido; mas deixa ainda indeterminado, se o buscavamos de proposito, ou se o *descobrimos* por acaso. Cabral *descobrio* por acaso a terra de Santa Cruz até então encoberta e incognita aos Europeos. Bartholomeu Dias *descobrio* o Cabo da Boa Esperança, que de proposito hia buscar, e que era o objecto da sua viagem, &c.

*Inventar* refere-se especialmente ao uso e applicação das cousas já achadas, descobertas, ou conhecidas, e exprime a acção daquelle que, quasi sempre por meio do proprio trabalho, chega a produzir algum resultado novo, e ainda não existente para nós, na natureza, ou nas artes. O primeiro que observou a virtude do iman, e a sua communicação ao ferro com a mesma direcção respectiva aos polos da terra, foi *descobridor*. O primeiro que fez applicação destes phenomenos já conhecidos á arte de navegar foi *inventor*.

Além das differenças indicadas, se observarmos o uso particular destes tres vocabulos na Historia das sciencias e das artes, parecerá que *achar* se refere mais ordinariamente ás verdades intellectuaes, ou ás relações das idéas; *descobrir*, aos phenomenos, aos factos, aos individuos da natureza; e *inventar* á applicação e uso desses individuos.

*Acha* o geometra a resolução de hum problema: *descobre* o chimico hum novo individuo, ou huma nova propriedade nos individuos já conhecidos: *inventa* o artista huma nova combinação e applicação das cousas já conhecidas, v. gr., huma nova maquina, &c.

Tem-se procurado *achar* a quadratura do circulo; a chimica moderna tem feito utilissimos *descobrimentos*: e estes tem occasionado importantes *inventos* nas artes.

*Achar*, *descobrir* e *inventar* podem ser, e tem sido algumas vezes effeitos do concurso de circumstancias casuaes: mas o acaso favorece muito mais os que *achão* ou *descobrem*, do que os que *inventão*. *Inventar* demanda as mais das vezes hum genio combinador, e capaz de profunda reflexão. O *inventor* trabalha por combinar e applicar utilmente o que outros antes d'elle *acharão*, ou *descobrirão*.

**Sinal – Indicio – Mostra**

O *sinal* significa, e talvez representa e exprime o objecto.

O *indicio* indica, aponta, denota, denuncia o objecto.

A *mostra* faz ver o objecto, aindaque não na sua totalidade; dá a ver huma parte delle.

As palavras são *sinaes* das idéas. As nuvens grossas e carregadas são *indicio* de chuva: as lagrimas são *mostras* de sentimento.

O *sinal* he ou por natureza, ou por instituição ligado com a cousa significada. O *indicio* parece não ter tão necessaria ligação com o objecto indiciado. A *mostra* supõe presente o proprio objecto, mas não o dá a ver todo, não o faz conhecer na sua totalidade.

Em rigor pois *mostra* diz mais que *sinal*, e *sinal* diz mais que *indicio*, aindaque nem sempre no uso vulgar se observão estas differenças.

*Sinal* pôde referir-se ao passado, ao presente e ao futuro. *Indicio* parece mais proprio do presente, ou do futuro, e talvez do passado proximo. *Mostra* he rigorosamente expressivo do objecto presente.

**Lisonja – Lisonjaria**

A differença destes dous vocabulos deve deduzir-se da terminação do segundo.

A terminação em *aria* exprime em muitos vocabulos portuguezes a idéa de multidão de objectos da mesma especie, ou de continuação e frequencia do mesmo ob-

jecto, talvez com variedade e talvez com prolixidade e sobegidão.

Assim, por exemplo, dizemos de escravo, *escravaria*, isto he, multidão de escravos: de chapa, *chaparia*: de pedra, *pedraria*: de especie, *especiaria*: de droga, *drogaria*: de calma, *calmaria*, isto he, continuação de calma: de caza, *cazaria*: de honra, *honraria*, &c.

Assim tambem damos a mesma terminação aos nomes de ruas, ou lugares, em que habitão muitos officiaes do mesmo officio, ou muitos homens da mesma profissão, v. gr., a *mouraria*, a *judiaria*, a *ferraria*, &c.

E assim terminámos finalmente muitos nomes de fabricas, ou officinas, em que se trabalham de continuo obras pertencentes a huma arte, officio, ou mister, como v. gr., *padaria*, *carpintaria*, *correaria*, *cordoaria*, &c.

*Lisonja* pois exprime a significação simples deste vocabulo: e *lisonjaria* exprime frequencia e continuação de *lisonjas*, talvez com excesso e prolixidade, que chega a causar aborrecimento.

#### Caução — Penhor — Hypotheca — Fiança

Dar *caução* he empregar algum meio de assegurar a outrem, que havemos de cumprir os deveres, ou dever que temos para com elle, ou que lhe não havemos de fazer o mal, que elle porventura receia de nós.

Dar *penhor* he dar ao crédor a posse de alguma coisa movel, cujo valor iguale, ou exceda o valor da divida, para que elle a guarde até ao nosso pagamento, e por ella venha a indemnizar-se, no caso de não solução.

Dar *hypotheca* he assignar ao crédor huma porção dos nossos bens de raiz, e dar-lhe direito a pagar-se por elles da divida, no caso que nós faltemos á solução.

Dar *fança* he apresentar huma terceira pessoa que voluntariamente se obrigue por nós á satisfação da divida, ou ao cumprimento do dever, no caso que nós o não cumpramos.

*Penhor, hypotheca, fança* são especies de *caução*, e até em linguagem juridica se chamão *caução* pignoratícia, *caução* hypothecaria, *caução* fideijussoria, assim como se chama *caução* juratoria a que consiste no juramento de quem a dá, &c.

### Postura — Geito — Attitude

*Postura* he o estado do corpo relativamente ao lugar; o acto de estar em lugar. He termo generico, que se diz dos corpos animados ou inanimados, e exprime simplesmente, e sem qualificação alguma, o effeito da *loco-posição*. Hum corpo, v. gr., póde estar em *postura* recta, obliqua, firme, vacillante, commoda, incommoda, &c. Hum homem póde estar em pé, deitado, estendido, assentado, &c. Tudo isto são *posturas* diversas, ou diversos modos com que o corpo está em lugar.

*Geito* parece exprimir mais alguma cousa que *postura*, e significar *postura apta*, conveniente, commoda, *bem lançada*. Deriva-se (segundo o nosso parecer) do Latim *jacio, jactum*, assim como de *objicio* objeito, de *projicio* projeito, &c., que hoje dizemos *objecto* e *projecto*; e por isso diz tanto como *lançamento* apto, *postura* commoda, *assento* conveniente de qualquer corpo. Os nossos classicos o empregarão muitas vezes com a significação de *attitude*, quando este vocabulo não era ainda adoptado em nossa linguagem.

*Attitude* he termo das artes do desenho, e significa mais particularmente *postura expressiva*: por onde se

applica com toda a propriedade ás figuras animadas, quando se querem exprimir os affectos, paixões, ou estados da alma.

A *attitude*, tomada neste sentido, he para a *postura* o que o *semblante* he para o *rosto*. O *semblante* he o *rosto com expressão*: a *attitude* he a *postura com expressão*.

### Estar certo – Estar seguro

*Estar certo* he hum estado do entendimento. *Estar seguro* he hum estado do animo.

*Estar certo* refere-se ás verdades especulativas: exprime a adhesão do espirito ás verdades reconhecidas como taes: he o resultado da evidencia.

*Estar seguro* refere-se ás cousas praticas: exprime a confiança que temos no objecto: he o resultado da seguridadade.

*Estamos certos* de hum facto, porque *estamos seguros* do character de quem nol-o referio.

*Estamos certos* dos principios de qualquer sciencia, e das consequencias que delles se derivão por huma ordem necessaria. *Estamos seguros* de algumas maximas da moral, que nos não guiarão erradamente; da amizade de alguma pessoa, que nos não trahirá; da providencia de Deos, que nos não desampará, &c., &c.

Tomando os dous vocabulos *certo* e *seguro* com relação aos proprios objectos, e não ao nosso estado, achamos entre elles a mesma differença.

Huma proposição he *certa*: huma negociação he *segura*. A proposição he conforme á verdade: a negociação não póde ser de prejuizo. A proposição he tal que demanda o assenso do nosso espirito: a negociação he tal que merece a nossa confiança, &c.



## Espada – Gladio

No sentido proprio *espada* deveria exprimir a arma portugueza deste nome, e as armas semelhantes de qualquer outra nação: e *gladio* deveria exprimir a arma que os Romanos designavão pelo vocabulo *gladius*, e cuja fôrma nem foi sempre a mesma, nem he exactamente conhecida.

E postoque ordinariamente se não faça esta differença, comtudo alguns casos ha, em que ella he conveniente e até necessaria.

Assim, por exemplo, se tivessesmos de traduzir este lugar de Vegecio, *de Re Militare*, liv. 2.º, cap. 15.º: *Habent . . . gladios majores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathas nominant*, não poderíamos deixar de empregar os dous vocabulos *gladio* e *espada*, senão usando de hum circumloquio extenso é escusado.

Da mesma sorte será conveniente usar de *gladio*, quando alludirmos aos usos bellicos dos Romanos, e julgarmos necessario exprimir com precisão a idéa que elles significavão por *gladius*, sem nos mettermos a determinar a fôrma dessa arma, sobre a qual os antiquarios não tem huma opinião bem assentada. E por este motivo nos parece a proposito o vocabulo *gladio* na traducção dos *Martyres* por Filinto Elysio, liv. 6.º, aonde diz:

«De traz dos Vexillarios vão Hastatos

«Com *gladios* na segunda fôrma», &c.

No sentido figurado usámos de *gladio* para significar o poder supremo, o que os jurisconsultos chamão *jus*

*gladii*. Deste modo o usou Barros, D. Francisco Manuel, Vieira e outros, e até alguma vez será mais conveniente que *espada*, quando falarmos do *poder espiritual*, ou porque *gladio* tem hum ar mais scientifico, se assim nos he permittido explicar-nos; ou porque a sua menor vulgaridade desviará em certo modo da imaginação a idéa de sangue, que he de todo alheia desse poder.

Os Francezes usão neste sentido do vocabulo *glaive*, e nunca de *épée*.

## 154

**Opaco – Sombrio**

*Opaco* he o corpo que não deixa passar a luz; que não he transparente.

*Sombrio* he o lugar onde ha sombra, e talvez o corpo que faz sombra.

*Opaco* refere-se á contextura interna do corpo, á disposição das suas partes.

*Sombrio* refere-se ao effeito externo, que produz o corpo *opaco*.

## 155

**Olhar – Ver – Esguardar – Avistar – Enxergar  
Lobrigar – Divisar**

*Olhar* he lançar os olhos; applicar o órgão da vista.

*Ver* he o effeito do *olhar*: he apprehender com a vista o objecto, a que se lançarão os olhos: he sentir a impressão, que o objecto fez no órgão da vista.

*Esguardar* he *olhar* e *ver* attentamente: *ver* examinando, attentando, reflectindo.

*Avistar* he chegar a *ver*; alcançar com a vista; encontrar com os olhos, ou o objecto que está ao longe, ou o

que passa rapidamente, ou o que quasi nos escapava no meio da multidão.

*Enxergar* he *ver* apenas; *ver* quanto basta para perceber o objecto, sem *divisar* ou distinguir as suas particularidades; entrever.

*Lobrigar* he *avistar*, ou *enxergar* no meio da escuridade, ou da confusão.

*Divisar* he *ver* discernindo e distinguindo.

*Olhâmos*, v. gr., para o mar com o fim de *vermos* e observarmos o que nelle se passa: *avistâmos* ao horizonte alguns corpos fluctuantes, e d'ahi a pouco *enxergâmos* a sua fôrma e o seu velame, e reconhecemos que são navios. Approximando-se mais, começâmos a *divisar* cada huma das suas partes, a figura dos vasos, a fôrma e côres das bandeiras, o traço dos marinheiros, e outras particularidades, que nos dão a conhecer se os navios são mercantes, ou de guerra, a que nação pertencem, &c., e talvez no meio da confusão da chusma *lobrigâmos* alguma pessoa que nos he conhecida, &c.

#### Annno — Annual

*Annno* he o que dura hum anno; o que gasta hum anno inteiro; o que se faz por todo hum anno. A terra faz a sua revolução *annua* em roda do sol. Ha plantas que tem huma duração *annua*.

*Annual* he o que pertence ou diz respeito ao anno; o que se faz cada anno; o que vem ou acontece em cada hum anno. Dizemos solemnidade *annual*, festa *annual*, função *annual* a que se faz, ou se repete cada anno: e dizemos fôro, legado, pagamento, &c., *annual*, o que se satisfaz, ou paga em cada hum anno.

O trabalho *annuo* do lavrador he largamente compensado pela colheita *annual* dos fructos, que a terra lhe produz em abundancia.

Das revoluções *annua* e diaria da terra em roda do sol, e em roda do seu proprio eixo resulta a differença das estações *annuaes*, &c.

### Ledice – Alegria – Jubilo – Exultação

Exprimem todos estes vocabulos hum estado agradável da alma, que transluz, ou se manifesta no semblante e no gesto, e resulta da apprehensão; gozo, ou esperança de algum bem verdadeiro ou imaginario. E nisto são synonyms, differenciando-se tamsómente pelos seus differentes grãos.

*Ledice* he esse estado da alma, que transluz no semblante e no gesto, mas de hum modo doce, suave, tranquillo e sereno. O amor honesto causa *ledice*: a innocencia he *leda*: o pacifico contentamento que nasce da posse de huma fortuna mediocre, mas segura; do equilibrio das paixões; e do livre. mas rasoavel gozo das nossas faculdades. nunca póde ser desacompanhado da *ledice*. (He o Latim *laetitia*.)

*Alegria* he o mesmo estado da alma, que se manifesta no exterior, mas de hum modo mais vivo e mais animado. (He o *alacritas*, ou *laetitia gestiens* dos Latinos.)

*Jubilo* he *alegria* muito mais viva, que se mostra por sons e vozes proprias, por gritos, por aclamações.

*Exultação* finalmente he o ultimo grão da *alegria*: he a *alegria* que não cabe no coração, que rompe em saltos, em danças, &c. *Exultar* he propriamente *saltar de alegria*.

**Limar — Polir — Brunir**

No sentido fysico *limar* he tirar com a lima as asperezas e desigualdades de huma superficie.

A obra *limada* conserva e mostra os vestigios da lima, se não he *polida*. *Polir* pois he fazer desaparecer o trabalho da lima; apurar ainda mais a superficie, tirando-lhe essas mui pequenas desigualdades; fazel-a ainda mais liza, e talvez dar-lhe lustre, fazel-a luzidia.

*Brunir* he *polir* de hum certo modo, principalmente os metaes; dando-lhes o ultimo grão do lustre, e huma côr escura como a do espelho. Parece que desta côr *bruna* nasceo o verbo *brunir*.

No sentido figurado sómente se usão os dous primeiros vocabulos *limar* e *polir*.

O estilo, v. gr., de hum escriptor he *limado*, quando he exacto, correcto, igual: e he *polido*, quando he elegante, luminoso e talvez brilhante.

Hum homem he *limado* no seu tracto, quando não tem grosseria alguma, nem aspereza em suas maneiras: e he *polido*, quando nellas mostra urbanidade, elegancia e apurado gosto.

**Côr — Colorido**

*Côr* he em geral a impressão feita no orgão da vista, e d'ahi communicada á alma, pela luz reflectida da superficie dos corpos: he o que faz sensiveis á vista os objectos do universo. A variedade daquellas impressões he que constitue a differença das côres.

*Colorido* não he sensação particular de alguma determinada côr: he, por assim o dizer, huma sensação complexa, que resulta do todo das côres naturaes, ou artificiaes de cada objecto, e da sua combinação e mistura, relativamente aos differentes aspectos da sua posição.

### Fartura – Sacidade

*Fartura* exprime propriamente *repleção*, estado da potencia que não admite mais; que não pôde levar mais; aonde não cabe mais. (Latim *saturitas*.)

*Sacidade* exprime propriamente o estado do homem, ou do animal, que tendo quanta basta disso de que está saciado, não deseja, não appetece mais. (Latim *satietas*.)

O que está *farto* não pôde levar mais, está repleto. O que está *saciado* não tem vontade de mais; não tem appetite.

*Fartura* refere-se directamente á demasia das cousas: *sacidade* refere-se directamente ao estado da alma, e he muitas vezes o effeito da *fartura*.

A *fartura* impossibilita de levar mais, aindaque haja appetite: a *sacidade* tira o appetite, não quer mais.

*Fartar* a paixão he conceder-lhe tudo quanto ella pôde querer, até não poder mais. *Saciar* a paixão he conceder-lhe o que basta para a satisfazer. A paixão *insaciavel*, aindaque *farta* seja, nunca diz: *basta*.

No uso vulgar confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos; comtudo *sacidade* parece mais polido, e usa-se mais falando de objectos moraes: *fartura* parece mais proprio, quando se fala das paixões grosseiras e dos gostos sensuaes.

**Perfeito — Completo**

*Perfeito* he o que está inteiramente feito; que tem tudo o que lhe he proprio, a que nada falta.

*Completo* he o que tem a plena união de tudo o que pôde ter; que reune todos os grãos possiveis de perfeição; a que nada se pôde ajuntar.

*Perfeito* vem do Latim *per-ficio*, fazer acabadamente, e exprime a idéa do que está de todo feito, acabado, consummado.

*Completo* vem do Latim *compleo*, encher de todo; e exprime a plenitude inteira e absoluta; o ajuntamento pleno de tudo o que a cousa pôde admittir.

A obra *perfeita* pois he aquella que reune tudo o que deve ter: e a *completa* he aquella que reune tudo o que pôde ter. Na *perfeita* nada falta, nada se pôde exigir: na *completa* nada se pôde acrescentar, nada ha que desejar.

O objecto *perfeito* dá-nos simplesmente a idéa da perfeição. O objecto *completo* offerece-nos o seu modelo.

Cicero foi hum *perfeito* orador; mas pôde ser (diz elle mesmo) nunca jamais se vio hum orador tão *completo* como o que eu finjo na minha idéa, e descrevo neste tratado «*atque ego in summo oratore fingendo talem informabo, qualis fortasse nemo fuit*», &c.

**Arder — Inflammar-se — Incendiar-se — Abrazar-se  
Queimar-se**

*Arde* o corpo combustivel, quando se lhe pèga o fogo.  
*Inflamma-se*, quando levanta chamma.

*Incendia-se* huma caza, hum edificio, huma cidade, quando o fogo e a chamma toma ala. e se propaga extensamente e com rapidez.

*Abraza-se* o corpo, quando está todo repassado do fogo e feito braza.

*Queima-se*, quando por força do fogo, ou do incendio, se reduz a cinzas.

Huma faisca basta ás vezes para fazer *arder* e talvez *inflamar* o corpo combustivel, que a toca, e para *incendiar* por este meio qualquer grande edificio. O *incendio abraza* tudo. e por fim até chega a *queimar* as proprias pedras.

*Arde* e *inflamma-se* o pavio de huma bugia: *arde* e talvez *se inflamma* o lenho que se põe no lume: *arde* qualquer corpo combustivel, quando he tomado do fogo, &c.

*Incendia-se* huma caza, hum edificio, huma cidade inteira. *Incendio* suppõe sempre hum grande fogo, que toma ala, faz progressos rapidos. communica-se e ganha os corpos visinhos.

*Abraza-se* hum corpo qualquer, ou huma massa de corpos, quando se penetrão e repassão do fogo em toda a sua substancia, sem que appareça a chamma acima da sua superficie, e nisto se distinguem os corpos *abraçados* dos *inflammados*.

*Queimão-se* finalmente os corpos combustiveis, quando consumido tudo o que alimentava o fogo restão sómente cinzas, ou residuos incombustiveis.

No sentido figurado e moral dizemos, que hum homem *arde* em ira, em colera, em amor. quando se lhe tem pegado o fogo destas paixões; e que se *inflamma*, quando esse fogo rompe fóra e se faz sensivel pelos seus effeitos. Dizemos tambem que o amor divino he como hum *incendio* no coração devoto, quando este nobre sentimento se tem apossado do ho-



mem todo, de todas as suas faculdades; quando parece que quer sahir da sua esfera e communicar-se a tudo o que se lhe approxima. E dizemos finalmente que hum coração está todo *abrazado em amor*, ou em outra paixão, quando em realidade se acha todo penetrado e repassado da sua violencia, &c.

### Lume — Fogo

*Lume* exprime propriamente o que dá luz e claridade: *fogo* o que causa calor, ou queima.

Como commummente se crê que a luz e o calor nascem do mesmo principio, não admira que no uso vulgar se confundão estes dous vocabulos, e se diga, v. gr., que o *lume* queima, e que o *fogo* alumia.

Mas no sentido figurado he sempre necessario notar a differença que ha entre elles, para applicarmos hum ou outro, segundo as qualidades que queremos designar nos objectos.

Assim dizemos por exemplo o *lume* da razão, e não o *fogo*, porque a razão he a *luz* que nos guia em nossas acções. Dizemos o *fogo* da mocidade, e não o *lume*, porque a mocidade he a idade das paixões, e as paixões dão *calor* ao homem, e ás vezes o abraço e consomem. E dizemos o *lume* ou o *fogo* dos olhos, o *lume* ou o *fogo* da eloquencia, porque os olhos ora scintillão como *lume*, ora mostram e talvez communicão o *ardor* da paixão; e porque a eloquencia deve ser *luminosa* e *ardente*: *luminosa*, para illustrar o entendimento e convencer-nos; e *ardente* para inflamar a vontade e persuadir-nos.

## Chamma – Flamma – Labareda

*Chamma* he a parte mais subtil e luminosa do fogo, que se levanta acima da superficie do corpo que arde.

*Flamma* tem a mesma significação, mas he mais pictoresco, porque a articulação *fl* exprimindo de algum modo a ondulação da *chamma*, quasi põe diante dos olhos o seu objecto: he mais poetico.

*Labareda* exprime grande *chamma*, que sobe muito ao alto, e faz grandes linguas de fogo.

Dizemos a *chamma* da bugia, e as *labaredas* do incendio.

Coragem – Valor – Bravura – Intrepidez – Hardimento  
Heroismo

*Coragem* significa a qualidade do homem, que tem coação, que tem animo: he a força e vigor da alma, que em todas as circumstancias da vida nos faz superiores ás fraquezas humanas. He termo mui generico, que se usa em differentes occasiões: v. gr., supportar as dores com *coragem*; sofrer as adversidades com *coragem*; ter *coragem* para despender em qualquer negocio; defender a verdade com *coragem*; atacar o inimigo com *coragem*, &c. A *coragem* oppõe-se *pusillanimidade*.

*Valor* he a qualidade moral do homem, que se expõe aos perigos, quando he necessario; e designa especialmente a *coragem* marcial, o nobre ardor com que combatemos o inimigo na guerra, sem temer os perigos a que isso nos expõe. O seu opposto he *cobardia*.

*Bravura* he a *coragem* momentanea, impetuosa do soldado, talvez com mistura de furia e colera.

*Intrepidez* he o *valor* ousado e arrojado: afronta e desafia o perigo presente, fica firme á vista delle, e talvez se sacrifica, se necessario he. A *intrepidez* mal empregada he *temeridade*.

*Hardimento* he a *coragem*, com que tomámos e sustentámos emprezas grandes, e talvez arriscadas: e não exclue a idéa do interesse, honra, ou gloria, que d'ahi nos pôde provir. O navegante, v. gr., que se expõe a todos os perigos de novos e nunca navegados mares para ampliar a esfera dos humanos conhecimentos, e alcançar reputação e celebridade, mostra *hardimento*.

*Heroismo* he a qualidade moral do homem, que propondo-se algum objecto grande e util, o prosegue com firmeza e perseverança, só por amor delle mesmo, sem temer as difficuldades, ou os perigos, que a maior parte dos homens temem, e sem ter respeito algum ao seu proprio individuo, ou a quaesquer considerações pessoais.

Qual será porém o objecto, que obrigue o homem a tão rara e generosa renuncia?— He algum daquelles, que merecem ser amados por si mesmos, independentemente de todas as considerações individuaes. He Deos, ou a religião—o honesto, ou a virtude—a verdade, ou a sciencia—o bello, ou as artes—o bem geral, ou a humanidade—a liberdade e o poder nacional, ou a patria.

O homem que apprehende alguma, ou algumas destas grandes idéas com toda a força da intelligencia, e com todo o calor e vivacidade do sentimento, e faz dellas a idéa dominante e directora da sua vida, seguindo-a com coragem, com perseverança e com firmeza, he hum *heroe*: tal he o typo ideal do verdadeiro *heroismo*.

## Civilisado — Policiado — Polido

Hum povo he *civilisado*, quando tem deixado os costumes barbaros, quando se governa por leis. He *policiado*, quando, pela obediencia ás leis, tem adquirido o habito das virtudes sociaes. E he *polido*, quando em suas acções mostra urbanidade, elegancia e apurado gosto.

No povo *civilisado* reinão as leis. No povo *policiado* reinão os bons costumes. No povo *polido* reina a urbanidade e gosto, que he consequencia do luxo.

As leis estabelecem a *civilisação* entre os povos barbaros, formando os bons costumes. Os bons costumes aperfeiçoão as leis, e algumas vezes as supprem, entre os povos *policiados*. A *polidez* exprime no tracto e acções a perfeição das virtudes sociaes: e quando he falsa, como muitas vezes acontece, contenta-se de fingir e affectar essas virtudes.

Os Gregos começárão a *civilisar-se* antes de Licurgo e Solon: *policiarão-se* no seculo destes dous celebres legisladores: e *polirão-se* no seculo de Pericles.

## Primeiro — Primitivo — Primévo

*Primeiro* he em geral aquelle ente, que está ou se considera á frente de huma serie delles; pelo qual começámos a contar huma serie de entes da mesma, ou de differente natureza: he o que precede a todos ou no tempo, ou na ordem, ou no lugar, ou na dignidade, &c. Assim Adam, v. gr., he o *primeiro* homem, isto he, precede a todos em tempo; está á frente de toda a serie dos

homens, &c. Entre as decadas de Barros a que precede a todas na ordem he *primeira*. Entre as cazas de huma cidade são *primeiras* em lugar as que encontrámos antes de quaesquer outras ao entrar nessa cidade. O primeiro em dignidade entre os vassallos d'el-Rei he o principe, &c. Deos he causa *primeira* em tempo, em ordem, em dignidade, &c.

*Primitivo* he o *primeiro* ente de huma serie, considerado com relação aos diferentes estados successivos por que passou, ou com relação a outros entes, que delle successivamente se derivarão. A lingua, v. gr., que falarão os primeiros homens, e que he *primeira*, porque precedeo a todas, he tambem *primitiva*, se as que hoje se fálão são derivadas della, isto he, se ella, passando por diferentes estados, e soffrendo varias alterações, produzio as linguas de hoje, que nesse caso se devem considerar como dialectos dessa lingua *primitiva*. A disciplina *primitiva* da Igreja he a que se observava nos primeiros seculos, e que tendo-se transformado de muitos modos segundo o pedião os tempos e as circumstancias, se reduzio por ultimo áquella que hoje observámos, e que he derivada da *primitiva*, &c.

*Primévo* diz precisamente o que he da *primeira* idade, ou das primeiras idades. As leis *primévas* da monarquia são as que havia na primeira idade da monarquia: homens *primévos* são os das primeiras idades do mundo, &c.

#### Cheiroso — Odorifero

*Cheiroso* he todo o corpo que lança cheiro; ou o tenha de si mesmo, ou se lhe tenha apegado de outros corpos.

*Odorifero* he o corpo que de si mesmo e de sua natureza lança cheiro, ou o produz; e tambem o lugar, ou terra que produz cheiros, aromas, &c.

Dizemos que huma flor he *cheirosa*, ou *odorifera*: que hum homem adamado vem, ou está todo *cheiroso*, e não *odorifero*: e que a Arabia he *odorifera*, e não *cheirosa*, &c.

### Veste — Vestido — Vestidura — Vestimenta — Trajo

*Veste* parece ser de todos estes vocabulos o mais generico, e por isso dizemos as *vestes* usuaes, as *vestes* sagradas, as *vestes* reaes, &c.

*Vestido* tem significação menos extensa, e exprime tamsómente as *vestes* usuaes e ordinarias, com que cobrimos o corpo por necessidade, ou commodidade. No *trajo* actual dos Portuguezes a cazaca, a vestia, o calção, meias, sapatos, &c., pertencem ao *vestido*.

*Vestidura* parece que exprime as *vestes* ordinariamente sobrepostas ao *vestido*, e pelas quaes distinguimos na ordem civil, ou ecclesiastica, e nas funcções solemnes os empregos e dignidades das pessoas. Assim o manto ou oppa real, a capa magna, a bécá, &c., são *vestiduras* do rei, do bispo, do magistrado, &c.

*Vestimenta* exprime especialmente as *vestes* sagradas, que se usão no exercicio publico do culto religioso. A casula, dalmatica, capa de *asperges*, estola, &c., são *vestimentas*.

*Trajo* exprime não só o que he essencial do vestir, mas tambem a fôrma delle, a maneira de o usar, e certos ornatos que o acompanhão, como fitas, pedraria, collares, toucado, espada, &c. Assim dizemos *trajo* nacio-

nal, *trajo* estrangeiro, *trajo* de cerimonia, de theatro, &c., isto he, tudo o que pertence ao vestir, ao modo de vestir, e ao aceio e ornato do corpo, &c. Parece ser propriamente o *habillement* dos Francezes.

### Valor — Estimação — Preço

O *valor* mede-se pela utilidade da cousa.

*Estimação* tomado na accepção mais generica, em que se pôde considerar como synonymo de *valor*, he propriamente o juizo que fazemos da utilidade da cousa, e por consequencia determina o seu *valor relativo*.

*Preço* he o *valor* estimado em moeda, ou em cousa equivalente. O *preço* determina o *custo* da cousa.

As virtudes e os talentos tem em todos os tempos e circumstancias hum grande *valor* real, que em certo modo he independente da consideração dos homens: mas os governos, ou os individuos, por ignorancia, ou por corrupção, nem sempre querem reconhecer esse *valor*, e por isso negão muitas vezes ás virtudes e talentos a *estimação* que lhes he devida.

O *preço* não se mede sómente pelo *valor*, ou pela *estimação*, mas tambem pela maior ou menor abundancia ou raridade da cousa, e pela maior ou menor facilidade ou difficuldade de a obter.

Muitas cousas tem grande *valor* real, e não menos *estimação*, as quaes ou não tem *preço* algum, porque não entrão em commercio, nem se podem avaliar por comparação aos objectos delle; ou o tem mui pequeno, porque *custão* pouco a obter.

**Atrás – Após – Depois**

*Atrás* exprime huma relação de situação, ou ordem, isto he, exprime a posteridade de lugar de huma pessoa ou cousa a respeito de outra, quer estas estejam em quietação, quer estejam em movimento. Assim dizemos, v. gr., ficou *atrás* da porta, está *atrás* da parede, &c., significando posterioridade de lugar em estado de quietação; e dizemos: desejava hir *atrás* delle, acodem huns *atrás* dos outros, significando a mesma relação em estado de movimento.

*Após* exprime tambem a relação de posterioridade de lugar; mas suppõe sempre as pessoas, ou cousas em estado de movimento. Assim dizemos, v. gr., anda *após* a fortuna, leva todos *após* si, querem hir *após* elle, &c., e não podemos dizer com propriedade ficou *após* a porta, edificou a caza *após* a igreja, está *após* o bosque, &c.

*Depois* exprime a posterioridade de tempo: v. gr., falou-me *depois* de jantar, veio *depois* do tempo ajustado, vai *depois* de ámanhã, &c., nas quaes frases não podemos substituir com propriedade as palavras *atrás*, ou *após*.

Comtudo como entre as idéas de tempo e de lugar ha alguns pontos de contacto, e podemos considerar o tempo como huma successão de instantes que vem huns *após* os outros; e o lugar ou lugares como huma successão de espaços, que se seguem huns *depois* dos outros; não admira que algumas vezes se usem estes vocabulos promiscuamente, e que até o mais polido dos nossos classicos diga, v. gr., hum breve publicado *após* os primeiros *após* estas palavras fez muitas vezes sobre si o sinal



da cruz, exemplo dos que hão de vir *atrás* nós, &c., &c., aonde *após* e *atrás* se devem entender com a significação de *depois*, &c.

### Na verdade — Na realidade

Tomando-se estas duas expressões em todo o seu rigor, *na verdade* refere-se ao que nós pensámos do objecto, segundo idéas claras e exactas: *na realidade* refere-se ao que o objecto he em si mesmo segundo a sua natureza.

*Na verdade* refere-se ao mundo intellectual: *na realidade* ao mundo real.

*Na verdade* quer dizer, segundo as relações claramente percebidas entre as nossas idéas: *na realidade* quer dizer, segundo as relações reaes que os objectos tem entre si.

*Na verdade* a virtude he o unico meio que o homem tem para alcançar a felicidade propria da sua natureza. *Na realidade* o homem virtuoso, se bem examinarmos o seu coração, he sempre feliz.

Na primeira destas frases exprimimos a relação claramente percebida entre a noção da virtude e a noção de meio apto para alcançarmos a felicidade. Este he o mundo intellectual. A frase tem verdade *formal*, segundo a linguagem metafysica.

Na segunda queremos exprimir a relação real que ha entre o homem virtuoso e o estado de felicidade. Este he o mundo real. A frase tem verdade *objectiva*, se com effeito he boa a applicação, que fazemos das nossas idéas á realidade dos objectos.

Como porém o filosofo nada possa conhecer da realidade das cousas, senão por meio das suas idéas; nada da realidade absoluta, mas só da realidade relativa; nada

emfim do que as cousas são em si mesmas, mas só do que são com respeito a nós, e aos nossos conhecimentos; d'aqui vem, que se usão promiscuamente as duas expressões *na verdade e na realidade*, attribuindo nós sempre aos objectos as propriedades, ou relações, que vemos claramente envolvidas nas idéas, que delles fazemos.

### Fulgurante — Fulminante

*Fulgurante* vem do Latim *fulgur*, o relampago. E *fulminante* vem do Latim *fulmen*, o raio.

He pois *fulgurante* o que a vezes lança brilho, clarão, esplendor, fulgor, como o relampago; e he *fulminante* o que lança coriscos, raios, golpes, mortes.

A espada he *fulgurante* quando brilha e lança fulgor; he *fulminante* quando dá golpes e espalha a morte.

*Fulgurante* pôde dizer-se em bom sentido de tudo o que lança brilho e esplendor «os vestidos bordados *fulgurando*», diz João Franco Barreto, *Eneida*, cant. 9.º, est. 6.º, e não diria bem *fulminando*.

*Fulminante* sempre se diz em mau sentido: v. gr., *fulminando* anathemas, *fulminando* castigos, *fulminando* mortes, e não se diria bem nestes casos *fulgurando*.

### Pobreza — Indigencia — Penuria — Inopia

*Pobreza* exprime estreiteza de posses e haveres: he o estado do homem, ou familia, que apenas tem o necessario para viver.

*Indigencia* diz mais que pobreza: he o estado do que

não tem o necessario para viver; que tem falta das cousas necessarias á vida.

*Penuria* he extrema *pobreza*, grande *indigencia*: estado da pessoa, ou familia, a quem a cada passo estão faltando as cousas mais indispensaveis á vida; que padece fomes, &c.

*Inopia* refere-se especialmente á falta; ou total carencia do soccorro, ajuda, ou auxilio, que se deseja, ou de que se necessita. (Do Latim *in-ops*.)

## 175

**Som — Tom**

*Som* exprime tudo o que he objecto do sentido do ouvido; e significa genericamente a percepção da impressão que faz no ouvido o ar, o outro corpo elastico como o ar, movido de hum certo modo.

*Tom* exprime mais particularmente o *som apreciavel*; o *som*, que tem hum valor; a sua maior ou menor elevação *calculavel*.

Toma-se o *tom* dos instrumentos musicos, mede-se, calcula-se, divide-se, &c.; mas não se pôde fazer outro tanto ao *som* do tiro de huma peça de artilheria, de hum corpo que cahe, do martello que bate, do madeiro que estala, &c.

Em linguagem musica chama-se *tom* o intervallo, que separa hum *som* apreciavel de outro na escala diatonica, e por isso se diz que a oitava de *ut* a *ut* consta de cinco *tons*, e dous *semitons*, &c.

## 176

**Hir — Andar — Caminhar — Marchar**

*Hir* significa simplesmente passar de hum lugar para outro, de qualquer modo que se faça a passagem.

*Andar* he mudar progressivamente de situação. *Anda* tudo o que tem hum certo curso e progressiva successão.

*Caminhar* he fazer caminho: he *hir*, ou *andar*, vencendo huma certa porção de espaço ou distancia, que nos *vai* progressivamente approximando do lugar ou termo, para onde *caminhámos*.

*Marchar* parece que he propriamente *andar*, ou *caminhar* compassadamente, vencendo em iguaes tempos iguaes porções de espaço.

*Hir* diz necessaria e expressa relação a hum determinado ponto, a que a pessoa ou cousa se dirige: v. gr., *hir* á igreja, ao paço, a caza do amigo, ao theatro, &c.; e figuradamente *hir* a saude para melhor, *hir* o negocio para peor, &c.

*Andar* parece que não envolve a mesma relação, ao menos expressamente. *Anda*, v. gr., quem passeia dentro de caza, e não *vai*, nem *caminha*: *anda* o tempo, os astros, o relógio, e não *vão*: *anda* a roda, e não *vai*, nem *caminha*.

Comtudo como *andar* suppõe hum movimento progressivo; se neste marcámos certos pontos, e considerámos a distancia, que ha entre elles, como hum caminho que se deve correr para o corpo chegar ao termo assignalado; então dizemos com propriedade, v. gr., que o sol *vai*, ou *caminha* do nascente para o poente; que o relógio *vai*, ou *caminha* das duas para as tres horas; que o tempo *vai*, ou *caminha* para o verão, para o inverno, &c., &c.

177

### Nunca — Jámais

*Nunca* he o Latim *nunquam*, em nenhum tempo. *Jámais* he o Latim *unquam*, em tempo algum, vez alguma.

*Nunca* leva comsigo mesmo a negação; faz a proposi-

ção negativa. Este homem *nunca* me tractou mal; *nunca* me desgostou; *nunca* me lisongeou, &c.

*Jámais* pede regularmente a negação expressa, para fazer a proposição negativa. *Não* farei *jámais* o que me pedis: *jámais não* mudarei de resolução: *não* vos ouvi-rei *jámais*, &c.

*Nunca* usa-se mais ordinariamente nas proposições que exprimem hum julzo positivo: *nunca* tal crime com-metti; *nunca* isso me passou pelo sentido, &c.

*Jámais* tem particularmente lugar nas proposições, que exprimem interrogação, duvida, incerteza, &c. Que homem de juizo se agastou *jámais* sem causa? não sei que *jámais* me offendesse: duvido que tal promessa *já-mais* se realise, &c.

Algumas vezes ajuntão-se ambos os vocabulos na mesma frase para dar mais energia á expressão, e dizem-mos, v. gr., *nunca jámais* vos deixarei, isto he, *nunca em nenhum tempo*, *nunca vez alguma* vos deixarei, &c.

Outras vezes usão-se, hum em lugar do outro, como se fossem identicas as suas significações. Assim dizemos, v. gr., prometto de *jámais* vos deixar, tomando *jámais* por *nunca*; e dizemos tambem: he o melhor homem que *nunca* vi, tomando *nunca* por *jámais*, &c.

### Acordar – Despertar

*Acordar* he vir a si; recobrar o uso dos sentidos: exprime propriamente a cessação espontanea do somno, ou de qualquer outra alienação.

*Despertar* he tirar a alguém desse estado de somno, ou alienação: exprime o effeito de huma causa estranha, que nos interrompe o somno, que nos excita, e nos faz tornar ao nosso acordo.

*Acordar* he hum verbo neutro: *acordámos*, quando estamos satisfeitos de somno, quando temos dormido bastante.

*Despertar* he hum verbo activo: os cuidados nos *despertão*; hum grande estrondo desacostumado *desperta* até os que tem o somno pesado, &c.

No sentido figurado observa-se a mesma differença. O homem *acorda* do profundo somno dos vícios, quando torna em si, reflecte no seu estado, e resolve mudar de vida: e he *despertado* desse somno, quando, v. gr., a morte repentina de huma pessoa mui querida, ou outro semelhante acontecimento o commove fortemente, e o faz tornar em si, e tomar a resolução de mudar de vida. A simples vista de hum objecto perigoso basta ás vezes para *despertar* huma paixão. O merecimento distincto *desperta* quasi sempre a inveja das almas baixas, &c.

Sem embargo desta differença de significação, que parece fundada na etymologia do vocabulo *acordar*, e até no uso mais auctorizado, he certo, que algumas vezes dizemos tambem *acordar* em sentido activo; mas nesses mesmos casos parece dever fazer-se differença entre *acordar* e *despertar*, entendendo-se que quem nos *acorda* emprega huma acção ordinaria, tirando-nos do somno a horas costumadas, quando estamos satisfeitos de dormir, &c.; e que quem nos *desperta* emprega huma acção mais forte e mais energica, tirando-nos de hum somno profundo, ou a horas desacostumadas, ou quando estamos mais aferrados, &c.

179

### Ajuntar — Unir — Colligir

*Ajuntar* he simplesmente pôr huma, ou mais cousas ao pé de outra, ou de outras.

*Unir* he *ajuntar* duas ou mais cousas de modo que

fação como huma só: he ligar duas ou mais cousas com vinculo moral ou fysico, para ficarem constituindo huma só cousa.

*Colligir* he ajuntar com escolha.

*Ajuntão-se* muitas mercadorias no lugar da feira; muitos trastes em huma caza; *ajuntão-se* esmolos, *ajunta-se* dinheiro, e nada disto se *une*.

*Ajuntão-se* homens de diferentes condições, estados e opiniões em hum lugar publico, e *unem-se*, quando o seu ajuntamento he feito com o mesmo espirito e para hum fim commum. Os fieis *unem-se* no templo em espirito de piedade.

*Une-se* a alma ao corpo; huma familia a outra por cazamentos; os amigos para huma empreza, &c.

*Colligem-se* livros, medalhas, productos naturaes, maquinas, raridades, &c.

### Borda — Margem — Ribeira — Praia — Costa

*Borda* he em geral a extremidade de huma superficie, e no sentido, em que aqui o tomámos, he a extremidade da superficie da terra, que toca o rio, ou o mar. (Latim *ora*.)

*Margem* he o tracto de terra plana e de alguma largura, que corre ao longo do rio, ou mar, coberta de relva e hervagens, e que por isso tem frescura e amenidade.

*Ribeira* he a *margem* mais ou menos declive e derribada, isto he, que vem descendo de cima para baixo até o rio, ou mar. (Latim *ripa*.)

*Praia* he o tracto de terra ao longo do rio ou mar, que as agoas cobrem e banhão nas suas enchentes. (Latim *littos*.)

*Costa* he o tracto de terra ao longo do mar, elevado

acima das agoas, sobranceiro a ellas, e que lhes serve de barreira.

A *borda* não tem, ou quasi que não tem largura: he simplesmente a extremidade da *margem*, *ribeira*, *praia*, ou *costa*: diz-se igualmente do mar e do rio.

*Margem* e *ribeira* tem mais ou menos largura; supõem o terreno verdejante e aprazivel, e por isso se dizem mais ordinariamente dos rios, que do mar.

*Praia* e *costa* são mais proprios falando do mar; mas *praia* suppõe planicie, sobre que as agoas se esprião, e he ordinariamente arenosa; e *costa* suppõe maior largura de terra, talvez de penedia, que oppõe ás agoas huma forte barreira, e lhes impede o invadirem a terra, &c.

### Severidade—Rigor

*Severidade* e *severo* são os vocabulos Latinos *severitas* e *severus*, compostos, ao que parece, da particula *se*, e de *veritas* e *verus*, exprimindo hum quasi *apartamento*, ou *desvio da verdade*, que he a força da particula *se*, tal como se observa em outros vocabulos de composição analoga, v. gr., em *separação* e *se-parado*, *se-ducção* e *se-duzido*, *seguridade* e *seguro*, &c.

Se esta etymologia nos não engana, o vocabulo *severidade* refere-se mais propriamente ao nosso modo de pensar, ao nosso juizo e opinião, e talvez ás nossas expressões; quando parece, que por hum certo excesso nos apartâmos algum tanto da exacção e precisão da verdade. O vocabulo *rigor* refere-se mais em especial ás demonstrações e procedimentos de facto.

Julgâmos e reprehendemos com *severidade*; castigâmos e punimos com *rigor*. A lei he *severa*; a execução *rigorosa*.



A *severidade* condemna facilmente, e não desculpa; o *rigor* executa a pena á risca, sem adoçar a sua aspreza, nem perdoar cousa alguma della.

Dizemos a cada passo *semblante severo*, *fronte severa*, e Vieira diz tambem *severa magestade*, isto he, que mostra a *severidade* do animo; e não dizemos com igual propriedade *semblante rigoroso*, *fronte rigorosa*, nem *rigorosa magestade*.

Pelo contrario dizemos o *rigor* do tempo, da estação, &c., e não a *severidade*: dizemos que alguém esteve exposto ao *rigor* do sol, e não á *severidade*, &c.

A *severidade* póde oppor-se humas vezes a *equidade*, e outras vezes a *indulgencia*, esta nobre e generosa qualidade, em que consiste (segundo o nosso parecer) hum dos principaes caracteres da verdadeira grandeza moral. Ao *rigor* oppõe-se a *brandura*, e nos Principes a *clemencia*.

A *equidade* julga conforme os principios da recta e sã razão, devidamente applicados ao facto e a todas as suas circumstancias: a *indulgencia* condescende ás imperfeições e fraquezas do homem, e desculpa os seus erros e as suas faltas: a *brandura* e *clemencia* adoção, ou perdão a pena.

### Transpiração — Suor

*Transpiração* he propriamente a acção de transpirar; mas toma-se tambem pelo humor, ou humores, que se *transpirão*, isto he, que se exhalão pelos poros da pelle em toda a superficie do corpo humano; e neste sentido he que póde ter-se como synonymo de *suor*: distingue-se porém delle, porque a *transpiração* he insensivel, ou antes invisivel, e o *suor* he a *transpiração* mais forte e

mais abundante, que nasce do calor, ou do exercicio, e que sahe em gotas visiveis pelos poros da pelle.

### Povo — Plebe — Vulgo

*Povo* diz-se mui propriamente dos habitantes de huma cidade, provincia, ou reino, em geral, e sem relação alguma a distincção de classes; v. gr., o *povo* portuguez tem-se feito celebre na Historia — o *povo* portuguez foi sempre mui affeiçãoado aos seus Monarcas — todo o *povo* do reino sentio a sua perda — sahio todo o *povo* da cidade a recebel-o, &c., &c.

Emprega-se porém frequentemente para significar a terceira classe dos cidadãos, por distincção das outras duas da nobreza e clero: assim dizemos, v. gr., *a nobreza, clero e povo* — *a camara, nobreza e povo* — &c., e em nenhuma destas frases podemos usar do vocabulo *plebe*.

Por onde se vê que *plebe* significa precisamente o *povo* miudo, a gentilha, o mais baixo do *povo*; aindaque desse mesmo vocabulo derivámos o adjectivo *plebéo*, exprimindo (segundo a significação latina) homem da classe do *povo*, não nobre.

*Vulgo* he propriamente o *commum do povo*, e refere-se não tanto a classe alguma de cidadãos distincta das outras classes, quanto ás pessoas (de qualquer classe que sejam) que, ou por sua ignorancia, ou por seus baixos sentimentos e acções pertencem ao *commum da gente*, ao que he *mais ordinario*, ao *maior numero*. E por isso se usa muitas vezes com a significação de *plebe*; porquanto o homem ignorante e de baixos sentimentos, o homem, que em pensamentos e acções mostra hum caracter ignobil, póde sem injuria collocar-se entre a *plebe*,

qualquer que seja aliás a sua qualidade e condição na hierarquia civil.

Pela mesma razão qualificámos de *vulgar* tudo o que he ordinario, que succede muitas vezes, que he facil de achar-se; tudo o que não he raro, nem nobre, nem de subida sorte, nem excellente no seu genero, &c.

Assim pertence á *vulgaridade* das maneiras no tracto social tudo o que he rude e grosseiro; tudo o que he contrario á polidez, urbanidade e cortezania. Pertence á *vulgaridade* litteraria tudo o que contém idéas triviaes, communs, muitas vezes repetidas; tudo o que não tem novidade, ou na materia, ou no arranjo, ou na locução. Pertence á *vulgaridade* do estilo tudo o que he de gosto pouco apurado; tudo o que suppõe pouca elegancia nas imagens e pouca delicadeza nas expressões, &c., &c.

### Enfeites — Affeites

*Enfeites* são quaesquer ornatos, adornos, ou atavios, com que se aformoseão os objectos, para os fazer mais agradaveis, ou mais bellos.

*Affeites* são ornatos, ou atavios sobrepostos, *affectados*, contra o natural, que em lugar de aformosearem, desfeião o objecto e talvez o fazem ridiculo.

Este segundo vocabulo, que o capricho do uso tem antiquado; merece ser restituído á sua posse. Elle tem manifesta relação com o verbo *affectar*, pronunciado, ao modo antigo, *affeitar*, e encerra huma significação accessoria, que o distingue de *enfeitar*, e que exprime o que de outra maneira se não poderia dizer sem circumloquio.

Dizemos com propriedade que a natureza atavia de

lindos *enfeites* as suas mais delicadas obras; e não podemos substituir nesta frase o vocabulo *affeites*.

Arraes, Dial. 10.º, cap. 38.º «Mal haja Aralio rey de Assyria, que inventou braçaletes, e ioyas de perlas, e pedraria, cabellos entransados, verdugadas, e roupas roçagantes, agoas pera o rosto, e outros *enfeites*, e *affeites*, com que se pintão, e autorizam as mulheres vãs.»

E no mesmo Dialogo, cap. 50.º «Trabalhem as mulheres ser taes, quaes Deos quiz que ellas fossem, não corrompendo os seus rostros, nem *affeitando* suas gargantas», &c.

Fr. Agostinho de Sousa, na censura da part. 1.ª da *Chronica de S. Domingos*, falando da linguagem do illustre auctor, a gaba de *natural, corrente e cortezã, com termos proprios, significativos e efficazes*, e longe de *affeites e artificios viciosos*.

## 185

## Delgado — Fino

*Delgado* refere-se sempre a huma dimensão fysica do objecto: *fino* refere-se com mais propriedade á sua perfeição e excellencia.

Chamâmos *delgado* o que não he grosso, ou tem pouca grossura: chamâmos *fino* o que no seu genero he de superior qualidade, bem obrado, de lavor exquisito, &c.

He *delgada* huma arvore, huma taboa, huma corda, &c., isto he, tem pouca grossura.

He *fino* o ouro, a prata, a porcelana, a renda, &c., quer dizer, he de superior qualidade; he obrada com perfeição; he de primoroso trabalho, &c.

Quando usâmos indifferentemente de qualquer dos dous vocabulos, dizendo, v. gr., *linha fina*, ou *linha del-*

*gada, pano de linho fino, ou delgado*, he porque nestes e em outros semelhantes objectos a *delgadeza* da materia he a primeira condição da superior qualidade da obra, e anda de ordinario acompanhada da perfeição e excellencia do artefacto.

### Prudencia — Discrição — Circumspecção

*Prudencia* he a primeira das virtudes, que chamámos cardeaes, e consiste na applicação da experiencia, da recta razão, e do bom juizo á direcção, e governo de todas as acções, negocios, projectos, ou emprezas da nossa vida, tanto publica, como particular; tanto moral, como civil, ou politica.

A *discrição* e *circumspecção* são partes da *prudencia*.

A *discrição* escolhe com justo discernimento e ás vezes com huma especie de tino e sagacidade natural, os meios mais proprios, mais convenientes, mais faceis e mais adequados para alcançar o fim proposto.

A *circumspecção* examina e considera todas as circumstancias, attende ás pessoas, mede os tempos e os lugares, pondera o que convem, o que he decente, o que he opportuno, a fim de regular e proporcionar o emprego dos meios escolhidos, e chegar ao fim proposto pelo caminho mais plano, mais breve e mais commodo.

### Voz — Brado — Grito — Clamor

*Voz* he o som proferido pela bôca do homem, ou do animal, e tambem se attribue metaforicamente aos seres personificados, como quando dizemos a *voz* da natureza, a *voz* da razão, a *voz* da justiça, &c., e aos instrumentos

musicos, cujos sons apreciaveis, ou cantaveis, tem analogia com a voz humana.

*Brado* he a voz alta, esforçada, ás vezes dilatada, que se faz ouvir, e talvez resôa ao longe. *Bradão* os naufragantes a Deos misericordia; *brada* o mar de longe, batendo nas praias; *bradão* ao ceo as maldades dos homens, &c.

*Grito* parece vocabulo imitativo, que exprime primaria e propriamente vozes agudas, e não articuladas, do homem, e talvez de alguns animaes.

*Clamor* (do Latim *clamare*, em Portuguez *chamar*) he propriamente *chamamento* e malta voz, d'onde vem *reclamo*, o da ave chamando por outra; *ac-clamação*, o acto solemne de denunciar ao publico, nomeando, alguem para alguma dignidade, &c.

As procissões religiosas, ainda hoje frequentadas em muitas partes do reino, nas quaes o clero e povo vão de hum a outra parochia, de hum a outra capella, ou templo, invocando os sanctos, e dirigindo preces ao ceo em *altas vozes*, chamão-se *clamores*.

## 188

**Diario – Diurno**

*Diario* he o que se faz em hum dia, ou pertence ao dia. *Diurno* he o que se faz de dia.

*Diario* refere-se ao periodo inteiro das vinte e quatro horas, de que se compõe o dia natural: *diurno* refere-se áquella parte do dia, durante a qual o sol illumina o nosso horisonte.

Quem diz movimento *diario* do sol, exprime o giro inteiro que o sol apparentemente faz em roda da terra, desde que parte do oriente até que torna a apparecer no mesmo ponto.

Quem diz movimento *diurno* do sol, exprime tamsómente a porção desse giro, que o sol faz desde que parte do oriente até que chega ao occidente.

O giro *diario* do sol consta de dous periodos, ou antes de duas porções de periodo, *diurna* e *nocturna*, com as quaes este astro perfaz a sua carreira.

Se hum homem trabalhasse de dia e de noute na sua arte, ou officio, poderia vencer hum jornal *diurno* e outro *nocturno*, e a somma destes dous jornaes seria o seu ganho *diario*.

### **Inteiro – Inflexivel – Inexoravel**

*Inteiro* he o homem, que cumpre perfeitamente os seus deveres: que se não desvia jámais dos dictames da recta razão, das maximas da intacta probidade e dos decretos da lei.

*Inflexivel* he o que se não deixa dobrar, que não desce de suas opiniões e resoluções, nem muda o caminho que huma vez tem tomado.

*Inexoravel* he o que não cede, nem se deixa dobrar a rogos, a supplicas, a lagrimas, &c.

O character do homem *inteiro* tem a sua origem e fundamento no recto amor do bem, da ordem e da virtude, e na constante determinação de cumprir com as leis do dever.

O character do homem *inflexivel* suppõe tenacidade no juizo, e hum certo grão de pertinacia, ou talvez de obstinação na vontade; d'onde resulta aquella rigidez do animo, que oppõe huma longa resistencia á força das razões, e persuasões alheias, ou absolutamente se não deixa dobrar a ella.

O character do homem *inexoravel* tem origem na dureza do coração, e o suppõe pouco accessivel aos senti-

mentos communs da humanidade e ás doces commoções da compaixão.

O character do homem *inteiro* he sempre bom, e digno de estimação e louvor; a *inteireza* he uma qualidade essencial no homem publico e particular.

Os outros dous caracteres, como tenham uma origem mais ou menos viciosa, sómente podem produzir bom effeito por accidente, isto he, quando porventura as resoluções, que o homem tem tomado, são justas, bem fundadas, e taes, que o dever lhe não permite afastar-se dellas: mas neste caso a *inflexibilidade* e a *inexorabilidade* deverão mais propriamente tomar a denominação de *firmeza*, assim como tomão em realidade o character desta excellente virtude.

E só neste sentido he que podemos louvar de *inflexivel* ou de *inexoravel* o magistrado, o juiz, o homem publico, que não se dobrando a persuasões, a rogos, a supplicas, ou a lagrimas, segue com inalteravel firmeza o caminho, que a lei lhe prescreve, sacrificando talvez ao imperioso dever os proprios affectos, de que se sente commovido.

190

#### Publico — Commum

*Publico* he o que pertence ao todo de huma nação, povo, ou cidade, considerada como pessoa moral, debaixo da auctoridade de hum governo.

*Commum* he aquillo de que participão todos e cada hum dos individuos de huma nação, povo, cidade, familia, ou associação.

He auctoridade *publica* a dos magistrados; são rendas *publicas* as do estado; e nenhuma destas cousas he *commum*, aindaque ambas sejam estabelecidas para bem *commum* dos povos.



São interesses *communis* aquelles, de que participão todos os membros de huma sociedade, corporação, ou familia particular, e não são *publicos*: he bolsa *commum*, e não *publica*, a de duas ou mais pessoas que jogão, que commerceião, que viajão de parçaria: são sentimentos *communis* os que tem todos os individuos de certa classe, ou corporação, e podem não ser *publicos*, &c.

Muitas vezes succede concorrerem no mesmo objecto ambas estas qualidades, e então usámos quasi indifferentemente de qualquer dos vocabulos.

Assim, v. gr., os interesses de huma nação podem chamar-se *publicos* e *communis*: *publicos*, porque pertencem ao todo dessa nação; e *communis*, porque delle participão todos e cada hum dos individuos, que a compõem. As terras baldias chamão-se logradouros *publicos*, e tambem pastos *communis*, porque a sua propriedade reside no todo da communidade, e porque cada hum dos individuos, que a compõem, participa do seu uso.

As leis devem ser feitas com vista no bem *publico* e no bem *commum*; porque he necessario que concorram para a felicidade geral da sociedade, a qual resulta do maior ou menor grão de felicidade de cada hum dos individuos.

A *publico* oppõe-se propriamente *privado*; a *commum* oppõe-se *particular*.

### Indole — Genio — Natural

*Indole* parece referir-se com mais propriedade ás qualidades naturaes da alma, ás inclinações congenitas, á tendencia moral do homem: *genio* ás disposições do temperamento: *natural* a humas e outras; e a tudo o que nos he dado pela natureza, e constitue o character individual de cada hum.

Tem boa *indole* o homem que he naturalmente inclinado á verdade, ao bem, á virtude. Tem bom *genio* o homem, que goza de hum temperamento harmonico, e cujos affectos e paixões não traspassão os limites da devida moderação e temperança. Tem bom *natural* o homem, que em todas as cousas, e em todas as circumstancias se mostra razoavel, justo, moderado, pacifico, tolerante, &c.

Póde o homem ter boa *indole*, isto he, huma tendencia natural para o bem e para a virtude, e ser ao mesmo tempo de *genio* forte, irritavel, ardente, &c. Os que são taes, cahem muitas vezes, pelo seu *genio*, em faltas, que a boa *indole* trabalha por corrigir e evitar. Hum bom *natural* he o melhor dom, que o homem póde receber do Creador, em ordem á sua felicidade.

## 192

## Juramento — Jura

Fazemos, ou damos hum *juramento*, quando invocámos a Deos, ou as cousas santas, para confirmação da verdade das nossas palavras, ou dos nossos testemunhos, ou da sinceridade e firmeza das nossas promessas.

Fazemos huma *jura*, ou fazemos *juras*, quando empregâmos certas frases, ou formulas do estilo baixo, de que a gente da plebe se serve para o mesmo fim.

O *juramento* suppõe reflexão; he hum acto sério e religioso, e ás vezes judicial, publico, solemne.

A *jura* emprega-se as mais das vezes por habito, e sem reflexão, nem verdadeira intenção de *jurar*, e pertence aos modos usuaes de falar da gente baixa e mal educada.

**Amor de si – Amor proprio – Egoismo**

O *amor de si* he huma propensão natural, que inclina o homem a buscar o prazer, e a fugir á dor; a buscar tudo aquillo, que lhe causa impressões agradaveis, e a fugir de tudo aquillo, que lhe causa impressões desagradaveis e penosas.

Esta propensão tende á conservação fysica do individuo, e por isso não só acompanha o homem em todo e qualquer tempo e situação da vida, mas he commum a elle e aos outros animaes. Póde chamar-se o *instincto conservador* da natureza animada. Se o homem pudesse viver só, e fóra da sociedade, nem por isso deixaria de sentir esta propensão e de dirigir-se pelos seus impulsos.

*Amor proprio* he o mesmo *amor de si*, desenvolvido no estado de sociedade: he consequentemente hum sentimento mais complicado, e muito mais vasto na sua comprehensão, que alem da conservação e melhoramento da existencia fysica, abrange tambem a conservação e melhoramento da existencia social do homem, e tende por isso mesmo a evitar a indiferença, a desconsideração, o menoscabo e o desprezo dos outros homens, e a ganhar a sua boa opinião, a sua approvação, a sua estima e o seu louvor.

Este sentimento, que sendo bem regulado, e coarctado dentro de justos limites, he o nobre principio de excellentes virtudes, e a ellas constantemente nos convida; póde ser susceptivel de excesso na sua intenção, e de erro e desvio nos meios do seu desenvolvimento; e então passa elle mesmo a ser vicioso, e póde tambem ser origem de outros vicios.

Considerando o *amor proprio* debaixo destes dous as-

pectos, he facil entender e conciliar as doutrinas, que o defendem, ou combatem; podendo dizer-se com verdade, que o homem sem *amor proprio* he, em certo modo, pouco apto para o bem e para o mal, na ordem social e civil; e que na boa direcção deste necessario e primitivo sentimento consiste em grande parte o segredo de huma boa educação, que haja de dominar e regular o futuro destino do homem na trabalhosa e incerta carreira da vida.

Finalmente, quando este sentimento tem chegado a hum grão tão extraordinariamente excessivo e vicioso, que o homem se ama a si mesmo, não só com injusta preferencia, mas até com total, ou quasi total exclusão dos outros homens, pretendendo loucamente fazer-se como unico centro de todos os bens e de todas as commodidades da vida, e recusando-se áquella reciprocidade de officios, que mantêm as preciosas relações e vinculos sociaes; toma então o nome de *egoismo*, nome de invenção moderna, mas bem proprio, por certo, para exprimir hum vicio tão abominavel, como anti-social, que parece ser o dominante da nossa idade, e haver quasi apagado entre os homens os felizes esforços do amor da gloria, do generoso patriotismo, do honrado desinteresse, da virtuosa independencia, e de todos os outros sentimentos nobres e sublimes, que em seculos mais felizes caracterisarão tantos varões distinctos, e elevarão algumas nações a hum alto grão de esplendor e prosperidade.

194

**Predizer — Profetizar — Vaticinar — Prognosticar — Presagiar  
Agourar — Adivinhar**

*Predizer* significa litteralmente *dizer antes*; dizer cousas, que hão de acontecer, antes que aconteção; annun-

ciar cousas futuras. Este vocabulo, portanto, tem huma significação mui generica, e não determina nem o modo por que essas cousas são conhecidas a quem as *prediz*, nem o grão de certeza, que pôde ter a *predicção*. Faz *predicções* o profeta, o astrónomo, o politico, o astrologo, o adivinhador, &c. He hum genero, que comprehende varias especies, designadas pelos outros vocabulos synonymos.

*Profetizar* he vocabulo da linguagem theologica, e significa *predizer* cousas futuras por inspiração divina. *Profecia* he o termo proprio, com que se denominão as *predicções*, que a cada passo se lêem nos livros sagrados do antigo e novo Testamento, feitas por homens divinamente inspirados. Os que affectavão, ou fingião este raro privilegio, ou se dizião inspirados por falsas divindades, chamavão-se *falsos profetas*, e as suas *predicções* falsas *profecias*.

*Vaticinar* exprime propriamente *profetizar* cantando, e *vaticinio* diz o mesmo que *canto profetico*. He a *predicção* do *profeta*, ou do *vate*, enunciada na linguagem da sublime poesia, como se encontra em muitos admiraveis, e bellissimos lugares de Isaías, de Jeremias, de Ezequiel, &c. E d'aqui vem dar-se tambem este nome ás elevadas concepções dos poetas, quando arrebatados de ardente enthusiasmo, e quasi inspirados, parece que lêem no futuro, e *predizem* os destinos prosperos ou adversos de hum heroe, de hum povo, ou de huma nação inteira.

*Prognosticar* diz em rigor litteral o mesmo que *conhecer antecipadamente*, assim como *prognostico* significa conhecimento antecipado. Este vocabulo pois exprime propriamente a *predicção* de cousas futuras, conhecidas antecipadamente pelo discurso certo, ou conjectural, ou reputado dessa natureza. O astrónomo *prognostica* o eclipse, antevisto nas razões certas e evidentes do calculo. O politico, o homem de estado *prognostica* o resultado de huma negociação, o exito de huma guerra,

as revoluções dos imperios, &c., fundado nas analogias e probabilidades, que lhe offerece a historia das cousas e dos homens, e a observação e combinação das circumstancias. O medico *prognostica* a crise e termo da doença pelas conjecturas que faz sobre a sua causa, complexo de symptomas, compleição e estado do doente, &c. O astrologo *prognostica* successos futuros, cuidando, posto-que vãmente, conhecel-os pela posição, aspecto, conjuncções, ou influencias dos astros, &c.; e nenhum delles *profetiza*, nem *vaticina*, nem *presagia*.

*Presagiar* he *presentir*; sentir antes; *predizer* alguma causa futura, não por inspiração divina, como na *profezia* e *vaticinio*; nem pelo conhecimento natural das cousas, como no *prognostico*, mas sim por hum certo *presentimento*, por huma especie de *tinio* interior (se assim podemos explicar-nos) ou de *instincto*, ou de *sagacidade* natural, de que se não sabe dar a razão. Neste sentido dizemos muitas vezes, e com propriedade, que o coração he *preságo*; que o coração nos *presagia* alguma prosperidade, ou adversidade; que a melancholia (por exemplo) de que nos sentimos possuidos, he triste *presagio* de algum successo infausto, da morte de algum amigo ausente, da perda de hum bem mui querido, &c.

*Agourar* era entre os antigos povos *predizer* qualquer futuro acontecimento pela observação do canto, do vôo, do pasto e do numero das aves. Hoje que este genero de superstição parece totalmente extincto entre os povos da Europa, ainda todavia notámos com a denominação de *agouros* certos accidentes insignificantes, totalmente casuaes, mas desagradaveis, que importunamente nos acontecem, ou se offerecem á nossa vista, e dos quaes *agourámos* algum mau successo em nossos negocios, ou pretenções: e do mesmo modo, aindaque sem animo supersticioso, dizemos algumas vezes, que tal ou tal acontecimento he de bom ou de mau *agouro*, isto he, que

parece sinal de bom ou mau successo na cousa incerta, que desejámos, ou esperámos, ou pretendemos.

*Adivinhação* exprimía propriamente, entre os antigos povos pagãos, não só a *predicção* de cousas futuras, mas também a revelação de cousas occultas, ou inacessíveis aos nossos meios ordinarios e naturaes de conhecer, e isto por huma especie de inspiração, que se julgava sobrenatural e quasi divina, d'onde veio o nome, que lhe derão os Latinos, *divinatio*, e o nosso *a-divinhação*: e incluía muitas especies de *predicções* do futuro e de conhecimento de cousas occultas, segundo esse conhecimento e *predicções* erão tiradas ou dos sonhos, ou do canto e vôo das aves, ou das apparencias dos astros, ou de quaesquer outros phenomenos e sinaes; aindaque muitas dessas especies tinham sua particular denominação.

Hoje quasi que sómente usámos dos vocabulos *adivinhar* e *adivinhação*, quando falámos do artificio fraudulento, com que alguns impostores, ou mulheres de baixa sorte costumão embair o vulgo crédulo, persuadindo-lhe que *adivinham* cousas occultas, ou futuras, e empregando (para mais facilmente lhe desatinarem o juizo) práticas supersticiosas, insignificantes, ineptas, e ás vezes ridiculas, de que a gente ignorante se deixa illudir. Estas artes de *adivinhar* tomão as differentes denominações de chiromancia, hydromancia, pyromancia, necromancia, &c., segundo os differentes objectos, de que os impostores se servem para fazer mais apparatusa e ao mesmo tempo mais crível ao vulgo a sua fraude.

#### Interno – Interior – Intimo

Estes tres vocabulos exprimem respectivamente o que os grammaticos vulgares chamão significação positiva,

comparativa e superlativa; e guardão entre si a differença e gradação correspondente. *Interno* significa o que he de dentro: *interior* o que he mais de dentro: *intimo* o que he muito mais de dentro.

D'aqui vem, que falando, v. gr., do homem, applicamos ordinariamente o vocabulo *interno* ás cousas, que estão dentro delle, mas pertencem ao corpo, e dizemos doença *interna*, remedio *interno*, calor *interno*, &c.: applicamos o vocabulo *interior* ás cousas do espirito, e dizemos alegria *interior*, tristeza *interior*, mágoa *interior*, amargura *interior*, &c.: applicamos finalmente o vocabulo *intimo* ás cousas, que queremos encarecer como sahidas do fundo do coração, do mais recondito da alma, e dizemos pena *intima*, amizade *intima*, paixão *intima*, &c.

A mesma differença e gradação se observa, quando falâmos de outros objectos, se a natureza delles o permite. Assim, v. gr., chamâmos *internos* os arranjos de huma casa de portas a dentro: *interiores* os quartos ou aposentos, que estão mais afastados das entradas e sahidas, e das extremidades da casa para o centro: e *intimos* os retretes, as camaras mais retrahidas, os lugares mais reservados e mais secretos da casa, &c., &c.

### Guiar — Dirigir — Conduzir — Levar

*Guiar* he simplesmente mostrar o caminho, indo adiante. *Dirigir* he encaminhar, instruindo, regendo, governando. *Conduzir* he *guiar*, regulando a marcha como chefe. *Levar* he fazer hir, ajudando, sustentando, dando forças, mettendo animo, talvez obrigando.

*Guiâmos* o viajante na estrada, o estudante nos estudos, o amigo no negocio, na empresa, quando lhes indi-



câmos o caminho, o methodo, os meios, que devem seguir.

*Dirigimos* o filho, o discipulo, o alumno, o subdito, dando instrucções, prescrevendo regras, dictando maximas, corrigindo erros, &c.

*Conduzimos* o regimento, o exercito, a caravana, o rebanho, indo á frente, acompanhando e regulando a marcha. *Conduzimos* o amigo, o cliente, regulando os passos do negocio, e acompanhando-o na execução.

*Levâmos* hum menino, huma pessoa debil, hum enfermo, dando-lhe a mão, talvez tomando-o nos braços, ajudando, animando, emprestando-lhe forças. *Levâmos* o criminoso á prisão, obrigando-o a hir. *Levâmos* os soldados á guerra, inspirando-lhes coragem, brio, enthusiasmo.

A natureza, a razão, a lei *guião* o homem, porque lhe mostram o caminho, que deve seguir: *dirigem-no*, porque lhe dão instrucções, prescrevem regras e maximas, e o regem e governão: *conduzem-no*, porque o acompanhão sempre, regulando seus passos: *levão-no* finalmente, porque o auxilião, o animão, lhe dão esforço, o sustento e talvez o obrigação.

O mesmo se póde dizer, em sentido contrario, das paixões, quando o homem as toma por *guia*, entregando-lhes o mando, *dirigindo-se* pelos seus dictames e conselhos, e consentindo que ellas o *conduzão* por errados caminhos, até o *levarem* por fim á sua total ruina.

### Bens livres – Bens allodiaes

*Livres* são os bens, que não estão ligados, nem vinculados. *Allodiaes* são os bens, que não pagão prestação, ou serviço algum real ou pessoal a hum senhorio.

*Livre* he tudo aquillo, que não está preso, nem ligado,

nem vinculado. Este vocabulo pois, applicado a *bens*, designa aquelles, que não estão legalmente vinculados a outros bens, nem ligados a huma determinada familia, ou successão de pessoas, ou a algum estabelecimento permanente: aquelles, que se podem separar de quaesquer outros; que se podem livremente vender, que podem girar no commercio, &c., e de que seu dono pôde dispor, largando-os de si, sem embaraço algum legal.

*Allodial* he termo derivado da Jurisprudencia e usos feudaes, e designa os bens, que não pagão onus, direito, ou prestação alguma a hum senhorio, nem tem obrigação de qualquer homenagem ou serviço real, ou pessoal. (Veja-se o *Glossario* de Du-Cange, nas palavras *Allodiales*, *Allodialia*, *Allodium*, &c.)

Assim os bens de morgado, ou capella, e os bens de mão-morta não são *livres*, e podem ser *allodiaes*: os bens enfiteuticos não são *allodiaes*, e, rigorosamente falando, podem ser *livres*.

As nossas leis e juriconsultos parece reconhecerem a differença destes dous vocabulos, quando os unem na mesma frase, dizendo, v. gr., que taes bens são *livres* e *allodiaes*, isto he, que nem são *vinculados*, nem sujeitos a fôro, ou serviço; expressão, que coincide com a outra, tambem frequente, *bens livres* e *dizimos a Deos*, com a só differença, que *allodial* exprime directamente a isenção de fôro, serviço, &c., e *dizimo a Deos* exprime a mesma idéa indirectamente, indicando que a propriedade sómente paga o dizimo ecclesiastico, e he isenta de qualquer outra prestação, fôro ou serviço.

#### Apartar — Separar — Afastar — Arredar

*Apartar* he desfazer o ajuntamento; pôr á parte o que estava junto.

*Separar* he desfazer a união, a ligação, talvez a mistura.

*Afastar* he desfazer a proximidade, pôr ao largo; pôr distante.

*Arredar* he tirar de diante da vista, abrindo caminho, pondo para os lados, ou para traz.

*Aparta-se* huma pessoa, ou huma cousa de outra, junto da qual, ou ao pé da qual estava: *aparta-se* o amigo do amigo, o homem da mulher, o animal são do animal doente para se não contagiar, &c.

*Separa-se* hum membro do corpo humano, hum ramo da arvore, a liga do metal, a alma do corpo. Tambem dizemos que se *separa* o amigo do seu amigo, o homem da mulher, &c., quando queremos indicar a união, que entre elles havia, e encarecer por este modo o *apartamento*.

Assim diremos com propriedade, que se *aparta* o amigo do amigo, o homem da mulher, &c., quando estavam juntos em algum lugar, e foi cada hum para sua parte: e dizemos que se *separão*, quando vão para lugares distantes, ou vão por muito tempo, ou talvez para sempre, isto he, quando se desfaz ou quasi se desfaz a união, que entre elles havia. A morte *separa* os amigos, os esposos, os parentes, &c., e não dizemos que os *aparta*.

*Afasta-se* o homem do precipicio, do lugar perigoso, da má companhia; *afasta-se* do crime e da occasião delle; *afasta-se* da lei e do dever; *afasta-se* do contracto, do ajuste, &c. Hum lugar está *afastado* de outro lugar, huma cidade de outra cidade: a costa da ilha vai-se *afastando* da terra firme, &c., &c.

*Arreda-se* quem está diante, para deixar ver; *arreda-se* o povo, abrindo caminho, e talvez pondo-se em ala, para passar o homem de respeito, o magistrado, o principe, &c.

## Nutrir — Alimentar — Sustentar

*Nutrir* quer dizer: entreter immediatamente a substancia dos corpos vivos. O pão e os outros alimentos *nutrem* o homem, ou o animal, convertendo-se na sua substancia: a mãe *nutre* o seu filhinho com o proprio sangue: os succos da terra *nutrem* a planta, &c.

*Alimentar* quer dizer: prover alguém, ou alguma cousa dos *alimentos*, que servem e são proprios para a sua *nutrição*. O pai de familias *alimenta* a mulher e os filhos: o estado *alimenta* os cidadãos: a agricultura e o commercio *alimentão* os povos e as nações: a terra *alimenta* todos os animaes, que se *nutrem* dos seus fructos.

*Sustentar* quer dizer: prover dos *alimentos* precisamente indispensaveis á vida; acudir ás necessidades urgentes e rigorosas: he vocabulo, que diz relação a hum estado de debilidade, fraqueza e necessidade, que demanda auxilio e soccorro. A esmola *sustenta* algumas vezes os ociosos: quem percebe os fructos do trabalho dos pobres deve *sustental-os*: o mesquinho jornal diario, que se paga ao artifice, ao trabalhador, apenas basta para *sustental-o* a elle e á sua triste familia.

## Livreria — Bibliotheca

Usa-se frequentemente destes dous vocabulos, como se fossem de identica significação: mas ha entre elles huma differença, que não será inutil observar.

*Livreria* quer dizer precisamente multidão de livros:

he esta a energia da sua terminação, como já notámos no artigo 149.

*Bibliotheca* quer dizer precisamente caixa, armario, caza, em que se depositão livros, e se conservão ordinariamente em certo arranjo.

D'aqui vem que o guarda da caza dos livros, encarregado do seu arranjo, do seu aceio, &c., se chama *bibliothecario*, e não *livreiro*, dando-se este ultimo nome ao que tem multidão de livros para vender ao publico, &c.

Se hum viajante, por exemplo, levasse em suas viagens humca caixa com alguns livros para lhes servirem ao estudo, ou ao entretenimento, poderíamos dizer que levava comsigo humca *bibliotheca*, mas não humca *livraria*, &c.

### Publicar – Promulgar – Divulgar

*Publicar* he fazer saber ao publico, fazer constar a todo hum povo, cidade, ou nação. *Publica-se* humca noticia, humca lei, hum segredo: *publicão-se* jogos, festas, ferias, &c.

*Promulgar* he *publicar* com auctoridade, e diz-se especialmente da *publicação* das leis e decretos do legislador, que dizem respeito ao todo da nação, e que só podem começar a obrigar, depois que são conhecidos pela *promulgação*. Os apostolos prégando o Evangelho, *promulgárão* a lei do novo Testamento, a lei christã, isto he, fizerão-na conhecida a todo o universo, para ser por todos obedecida, &c.

*Divulgar* he fazer saber alguma cousa, ou noticia, espalhando-a pelo vulgo. *Divulgão-se* quaesquer factos, ou noticias; mas especialmente as mentirosas, que quasi sempre achão melhor acolhimento no vulgo. O calumnia-

dor astuto, que intenta derribar o credito do homem virtuoso, começa quasi sempre por *divulgar* contra elle suspeitas, que pouco a pouco tomão corpo, e por ultimo tornão, pelo menos, duvidosa a sua reputação.

### Premio — Galardão

Ambos estes vocabulos exprimem em geral a idéa de huma recompensa, que se dá a qualquer pessoa por seus serviços, ou merecimentos reaes, ou suppostos.

Mas *premio* parece mais proprio para exprimir essa recompensa quando ella he determinada por lei, ou por algum genero de ajuste e convenção, quasi como paga, ou preço do serviço; como cousa rigorosamente devida. E em consequencia desta restricta significação, parece tambem, que o *premio* suppõe sempre alguma obrigação de o distribuir na pessoa, que o distribue.

*Galardão* exprime huma idéa, em certo modo, mais nobre, e não suppõe sempre aquella obrigação. Todos indistinctamente podem concorrer para *galardoar* o homem de merecimento relevante, ou que tem feito importantes serviços: a approvação, a estima, o louvor, o reconhecimento, que se tributa ao cidadão virtuoso e útil, he o melhor *galardão*, que elle pôde esperar e receber por suas virtudes.

O homem, que dedica todos os momentos da vida ao serviço da patria, não pôde receber della hum *premio* equivalente ao seu generoso sacrificio. O unico *galardão* digno da sua virtude, o unico a que elle deve aspirar, o unico de que a vil inveja não pôde jámais prival-o, consiste na propria convicção que tem, e na intima satisfação que goza, de haver cumprido o mais nobre de seus deveres e de ter merecido a estima da posteridade.

**Peccado — Delicto — Crime — Falta — Culpa**

*Peccado* he toda e qualquer infracção da lei de Deos. As infracções das leis humanas tambem são *peccados*; mas quando lhes damos este nome, he porque as considerámos como contrarias á lei de Deos, escripta, ou gravada nos nossos corações, a qual nos manda respeitar e obedecer ás auctoridades publicas, e ser exactos observadores de suas leis e mandados: de maneira que a lei de Deos, influindo immediatamente na consciencia do homem, roboras as leis humanas, e augmenta a sua força de obrigar, sendo este o mais poderoso auxilio, que a religião dá á sociedade civil.

*Delicto* he qualquer acção ou omissão externa, imputavel, contra as leis humanas. Quando o *delicto* demanda a vindicta publica, e he como tal designado nas leis *criminaes*, e por ellas punido, toma o nome de *crime*.

*Falta* he qualquer acção, ou omissão leve, contra as regras do dever, nascida mais da humana fraqueza, que da malicia e depravação do coração.

*Culpa* he propriamente a relação moral, que resulta do peccado, delicto, crime, ou falta, e pela qual o homem contrahe a qualidade de *culpado*, e fica sujeito a huma pena, ou castigo.

**Bastante — Sufficiente**

He *bastante* o que bem chega: o que enche a medida do necessario, talvez com largueza: he *sufficiente* o que

quasi enche essa medida; aquillo com que se póde passar; com que nos devemos contentar.

Ter *bastante* com que passar he ter o necessario, talvez com algum sobejo: ter *sufficiente* com que passar he remediar-se bem, poder passar mediocrementemente; ter quanto se requer para não padecer necessidades, &c.

### Iroso — Iracundo — Irado

A terminação em *oso*, nos adjectivos, exprime muitas vezes a propriedade, a força, a tendencia, a propensão natural: assim chamámos *rixoso*, *estudioso*, *amoroso*, &c., o homem que he dado a rixas, que he inclinado aos estudos, que tem propensão para os sentimentos de amor, &c. (Veja-se o artigo 114.)

A terminação em *undo* exprime abundancia, profusão, excesso, talvez frequencia, profundez, &c.: assim dizemos *venerabundo*, o que faz demónstrações de profundo respeito; *furibundo* o que mostra excesso de furor; *rubicundo* o que mostra grande vermelhidão, vermelhidão ardente, &c.

A terminação em *ado*, nos participios perfeitos dos verbos, exprime o *estado actual passivo* do sujeito; a existencia do attributo no sujeito no tempo, ou época, de que se fala, &c., assim em *amado*, *enfeitado*, *estimado*, &c.

*Iroso* pois he propriamente o homem inclinado á ira: que tem, de sua condição, e como por natureza, facilidade de deixar-se possuir desta paixão; que he propenso a irar-se, &c.

*Iracundo* he o homem excessivamente *iroso*; que abunda (por assim dizer) nesta paixão; que he violenta-



mente dominado della; cujas iras são frequentes, talvez arrebatadas, impetuosas, &c.

*Irado* he o homem, que actualmente está tomado da ira.

*Iroso* e *iracundo*, designão a paixão, o habito da ira: *irado* designa o estado actual do sujeito: por onde, pôde hum homem estar *irado*, sem ser *iroso*, nem *iracundo*; e pôde ter esta paixão, estando actualmente de animo quieto e tranquillo.

206

### Fraco — Debil

*Fraqueza* quer dizer *falta de forças*: *debilidade* quer dizer *decadencia de forças*.

*Fraco* he o que não tem forças, ou tem poucas; o que não tem bastante consistencia; o que facilmente quebra, ou se rende, &c. (Do Latim *frang-o*, *frag-ilis*, *fructus*, &c.)

*Debil* he o que tem decahido de forças; o que as tem gastadas, ou diminuidas: o que tem perdido o vigor, &c. (Do Latim *de*, que exprime a perda de huma qualidade, ou a sua diminuição e decadencia, como em *de-crescer*, *de-dignar-se*, *de-generar*, *de-molir*, &c.; e da terminação *abilis*, que exprime aptidão, capacidade, faculdade, &c.) (Vejam-se os artigos 113 e 135.)

Os órgãos delicados de hum menino fazem que elle seja *fraco*: os órgãos gastados de hum velho fazem que elle seja *debil*.

Chamámos *fraco* e não *debil* o homem que não tem valentia, nem valor; e tambem o que não tem animo forte e varonil para supportar os males da vida; nem firmeza de character para resistir á força estranha, de que o querem impressionar, &c.

Quem he de constituição *fraca* deve evitar o exer-

cicio immoderado, que até *debilita* o homem forte e robusto, &c.

207

### Furto — Roubo — Rapina — Latrocinio

**Furto** he o acto de tomar o alheio, com animo de o reter e possuir contra a vontade de seu dono.

**Roubo** he o *furto* feito com violencia e força: o *furto* do ladrão publico. Leão, *Origem*, fol. 39, diz: *a acção do ladrão publico chamão roubo; a do ladrão secreto, furto.*

**Rapina** he o *roubo* do salteador, *gente* (diz Barros) *que vive de saltos* e rapina: d'onde vem chamarem-se aves de *rapina* as que cahem de improviso, e como de salto, sobre outras aves, ou animaes, de cujas carnes se alimentão.

**Latrocinio** he *roubo*, ou *rapina* com morte do roubado.

Ha ainda outras especies de *furto*, cujos nomes particulares se não podem confundir com os que aqui vão definidos. Taes são o *peculato*, *furto* de dinheiros publicos feito por quem tem a administração e manejo delles: o *stellionato*, *furto* fraudulento, *furto* do bulcão e illicador, &c.: o *plagio*, *furto* pelo qual alguém apropria a si o que se acha nas obras litterarias de outrem: o *rapto*, *roubo* de mulher; *roubo* de pessoas, &c.

208

### Dotes — Prendas

**Dotes** parece ser vocabulo proprio para significar certas qualidades, que se estimão e prezão na sociedade, e de que o homem he *dotado* pela natureza.

*Prendas* parece que se refere mais particularmente a certas outras qualidades estimaveis, que o homem adquire pelo seu estudo, industria, trabalho, ou applicação.

A formosura, a boa voz, a discrição, o bom juizo, o agrado natural, a affabilidade, &c., são *dotes*.

As artes de escrever, desenhar, pintar, dançar, esgrimir, tocar instrumentos, &c., são *prendas*.

*Dotes* diz relação ao Latim *do*, ou *dono* (dar, doar): *prendas*, ao Latim *prendo*, ou *prehando* (tomar. haver a si, &c.)

209

### Criar – Produzir – Gerar

No sentido fysico não he difficil conhecer a differença que ha entre estes vocabulos.

*Criar* he propriamente tirar alguma cousa do nada; dar-lhe todo o ser. *Produzir* he trazer fóra; fazer apparecer o que d'antes não existia. ou se não via, tirando-o de outra cousa já existente. *Gerar* he *produzir* por geração; produzir hum ser semelhante ao gérador.

Deos *criou* o mundo. e pôde *criar* muitos outros. A terra *produz* plantas. O animal *gera* outros animaes da mesma especie.

Analogamente se podem empregar e distinguir estes vocabulos no sentido figurado.

*Cria-se* o que d'antes não existia de modo algum, ou parecia não existir, por se não conhecerem os seus elementos e principios. Hum sabio *cria* qualquer sciencia. ou ramo de conhecimentos, de que d'antes se não havia tractado. Lock parece ter sido nos tempos modernos o primeiro *criador* da Ideologia.

*Produz-se* aquillo, de que já existião os elementos. mas ainda não combinados de maneira que apparecesse essa cousa nova. que se *produz*. Todos os escriptores

*produzem* obras de differente merecimento, quando combinão a seu modo os elementos das sciencias, e tractão algum ramo dellas por hum methodo seu proprio. Os *productos* das artes não são mais que combinações differentes dos materiaes, que cada hum das ellas emprega, &c.

*Gera-se*, quando se *produz* huma cousa semelhante ao principio *gerador*. Hum erro *gera* outros erros: os vicios *gerão* outros vicios: o orgulho, por exemplo, *gera* a altivez, a arrogancia, &c.; a vaidade gera a affectação, &c., &c.

### Honra — Decoro — Dignidade

Tem *honra* o homem, que constantemente, e por hum sentimento habitual, procura alcançar a estima, boa opinião e louvor dos outros homens, e trabalha pelo merecer, não só cumprindo exactamente todos os seus deveres, mas tambem aspirando ao primor da virtude pela prática das acções, que procedem de hum animo nobre e generoso.

Tem *decoro* o homem, que nas acções indifferentes procura constantemente conformar-se com as opiniões, gostos, sentimentos e práticas da sociedade, guardando em tudo o que convem e he decente, e não afrontando os usos geralmente estabelecidos e praticados pelas pessoas discretas e sizudas.

Tem *dignidade* o homem, que constantemente trabalha por conformar as suas acções com as justas idéas da nobreza e elevação do ser racional, e com a gravidade e importancia de seus publicos empregos, ou da sua gradação na ordem social.

O sentimento da *honra* nasce de hum bem entendido amor de nós mesmos, e nos leva directamente á virtude

e ás acções generosas, como unico meio de alcançarmos a estima, boa opinião e louvor dos outros homens.

O sentimento do *decoro* nasce do respeito que temos á sociedade, e leva-nos á cuidadosa observancia de tudo o que he decente, de tudo o que convem, e de tudo o que he agradável aos nossos concidadãos, nas cousas que não são reguladas pelas leis.

O sentimento da *dignidade* nasce da justa idéa que fazemos da nobreza do nosso ser, e da graduação do lugar, ou dos empregos que occupámos na ordem social; e nos afasta de toda e qualquer acção que desdiga da primeira. ou possa deslustrar a segunda.

### Cortezia — Cortezania

Ter *cortezia* he praticar as demonstrações externas de respeito, comedimento e bom modo para com os superiores, iguaes e inferiores, guardando nesta materia o que prescreve o uso das pessoas bem educadas.

Ter *cortezania* he praticar as civilidades da côrte, o requinte da *cortezia*, segundo os usos, estilos e maneiras mais apuradas dos que frequentão a côrte.

O primeiro he proprio do homem *cortez*: o segundo he proprio do *cortezão*.

### Formoso — Gentil — Galante

*Formoso* he tudo aquillo, cujas fórmãs são regulares e ordenadas com justa proporção. Diz-se dos homens, dos animaes e das cousas inanimadas, v. gr., *formoso*

homem, *formoso* cavallo, *formoso* edificio, cidade *formosa*, &c.

*Gentil* quer dizer *formoso* senhorilmente, *formoso* nobremente. isto he. cujas fórmãs, além de regulares e bem proporcionadas, são graciosas, delicadas, elegantes, primorosas, &c. Diz-se com mais propriedade. falando do homem, ou das suas cousas e acções, v. gr., rosto *gentil*, figura *gentil*, costumes *gentis*, &c., e d'aqui vem *gentileza* em armas, isto he, nobre feito de armas: fazer *gentilezas*, isto he, fazer acções proprias de hum coração nobre, &c.

*Galante* refere-se ao gosto, concerto, graça e ornato dos trajos, do aceio, &c. Cousa *galante*, quer dizer, bem ornada, ataviada com gosto. engraçada; d'onde vem *galante*, isto he, namorado, que pretende agradar ás damas com aceios exquisitos, talvez com ditos engraçados, &c.

## 213

**Gêlo — Geadã — Saraiva — Neve**

Cada hum destes vocabulos exprime huma das diferentes fórmãs, em que se observa o fenomeno da agoa *congelada*, isto he, privada do calorico, que entretinha a mobilidade das suas particulas.

Quando huma porção de agoa se reduz a estado solido, e forma huma como massa vitrificada, chama-se *gêlo*.

Quando a agoa cahe da atmosfera em orvalho, isto he, em miudissimas gôtas, e estas se congelão sobre a terra por causa do esfriamento da mesma terra, chama-se *geada*.

Quando a agoa se congela na atmosfera em gôtas mais grossas e graúdas, e cahe nesta fórmula sobre a terra, como chuva, chama-se *saraiva*.

Finalmente quando a agoa se congela na atmosfera, e cahe sobre a terra em flocos, separados huns dos outros, e de huma alvura que deslumbra os olhos, chama-se *neve*.

214

### Legítimo – Legal

*Legítimo* he tudo aquillo que conforma com a ordem da natureza, com a razão e com as leis. He termo mui generico, e tem lugar na linguagem da filosofia, da moral, da jurisprudencia, &c. Em fysica he *legítimo* ouro, *legítima* prata, *legítimo* diamante o que tem a propria natureza destas substancias, o que não he contrafeito, nem adulterado. Em logica he *legítimo* o raciocinio, quando os principios são verdadeiros, e a consequencia deduzida segundo as regras. Em moral são *legítimas* as acções que conformão com a razão, a equidade e a justiça universal: he *legítimo* o uso que fazemos das nossas faculdades, quando esse uso he conforme aos intuitos da natureza e regulado pela razão. Em jurisprudencia são *legítimas* todas as acções, ou omissões, que as leis ordenão, ou não prohibem.

*Legal* he vocabulo de significação muito mais restricta; tem mais particular uso na linguagem da jurisprudencia positiva, e parece referir-se a tudo o que se faz, ou obra segundo o que está determinado nas leis humanas, isto he, guardando as solemnidades, formalidades, ou condições, que ellas prescrevem.

Hum titulo he *legal*, quando está authenticado na fôrma que a lei ordena: hum testamento he *legal*, quando foi feito com as solemnidades da lei: huma prova he *legal*, quando nella se achão verificadas todas as condições, que a lei requer, &c., &c.

### Communmente – Ordinariamente

O que he *commun* toca a todos, ou a quasi todos: o que he *ordinario* succede muitas vezes, ou as mais das vezes; não he raro; não he fôra da ordem: he o que se deve aguardar.

*Communmente* pois refere-se á multidão de pessoas. que fazem a mesma cousa: *ordinariamente* refere-se á multidão de vezes, que acontece a mesma cousa.

Tal mercado he *ordinariamente* bem provido: em tal paragem cursão *ordinariamente* bons ou maus ventos: quer dizer, que o mercado he *quasi sempre* bem provido, e que naquella paragem cursão *quasi sempre* bons ou maus ventos. Em nenhuma destas frases se pôde empregar com propriedade o adverbio *communmente*.

A mocidade he *communmente* inconsiderada: a velhice he *communmente* prudente: quer dizer, que os mancebos são *pela maior parte inconsiderados*, que os velhos são *quasi todos*, ou *pela maior parte*, prudentes.

Como porém os mancebos são, não só *pela maior parte*, mas tambem *as mais das vezes*, inconsiderados; e ao contrario os velhos prudentes; d'aqui vem que se diz com igual propriedade, postoque em differente sentido, que os primeiros são *communmente*, ou *ordinariamente* inconsiderados; e os segundos *communmente*, ou *ordinariamente* prudentes.

Do mesmo modo, e pela mesma razão, quando dizemos, v. gr., que *ordinariamente*, ou *communmente* o vulgo erra nos juizos, que faz sobre taes ou taes objectos, a frase he justa em ambos os casos; mas o sentido



differente. O vulgo erra *ordinariamente*, quer dizer, erra *quasi sempre*. O vulgo erra *commummente*, quer dizer, errão *quasi todos* os que se incluem na denominação de vulgo.

Dor – Pesar – Afflicção – Magoa – Consternação

Não falámos aqui da *dor* corporal, isto he, daquella *dor*, que resulta immediatamente das impressões que se fazem nos nossos órgãos internos ou externos, e que perturbão a harmonia vital do corpo. *Dor*, neste sentido, não póde julgar-se synonymo de *magoa*, *pezar*, *afflicção*, &c. Mas falámos da *dor* da alma, a qual consiste em hum sentimento penoso e profundo, nascido da representação do mal passado, presente, ou futuro, que por qualquer modo diz respeito às affeições e necessidades da mesma alma, e perturba a harmonia vital do espirito. Neste sentido, *dor* he vocabulo generico, que comprehende diferentes especies de *dor*, designadas por diferentes vocabulos, e caracterisadas, ou pelos grãos da sua intensidade, ou pelo objecto particular, que lhes dá origem, ou pelo estado em que põem a alma.

*Pesar* he huma destas especies: he a *dor* da alma, que nasce em nós da representação dos maus procedimentos, que temos tido em qualquer situação da nossa vida, e principalmente na ordem moral. Distingue-se do *arrependimento*, porque este ajunta ao *pezar* a detestação do mal que fizemos, e o deliberado e firme proposito de o não tornarmos a fazer.

*Afflicção* he huma *dor* mais vehemente, ou antes hum estado doloroso da alma, quando esta se acha fortemente commovida e penetrada de algum grande mal, presente, ou imminente, talvez irremediavel, que ataca os funda-

mentos da nossa felicidade, ou os objectos mais caros ao nosso coração.

A morte de hum pai adorado, a perda da fama, a ruina da fortuna, a desgraça de hum amigo, &c., causão este sentimento. A sua longa duração abate todas as faculdades fysicas do homem, e póde causar-lhe a morte. O seu allivio he derramar lagrimas copiosas. O coração *afflicto* não faz esforço algum para se distrahir na sua *dor*, antes esta se irrita mais, quando a querem combater. Para consolar o homem na *afflicção*, convem dar tempo ao desafogo, e esperar o momento favoravel, que he, de ordinario, quando a pessoa *afflicta* começa a falar, com huma especie de ternura e effusão do coração, ácerca do objecto, que motivou o seu penoso estado.

Então a *afflicção*, como que se transforma em hum estado da alma mais igual, mais tranquillo, mais doce (se assim podemos explicar-nos), e até ás vezes, em certo modo, delicioso, a que damos o nome de *magoa*, bello e mui expressivo vocabulo, que tomámos do Latim, melhorando a sua pronunciação, o qual, segundo a significação etymologica, exprime huma *nódoa* na alma, huma especie de sentimento docemente melancolico, que se derrama por toda ella, e que parece nascido da saudosa recordação do bem que perdemos, e da satisfação que sentimos em o ter presente ao nosso espirito. As pessoas, dotadas de grande sensibilidade e delicadeza, chegam a achar neste estado hum encanto inexplicavel, e até fazem por desviar de si tudo quanto poderia distrahir-as da profunda e continua meditação do objecto da sua saudade.

A *consternação* não he propriamente huma especie de *dor* da alma; mas sim o effeito della, quando a presença, ou proximidade de algum grande mal fere de subito o nosso espirito, de tal modo, que lhe abate totalmente as forças e prostra toda a sua coragem.

### Estatura – Talhe

*Estatura* refere-se simplesmente á altura da pessoa posta em pé: *talhe* refere-se não só á altura, mas a toda a configuração da pessoa, aos seus contornos e proporções; ao bem ou mal *talhado* de seus membros, &c.

A *estatura* pôde ser excelsa, alta, mediocre, baixa, &c.: o *talhe* pôde ser esvelto, delicado, gentil, &c.

O calçado alto, o capacete, a barretina, &c., relevão a *estatura* dos homens: o vestido demasiadamente estreito e apertado altera o *talhe* dos meninos, e não consente que a natureza desenvolva devidamente as suas fôrmas: certas modas nos vestidos das mulheres, em lugar de mostrarem, ou realçarem a elegancia do seu bello *talhe*, pelo contrario o encobrem, ou o desfigurão.

### Muitas vezes – Frequentemente

O vocabulo *muito* exprime precisamente a idéa de grande quantidade, de qualquer natureza que ella seja, fysica, ou moral. Assim, *muitos homens* quer dizer grande numero de homens; *muito* tempo, *muito* caminho quer dizer grande espaço de tempo, grande longura de caminho; *muito* nobre, *muito* sabio diz o mesmo que nobre e sabio em alto grão, &c.

O vocabulo *frequente* exprime multiplicidade, com repetição amiudada. Assim, dizemos, v. gr., que hum homem he *frequente* no templo, no theatro, na praça, quando elle vai a estes lugares muitas e amiudadas vezes: que hum lugar he *frequentado* do povo, quando

muita gente do povo ali vai a miudo: que a huma funcção publica concorreo *frequencia* de gente, quando a ella concorreo muita gente, amiudando entradas e salidas, &c.

Pelo que *muitas vezes* exprime simplesmente grande numero de vezes: *frequentemente* quer dizer grande numero de vezes amiudadas.

Quem diz, por exemplo, que hum reino, provincia, ou cidade tem soffrido *muitas vezes* terremotos, exprime tamsómente, que tem soffrido hum grande numero destes espantosos phenomenos da natureza, os quaes, no decurso de alguns seculos, podem ser muitos, e ao mesmo tempo raros, ou não *frequentes*. Mas quem diz, que essa cidade, provincia, ou reino tem soffrido, ou sofre *frequentes* terremotos, quer dizer, que tem experimentado não só muitos, mas esses amiudados, com relação á natureza do phenomeno e ao espaço de tempo de que se fala.

A *muito* oppõe-se *pouco*; a *frequente* oppõe-se *raro*.

Esta frase são *poucos os homens de genio* quer dizer simplesmente, que os homens de genio são em pequeno numero: est'outra frase são *raros os homens de genio* quer dizer, que apparecem poucos, e de longe em longe, relativamente á vasta extensão dos seculos, e á grande multidão dos homens.

Cinco ou seis homens, nadando em hum pequeno rio, serão simplesmente *poucos*: em huma vasta extensão de agoas, ou no mar, serão *raros*. Tal he a energia do *rari nantes* do poeta latino, e a propriedade, com que sempre se explicava este grande mestre do estilo poetico.

#### Frequente — Crebro

Acabámos de dizer que *frequente* exprime o que he repetido muitas vezes amiudadas.

*Crebro* acrescenta ainda a esta significação a idéa de bastidão e espessura, isto he, exprime o que he repetido muitas vezes amiudadas, e por muitos sujeitos ao mesmo tempo.

Neste sentido o empregou Camões nos *Lusiadas*. cant. 9.<sup>o</sup>, est. 32.<sup>o</sup>

«*Crebro*s suspiros pelo ar soavam,  
«Dos que feridos vão da setta aguda.»

exprimindo não só a *frequencia* dos suspiros, mas também a *multidão simultanea* dos amantes. E por aqui se verá o discernimento e gosto do illustre poeta na escolha dos vocabulos, com que tanto enriqueceo a lingua portugueza.

220

### Preguiçoso — Ocioso

O *preguiçoso* não faz nada: o *ocioso* não faz nada do que deve fazer; nada do que importa fazer; nada do que cumpre á sua obrigação, ou convem ao seu estado e circumstancias.

O *preguiçoso* he inimigo de todo o trabalho e movimento: o *ocioso* he inimigo de todo o trabalho serio, util, necessario, devido; de todo o trabalho, que lhe não agrada.

O *preguiçoso* não se move para cousa alguma; e tanto o enfada e molesta o trabalho, como o divertimento, huma vez que este o tire da sua inacção e o obrigue a algum esforço.

O *ocioso* aborrece o trabalho util; e todavia emprega-se algumas vezes, com gosto, em jogos, caçadas, banquetes, folguedos e outras semelhantes diversões, que demandão movimento e agitação. A estes taes po-

dem bem applicar-se as palavras de Seneca: *quorundam non otiosa vita est dicenda, sed desidiosa occupatio.*

O *preguiçoso* he inhabil para todas as virtudes; porque he incapaz do esforço, que todas ellas requerem.

O *ocioso* he apto para todos os vícios; porque nenhuma cousa tanto os favorece, como a dissipação do espirito, a falta de occupação sèria, e a liberdade que se dá aos prazeres e appetites.

Algumas vezes comtudo usámos destes vocabulos em hum sentido menos odioso; e isto acontece, quando por elles queremos exprimir não o vicio e habito; mas sim o estado, ou situação accidental do sujeito. Assim dizemos, v. gr., que tal pessoa *está preguiçosa*, quando por indisposição do corpo, ou do espirito, ou de ambos, tem actual repugnancia ao trabalho: e dizemos que tal pessoa *está ociosa*, quando nas cousas de seu ordinario emprego não tem que fazer; ou tambem quando cessa do trabalho e o interrompe, para tomar o repouso e recreação indispensavel.

Neste sentido attribuímos o adjectivo *ocioso* não só ás pessoas, mas tambem ás cousas, e dizemos, por exemplo, que a espada do soldado *está ociosa* em tempo de paz; que a natureza parece estar *ociosa* nos mezes do inverno; que o epitheto *está ocioso* no discurso; assim como dizemos do official mecanico, que *está ocioso* por falta de obra; do mercador, que *está ocioso* por falta de trafico e de concorrência de compradores, &c.

A este modo de *estar ocioso* corresponde algumas vezes, com mais propriedade, a frase *estar em ocio*, do que a outra *estar em ociosidade*, havendo entre ellas a mesma differença, que entre os vocabulos latinos *otium* e *otiositas*, e entre os adjectivos francezes *oisif* e *oiseux*.

A nossa antiga linguagem tiuha tambem o vocabulo *lazier*, que significava propriamente *tempo de ocio*, tempo

livre das occupaões e trabalhos do officio, ou da obrigação, tempo, de que cada hum póde dispor a seu arbitrio. He o *loisir*, que se conserva no Francez com a mesma significação.

### Matrimonio — Cazamento — Nupcias — Vodas

*Matrimonio* exprime o contracto, pelo qual o homem e a mulher se promettem mutua e exclusivamente o uso do corpo, em cohabitação continua, com o fim de gerar filhos, e de os criar e educar. He termo (como dizem os juriconsultos) do direito das gentes, que se refere precisamente ao contracto, sem relação necessaria ás leis religiosas, ou civis de cada nação.

Neste sentido he *matrimonio* o que celebrão os christãos, os mahumetanos, os idolatras, os pagãos, e até os povos que vivem fóra da sociedade civil, huma vez que nelle se verifiquem as condições essenciaes ao contracto natural.

Nós mesmo, na linguagem usual, chamámos *matrimonio* ao clandestino, que não he legitimo, nem legal; e quando requeremos, para alguns actos civis, que o filho seja de legitimo *matrimonio*, reconhecemos, em certo modo, que póde haver *matrimonio*, sem ser legitimo.

*Cazamento* refere-se especialmente á união e ajuntamento dos consortes, para formarem hum *cazal*, vivendo em commum; ou ao estabelecimento e administração de huma *caza* e familia, separada da paterna, que he huma das consequencias ordinarias do *matrimonio*.

D'onde vem, que na linguagem vulgar dizemos, que tal ou tal sujeito fez hum grande *cazamento*, ou hum *cazamento* vantajoso, referindo-nos á riqueza do dote, e

do novo estabelecimento dos *cazados*; e nunca podemos dizer no mesmo sentido, que alguém fez hum grande *matrimonio*, ou hum *matrimonio* vantajoso.

Semelhantemente, e pela mesma razão, dizemos, que hum caza possui grandes rendas e morgados, que se lhe forão ajuntando por *cazamentos*, e não por *matrimonios*; e antigamente se chamava *cazamento*, e não *matrimonio*, o dote, que os Reis e grandes senhores davão aos seus vassallos e criados para cazarem; bem como os mosteiros ás donzellas descendentes dos seus fundadores, ou dotadores; e o deflorador, por ordenação da lei, á mulher deflorada.

*Nupcias* refere-se propriamente ás solemnidades legais; ao rito e apparato ceremonial. com que costuma celebrar-se o *matrimonio*, segundo as leis e os usos particulares dos povos.

A esta solemnidade pertence tambem o festim domestico, do qual fazem parte as *vodas*, isto he, o convite da meza, o banquete nupcial.

### Arrendar — Alugar

Ambos estes vocabulos exprimem o acto, pelo qual o proprietario de hum couda cede a outrem, e outrem aceita, o uso, ou usufructo della, por certo preço entre elles ajustado.

Mas *arrendar* diz-se com mais propriedade quando se tracta de bens ruraes: *alugar*, quando se tracta de predios urbanos, de cazas, moveis, trastes, animaes de trabalho, &c.

O preço do primeiro contracto chama-se *renda* ou *penção*: o do segundo *aluguer*.



## Perspicacia — Agudeza — Penetração

São vocabulos. que exprimem diferentes qualidades da vista corporal, e que por translação se applicão ao entendimento, ou á vista intellectual.

A *perspicacia* da vista vê claro por entre e através da nuvem, do véu, do obstaculo. A *agudeza* vê os objectos mais subtils, mais finos, mais delicados, e os que, por sua posição, se representam como taes. A *penetração* vê no interior, no fundo dos objectos.

A *perspicacia* do entendimento vê claramente a verdade através dos disfarces, com que está encuberta, das nuvens que a escondem, dos obstaculos que lhe oppõe a natureza, ou o artificio. A *agudeza* conhece as relações mais subtils e delicadas dos objectos, apprehende as differenças mais miudas, as circumstancias e particularidades (por assim dizer) mais finas, e que facilmente escapariam aos entendimentos vulgares. A *penetração* descobre até o fundo dos objectos; vai ao intimo delles, não parando na superficie; faz por conhecê-los o mais perfeitamente que he possível.

A *perspicacia* suppõe hum meio, e de algum modo o faz transparente; esta he a energia do Latim *perspicere*. *Perspicuidade*, que tem relação com *perspicacia*, significa o mesmo que *transparencia*. (Veja-se art. 83.)

A *agudeza* suppõe mais fineza e subtileza que *penetração*. *Agudezas* são ditos engenhosos, que nascem de hum entendimento fino, a que não escapão as relações mais subtils e delicadas dos objectos, as suas semelhanças, ou differenças mais fugitivas.

A *penetração* finalmente suppõe interior fundo, e con-

sequentemente obscuridade. *Penetrar* he hir bem ao interior das cousas, ver até o fundo dos objectos, conhecer o que nelles he mais implicado, difficil, obscuro.

### Cubiçoso — Avarento

«A differença entre o *cubiçoso* e o *avarento* (diz Vieira, *Sermões*, part. 7.<sup>a</sup>, pag. 325), he que o *cubiçoso* quer o dinheiro para gastar, o *avarento* quer o dinheiro para guardar.»

O *cubiçoso* he dominado da paixão de adquirir bens, dinheiros, riquezas; mas o seu fim he ter para as suas despezas, para os seus prazeres, para as suas superfluidades, e talvez para os seus desperdícios. O *avarento* pôde ter, e ordinariamente tem a mesma paixão de adquirir; mas o seu principal e essencial caracter he guardar sofregamente o adquirido, mormente o dinheiro; não gastar nem ainda nas cousas mais indispensaveis á sua decencia, aos seus commodos, ao seu alimento; viver com vil escaceza, e com parcimonia sordida, e sem modo.

«O *cubiçoso* (diz ainda Vieira), usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins: o *avarento* não tem outro fim em ter dinheiro senão o ter; e faz do mesmo dinheiro o seu ultimo fim . . . O *cubiçoso*, que não he *avarento*, serve-se do dinheiro; porém o *avarento* em lugar de se servir delle, serve-o a elle.»

O *cubiçoso* pôde ser liberal, magnifico, e até prodigo. O *avarento* he apoucado, mesquinho, sordido, deshumano, inaccessivel á compaixão; emfim he hum monstro, verdadeiramente incomprehensivel, da natureza humana.

«A ninguém, e nunca, faz bem o *araro*, senão quando morre», diz Arraes, Dial. 5.º, cap. 7.º

### Religião — Piedade — Devoção

No sentido em que estes tres vocabulos podem ser synonymos, exprimem em geral huma disposição habitual do nosso coração a respeito de Deos. a qual faz que tenhamos deste Supremo Ser. quanto nos he possivel, idéas convenientes á sua natureza, e que lhe tributemos o culto que lhe he devido.

Mas dizemos simplesmente que o homem tem *religião*, quando elle crê tudo o que deve crer, e se conforma com a sua crença, e por ella se regula, tanto nos sentimentos e affectos do coração, como na pratica das acções externas.

Dizemos que tem *piedade*, quando ajunta a esta crença e culto hum zêlo particular, mas sobrio e bem dirigido, sobre as cousas religiosas, huma afeição cordial, que lhe faz amaveis as obrigações da *religião*.

Dizemos finalmente que tem *devoção*, quando a sua *piedade* he terna, viva, sensivel, e se manifesta por hum certo geito, modo e compostura no exterior.

As mulheres são chamadas, em frase ecclesiastica, o *sexo devoto*; porque nos exercicios da religião mostram a ternura e sensibilidade que lhes é propria, e são. por outra parte, mais minuciosas, e quasi ceremoniosas nas exterioridades do culto.

Quando a *devoção* he falsa com essas exterioridades sómente se contenta. O hypocrita, o falso *devoto* não tem outra *religião*, nem outra *piedade*: esta lhe basta para o seu fim, que he illudir os homens pouco reflexivos, e

obter delles a estima e veneração, que sómente he devida á verdadeira virtude e á solida *piedade*.

### Transportar — Transferir

*Transportar* he *levar* de hum lugar para outro: *transferir* he *mudar* de hum lugar, ou de hum tempo para outro. Muitas cousas se *transferem* que se não *levão*.

*Transportar* he levar de hum lugar para outro mercadorias, moveis, generos, dinheiros, tudo emfim o que alguém pôde *levar* real e fysicamente comsigo, ou sobre si, ou em cavalgadura, ou em carro, ou de outro semelhante modo.

*Transferir* he mudar de hum lugar para outro, ou de hum tempo para outro, huma feira, hum mercado, huma festa, a residencia, a habitação, a séde do imperio. tudo emfim o que se pôde fazer *mudar* de lugar, sem comtudo se *levar* em sentido proprio e real.

Hum negociante *transfere* o seu armazem, e *transporta* as mercadorias que nelle tinha arrecadadas.

*Transfere-se* hum tribunal, por exemplo, de huma cidade para outra, e *transporta-se* o seu arquivo: *transfere-se* o theatro da guerra, e *transportão-se* as munições e bagagens.

Deos *transfere* de humas para outras nações, quando lhe apraz, a grandeza e o poder, e não dizemos que o *transporta*. O peccador inconsiderado *transfere* de hum para outro dia a sua conversão, e não a *transporta*.

Quando Constantino Magno *transferio* para Constantinopla a séde do imperio, quasi todos os grandes abandonarão a Italia, e se *transportarão* ao Oriente, &c.

**Achaque — Molestia — Enfermidade — Doença**

Usâmos a cada passo de qualquer destes vocabulos para exprimir o estado do homem que tem falta de saude, que não tem a saude no ponto conveniente, que sofre nella alteração ou decadencia, &c.; e neste sentido podem-se julgar synonymos: mas tem entre si differenças notaveis.

*Achaque* he termo generico, e significa qualquer defeito, falta ou vicio fysico ou moral; e d'aqui vem, segundo parece, a especial applicação, que lhe damos, quando queremos exprimir o estado de *doença*, isto he, de falta, defeito, ou vicio na saude, dizendo, v. gr., que tal pessoa padece *achagues*, que a velhice he *achacosa*, &c.

*Molestia* he tambem termo generico, e designa todo o incommodo, enfadamento, ou trabalho penoso do corpo ou do espirito. Applica-se consequentemente á *doença*, porque esta he em si mesma huma especie de *molestia*, e causa muitas outras a quem a padece.

*Enfermidade* quer dizer propriamente falta de vigor e força, debilidade da natureza ou de algum membro ou parte do corpo. Neste sentido dizemos que a velhice he *enferma*, e chamâmos *enfermo* o que não tem as forças inteiras, o que tem a saude enfraquecida, debilitada, *não firme*.

Finalmente *doença*, no sentido rigoroso, quer dizer estado *doloroso* do corpo, falta de saude que vem com dores ou as causa, &c.

Vê-se pois que, rigorosamente falando, nem todo o *achaque*, *molestia*, ou *enfermidade*, he *doença*: como pôrêm toda a *doença* he *achaque*, isto he, vicio fysico, traz

comsigo *molestia*, isto he, incommodos e penas; e supõe ou causa *enfermidade*, debilidade de forças, falta de vigor, &c.; por isso não admira que no uso vulgar se confundão algumas vezes estes vocabulos, maiormente quando o objecto de que se tracta não requer toda a exactão metafysica. Achão-se comtudo nos classicos alguns lugares, que mostram bem a differença que elles fazião quando falavão com mais precisão.

Vieira, *Cartas*, tom. 2.º, pag. 84: «Assegurão que não he *doença* de perigo, postoque seja de *molestia*».

No tom. 3.º, pag. 380: «Deos conserve o socego desse animo grande no seu retiro, livre de tantas *enfermidades*, quanto me diz que o está de outras *molestias*».

No mesmo tomo, pag. 383: «Dei conta a vossa mercê de como, deixadas todas as *molestias*, tinha occupado a paciencia no sofrimento de varias *enfermidades*».

E ainda a pag. 388: «A *doença*, que o anno passado foi causa de não escrever a vossa senhoria, me tem agora em cama com grande *molestia*».

Finalmente D. Francisco Manoel, na *Carta de guia*, fl. 30: «Aquelle bicho (diz) que no Brazil se padece por *achaque*, entra invisivel, começa entretenimento, passa a ser *molestia*, chega a ser *doença*, e acontece que póde ser perigo».

#### Pôr — Assentar — Collocar

*Pôr* tem huma signifição mais generica: *assentar* e *collocar* mais restricta.

*Põe-se* huma cousa em qualquer lugar e de qualquer modo: *assenta-se* quando se põe em lugar conveniente e de hum modo apto, geitoso, seguro, estavel: *colloca-se* quando se põe na devida situação, ordem, correspondencia, proporção, symetria ou ponto de vista.

*Põe-se* a pedra no chão, ou na parede, o chapéo na cabeça, a espada á cinta, o livro na estante ou sobre a mesa, &c. *Assenta-se* a columna sobre a base, a estatua sobre o pedestal, o alicerce sobre hum chão firme, &c. *Colloca-se* o quadro no museo entre os outros do mesmo assumpto ou do mesmo auctor ou da mesma escola; *collocão-se* os livros na bibliotheca segundo a ordem das materias; *colloca-se* o monumento no local mais proprio a fazel-o sobresahir, &c.

Parece que *pôr* he o Francez *mettre*; *assentar*, o Francez *poser*; *collocar*, o Francez *placer*.

No sentido figurado, *põe* hum homem a sua gloria em obedecer, o seu prazer em fazer bem; *põe* por escripto os seus pensamentos; *põe* fim ao seu trabalho; *põe* em paz os amigos desavindos; *põe* tudo a ferro e fogo, &c., &c. *Assenta* certas proposições como fundamentos do seu discurso; *assenta* as bases e condições do contracto; *assenta* firmemente não mudar de resolução, &c. *Colloca* hum auctor os tractados e capitulos da sua obra e as materias de cada hum delles em huma ordem e disposição propria para reciprocamente se auxiliarem; *colloca* o general as tropas em lugares convenientes; *colloca* o orador as palavras e frases do periodo, com attenção ao effeito que quer produzir, &c.

229

### Tomo — Volume

A divisão, que o auctor de huma obra faz, das materias que nella tracta distingue os *tomos*: *tomo* quer dizer divisão, e applica-se ás divisões maiores das obras litterarias. A encadernação separa os *volumes*.

Póde hum só *tomo* formar dous ou mais *volumes*, e póde hum só *volume* comprehender dous ou mais *tomos*.

Não he nem pelo numero dos *tomos*, nem pela gros-

tempo em que chegou a duvidar-se se os negros de Guiné erão *verdadeiros homens*. O *urang-utango* não he *verdadeiro homem*.

*Homem verdadeiro* he aquelle que sempre fala verdade, que não mente, que não diz cousas contrarias aos seus pensamentos, ou sentimentos.

A mesma differença se deve notar entre as expressões *puro homem*, e *homem puro*, a primeira das quaes significa o individuo, que tem a natureza humana sem mistura ou união de outra alguma: e a segunda o homem que tem costumes puros, que he limpo de toda a maldade. A primeira he huma expressão da linguagem theologica, que se applica a todos os homens para differencal-os de Jesu-Christo, que não he *puro homem*, mas sim *homem Deos*, pela admiravel união da natureza divina com a humana. A segunda he huma expressão da linguagem usual com que elogiámos a limpeza e pureza de costumes de algum sujeito que nos parece digno desse louvor.

Semelhantemente se encontram em nossa linguagem muitas outras expressões do mesmo genero, as quaes deve ter presentes o escriptor, que quizer falar com clareza e exacção. Taes são, por exemplo, *pobre homem* e *homem pobre*; *bom homem* e *homem bom*; *santo homem* e *homem santo*; *certo facto* e *facto certo*; *certo amigo* e *amigo certo*; *galante rapaz* e *rapaz galante*, &c., &c. E advirta-se que a differença entre essas expressões não he sempre mero capricho da lingua, como talvez poderia parecer, mas tem razão mui filosofica, que se deve attender para a energia, belleza e perfeição do estilo, e que até certo ponto he applicavel a todos os casos em que o adjectivo pôde ser collocado antes, ou depois do substantivo, porque em todos, ou na maior parte delles, influe esta collocação na energia da expressão, e não poucas vezes no verdadeiro sentido do discurso.



## Manar — Estilar — Pingar — Gotejar

Empregâmos estes vocabulos para exprimir a acção com que hum liquido sahe, ou he lançado de hum vazo, ou corpo, que o contém, e nisto são synonymos, mas tem entre si differenças mui caracteristicas.

Dizemos que o liquido *mana* do vazo, quando sahe delle em fio, aindaque seja lentamente: que o corpo *estila* o liquido, quando deita fôra ás gotas o mais fino, o mais apurado delle: que o liquido *pinga* de hum corpo, ou que o corpo *pinga* o liquido, quando este cahe de cima gota a gota: e finalmente que o corpo *goteja*, quando delle cahem gotas amiudadas.

*Mana* a agoa da penha, o rio da fonte, o sangue da ferida; *manão* as riquezas e bens do ceo sobre a terra, &c.

Os olhos *estilão* lagrimas, e tambem se diz que delles *manão* lagrimas, quando estas correm, como em fio, em maior abundancia; algumas arvores *estilão* o humor de que se formão as gommas; «os labios da mulher *estilão* doçurá» (diz Arraes), &c.

*Pinga* do telhado a agoa da chuva; *pinga* o vinho da cuba; *pinga* gordura das carnes assadas, &c.

A espada *goteja* sangue; o telhado *goteja* agoa, que por tempo arruina as paredes; *gotejão* os vestidos do naufragante; «*gotejão* as tranças das nymfas do mar» (Camões); &c.

Por occasião do vocabulo *gotejar*, e da especial significação que neste artigo lhe attribuimos, não será inutil advertir, que analogamente se devem entender muitos outros vocabulos de identica terminação, os quaes todos em nossa linguagem tem significação frequentativa, isto he, exprimem frequencia, ou repetição amiudada da mes-

ma acção. Assim *voltejar*, ou *voltear*, andar ás voltas, fazer muitas voltas; *manejar*, ou *manear*, trazer frequentemente nas mãos; *dardejar*, vibrar, lançar amiudados dardos; *versejar*, fazer versos a miudo; assim finalmente *serpejar*, ou *serpear*, *carrejar*, ou *carrear*, *andarejar*, *farejar*, *rastejar*, ou *rastear*, *vascolear*, *arquejar*, *verdejar*, &c., &c.

### Publico — Notorio

Ajuntámos muitas vezes estes dous vocabulos, e dizemos que hum facto, hum acontecimento he *publico* e *notorio*, quando queremos significar que todos o sabem, que ninguem o ignora, que ninguem o duvida, que todos o publicação e falão d'elle, &c.; mas neste mesmo sentido, em que os dous vocabulos parecem synonymos, ha entre elles huma differença mui substancial.

Nem tudo o que he *publico* he *notorio*: muitas cousas são *publicas*, isto he, não secretas, ditas por todos, repetidas por todos, sabidas por todos, as quaes todavia são falsas. A fama basta para fazer que huma cousa seja *publica*, e comtudo a fama he geralmente tida por mentirosa.

*Publico* pois (no sentido deste artigo) he o que corre na voz de todos, o que todos dizem, o que de todos he sabido; mas este *de todos sabido* refere-se não á certeza, sim á extensão do conhecimento. *Notorio* porém he o que evidentemente e com toda a certeza se sabe; o que não pôde ser contestado, o de que se não pôde duvidar.

Commette-se hum crime; hum ou dous inimigos o imputão a tal ou tal sujeito, e começo por assim o divulgar; em breve tempo todos o crêem, e o dizem e o repetem; passa a ser *publico* na cidade, na provincia, no reino, que aquelle sujeito foi o auctor do crime: e elle

está porventura innocente, e talvez chega a provar evidentemente a sua innocencia.

Pelo contrario: commette-se o crime; o facto acontece alto dia; todos os moradores do bairro, do lugar, da cidade o vêem e presencião, e conhecem o seu auctor; elle mesmo he apanhado em flagrante delicto; não ha que duvidar: he *notorio* que esse he o criminoso, e isto mesmo he tambem *publico* no lugar, bairro ou cidade que o vio, e logo depois o póde ser na provincia e em todo o reino. Então podemos dizer que este acontecimento he *publico* e *notorio*, e que tal sujeito he *publica* e *notoriamente* o seu auctor.

*Notorio* he propriamente hum termo de Jurisprudencia civil. Os juriconsultos Romanos designavão pelo vocabulo *notoria* as informações e instrucções que davão *conhecimento* e *prova* do facto, e no fôro he como *axioma*, que o facto *notorio* não necessita de prova, porque a propria *notoriedade* o põe fóra de toda a controversia.

A simples *publicidade* nunca teve esta prerogativa, nem a terá jámais senão quando o juiz tiver vontade, ou interesse de condemnar.

#### Calendario — Almanak

Do antigo verbo *calare* (*chamar, convocar*) formárão os Romanos o seu *calata comitia*, assembléas do povo convocado; *calator*, o pregoeiro que chama o povo; *calendae*, assembléas convocadas para o primeiro dia da neomenia, ou para o primeiro dia de cada mez; e *calendatim* a cada primeiro dia do mez. D'aqui veio *calendario*, isto he, a taboa das calendas, ou luas do anno, na qual se annunciava ao povo a apparição das luas novas, os dias de que havião de constar, a distribuição desses dias em dias de festa, de trabalho, &c.

Do artigo *al* e do vocabulo *manach*, que significa em geral supputação, conta, ou calculo, formárão os Arabes *al-manach* ou *al-manak*, exprimindo assim o calculo dos dias do anno, ou das revoluções dos astros, que regulão a medida dos mezes, das estações, dos tempos.

Concordão pois os dous vocabulos na sua significação principal; mas tem esta differença, que *calendario* he mais proprio da linguagem ecclesiastica, que o tomou do Latim; e *almanak* da linguagem vulgar, que o tomou do Arabe.

E por essa mesma razão *calendario* exprime a descripção dos tempos do anno, com particular relação ás festas e solemnidades sagradas: *almanak*, com particular respeito ás observações populares, relativas á agricultura, e corresponde aos *calendarios rusticos* dos antigos povos.

## 236

**Prodigo — Dissipador**

Nem o *prodigo* nem o *dissipador* conhecem a verdadeira economia e a verdadeira liberalidade: ambos parecem que ignorão o valor dos bens, de que fazem o mais indiscreto uso: ambos gastão, e despendem sem medida e sem termo.

Mas os bens do *prodigo* escapão-lhe das mãos para passarem a outras: os do *dissipador* desaparecem-lhe das mãos, quasi que se evaporão sem se ver, nem se pôde dizer aonde forão parar, ou o que foi feito delles.

O *prodigo* dá sem medida; he talvez liberal com excesso; gasta com demasiada largueza. O *dissipador* despende sem utilidade e sem proveito; estraga, desperdiça; faz aos seus bens o mesmo que o vento faz ao pó, ou ás nuvens, que desaparecem diante delle sem deixarem rasto.

O *prodigo* pôde talvez consolar-se da imprudencia com que despendeo, lembrando-se de algum bem que fez: o *dissipador* não tem motivo algum de consolação; não lhe resta mais que o intempestivo e inutil pezar de haver dissipado.

Por isso a palavra *prodigo* se toma alguma vez em bom sentido; e até dizemos, v. gr., que Deos he *prodigo* das suas misericordias para com os homens: *dissipador* sempre se toma em mau sentido, e nunca delle poderiamos fazer huma semelhante applicação.

### Demanda — Litigio — Processo

A *demanda* dá origem e principio ao *litigio*, e o *litigio* tracta-se e desenvolve-se no *processo*.

*Demandar* he pedir por e com direito; pedir em juizo (art. 116). Se a pessoa a quem se faz a *demanda* não reconhece o direito de quem lha faz, nem se presta ao pedido, fica logo começado o *litigio*, que consiste na controversia judicial, ou na acção de quem demanda, e na contestação de quem he demandado.

Esta acção e contestação, deduzida ordinariamente por escripto, as provas de huma e outra, os actos e termos judiciaes que se vão seguindo, a sentença do juiz, &c., formão o que se chama *processo*, que não he outra cousa mais que o progressivo desenvolvimento de todos os meios juridicos, que o auctor tem para mostrar a justiça da sua *demanda*, e o reo para a contrariar, e a decisão do juiz, que põe termo ao *litigio*.

Toda a *demanda* pôde dar occasião a hum *litigio*; porque não ha cousa alguma, que sendo objecto de *demanda*, não possa ser disputada, com, ou sem razão; e quasi todos os *litigios* dão lugar a longos e interminaveis

*processos*, que a sabedoria das leis de balde tem pretendido abreviar.

### Herdeiro — Successor

Todo o *herdeiro* he *successor*; mas nem todo o *successor* he *herdeiro*. *Successor* he genero: *herdeiro* he especie.

Quem *succede* a outrem no cargo, no emprego, na dignidade, no beneficio, nem por isso he seu *herdeiro*. O *successor* de hum morgado nem sempre he *herdeiro* do precedente administrador.

O *herdeiro*, pelo contrario, he sempre *successor* do defunto na herança, isto he, na propriedade e uso de seus bens, nas suas acções, obrigações, &c.

*Successor* he, em geral, o que vem logo depois de outrem entrar em seu lugar: *herdeiro* he, em especial, o que vem logo depois da morte de outrem entrar na posse da sua herança: he, como dissemos, huma especie de *successor*, limitada a este só objecto.

Por onde se vê tambem que o *successor* o pôde ser em vida daquelle a quem succede: o *herdeiro* sómente depois da morte.

Os *successores* dos grandes homens, aindaque sejam *herdeiros* dos seus bens e do seu nome, nem sempre o são das suas virtudes e da sua gloria.

### Luzir — Reluzir — Brilhar

*Luzir* he dar luz, lançar luz: *reluzir* he reflectir a luz: *brilhar* he lançar, ou reflectir huma luz mui viva e scintillante.

*Luz* a chamma, a candeia, a bugia accesa, &c.; e no figurado *luz* a verdade, a virtude, o valor, o engenho, &c.

*Reluz* o ouro, a prata, o bronze, os metaes brunidos; *reluzem* os marmores e madeiras bem polidas; e no figurado *reluz* no semblante a innocencia e pureza do coração; *reluzem* nas acções os affectos nobres e generosos, a beneficencia, a magnanimidade, a bondade, &c.; «*reluz* na face exterior do corpo a bondade interior da alma», diz Arraes, Dial. 10.º, cap. 14.º

*Brilhão* as estrellas; *brilha* o diamante; *brilha* a agoa, o cristal, o espelho, feridos do sol, &c.; e no figurado *brilhão* as virtudes raras e singulares; *brilhão* os grandes dotes do espirito, &c.

### Justo — Justiceiro

Vieira (tom. 15.º dos *Sermões*), querendo provar, que *a humanidade he o realce da justiça*, distingue entre as significações de *justo* e *justiceiro*, e diz assim:

«Entre o *justo* e o *justiceiro* ha esta differença: ambos castigão, mas o *justo* castiga e peza-lhe; o *justiceiro* castiga e folga. O *justo* castiga por *justiça*, o *justiceiro* por inclinação. O *justo* com mais vontade absolve que condemna; o *justiceiro* com mais vontade condemna que absolve. A justiça está entre a piedade e a crueldade: o *justo* propende para a parte de piedoso, o *justiceiro* para a de cruel.»

Bem se vê que o auctor toma aqui *justo* na especial significação de *homem que faz, ou administra justiça contra os criminosos*; e neste sentido parece não se poder melhor notar a synonymia e differença que ha entre os dous vocabulos, pela qual se vê tambem que os nossos escriptores, trocando em el-Rei D. Pedro I a denomi-

nação de *cruel* pela de *justiciero*, apenas conseguirão adoçar hum pouco a expressão.

«O legislador (diz mui judiciosamente Arraes, Dial. 5.º, cap. 4.º), que se recreia com a execução das penas, he fero, e parece que faz sua a vingança das leis»; e logo depois «o compadecer-se dos condemnados he proprio de animo *justo*, como castigal-os com gosto he sinal de animo rigoroso, se não tem outro peor nome.»

### Indulgencia — Clemencia

A *indulgencia* supporta e desculpa as faltas: a *clemencia* perdôa a offensa, e adoça, tempera, ou perdôa a pena.

A *indulgencia* pôde ser commum a todos os homens; todos elles deverião ser dotados desta humanissima qualidade: a *clemencia* he só propria dos poderes superiores, das auctoridades mais respeitaveis. Deos com os homens, o principe com os subditos, o vencedor com os vencidos, talvez o pae com o filho usão de *clemencia*.

Ambas estas virtudes são filhas de hum excellente co-ração; mas a *indulgencia* depende principalmente da bondade da alma; suppõe o conhecimento e compaixão das imperfeições e fraquezas da humanidade, e talvez condescende a ellas benignamente. A *clemencia* requer ainda maior nobreza, generosidade e grandeza de caracter; renuncia voluntariamente ao exercicio do seu poder e dos seus direitos, e talvez triunfa de si mesma perdoando.

A *indulgencia* he recommendada pelo christianismo; e resulta do conhecimento que elle nos dá, de que todos os homens se achão em estado de corrupção e tem necessidade de misericordia. A *clemencia* he hum dos mais



amaveis attributos de Deos, e he tambem o melhor e mais nobre ornamento dos principes, que nós reputámos como imagens da divindade sobre a terra.

Cesar foi maior pela sua *clemencia*, que pelas suas outras grandes qualidades. Que diriamos de hum Soberano adorado se aqui podesse caber o seu louvor<sup>1</sup>?

### Tolerancia – Indulgencia

A *tolerancia* dissimulando, sofre (art. 45): a *indulgencia* supportando e desculpando, perdôa.

A *tolerancia* suppõe hum mal que se sofre, mas que não se desculpa, nem consente, nem approva, nem ainda permite. Quem tem poder de o vedar e punir, julga mais conveniente sofrel-o, para evitar outro mal maior, e dissimula, até que se offereça oportunidade de o remediar.

A *indulgencia* tambem suppõe hum mal, mas ordinariamente leve e sempre nascido, ou de erro do entendimento, ou da inevitavel fraqueza da humana condição. O homem, que não tem por alheios os trabalhos e misérias dos outros homens, supporta este mal sem amargura, desculpa-o facilmente, perdôa-o com bondade.

A *tolerancia* he hum sofrimento quasi forçado; as circumstancias o aconselhão, e talvez o prescrevem. A *indulgencia* nasce do proprio coração do homem benefico e dos nobres sentimentos que o animão, e suppõe huma alma boa, compassiva, propensa a desculpar e a perdoar. A propria *justiça sem indulgencia he injustiça*, diz hum illustre escriptor moderno.

<sup>1</sup> Escreviamos este artigo em 1825.

**Tolerar — Approvar — Consentir — Permittir**

Acabámos de dizer no artigo antecedente que quem *tolera* não *aprova*, nem *consente*, nem ainda *permite*, o mal que se *tolera*; e postoque pareça mui facil entender a differença de significação, que ha entre estes vocabulos, não havemos comtudo por inutil indical-a neste lugar, vistoque em alguns escriptores os achámos com estranha inadvertencia confundidos.

Quem *aprova* huma cousa, faz della juizo favoravel; acha que he digna de louvor e estimação, dá-lhe o seu voto.

Quem *consente* huma cousa, acquiesce a ella, não a repugna, acha bom que se faça, *sente com quem e como quem a faz*.

Quem *permite* huma cousa dá liberdade, licença, poder, e talvez o meio e a commodidade de a fazer, e ás vezes a auctorisca formal e expressamente.

*Approvar* hum procedimento qualquer he julgar que he bom e louvavel: *aprovar* huma alliança he havel-a por vantajosa; *aprovar* huma doutrina he julgal-a boa, *sãa*, bem fundamentada, &c.

*Consentir* com alguem he concordar com elle, ser do mesmo voto; *consentir*, v. gr., a licenciosidade da mulher, ou a soltura e devassidão dos filhos, he acquiescer a ella, não a levar a mal, não a desaprovar; *consentir* a huma proposta he dar-lhe assenso, vir no que se propõe, conformar com isso, &c.

*Permittir*, v. gr., que alguem traga armas he dar-lhe licença, faculdade e poder para isso; *permittir* que alguem entre em vossa caza he franquear-lhe a entrada, abrir-lhe a porta, dar-lhe facilidade e talvez meio com-

modo de entrar; *permittir* que hum filho caze á sua escolha he auctorisal-o, dar-lhe plena liberdade para isso, &c.

Por onde se vê que nenhum destes vocabulos se confunde com *tolerar*, nem com elle tem verdadeira synonymia, quanto mais identidade de significação.

Se algumas vezes dizemos que Deos *permittle* o mal, he porque tomámos *permittir* em huma significação mais ampla; na significação de *tolerar*, de *deixar fazer*.

*Permittir* he propriamente hum acto positivo, proprio de quem tem auctoridade de *vedar*, ou *prohibir*. A lei, dizem os jurisconsultos, ou *manda*, ou *prohibe*, ou *permittle*. O mal porém nunca pôde ser *permittido* por legislador algum justo, e muito menos por Deos, cuja sabedoria he igual á sua eterna justiça e inflexivel rectidão.

O principe que *tolera*, por exemplo, as mulheres prostitutas, por evitar maiores males á republica, não *aprova*, nem *consente*, nem *permittle* o vicio. Sofre a pessoa viciosa, e dissimula porque assim o julga conveniente.

Os antigos Reis Portuguezes, que *toleravão* Mouros e Judeos, e legislavão a respeito dos seus direitos civis, estavam mui longe de *aprovar* suas religiões, nem de *consentir* ou *permittir*.

A propria Igreja de Jesu-Christo tem em todos os tempos *tolerado*, e *tolera* ainda hoje abusos e algumas erradas opiniões dos homens, sem que por isso as *aprove*, nem *consinta*, nem *permitta*. Sofre, com o piedoso intuito de conservar a unidade e caridade christã, e só procede a interpor o seu infallivel juizo, quando assim o julga conveniente, ou necessario.

O seu divino Mestre lhe deo a primeira lição desta sabia economia, quando em pessoa do prudente agricultor ordenou aos segadores, que não arrancassem a cizania,

até ao tempo da ceifa, para que porventura não viesse juntamente com ella o trigo bom e grado, &c., &c.

### Estudar — Aprender

Dizemos a cada passo, em frase familiar, que tal ou tal sujeito anda *estudando*, ou *aprendendo* para advogado, para medico, para ecclesiastico, &c.; mas he facil notar, que os dous vocabulos não são perfeitamente synonymos, e que se assim os empregâmos, he por nos não ser ordinariamente precisa mais escrupulosa exacção de linguagem.

Rigorosamente porém falando, *estudar* quer dizer frequentar os estudos, seguir a escola, ouvir o mestre, fazer applicação aos livros, trabalhar por vir a saber. *Aprender* quer dizer aproveitar o estudo, tirar d'elle fructo, hir sabendo o que *estudâmos*.

*Estuda-se para aprender, e aprende-se estudando.*

Muitos *estudão* sem *aprender* cousa alguma; e muitos outros (o que he ainda peor) presumem de saber, isto he, de ter *aprendido*, sem nunca *estudarem*.

### Pertinacia — Obstinação

He difficil determinar com precisão a differença que ha entre estes vocabulos: comtudo parece-nos que se diz com mais frequencia a *pertinacia* dos herejes, a *obstinação* dos peccadores; a *pertinacia* no erro, a *obstinação* na impiedade.

Por onde entendemos, que *pertinacia* se refere mais propria e especialmente ao juizo e ás opiniões; *obstinação*, á vontade e aos procedimentos moraes.

A *pertinacia* he cega e porfiosa; a *obstinação* he dura e inflexivel.

A *pertinacia* suppõe huma perfeita tenacidade do juizo; a *obstinação* suppõe huma consummada dureza e incorrigivel depravação da vontade.

Ao homem *pertinaz* nada ha que o convença; fecha os olhos á luz e resiste á propria evidencia.

Ao homem *obstinado* nada ha que o persuada: a sua vontade não se deixa jámais penetrar das doces insinuações do bem e da virtude.

### Espirito — Alma

Chamámos *espirito* huma substancia simples, immaterial, intelligente, livre: chamámos *alma* o *espirito* que anima alguns seres organisados, e he nelles principio de acção e de sentimento.

O que caracteriza o *espirito* he a intelligencia: o que caracteriza a *alma* he a vida e a sensibilidade.

Deos he *espirito*; os anjos são *espiritos*, e não são *almas*. O *espirito* porém que anima o corpo do homem, e tem com elle admiravel e estreitissima ligação, he juntamente *alma*.

Falando pois do homem, *espirito* e *alma* são synonymos, isto he, podem em alguns casos empregar-se indifferentemente, mas não em todos.

Podem empregar-se indifferentemente quando o discurso se refere á parte espiritual do homem, sem ser necessario caracterisar, ou especificar alguma de suas

particulares propriedades e relações: mas devem differenciar-se quando especialmente nos referimos a alguma dessas relações, ou propriedades.

Assim quando dizemos, v. gr., que o moribundo deo a *alma* ou o *espirito* a Deos, usámos promiscuamente de qualquer dos dous vocabulos; porque o nosso intento neste caso he tamsómente exprimir, que a substancia espiritual, que entrava na composição do homem se separou do corpo.

Quando porém dizemos, que tal sujeito tem hum *espirito* vivo, perspicaz, solido, penetrante, &c., e que tem huma *alma* boa, benevola, pacifica, generosa, &c., não podemos confundir sem erro os dous vocabulos; porquanto nestes dous casos, postoque tambem nos referimos á parte espiritual do homem, falámos della comtudo debaixo de diversos respeitos, considerando-a ora como intelligente, ora como principio da sensibilidade e dos affectos.

«A alma racional (diz Arraes, Dial. 10.º, cap. 42.º), chama-se *alma* emquanto dá vida ao corpo (o que tambem tem as *almas* dos outros animaes), e chama-se *espirito* propriamente emquanto tem virtude intellectiva e immaterial, o que he proprio seu, e não commum aos brutos.»

O nosso *espirito* he muitas vezes dominado pelos sentimentos da nossa *alma*, os quaes não sendo bem regulados, não só illudem, mas desatinão a razão e a conduzem a funestos precipicios.

He bella a expressão de que vulgarmente usámos dizendo que tal, ou tal sujeito *tem alma*, *tem muita alma*, porque nisto queremos dizer que esse sujeito tem hum *grande cabedal de vida e de sensibilidade*, condição essencial da coragem, da magnanimidade, e de outras muitas qualidades, que constituem a grandeza de caracter.

## Obter — Conseguir — Impetrar

*Obter* he alcançar alguma cousa; havel-a á mão; haver a posse e gozo della.

*Conseguir* he alcançar seguindo; alcançar alguém o que pretendia e diligenciava; alcançar aquillo, após de que andava.

*Impetrar* he alcançar do superior o que se lhe pede como graça.

*Obtemos* o que pretendiamos, ou desejavamos, e talvez sem pretender nem desejar. *Obtemos* da justiça, da benevolencia, do favor, da liberalidade. *Obtemos* do superior, do igual, do inferior. Por onde se vê que *obter* he de todos os tres vocabulos o que tem significação mais generica e mais indeterminada.

A significação de *conseguir* he mais especifica e mais restricta. *Conseguimos*, pretendendo com diligencia e perseverança; *conseguimos*, pedindo, rogando, demandando, sollicitando; *conseguimos* o que era objecto de nossos desejos, cuidados e diligencias.

*Impetrar* tem significação ainda mais restricta, e diz-se particularmente das graças, que alcançamos de algum poder superior, pretendendo-as com rogos e supplicas. *Impetrâmos* de Deos misericordia; do Rei graças e mercês; do Summo Pontifice beneficios, indulgencias, &c.

## Nobre — Illustre

*Nobre* quer dizer litteralmente o que he conhecido: e no sentido mais particular, em que aqui o tomâmos, exprime a qualidade do homem, que he distincto dos plebeus, que tem a qualificação legal da *nobreza*, ou esta

seja herdada de seus avós, ou adquirida por merecimentos e serviços.

*Illustré* he o homem que se tem feito esclarecido por seus relevantes meritos pessoaes, que tem adquirido fama, lustre e claridade, ou por grandes talentos e virtudes, ou pelos eminentes empregos publicos, que tem exercitado e desempenhado, ou por serviços não vulgares feitos á patria ou á humanidade.

O ser *nobre* depende das leis, ou da vontade dos Principes: ellas e elles podem dar e tirar a *nobreza*. Mas o ser *illustré* depende do merecimento proprio e da opinião qua delle tem os homens, fundada em feitos uteis, gloriosos, esplendidos. Cada hum póde fazer-se *illustré* a si mesmo, sem dependencia da auctoridade publica, e talvez a despeito della.

O homem sem merecimento póde ser collocado na classe dos *nobres*, mas nunca será *illustré*. Ao contrario o heroe da virtude, o homem de genio, o artista original, o grande escriptor, que talvez não alcança, nem pretende grão algum de *nobreza* legal, póde fazer-se *illustré* por suas obras e merecer a estima, o respeito e a fama esclarecida, que se não concede ao *nobre* sómente por este titulo.

Em summa o homem que se faz *illustré*, he por isso mesmo *nobre*, no sentido mais amplo desta palavra, isto he, faz-se conhecido e distincto de todos os mais que não tem igual merecimento. O homem *nobre* porém não lhe basta esse titulo e essa distincção para ser *illustré*.

#### Nulló — Irrito — Invalído

São termos de Jurisprudencia, que qualificão hum acto, ou titulo como incapaz de produzir direito, ou obrigação



alguma. Mas o acto ou titulo *nullo* he aquelle, que em si mesmo e na sua substancia foi viciado, por falta de alguma condição, ou solemnidade ordenada pela lei. Assim he *nullo*, v. gr., o contracto em que não houve livre consentimento de alguma das partes; he *nullo* o testamento feito pelo testador em estado de demencia; he *nulla* a ordem passada por auctoridade incompetente, &c.

O acto, ou titulo *irrito* he aquelle, que tendo sido feito com as condições e solemnidades da lei, comtudo, por circumstancias supervenientes, não he reconhecido, nem approvedo, nem ratificado, para por elle se poder fazer obra. Assim na jurisprudencia romana o testamento, aliás bem feito, se tornava *irrito* no caso de sobrevirem certas mudanças á pessoa e ao estado do testador. Entre nós se o litigante transigio com o procurador da parte, e este reservou o consenso e approvação do seu constituinte, a transacção se torna *irrita* por falta desta approvação e consenso. O tractado entre dous soberanos, se não he *ratificado* por algum delles, fica por isso mesmo *irrito*, &c.

Finalmente o acto, ou titulo *invalido* he aquelle, que não tem força de obrigar. *Invalido* he termo generico, que exprime precisamente a falta de validade, de força, de vigor, e por isso se applica a muitos e diversos objectos. No nosso caso se diz igualmente do acto ou titulo *nullo*, e do acto ou titulo *irrito*, porque ambos elles, postoque por differente motivo, são *invalidos*, isto he, são incapazes, como dissemos, de produzir direito e obrigação.

### Remedio — Medicamento

*Remedio* diz relação ao verbo latino *mederi*, que significa remediar, curar. restabelecer, &c. *Medicamento* diz

relação ao verbo *medicare*, que quer dizer preparar, applicar e administrar as drogas simples ou compostas ao doente com o intuito de o curar.

Assim que o *remedio* cura, o *medicamento* dá-se para curar. Succede muitas vezes applicarem-se *medicamentos* ao mal, que não tem *remedio*.

A dieta, o exercicio, a cessação do trabalho, a distracção do espirito podem ser *remedios*, e não são *medicamentos*.

Demais, *remedio* he termo generico, que se usa em sentido proprio e figurado, fysico e moral. Applicação-se *remedios* para curar as doenças do corpo, os vicios da alma, os defeitos de qualquer genero. *Medicamento* diz respeito só e precisamente á cura dos doentes, e he hum dos meios que a medicina emprega para esse fim.

### Bastardo (filho) – Natural – Espurio

Todos estes vocabulos exprimem a qualidade do filho, que he *illegitimo*, ou que não he havido de matrimonio celebrado com as solemnidades da lei, mas ha entre elles differenças mui notaveis.

*Bastardo* he denominação generica, que compete a qualquer filho *illegitimo*, e parece referir-se, não tanto á illegitimidade do matrimonio, ou da união dos sexos, quanto á *degeneração* que d'ahi se presume provir aos filhos, ou pela immoralidade que acompanha o acto em que são gerados, ou pela ordinaria desigualdade da condição dos pais, ou pelo descuido, tambem ordinario, que elles tem na educação da prole.

*Bastardo* significa, em algumas linguas, cousa *degenerada*; e nós mesmo chamâmos, por exemplo, *letra bastarda* a que he degenerada da romana, por ser huma

alteração della; *peça bastarda* a que não tem as medidas proprias da sua especie; *trombeta bastarda* a que dá hum som mixto, temperado do agudo e grave da legitima, &c.

O filho *bastardo* pôde ser *natural*, ou *espurio*: são duas especies de *bastardia*.

Chamámos *natural* o que nasce de concubinato, de barreguice, de matrimonio clandestino, &c., em geral, o que nasce de pessoas entre as quaes não ha impedimento algum legal, que lhes vede o contrahirem matrimonio.

E chamámos *espurio* o que nasce de pessoas entre as quaes ha esse impedimento, v. gr., de cazado e solteira, ou ás vessas; de pai ecclesiastico; de mãe religiosa, &c.; e tambem o que não tem pai certo.

Desta ultima accepção da palavra *espurio* nasceo o sentido figurado, que lhe damos na *Arte critica*, quando dizemos que huma producção, huma obra, hum livro he *espurio*, isto he, que lhe não conhecemos o auctor, ou não temos por tal o que vulgarmente se lhe attribue.

#### Derribar – Destrnir – Arruinar – Arrazar – Devastar

*Derribar* he lançar por terra o que estava erguido, o que estava ao alto, o que estava em pé.

*Destruir* he propriamente desfazer a *estructura*; desfazer a composição, o arranjo, as relações e a fôrma.

*Arruinar* he reduzir a ruinas; fazer cabir a pedaços; *destruir* de tal modo que só fiquem restos desordenados e informes.

*Arrazar* he pôr alguma cousa a nivel do chão; *raza* como elle; não deixar pedra sobre pedra.

*Devastar* he deixar vazio, deserto e reduzido a solidão o lugar da cousa *devastada*.

*Derriba-se* huma columna, huma estatua, hum idolo; o cavallo *derriba* o cavalleiro; o lutador *derriba* o seu contrario; a *fortuna derriba* o homem do cume da grandeza, da gloria, do poder, &c., e nada d'isto he *destruido*, nem *arrazado*, nem *devastado*.

*Destroe-se* hum edificio, talvez para o tornar a *construir*, para o edificar melhor; *destroe-se* hum templo, hum palacio, huma cidade; a morte *destroe* os melhores projectos dos homens; a vil e odiosa inveja *destroe*, ou pretende *destruir* as mais bem estabelecidas reputações; a sã filosofia *destroe* os vãos systemas; e não se póde dizer com igual propriedade que os *arruina*, e muito menos que os *arraz*, ou *derriba*, ou *devasta*.

O tempo *arruina* as mais soberbas fabricas do humano poder e industria: muitas obras, que em outras idades admiravão por sua magnificencia e belleza, estão hoje *arruinadas*, e sómente dellas se conservão lastimosos restos, para memoria do lugar, onde existirão.

O furor da guerra se compraz muitas vezes de *arrazar* muros, fortalezas, praças e cidades, igualando tudo com o chão, e não deixando pedra sobre pedra: outras vezes passa a *devastar* provincias e reinos inteiros, talando os campos, abrazando as searas, inundando as povoações, tirando a vida aos habitantes, reduzindo tudo a hum triste deserto, a hum *vasta* solidão.

### Emprestimo — Commodato — Mutuo

*Emprestimo* he hum contracto pelo qual concedemos a outrem, de graça e por tempo limitado, o uso de alguma cousa nossa, a qual findo o praso nos deve ser restituída. He termo generico e abrange as duas especies de

*emprestimo*, significadas pelos vocabulos *commodato* e *mutuo*.

Damos o nome de *commodato* ao *emprestimo*, quando a coisa emprestada nos deve ser restituída individualmente a mesma. E damos-lhe o nome de *mutuo*, quando a coisa emprestada nos deve ser restituída, não já individualmente a mesma, mas sim na mesma especie e em igual quantidade.

Vieira, tom. 6.º de *Sermões*, pag. 181: «E que differença ha entre o *emprestimo* que se chama *commodato* e o *emprestimo* que se chama *mutuo*? A differença he, que no *commodato* hei de pagar restituindo aquillo mesmo, que me emprestarão; pedi-vos emprestada a vossa espada, hei-vos de restituir a mesma espada: porém no *mutuo* não sou obrigado a pagar com o mesmo, senão com outro tanto; pedi-vos emprestado hum moio de trigo, não vos hei de pagar com o mesmo trigo, senão com outro».

#### Declaração de guerra — Manifesto de guerra

A *declaração de guerra* tem por fim annunciar a huma nação, ou governo que vamos a fazer-lhe guerra: o *manifesto* tem por fim demonstrar ao publico a justiça da causa pela qual fazemos a guerra, e a exposição dos meios, que debalde se empregarão para a desviar.

A *declaração* dirige-se ao governo, povo, ou nação, a quem se quer fazer a guerra: o *manifesto* dirige-se ao publico de todas as nações, ao mundo inteiro.

A *declaração* he hum aviso, que póde ser feito por arautos, por enviados, por simples cartas, &c.: o *manifesto* he sempre hum discurso, em que se pretende justificar a guerra.

A *declaração* finalmente he feita pela nação, ou governo, que move a guerra: o *manifesto* pôde ser feito por ambas as partes contendoras, porque ambas ellas podem julgar conveniente justificar perante o publico o seu procedimento.

### Deixar — Largar — Desamparar — Abandonar

Convem todos estes vocabulos na idéa generica de dar de mão, não querer conservar, não querer ter por mais tempo a propriedade, posse, uso, gozo, exercicio ou cuidado de alguma cousa que d'antes se tinha: mas distinguem-se pelos caracteres especificos, que acompanhão, e determinão a significação de cada hum.

*Deixar* he de todos elles o que tem significação mais extensa e mais indefinida. *Deixámos* hum lugar, quando delle nos apartámos; hum uso, ou costume, quando nos abstemos de o praticar; huma sociedade, quando cessámos de a frequentar. *Deixámos* hum cargo, ou emprego, quando o demittimos, ou abdicámos; hum beneficio, quando o renunciámos. *Deixámos* a mulher, quando a repudiámos; o filho, quando o engeitámos; os bens, quando delles testámos, &c., &c.

*Largar* he *deixar* o que tinhamos na mão; *deixar* sahir della o que tinhamos prezo, colhido, apanhado, o que tinhamos em nós, ou comnosco. *Largámos* a redea ao cavallo; a trella ao animal caçador; as vêlas ao vento: *largámos* o prezo; a praça conquistada; o navio capturado: *largámos* o vestido, a espada, a capa, o dinheiro que temos na mão, &c.

*Desamparar* he propriamente deixar de amparar; largar da mão a cousa de que estavamos encarregado, de que deviamos tractar; a que tinhamos obrigação de dar

cuidado, defesa, protecção, abrigo. *Desamparámos* os bens, quando não tractámos da sua cultura; *desampara* o máo pai de familias a caza, a mulher, os filhos, a familia; *desampara* o tutor o orfão; *desampara* o soldado o posto, &c.

*Abandonar* he deixar inteira e totalmente; *desamparrar* de todo, consentindo, ou não impedindo, que outrem se aposse e faça preza do que deixámos; não olhar mais a cousa como nossa; deixal-a ao primeiro occupante. *Abandonámos* a terra de que não colhemos fructo; a empreza de que não esperámos utilidade: *abandona* o pai o filho, que o deshonra e infama; *abandona* o general a posição, que não pôde sustentar; *abandona* talvez ao inimigo as munições e bagagens, para salvar o pessoal do exercito, &c., &c.

### Graça — Mercê — Favor

Fazer huma *graça* he acto de benevolencia *gratuita*.

Fazer huma *mercê* he acto de benevolencia recommendada e talvez prescripta pela justiça.

Fazer hum *favor* he acto de benevolencia affectuosa que distingue e prefere a pessoa *favorecida*.

A *graça* exclue o rigoroso direito, mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento. A *mercê* supõe direito; proporciona-se ao merecimento, e talvez he huma justa e devida recompensa. O *favor* não attende nem ao direito, nem á dignidade, nem ao merito: regula-se tamsómente pela inclinação pessoal, aconselha-se com os affectos do coração.

A bondade, a beneficencia, a generosidade, a clemencia preside á distribuição das *graças*. A justiça benevola, e talvez liberal e generosa, regula as *mercês*.

A amizade, a afeição apaixonada, o empenho que se interessa na satisfação e felicidade de alguém, faz ou concede *favores*.

O Príncipe faz *graças* e *mercês*: o magistrado, o homem publico não deve fazer *favores* nas cousas do seu officio.

O Príncipe deve haver-se, na distribuição das *graças* e *mercês*, com largueza, mas com medida. As *graças* que são inspiradas pela clemencia devem ser mais raras, porque podem promover o desprezo das leis por meio da impunidade. As *mercês* nimiamente vulgarisadas, ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as graduações sociaes, e por fim perdem o valor, e empobrecem o estado.

### Selvagem – Feroz

O animal *selvagem* he precisamente o que vive nas selvas e bosques; o que he agreste e bravio; o que não está domesticado: tal o veado, a corça, &c.

O animal *feroz* he aquelle, que sobre a qualidade de *selvagem*, tem de seu natural o ser cruel e amigo de sangue: tal o tigre, o leão, a onça, &c.

Applicando pois estas denominações ao homem, *selvagem* exprime hum estado da pessoa, o qual não suppõe vicio algum de character, e sómente resulta da falta de cultura e civilisação. *Feroz* exprime huma qualidade moral, que nasce do character, e suppõe hum vicio particular da alma.

O homem *selvagem* pôde tornar-se social pela cultura: elle foge talvez da sociedade porque não conhece os seus bens, e as suas inapreciaveis vantagens. O homem *feroz*



he por caracter inimigo da propria sociedade em que vive; e se foge dos homens he porque os aborrece.

O *selvagem* pôde não ser *feroz*: muitos povos *selvagens* o não são: as viagens antigas e modernas mencionão alguns de caracter tão doce, manso e pacifico, que poderião fazer invejas a povos muito mais adiantados na escala da civilisação. Pelo contrario o homem civilizado pôde ser *feroz*; e desgraçadamente parece que não he este odioso caracter tão raro, como se devêra esperar.

### Inadvertencia — Inconsideração

As faltas em que cahimos por *inadvertencia* nascem de não lançarmos os olhos, ou a attenção para onde deveramos: as que commettemos por *inconsideração* nascem de não ponderarmos bem as cousas, de lhes não darmos o devido peso e valor.

O homem distrabido vê sem notar; ouve sem distinguir. O homem embebido em profundas meditações não vê nem ouve. Ambos são sujeitos a grandes *inadvertencias*.

O homem leve e de pouco sizo, que passa ligeiramente pelos objectos mais importantes, que não examina as suas differentes faces, circumstancias, relações e conveniencias; emfim que não reflecte nas cousas com a madureza que deve, forçosamente ha de cahir em grandes *inconsiderações*.

Quem não dá fê da pessoa de respeito que está no ajuntamento, e passa sem fazer a cortezia devida, cahe n'hum *inadvertencia*. Quem confia algum negocio importante de pessoa, cuja fidelidade e caracter lhe não he bem conhecido, commette huma notavel *inconsideração*.

**Alguns — Certos**

Esta expressão *algumas* pessoas, *algumas* cousas, designa vaga e indeterminadamente pessoas e cousas, que de outro modo se não podem designar, ou porque o escriptor em realidade não sabe quaes ellas sejam, ou porque no momento em que fala e escreve as não tem presentes ao espirito, ou porque não julga conveniente indicá-las, ou enfim porque o discurso não requer essa exacção.

Est'outra expressão *certas* pessoas, *certas* cousas, também designa vaga e indeterminadamente cousas ou pessoas; mas taes, que quem fala, ou escreve as conhece e tem presentes, ou de certo as poderia nomear e apontar se quizesse, ou talvez suppõe, que o ouvinte ou leitor facilmente fará a applicação.

*Alguns* homens ha, que não sofrem o bem dos outros, e perseguem cruelmente a quem alcança no mundo algum genero de fortuna, aindaque nem do bem alheio lhes venha a elles perda, nem do contrario utilidade. Neste periodo se designão os *invejosos*, mas de hum modo geral, vago e indeterminado, affirmando-se também que ha entre os homens *alguns*, que tem este vil character, mas sem que se pretenda designar, ou apontar algum ou *alguns* em particular.

Se no mesmo periodo substituírmos *certos* a *alguns*, também então se designarão vagamente os *invejosos*; mas o escriptor mostra que tem presentes *certos* e determinados individuos, talvez de *certa* classe, estado, condição, ou character, que elle não quer nomear, mas que julga talvez sufficientemente indicados, ou presume que o leitor com facilidade adivinhará quem elles sejam.

No primeiro caso a proposição tem o seu sentido natural e obvio, e assim se deve entender: no segundo a proposição he enfatica, e tem hum sentido occulto, que o escriptor quer que se advinhe.

Em todos os tractados de synonymos ha *certos artigos* que alguém julgará pouco dignos de attenção, os quaes todavia não chegão a pôr-se em limpo senão depois de *algumas* horas, ou dias de exame e de meditação. Neste periodo quando o escriptor diz *certos artigos*, he porque tem presentes aquelles a que se refere e julga, que o leitor intelligente perceberá quaes elles sejão: quando porém diz *algumas horas*, deixa a expressão vaga e indeterminada, e mostra não ter interesse em denotar mais precisamente o tempo, que gastou em ordenar esses artigos.

### **Punir — Castigar**

*Punem-se* os crimes, os delictos, as acções voluntarias do homem, quando são contrarias ás leis. *Castigão-se* não sòmente as más acções voluntarias, mas tambem os erros, os descuidos, as faltas, e até os defeitos.

O *punir* suppõe sempre auctoridade de huma parte e culpa da outra; não assim o *castigar*: por isso *castigá-mos* e não *punimos* o menino, que ainda não tem uso de razão nem póde ter culpa: e *castigá-mos* tambem o animal bruto, quando queremos dar-lhe algum ensino e corrigir-lhe algum defeito.

*Punir* envolve essencialmente a idéa de impôr pena: *castigar* importa principalmente a idéa de apurar, fazer melhor, aperfeiçoar, polir, reprehendendo, censurando, &c., do Latim *castum agere*, segundo alguns etymologistas, d'onde vem, que tambem dizemos *castigar huma obra* (como Horacio dizia *castigare carmen*) *castigar o*

estilo, &c., e os nossos antigos dizem *castigar-se*, reciproco, por *emendar*, *escarmentar-se*, &c.

### Levantar — Alçar — Erguer — Elevar

*Levantar* he vocabulo de significação mui generica, que se emprega em muitas e diversas frases, nas quaes todas porém entra a idéa de pôr em alto ou ao alto, tirar acima, ou para cima, fazer subir, &c. *Levanta-se* o que cahio, o que está deitado, ou prostrado; *levanta-se* o sol no oriente; *levanta-se* o que está assentado; *levanta-se* a tampa da caixa, o sêllo do papel, o apparelho da ferida; *levanta-se* a meza, o véo, a cortina, &c.

*Alçar* parece que he *levantar*, ou fazer subir alguma cousa acima da sua ordinaria estatura, ou posição; dar-lhe mais altura na linha perpendicular. *Alça-se* a pedra por meio do guindaste; o muro augmentando-lhe a altura; o cavalleiro montando o ginete. *Alça* o cavallo a mão, ou pé, e com essa propria palavra lhe falámos, para que elle assim o faça. *Alça* o homem o braço para ferir o inimigo, &c.

Deste vocabulo usou Camões, aptissimamente e com summa propriedade, para exprimir o animo ousado e intrepido do Gama, *quando alçado* se atreveo a interrogar Adamastor: *Quem hes tu?* &c. (Cant. 5.º, est. 49.ª)

*Erguer* he *levantar* pondo em pé, ou ao alto, talvez endireitando. *Ergue-se* o doente da cama; *ergue-se* quem está de joelhos, cahido, ou deitado; *ergue-se* o animo abatido, ou prostrado; *erguem-se* as mãos ao ceo, &c.

*Elevar* he pôr n'hum lugar mui alto, ou n'uma ordem eminente. *Eleva-se* huma torre acima de todos os edificios da cidade; *eleva-se* o homem virtuoso acima da opinião, que talvez o pretende deslustrar; o Principe *eleva*

o homem benemerito ás honras e dignidades; *eleva-se* o filosofo na contemplação das verdades mais sublimes da natureza; *eleva-se* o homem a Deos pela humildade, &c., &c.

### Exemplo — Exemplar

O *exemplo* segue-se, imita-se: o *exemplar* copia-se.

O *exemplo* he hum facto, huma acção, hum modo de proceder, que se propõe á nossa imitação, e que nos pôde servir de norma em circumstancias semelhantes: o *exemplar* he hum original completo, que se nos offerece para exactamente o copiarmos.

O homem prudente e avisado, procedendo de certo modo, em certos casos, offerece-nos huma regra de proceder; pôde servir-nos de norma em casos analogos; dá-nos hum *exemplo*. O homem virtuoso e justo, que constantemente dirige as suas acções pelo caminho da honra, da probidade e da virtude, offerece-nos hum original, que devem copiar em si mesmos todos os que aspirão á verdadeira grandeza moral; he hum *exemplar*.

Jesu-Christo, que he o verdadeiro *exemplar* da santidade, nos deo nas diversas acções da sua vida mortal outros tantos *exemplos* da mais alta virtude.

O fim desgraçado de Nero foi hum *exemplo* de que os seus successores se não aproveitarão: alguns delles até parece, que tomárão por *exemplar* aquelle monstro da natureza humana.

### Memorias — Commentarios — Relações

Tomâmos aqui estes vocabulos por certas composições litterarias em que sôem depositar-se os materiaes da Historia.

As *memorias* desenvolvem miudamente os factos e as suas causas; discutem os que são duvidosos; determinão e verificão as datas; descem a particularidades; copião documentos, monumentos, provas, &c. O seu estilo deve ser simples, livre, corrente e desaffectedado, e não admitte o ornato, a nobreza e a elevação da Historia.

O nome de *memorias*, que indica o fim deste genero de escriptura, mostra tambem de algum modo qual deva ser o seu character. Quem quer conservar, ou deixar em *memoria* os successos publicos do seu tempo, escreve tudo (digâmos assim), escreve os factos principaes e os menos principaes, notas as causas e as consequencias delles, averigua a verdade, ou falsidade dos que corrêrão variamente na voz do vulgo, estabelece e discute as datas, collige as provas, escreve sem estudo, correntemente, e até ás vezes sem demasiado escrupulo na ordem do seu trabalho. Tal nos parece ser em geral o character das *memorias*.

*Commentarios* são *memorias* summarias, apontamentos mais breves, quasi hum diario ou taboa, em que se notão os principaes acontecimentos, mas em estilo menos secco e menos apanhado, que o dos simples diarios.

O nome de *com-mentarios* faz lembrar huma *em-menta* dos factos, hum memorial, hum registo, em que se faz menção delles, hum breve apontamento para depois fazer escriptura mais larga. Plutarcho deo o nome de *ephemerides* aos *commentarios* de Cesar, que são a obra mais acabada neste genero, que nos veio da antiguidade.

*Relação* he a narração circumstanciada de hum só facto, ou acontecimento notavel, de huma empreza, de huma viagem, de hum naufragio, de hum descobrimento, &c. Quem escreve huma *Relação* refere com escolha, discernimento e exacta fidelidade o que vio, presenciou, ou averiguou, não omittindo circumstancia alguma, que possa ser util para se formar justo conceito do facto em

toda a sua integridade. Nós temos em portuguez muitas destas *relações*, que merecem ser lidas, porque nellas se achão particularidades importantes, que talvez escapão ao historiador, ou não podem ter lugar no plano da Historia.

### Ignorancia — Impericia

*Ignorancia* diz precisamente *falta de saber*: *impericia* diz mais propriamente falta de uso, de pratica, de experiencia, talvez de promptidão e desembaraço na execução; falta do necessario para o desempenho pratico do cargo, da arte, do officio, &c.

O artista que não sabe os preceitos da sua arte e as mais cousas, que se requerem para bem a desempenhar, he *ignorante*: o artista que por falta de uso e pratica não he prompto e facil no exercicio da sua arte he *imperito*.

O filosofo, sem ser *ignorante* dos principios e da theoria das artes, he comtudo as mais das vezes *imperito* no exercicio dellas, nem jámais as poderá exercer com bom successo, senão ajuntando ao saber a pratica e a experiencia.

Pelo contrario qualquer official de hum officio, não obstante a sua *ignorancia* dos principios theoricos da arte, ou mister que exercita, he mais *perito* nella do que o habil filosofo, que sabe demonstrar as leis fysicas, ou mechanicas, em que se fundão os seus processos.

O magistrado que *ignora* a lei não póde fazer justiça: o letrado que he *imperito* na pratica do fôro não póde ser bom advogado.

Bem póde o estadista no seu gabinete adquirir profundos conhecimentos na arte da guerra; mas se lhe não ajuntar a sciencia experimental, mal poderá dirigir sem grandes e perigosos inconvenientes as operações de hum

exercito. Não será *ignorante*, mas será *imperito* na arte da guerra.

### Fortaleza – Constancia

*Fortaleza* he huma das quatro virtudes, a que damos o nome de *cardeaes*, por isso mesmo que influem em todas as acções moraes do homem, e são a base e fundamento da vida virtuosa.

Neste sentido a *fortaleza* prepara o animo e o faz forte e valeroso para arrostar os perigos, combater e vencer as difficuldades, debellar os inimigos, que se encontram no caminho da virtude. Sem ella nunca o homem que aspira á grandeza moral poderá domar a força violenta das paixões, suffocar os clamores do interesse pessoal, resistir aos encontros e contrastes do mundo, e supportar os longos, arduos e penosos trabalhos, que a cada passo se lhe hão de offerecer em sua gloriosa carreira.

*Constancia*, no sentido em que se póde julgar synonymo de *fortaleza*, he huma parte, huma condição essencial desta nobre e generosa virtude: e consiste na igualdade de animo valeroso e esforçado, com que sofremos, sem abatimento e sem ostentação, as penas, afflicções e males da vida, e todas as desgraças, contratempos e adversidades, que nos vem da natureza, dos homens, ou da fortuna.

Admirámos em M. Attilio Regulo a sublime *força de animo* com que se houve perante o senado romano, e a *constancia* com que sofreu os tormentos e a morte, a que barbaramente o condemnarão os inimigos da sua patria.

Louvámos no ministro publico a *fortaleza*, com que ousa dizer a verdade ao Principe, que porventura a não ama, e a *constancia* com que supporta as demonstrações e os effeitos do seu desagrado.



Louvámos e admirámos em muitos illustres varões do christianismo a *fortaleza* e valor com que resistirão e vencêrão as potestades da terra, quando iniquamente se oppunhão ás leis do evangelho: louvámos e admirámos em muitos outros a invencível *constancia* com que sofrêrão as perseguições, os tormentos e a morte em testemunhos da fê, que professavão.

### Fortuna — Acaso — Sorte — Fado — Estrella

Não podião os antigos povos pagãos deixar de observar, como nós ainda hoje observámos a cada passo, que algumas pessoas com poucos meios e pouca, ou quasi nenhuma diligencia, sobem ás vezes rapidamente ao cume da prosperidade, e nelle talvez se conservão por algum tempo: que outros, apesar de suas constantes diligencias e esforços, são sempre contrastados pela adversidade: que em huns e outros porém, sem haver apparentemente mudança alguma de procedimento, se nota comtudo não poucas vezes huma repentina mudança de scena, cahindo os primeiros no abysmo da desgraça, e subindo os segundos ao mais alto da ventura.

E como não podessem conhecer as causas proximas destes acontecimentos e mudanças, nem tivessem idéas assás exactas da providencia de Deos, e muito menos podessem rastejar os caminhos, que ella segue no governo do mundo; imaginárão para explicar aquelles phenomenos huma divindade caprichosa, injusta, inconstante, talvez cega, que com notavel desigualdade e frequente variação, repartia bens e males, successos prosperos e adversos, ora a estes, ora áquelles, ora n'hum tempo, ora n'outro: e a esta divindade chamarão *Fortuna*.

Nós conservámos o vocabulo sem lhe ligarmos, nem

devermos ligar a mesma idéa, e comtudo, quando a certa qualidade de bens chamâmos bens da *fortuna*, isto he, bens, que a fortuna dá e tira a seu arbitrio; quando dizemos, que a *fortuna* favorece a huns e persegue a outros, que a mudança da prosperidade para a desventura e vice-versa, he hum effeito dos caprichos da *fortuna*, que a *fortuna* elevou este ao cume da grandeza, da riqueza, do poder, e derribou o outro de igual altura, &c., parece que temos vagamente ante o espirito hum ser imaginario, fantastico, indefinivel, a quem damos esse nome de *fortuna*, cuidando encobrir assim a nossa ignorancia sobre as verdadeiras causas de taes successos, que nós desejariamos, mas não sabemos alcançar.

*Acaso* he outra palavra, que não significa objecto algum real. Della nos servimos em hum sentido analogo ao da palavra *fortuna*, mas com alguma differença, porque *acaso* refere-se mais ordinariamente a hum facto, só por só, que nos parece não ter relação alguma com outros antecedentes, ou concomitantes, e que por isso supponmos sem causa, ao mesmo passo que *fortuna* parece referir-se mais propriamente a huma serie de factos, que na sua mesma inconstancia e variação, mostram hum designio, e tem algum nexó e certa ordem. Demais o que attribuímos ao *acaso* he totalmente independente da diligencia, ou providencia humana; não assim o que attribuímos á *fortuna*, porque esta julgâmos nós, que humas vezes favorece as nossas diligencias, e que outras vezes capricha de as contrariar, ou desprezar.

*Sorte* he ainda outro vocabulo da mesma natureza dos precedentes. Na significação que lhe attribuímos aproxima-se de *acaso*, mas este suppõe, como dissemos, hum acontecimento só, sem relação alguma com outros, e desacompanhado de qualquer causa conhecida, ou ainda presumida: e *sorte* parece suppôr a concorrência de muitos sujeitos em iguaes, ou semelhantes circumstan-

cias, a hum dos quaes succede bem e a outro mal na mesma ordem de successos, sem sabermos achar a razão da differença: ou tambem a concorrência de muitos acontecimentos possiveis ao mesmo sujeito, entre os quaes succede hum, com exclusão dos outros, sem que nos seja conhecida a causa da preferencia: d'onde vem que imaginámos o bem e o mal desta preferencia, ou daquella differença como repartido pela *sorte*, quasi da maneira que o seria pelo lanço *casual* dos dados.

*Fado* he outro vocabulo que nos ficou dos antigos, e que nas linguas modernas se pôde dizer, que não tem significação alguma determinada.

Os antigos chamavão *fado* a ordem e encadeamento necessario e immudavel das cousas estabelecido pelo *destino*, ao qual suppunhão sujeito o proprio Jupiter, o seu deos supremo. Esta idéa pareceo facil de christianisarse, e n'isso trabalhárão os dous grandes lumes da Igreja, Santo Agostinho e S. Thomás, pretendendo, que se entendesse por *fado* a ordem eterna das cousas estabelecida por Deos, ou (que he o mesmo) a disposição da Providencia, que conservando o livre alvedrio do homem, regula os successos do mundo por leis invariaveis. A este *fado* christão poderia dizer-se, que Deos mesmo he de algum modo sujeito, emquanto elle he o primeiro conservador das proprias leis, que deo ao mundo, fundadas nas relações eternas das cousas, isto he, nas idéas immutaveis da sua suprema razão e intelligencia.

Comtudo quando na vulgar linguagem attribuímos alguns acontecimentos ao *fado*, e dizemos, v. g., que o *fado* persegue este ou aquelle, he certo que não pensámos em idéas algumas theologicas, mas parece imaginarmos hum ser fantastico, como os outros de que neste artigo temos tractado, o qual necessaria e inevitavelmente encadeia os acontecimentos em nosso damno, sem que nós o mereçamos nem procuremos, antes fazendo

por evital-o. Neste sentido restricto he que *fado* se pôde reputar synonymo de *fortuna*, *acaso*, &c., e neste mesmo sentido he que nós dizemos, que *fado* he vocabulo empregado nas linguas modernas sem significação alguma real e bem determinada.

*Estrella* finalmente he outra palavra do mesmo genero, a qual se ficou conservando ainda depois de haverem perdido todo o credito as quimeras da *astrologia*, que lhe derão origem. Refere-se á supposta influencia dos *astros* sobre o destino dos homens; e ainda hoje que nenhuma pessoa sizuda crê nesta influencia, dizemos comtudo que tal sujeito nasceo em boa, ou má *estrella*; que tal outro foi levado pela sua *estrella* a tal ponto de fortuna, ou de desgrça, &c., por onde se vê a differença, que na locução vulgar ha entre este vocabulo e os mais que deixámos explicados.

Á mesma origem se referem as expressões *boa estreia*, *má estreia*, *astre*, *desastre*, *astroso*, *desastrado*, &c.; que todas suppõem aquella influção, boa ou má, dos astros, em outro tempo tão geralmente acreditada, e de que hoje nos resta sómente a nomenclatura, não menos vã, que a sciencia, que a creou.

### Ser digno — Merecer

He *digno* o que tem capacidade, idoneidade, aptidão: *merece* o que faz, ou tem feito serviços.

Tudo o que requer certas qualidades, nas quaes consiste o ser apto, idoneo, &c., deve dar-se a quem tem essas qualidades, a quem he *digno*. Tudo o que deve, ou costuma dar-se aos serviços, e como em paga ou recompensa delles, he para quem os tem feito, para quem o *merece*.

O mais *digno* he o que he capaz de fazer melhor: o que mais *merece* he o que faz melhor.

Como porém o homem, que cultivando os seus talentos e adquirindo virtudes, se faz capaz e idoneo, nisso mesmo se pôde dizer que faz serviço á sua patria: e por outra parte o que faz serviços, nisso mesmo mostra cada vez mais, e desenvolve, ou augmenta a sua idoneidade, não admira, que os dous vocabulos se empreguem quasi promiscuamente, dizendo-se, v. gr., que quem tem talentos, virtudes, idoneidade, *merece* ser empregado; e que quem tem feito serviços he *digno* de recompensa.

Todo o homem deve empregar os primeiros annos da sua vida em fazer-se *digno* dos cargos da republica por seus estudos e morigeração. Logo porém que nelles entra, deve trabalhar por exercel-os de tal modo, que *mereça* a gratidão da patria e as distincções devidas a quem a serve com intelligencia, fidelidade e zêlo.

A arte tragica, que produz na scena grandes culpados e quer interessar os espectadores no infortunio, que elles experimentão, deve mostral-os *merecedores* da desgraça por alguma grande falta, ou crime excusavel, mas *dignos* de melhor sorte por suas virtudes e excellentes qualidades.

Quem serve bem *merece*: quem não continua a servir bem *desmerece*: quem serve mal, ou faz desserviços *merece* pena e castigo: quem não tem as qualidades necessarias não he *digno*: finalmente quem tem más qualidades he *indigno*.

#### Crer em alguém — Crer a alguém

*Crer*, por exemplo, *em Deos*, he crer que Deos existe, que he creador e conservador do universo, que he infinito em toda a bondade e perfeição, &c. *Crer a Deos* he

crer o que elle se tem dignado dizer-nos, revelar-nos, e mandar-nos para nossa felicidade.

*Crer em algum homem* he crer que elle he o que na verdade representa, ou inculca; crer que he bom e virtuoso, que he sincero e verdadeiro, &c. *Crer a algum homem* he crer as suas palavras, crer que nos fala do coração, que com ellas não intenta enganar-nos, &c.

*Crer em Christo* (diz Vieira, *Sermões*, tom. 2.º, pag. 244), *he crer o que elle he: crer a Christo he crer o que elle diz*. He digno de ler-se todo este sermão, no qual o mesmo Vieira, invectivando contra os costumes do seu tempo, parece que descreve e pinta os do nosso, em que muitos se gabão de ter muita fé; mas são, como diz o orador, *christãos de meias, crendo em Christo, e não crendo a elle; catholicos do credo e herejes dos mandamentos*.

### Fallir de bens — Fazer banca-róta

*Fallir de bens* he cahir de bens; não ter com que pagar aos credores; não ter com que satisfazer as dividas contrahidas.

*Fazer banca-róta* he cessar de commerciar por ter *fallido de bens*, desaparecer do commercio, renunciar a elle por essa causa; he hum effeito da fallencia; hum reconhecimento publico, que della faz o negociante.

A primeira frase exprime precisamente a idéa de não ter com que pagar, e não diz respeito essencial e immediato ao commercio: a segunda sómente se pôde dizer, em rigor, do negociante *fallido*, que por esse motivo deixa de continuar no negocio.

A pratica antiga de se quebrar o banco que o negociante fallido tinha na bolsa, ou praça de commercio, dando por vago o lugar, que elle abi occupava, deo ori-

gem á segunda expressão e explica o seu verdadeiro sentido.

270

### Dous — Ambos

*Dous* refere-se precisamente ao numero: *ambos* refere-se aos *dous* em união e usa-se quando delles affirmámos a mesma cousa, ou huma cousa feita ao mesmo tempo, ou quando entre elles supponmos qualquer especie de conformidade.

Assim, v. gr., o querer e o poder fazer bem são *duas* cousas totalmente differentes, e que nem sempre existem unidas no mesmo sujeito; mas *ambas* se requerem essencialmente para o exercicio da nobre virtude da beneficencia.

Vieira, *Sermões*, tom. 6.º, pag. 448: «Vêdes *dous* homens juntos . . . pela presença *ambos* juntos, pela amizade muito longe hum do outro».

271

### Campo — Agro

O vocabulo *campo* quer dizer hum espaço mais, ou menos grande de terra chã: o vocabulo *agro* quer dizer huma porção de terra, que se cultiva lavrando, semeando, plantando, &c.

*Campo* tem significação muito mais extensa que *agro*, e não diz relação necessaria á agricultura: *agro* sómente se diz do terreno cultivado de que se colhe fructo.

Assim, dizemos *campo* de trigo, *campo* de milho, e tambem dizemos *campo* de batalha, *campo* de exercicio; dar, ou assegurar o *campo* para a justa, torneio, ou reto; *campo* em que se faz a feira. &c.; e figuradamente *campo*

do escudo, em linguagem heraldica; dar largo *campo* ao discurso, sahir a *campo*, tirar a *campo*, &c.

*Agro* acha-se usado pelos nossos escriptores as mais das vezes em sentido figurado, mas sempre com relação á sua significação verdadeira. Assim, quando Barros diz, «o *agro* do senhor Deos, o *agro* da primeira semente da christandade, &c.», refere-se ao terreno da *cultura* evangelica: quando diz «o *agro* e *campo* da Historia» quer dizer o terreno extenso e *cultivado* da Historia, onde (como elle acrescenta) *está semeada toda a doutrina divina, moral, racional, e instrumental*, &c.

Hoje he pouco usado; comtudo ainda se acha com a sua primaria significação no decreto de 27 de Janeiro de 1751, e não se deve dar por antiquado, por isso mesmo que tem significação mais restricta, e mais determinada que a palavra *campo*.

## 272

## Simplicidade — Simpleza

*Simplicidade* he usado tanto em sentido fysico, como em sentido moral: *simpleza* sómente he usado no sentido moral, falando do homem, e das suas acções e procedimentos.

He *simples* o que não tem composição nem mistura; o que não he contrafeito; o que não tem dobrez, nem affectação, nem artificio, nem ornamento, &c. *Simplicidade* pois toma todas estas accepções; e por isso attribuímos esta qualidade a huma substancia que não he composta, que não tem partes; a hum metal, que não tem liga nem mistura; a hum manjar, que não he preparado com artificio; a hum discurso em que não apparece a arte; aos trajos de huma pessoa, ou aos moveis de



hum a caza, que não são carregados de ornamentos; aos costumes e maneiras de hum homem, que não usa de dobrez, malicia, reserva, disfarce, &c., que fala e obra com franqueza e singeleza, &c.

*Simpleza* sómente se diz do homem, e exprime (se assim podemos explicar-nos) huma *simplicidade* ingenua, cheia de candura, de bondade, de innocencia, de lizura: he, segundo a frase de hum escriptor, *a simplicidade da pomba*.

A *simplicidade* não usa dobrez; a *simpleza* não a conhece: a *simplicidade* fala do coração; a *simpleza* mostra todo o coração: a *simplicidade* não desconfia; a *simpleza* entrega-se sem reserva: a *simplicidade* faz que o homem se não inculque, nem faça alardo do seu merecimento; a *simpleza* faz que o homem se ignore a si mesmo e desconheça o seu merecimento, &c.

### Critica — Censura

A *critica*, em materias litterarias, parece que se refere com mais propriedade ao juizo, notas, ou observações, que se fazem sobre qualquer obra emquanto á pureza da linguagem, ás perfeições do estilo, ao bom methodo, arrançamento e clareza do discurso, emfim ao *gosto*, elegancia e belleza da composição.

*Censura*, em materias litterarias, parece referir-se especialmente ao juizo, notas ou observações, que se fazem sobre qualquer obra com respeito á verdade dos principios, ao rigor da demonstração, á solidez da doutrina, á sua influencia sobre a ordem civil, politica, ou religiosa, emfim ao *moral* da composição.

O *critico* julga e nota simplesmente como homem de

letras: o *censor* exercita huma especie de magistratura litteraria; julga e nota louvando, reprehendendo, corrigindo, talvez com auctoridade publica.

A *critica* póde ser severa, ou indulgente: a *censura* póde ser justa, ou iniqua. A *critica* influe sobre o conceito, que se faz da litteratura e dos talentos do auctor: a *censura* influe tambem sobre o conceito, que se faz dos seus costumes e probidade.

Applicando os mesmos vocabulos a outro genero de materias, observaremos entre elles a mesma differença.

*Criticámos* no homem as faltas de civilidade, de polidez, de delicadeza, de primor; *censurámos* os seus vicios, a sua immoralidade; *criticámos* as maneiras grosseiras ou nimiamente vulgares, que indicão defeito de educação, ou rudeza de character; *censurámos* os maus costumes, que indicão falsidade de principios, ou corrupção de sentimentos, &c.

#### Imprecação — Maldição — Execração — Praga

Pela *imprecação* invocámos hum poder superior, e lhe pedimos, que fulmine males contra alguem.

Pela *maldição* desejámos, annunciámos, augurámos, ou invocámos males sobre alguma pessoa, e talvez os decretámos contra ella.

Pela *execração* tirámos, ou desejámos tirar a alguma pessoa, ou cousa o que ella tem de sagrado, ou antes (accommodando-nos mais ao especial sentido em que aqui se toma o vocabulo), pômos, ou desejámos pôr, essa pessoa, ou cousa fóra da protecção do ceo, provocámos contra ella a vingança celeste.

Pela *praga* invocámos algum grande mal, alguma desgraça, ou calamidade sobre alguem.

*Imprecação* he o contrario de *deprecação*: *deprecar* he pedir a Deos que nos livre do mal, que o desvie de nós: *imprecar* pois he pedir a quem tem esse poder, que lance o mal contra nós, ou contra alguem.

*Maldição* he o contrario de *benção*, ou (como ainda diz o vulgo) de *bemdição*: *bemdizer* ou *abençoar* he de-sejar, annunciar, augurar, talvez decretar bens a alguem: suppõe quasi sempre huma especie de auctoridade religiosa. *Abençóa* Deos, *abençoão* os sacerdotes, os pais, os padrinhos. Deos *abençóa* decretando; os homens de-sejando, augurando, &c. *Amaldiçoar* pois he desejar, augurar, ou decretar males contra alguem.

*Execração* he o contrario de *sagração*. *Sagrar* he destinar huma cousa para o ministerio, ou serviço da religião; offerecel-a especialmente a Deos; pol-a no numero das cousas santas e debaixo da protecção celeste: *execrar* pois he tirar-lhe todas estas qualidades, lançar sobre ella huma especie de anathema.

*Praga* finalmente he vocabulo generico e significa calamidade. O vulgo que não sabe fazer differença de vocabulos, emprega este para exprimir não só as *imprecações*, *maldições* e *execrações*, mas tambem toda a sorte de frases de semelhante natureza e tendencia, envolvendo todas debaixo da expressão *praguejar*, *rogar pragas*.

### Caracteres — Letras

Os inapreciaveis effeitos da linguagem, deste dom celeste, tão caracteristico do homem e tão essencial á sua felicidade, serião em grande parte frustrados se o mesmo homem não achasse hum methodo de pintar os seus pensamentos permanentemente aos olhos, assim como a linguagem os pinta fugitivamente aos ouvidos.

A industria e sagacidade humana achou este methodo admiravel, que he a arte de escrever, a qual por meio de certas figuras traçadas sobre as folhas das arvores, sobre as pelles dos animaes, sobre as pedras, as madeiras e os metaes, sobre o papel, &c., transmite a diferentes lugares e aos mais remotos tempos as nossas idéas, e quasi que de algum modo as eterniza.

A estas figuras damos o nome de *caracteres*, termo generico, que comprehende varias especies, e entre ellas a dos *caracteres* da escriptura alphabetica, a que chamá-mos propriamente *letras*.

Ha pois entre os dous vocabulos *caracteres* e *letras* huma idéa commum, na qual consiste a sua synonymia, porque ambos elles exprimem a idéa de certas figuras com que fazemos conhecer aos outros homens os nossos pensamentos por meio da escriptura: mas o segundo exprime alem disso huma idéa especifica, que o differença do primeiro, e vem a ser que os *caracteres*, que elle significa, são particulares da escriptura, que chamâmos *alphabetica*.

Em summa as figuras da escriptura hieroglyfica, ou symbolica, da escriptura arabico-numerica, algebrica, musica, astronomica, &c., são *caracteres*: as figuras da escriptura alphabetica, syllabica, ou articulada são *letras*.

### Magnanimidade — Longanimidade

Ambos estes vocabulos exprimem a qualidade do varão illustre, que he dotado de grande alma, isto he, de hum grande vigor e energia na vontade, e de huma grande força de intelligencia e elevação nas idéas.

Mas o primeiro tem significação mais ampla e exprime

a qualidade, que nos inclina a tudo o que he grande, a empresas arduas e talvez atrevidas, postoque não gigantescas, a trabalhos longos e difficeis, e a custosos sacrificios, feitos sem ostentação, por hum objecto sobre-excellente, e digno destes esforços.

O segundo tem significação mais restricta: exprime huma parte da *magnanimidade*, huma condição essencial desta nobre virtude; exprime a qualidade, que nos faz levar com superior constancia a desgraça aturada; ou tambem, que no meio de largas e muitas vezes baldadas tentativas e esperanças nos faz proseguir, com animo inteiro e com firme confiança, a empresa grande e gloriosa, que intentámos e havemos começado.

¿Que portuguez lendo este artigo se não lembra do illustre e sabio Infante D. Henrique? A *magnanimidade* deste grande e saudoso Principe lhe inspirou o atrevido pensamento dos descobrimentos maritimos, que mudarão a face do mundo, e tanta influencia tem tido sobre a civilisação geral. A sua *longanimidade* o fez superior ás difficuldades, aos obstaculos, aos revezes, que encontrou e experimentou no proseguimento da sua gloriosa empresa, não bastando ver tantas vezes mallogradas suas tentativas, para desistir do começado, ou perder hum só ponto da esperança, que a sua grande alma tinha concebido.

### Satisfação – Contentamento

A *satisfação* he o sentimento que experimentámos, quando conseguimos o objecto de nossos desejos. Se nesse objecto achámos o bem que esperavamos, a nossa alma descança no gozo d'elle, fica tranquillã, não deseja mais: este he o estado de *contentamento*. Pelo contrario

se o objecto não preenche as nossas esperanças, a *satisfação*, que elle nos causa he momentanea, o coração forma novos desejos, a alma não fica tranquilla, nem pôde ficar *contente*.

Assim que a *satisfação* he o estado da alma, quando alcança o que desejava: o *contentamento* he o estado da alma, quando tranquillamente goza do bem, que, tem e não deseja mais.

Quando a *satisfação* he permanente, porque o bem, que se desejava, he verdadeiro e duravel, então o *contentamento* he hum consequencia da *satisfação*, he o prazer de possuir, he a ledice que a alma experimenta com a *satisfação* de seus desejos.

Quem sómente deseja o que basta a suas necessidades reaes, com pouco se *satisfaz*, goza tranquillamente da sua mediocridade, não forma desejos inuteis, vive *contente*.

Pelo contrario o homem ambicioso, cubicoso, avarento, &c., nunca tem verdadeira *satisfação*, porque nada enche os seus desejos, sempre deseja mais: este estado he absolutamente incompativel com a tranquilla serenidade de espirito, que constitue o estado de *contentamento*.

## 278

**Morada – Habitação – Domicilio – Residencia**

*Morada* he o lugar em que qualquer pessoa, ou familia se aloja por algum espaço de tempo.

*Habitação* he a *morada* permanente e fixa: he o lugar em que qualquer pessoa tem o seu lar, a sua familia, talvez os seus bens, &c.

*Domicilio* he termo de Jurisprudencia; ajunta á idéa de *habitação* a de hum relação á sociedade civil; he o

lugar aonde qualquer homem, ou familia tem a sua *morada* legal, isto he, acompanhada das circumstancias, que a lei requer para que esse homem, ou familia, se repute *habitante* do lugar e nelle *domiciliario*.

*Residencia* he o lugar em que o magistrado, o militar, o prelado, o homem publico deve fixar a sua *morada* emquanto dura o seu officio, ou ministerio.

Nem a *morada* nem a *residencia* constituem só por si a *habitação* ou *domicilio*. O pretendente tem talvez por grande espaço de tempo a *morada* na côrte, e nem por isso he lá *domiciliario* nem se pôde dizer *habitante*. O magistrado tem não só *morada*, mas tambem *residencia* na capital do seu districto, e comtudo não he *habitante* desse lugar, nem ahi tem o seu *domicilio*.

Ao contrario pôde qualquer cidadão ter o seu *domicilio* e *habitação*, permanente no lugar onde nasceo, onde tem os seus bens, o seu lar, a caza paterna, e ter ao mesmo tempo a *morada* temporaria em outro lugar, ou *residir* onde he obrigado pelo seu cargo.

### Derreter — Fundir

*Derreter* he desatar por meio do calorico as particulas de hum corpo solido de maneira que se torne fluido. Derrete-se a cera, o gelo, os metaes, &c.

*Fundir* he propriamente *derreter* e lançar no molde: por isso se diz com mais propriedade dos metaes: *funde-se* o ouro, a prata, o bronze, o chumbo, &c.

A mudança que se faz nos corpos *derretidos* chama-se *derretimento*: a que se faz nos corpos fundidos chama-se *fundição*. A estes dous vocabulos porêem se substituem respectivamente, na linguagem das sciencias e artes, os outros dous *liquefacção* e *usão*.

**Medo — Temor — Receio**

*Medo* he a apprehensão de hum mal grave, que talvez julgámos imminente, acompanhada de hum sentimento que nos excita vivamente a evital-o. A apprehensão do *medo* he ordinariamente nascida de opiniões erradas, e o sentimento, que a acompanha, quasi puramente mechnico. Nisto nos parece que se differença o *medo* do *temor*.

*Temor* he a apprehensão razoavel e bem fundada do mal, que nos póde provir, ou seja da parte dos phenomenos naturaes, ou de algum poder legitimo irritado.

*Receio* he propriamente a duvida em que estamos se acontecerá, ou não, o mal juntamente com *temor* de que aconteça.

O *medo* nasce de ignorancia, cobardia, ou pusillanimidade. O menino tem *medo* nas trevas; o homem ignorante tem *medo* de fantasmas, de aparições nocturnas, de objectos vãos e sem realidade; o homem fraco tem *medo* do inimigo na guerra, &c. Corresponde-lhe o adjectivo *medroso*.

O *temor* não exclue a razão illustrada, nem o coração animoso. O homem que possue estas qualidades póde e deve ter *temor* de Deos e dos seus juizos; *temor* da morte e da ignominia; *temor* de offender as leis, de merecer a reprehensão, &c. Corresponde-lhe o adjectivo *temeroso*, e talvez *timorato*.

O *receio* nasce da indecisão do entendimento, e talvez produz a irresolução da vontade. *Receíamos* que o nosso proceder seja mal interpretado, que não seja de todo conforme á lei e ao dever: *receíamos* ter obrado impru-



dentemente, ter dado hum passo falso, &c. Corresponde-lhe o adjectivo *receioso*.

A *medo* oppõe-se *coragem*, a *temor* *confiança*, a *receio* *seguridade*.

### Transfiguração – Transformação

*Transfiguração* he mudança de huma figura em outra: *transformação* he mudança de huma fôrma em outra.

Havendo pois entre *figura* e *fôrma* a differença, que já notámos em outra parte (art. 120), bem se vê a differença, que tambem deve haver entre *transfiguração* e *transformação*.

A primeira faz mudança na figura, no aspecto, na apparencia externa do objecto *transfigurado*: a segunda faz mudança na fôrma, na construcção interna, no arranjo das partes, na organização do objecto *transformado*.

Assim a *transfiguração* de Jesu-Christo sobre o monte não consistio em mudança alguma da sua natureza, como temerariamente disserão alguns antigos herejes, mas sim, e tamsómente na mudança das exteriores apparencias, ficando a sua face banhada de luz, e *resplandecente como o sol*, e *as suas vestiduras alvas como a neve*.

Pelo contrario a *transformação* da mulher de Lot e a de Nabucodonor forão verdadeiras mudanças de fôrma, e organização interna, passando a primeira a huma natureza insensivel, e a segunda a huma natureza animada, mas bruta.

As *transformações* fabulosas (a que mais communmente se dá o nome de *metamorphoses*) imaginadas pelos poetas, suppõe igualmente mudança de natureza e fôrma: taes são as de Jupiter em aguia, em cysne, em

touro; a de Narcizo em flor; a de Daphne em loureiro, e as mais de Ovidio: tal he tambem nos *Lusiadas* a bella e original *transformação*, ou metamorphose do gigante Adamastor, pela qual veio á lingua portugueza o mais admiravel exemplo da alta e sublime poesia.

A *doença transfigura* o homem: a *graça transforma* o coração do peccador, &c.

## 282

**Lizo — Plano**

A superficie que não tem aspereza alguma he *liza*: a que não tem altos e baixos he *plana*.

O marmore polido he *lizo* e pôde não ser *plano*: hum globo de marmore não he *plano*.

Hum terreno que não tem montes e valles he *plano*, aindaque se não possa chamar *lizo*.

Hum espelho ordinario he *lizo* e *plano*.

## 283

**Plano — Chão — Lhano**

Acabámos de dizer que *plano* he o que não tem altos e baixos. *Chão* he o mesmo vocabulo differentemente articulado e com differença na significação.

*Chão* significa propriamente o *plano* horizontal, ou não muito inclinado, sobre o qual andámos, caminhámos, fundámos edificios, &c., e por ampliação qualquer pavimento, aindaque não seja *plano*. Neste sentido dizemos que huma cousa veio ao *chão*, cahio no *chão*, está no *chão*, &c.

Outro uso fazemos tambem deste vocabulo empregando-o em sentido moral e figurado, quando dizemos,

v. gr., que hum homem he *chão*, isto he, da classe do povo, não privilegiado, e tambem sincero, verdadeiro, &c., que o estilo de hum auctor he *chão*, isto he, simples, sem ornato, sem artificio, &c.

*Lhano* he ainda o mesmo vocabulo, com differente articulação e pronunciação: e sómente usámos d'elle falando do homem que desce de algum modo a par dos seus inferiores, tractando-os com bondade, com brandura, talvez com familiaridade, do qual dizemos que he *lhano*, isto he, que não tem elevação, nem orgulho, nem soberba; que he accessivel, conversavel, &c.

### Condição — Estado — Qualidade

*Condição* exprime genericamente a graduação social, o lugar que o homem tem entre as differentes ordens de que se compõe a sociedade. Assim dizemos que tal pessoa he de *condição* humilde, de baixa *condição*, de alta *condição*; que tal outro está em huma *condição* elevada, &c.

*Estado* refere-se ao modo de vida que o homem tem na sociedade, á occupação, ou emprego permanente, de que faz profissão. Tal he o *estado* ecclesiastico, o *estado* de cazado, o *estado* de magistratura, de artista, de official mecanico, &c.

*Qualidade* refere-se precisamente á nobreza hereditaria, e applica-se á expressão dos differentes grãos desta qualificação civil. Assim dizemos que tal, ou tal sujeito he homem de *qualidade*, de muita *qualidade*, de alta *qualidade*, &c., segundo os differentes grãos de nobreza que nelle considerámos por seu nascimento.

He hum dever do homem social respeitar e cumprir religiosamente as obrigações do seu *estado*, qualquer que

seja aliás a sua *qualidade*, ou a *condição*, em que as suas circumstancias o tenham collocado na jerarquia civil.

Succede não poucas vezes que os homens de baixa origem, e de *estado* humilde, chegando por merecimentos, serviços ou fortuna a hum *condição* elevada, se esqueçam de seus primeiros principios, e queirão affectar ridiculamente hum *qualidade* que lhes não compete, &c.

### Aplacar – Acalmar

*Aplaca-se* o que está irado, ou irritado. Os Latinos ajuntavam e talvez confundiam *placabilis* com *clementia*.

*Acalma-se* o que está agitado, ou perturbado. Nós usamos de *calma* e *calmaria* para significar a quietação, a tranquillidade e a serenidade do tempo, do mar, &c.

*Aplaca-se* Deos com os gemidos do homem nascidos do coração, com actos de verdadeira piedade, com sacrificios, &c. *Aplaca-se* qualquer poder superior irritado, com rogos, com supplicas, com lagrimas, talvez com dadas e offerendas. *Aplaca-se* a Parca, na frase dos poetas, &c.

*Acalma* o tempo, o vento, a tormenta; *acalmão* as ondas e os mares depois de sua furiosa agitação e perturbação.

Algumas vezes parece que confundimos as significações dos dous vocabulos, dizendo, v. gr., que se *aplacão* os ventos e os mares, e que se *acalma* a ira, o furor, a colera de alguém.

Mas no primeiro caso, ou personificamos os mares e os ventos e os supomos irritados, ou nos referimos a hum potencia superior, que contra nós os agita e perturba. No segundo caso attendemos mais particularmente

aos effeitos da colera, da ira, do furor, á grande agitação e perturbação em que estas violentas paixões costumão pôr a alma, &c.

### Escandecencia — Ira — Colera — Sanha — Raiva

Parece que exprimem estes vocabulos a gradação ascendente da paixão, a que chamámos *ira*.

*Escandecencia* he o primeiro grão da *ira* nascente; o primeiro assômo desta paixão, que de subito se excita em nós, e he acompanhado de côr no rosto como de braza: *excarescentia* (diz Cicero, *Tuscul.*, liv. 4.º, cap. 9.º), *est ira nascens; et modo exsistens; quae graece θυμός; dicitur*. O vocabulo grego exprime a mesma idéa, e quer dizer *ira erumpens*.

*Ira* he a commoção vehemente do animo, excitada pela idéa de algum mal, ou injuria, que outrem fez, e que desejámos punir, ou vingar.

*Colera* he *ira* mais violenta, mais agitada, acompanhada ordinariamente de côr pallida no rosto.

*Sanha* he *ira* assanhada, isto he, que se mostra nos gestos e principalmente nas contorsões dos musculos do rosto, taes como se observão em alguns animaes quando *assanhados*.

*Raiva* finalmente he o extremo grão da *ira*; suppõe agitação violentissima com furor, que talvez parece indicar desarranjo intellectual.

### Moderação — Temperança

*Moderar* he dirigir prescrevendo o modo, determinando as proporções e medidas, dando a regra, marcando os limites.

*Temperar* he reprimir o excesso, conter nos limites, reduzir a elles, não deixar passar o termo.

Por onde *moderação* he a virtude que nos inclina a pôr modo em tudo, a sermos regrados em nossos appetites, desejos, procedimentos, a guardar em tudo a conveniente medida.

*Temperança* he a virtude que em todas as acções da nossa vida reprime o excesso e nos contém dentro dos limites da razão e da lei, he propriamente o *nequid nimis* do antigo oraculo.

A *moderação* rege e governa as nossas acções; faz que vamos pelo justo e direito caminho, não nos desviando para os extremos; indica-nos os limites que não devemos transgredir. A *temperança* rectifica os desvios, cohibe os excessos, reduz-nos ao caminho, á linha do dever.

*Moderar*, v. gr., o calor, he regular o calor, hir pouco a pouco levando-o ao ponto conveniente: *temperar* o calor he diminuilo, abrandal-o, trazel-o ao justo.

Se as leis não são *moderadas* na imposição das penas, proporcionando-as aos delictos e aos delinquentes, torna-se forçoso, que, ou o arbitrio do juiz, ou a clemencia do Principe *tempere* muitas vezes o seu rigor, para que a justa punição não degenere em crueza.

### Temperança — Frugalidade — Sobriedade — Parcimonia

Acabámos de dizer o que he *temperança* na sua mais ampla significação, e considerada como humas das virtudes cardeaes, que influem em todas as acções moraes do homem. O mesmo vocabulo porém se emprega algumas

vezes em sentido mais restricto e como virtude particular, que reprime todo o excesso no uso e gozo dos prazeres sensuaes, por onde vem a ser como genero, de que são especies, entre outras, a *frugalidade*, a *sobriedade* e a *parcimonia*.

A *frugalidade* reprime o excesso na quantidade e qualidade da comida. O homem *frugal* não só se limita a comer quanto basta para seu alimento, mas tambem usa sómente da comida mais simples, mais natural, e com menos artificio preparada.

A *sobriedade* reprime o excesso na quantidade e talvez na qualidade da bebida, he a *temperança* no beber.

A *parcimonia* reprime o excesso nos gastos e despesas em geral. A *parcimonia* demasiada he *escaceza*, e elevada ao ultimo gráo suppõe *avareza*, e he effeito della.

### Justiça – Equidade

Na locução vulgar oppomos muitas vezes a *equidade* á *justiça*, suppondo que a primeira modera a segunda, ou tempera o seu rigor. No dictionario de Moraes achámos a palavra *equidade* definida por *temperamento do rigor da lei, fundado em boa razão*.

Parece-nos porém que esta noção necessita de algum desenvolvimento para ser bem entendida, e para se conhecer com precisão a synonymia e differença dos dous vocabulos.

Ninguém por certo dirá que o *rigor de justiça*, que nos obriga a dar o seu a seu dono, a não usurpar os beus, ou direitos alheios, a não offender em cousa alguma os nossos semelhantes, &c., possa, ou deva ser moderado, e temperado pela *equidade*. A *equidade* e a

*justiça* ambas concordão unanimemente, e ambas são inflexíveis em prescrever o contrario; e d'aqui vem que os actos, que se oppõem áquella obrigação, se podem chamar, e effectivamente se chamão com igual propriedade, ora *injustos*, ora *iniquos*.

Não pôde pois a maxima vulgar «que a *equidade* tempera o rigor da *justiça*» ser admittida senão quando se tracta da *justiça legal punitiva*, que impõe aos criminosos as penas correspondentes a seus crimes.

Neste caso sendo as disposições da lei muitas vezes genericas, e não sendo possível ao legislador attender a todos os casos imaginaveis, nem calcular com exacção todas as circumstancias, que podem influir na imputação, e todos os grãos de impressão, que as penas podem fazer sobre os culpados; he forçoso muitas vezes temperar a severidade da lei regulando a applicação da pena pelos principios da *equidade*, isto he, pelas maximas e preceitos da *justiça universal*, a fim de que se tornem, quanto possível for, proporcionadas ao grão de malicia, que houve no crime, e não fação sobre o criminoso maior impressão do que a lei pretende.

D'onde parece colligir-se: 1.º, que a *equidade* he com effeito algumas vezes hum temperamento da *justiça legal punitiva*, e que entre estas duas expressões não ha, propriamente falando, synonymia alguma; 2.º, que a verdadeira e generica noção de *equidade* se approxima muito mais da noção de *justiça universal*, ou simplesmente de *justiça*, e que entre estes vocabulos he que devemos indagar a differença, que se pretende determinar neste artigo.

Considerando pois o nosso objecto debaixo deste ponto de vista, a *justiça* he a virtude que respeita o direito de cada hum, que dá a cada hum o que he seu e lhe pertence: a *equidade* he a virtude que desempenhando o seu proprio nome nos obriga a tractar os outros ho-



mens como nossos semelhantes e iguaes; e consequentemente a não só lhes não fazermos o mal, que não quereríamos que elles nos fizessem, mas ainda a lhes fazermos todo o bem, que quereríamos que elles nos fizessem a nós.

Assim que os limites da *justiça* são marcados de huma parte pelo direito e da outra pela obrigação rigorosa, os limites da *equidade* são marcados de huma parte pela necessidade, ou utilidade, que não dá direito rigoroso, e da outra parte pela beneficencia, que não he de rigorosa obrigação.

São vocabulos synonymos e podem usar-se indifferente-mente quando se tracta de respeitar, de não offender os direitos alheios, de praticar os officios que se chamão perfeitos, porque nesse caso os preceitos da *justiça* são os mesmos que os da *equidade*, huma e outra nos impõe a mesma obrigação.

Deixão porém de ser synonymos, isto he, não se podem empregar indifferente-mente quando se tracta de alliviar as necessidades dos nossos semelhantes, de fazer-lhes o bem possivel, de praticar para com elles os officios que se chamão imperfeitos, porque nesse caso a *equidade* aconselha e talvez ordena o que a *justiça* não póde mandar.

O pobre não póde, sem offender a *justiça*, apropriar-se dos bens que sobejão ao rico; o rico não póde, sem offender a *equidade*, negar ao pobre o soccorro do seu superfluo. A *justiça* conserva illesa a propriedade: a *equidade* respeita e favorece a humanidade.

Vós tendes offendido os meus direitos; a *justiça* me auctorisa a demandar de vós a competente reparação: mas se a offensa que me fizestes foi filha do erro, ou da fraqueza; se a reparação, que eu posso pretender, vos arruina e deixa na indigencia a vossa familia, &c., pede a *equidade* que eu vos tracte com indulgencia,

que eu vos remitta, ou perdôe a injuria e a reparação della, &c., &c.

### Ouvidos—Orelhas

*Ouvido* he hum dos cinco sentidos do homem; he o órgão pelo qual percebemos os sons.

*Orelha* he a parte externa, cartilaginosa, deste órgão, a qual lhe serve como de guarda, e dirige o som ao interior.

As paredes tem *ouvidos*, dizemos nós proverbialmente, e não *orelhas*: as aves tem *ouvidos* e não *orelhas*: as mulheres trazem arrecadas nas *orelhas* e não nos *ouvidos*.

Tem a mesma differença que o *auris* e *auricula* dos Latinos.

Usámos comtudo algumas vezes de *orelhas* em lugar de *ouvidos*, tomando a parte pelo todo, e dizemos prestar *ouvidos* ou *orelhas* attentas a hum discurso; offender os *ouvidos* ou as *orelhas* delicadas, &c.

### Humildade—Humiliação

«A *humildade* (diz Vieira, *Sermão do Rozario*, part. 1.<sup>a</sup>, pag. 225) he o interior da *humiliação*, assim como a *humiliação* he o exterior da *humildade*.»

A *humildade* consiste nos sentimentos habituaes da nossa alma: a *humiliação* nos actos externos com que a manifestámos.

A *humildade* he huma virtude christãa que nos inspira o profundo sentimento da nossa fraqueza, fragilidade e

miseria, e o sincero reconhecimento de que nada bom he propriamente nosso, mas sim dom de Deos, e effeito da sua liberalidade e misericordia.

A *humiliação* está ás vezes com hum grande fundo de soberba e orgulho: outras vezes degenera em baixeza e abjecção. Quando porém nasce da verdadeira *humildade* não cahe em nenhum destes extremos, porque a *humildade* he simples e sincera, sem desigualdade e sem artificio.

### Logica – Dialectica

*Logica* he a arte de pensar: *dialectica* he a arte de disputar.

*Logica* diz respeito ao vocabulo Grego λογος (razão): he a arte de formar a razão e de a dirigir em todas as suas operações. *Dialectica* diz respeito ao vocabulo Grego διαλέγομαι (disputar com outrem): he a arte de falar, de conversar, de conferir com outrem disputando.

A *logica* ensina-nos a rectificar as nossas idéas, a comparal-as entre si, a julgar rectamente das suas semelhanças, ou differenças, a deduzir consequencias dos nossos juizos, e firmar sobre estas consequencias outras novas combinações e raciocinios. Ensina-nos por hum methodo directo a indagar a verdade: he finalmente o instrumento de que a razão humana se serve para entrar com a possivel segurança na indagação das verdades naturaes, e não se perder nesta difficil carreira.

A *dialectica* ensina-nos a combater o erro, discutindo os seus fundamentos, disputando com quem os defende, mostrando em que elles se desviam do caminho recto, e servindo-nos disso ao mesmo tempo para estabelecermos a verdade contraria. Ensina-nos pois tambem a *dialectica*, ainda por hum modo indirecto, a indagar a ver-

dade, impugnando o erro que se lhe oppõe, e as falsas opiniões, que a desfigurão e obscurecem. He a arte de *dialogar*, de disputar interrogando, respondendo, explicando, provando, &c.: he verdadeiramente huma *arte de pelejar*, como lhe chama *Lucena*.

*Logica e dialectica* tomão-se muitas vezes promiscuamente hum pelo outro; e por certo que a arte de indagar a verdade, de a demonstrar e de refutar o erro nas discussões com os outros homens, não pôde em substancia ser diversa da arte de indagar e demonstrar a verdade, e de a discernir do erro nas meditações solitarias.

Comtudo não sómente muitos filosofos tem feito differença entre ellas, considerando cada huma debaixo de seu particular aspecto, mas tambem se não pôde negar, que ellas tenham em realidade differenças notaveis, e que o seu processo e as suas regras tendão sim ao mesmo termo, mas por mui differentes caminhos.

#### Enterrar — Sobterrar

As preposições *en* e *sob*, que entrão na composição destes vocabulos, determinão bem claramente a differença de suas significações.

*En-terrar* he metter na terra: *sob-terrar* he metter debaixo da terra. O primeiro nem exprime nem exclue a circumstancia de ser coberto de terra o objecto que se *enterra*, o segundo suppõe positiva e expressamente esta circumstancia.

Por isso dizemos que se *enterra* huma planta, hum bacello, huma estaca, &c., e diremos que se *sobterra*, ou *enterra* o cadaver na sepultura, que se *sobterra*, ou *enterra* o thesouro para o subtrahir á rapacidade do inimigo, &c.

**Vigia — Sentinella — Atalaia — Espia**

*Vigia* exprime genericamente o que está desperto, com os olhos abertos e attentos, para ver e notar o que se passa.

*Sentinella* quer dizer *vigia* militar: he o soldado que está de *vigia* em algum posto.

*Atalaia* he propriamente *vigia*, ou *sentinella* posta em lugar alto d'onde possa ver ao longe e descobrir o campo.

*Espia* he o que segue esta, ou aquella pessoa para observar de perto os seus passos, movimentos, palavras, &c., ou tambem o que anda por aqui e por ali espreitando e observando com solapada cautela o que se faz, ou o que se diz.

O pai deve ser *vigia* cuidadoso de seus filhos, o superior dos seus subditos, o pastor do seu rebanho.

A *sentinella* e *atalaia* cumprem hum dever militar e são responsaveis pelas consequencias do seu descuido.

O *espia* he, as mais das vezes, hum homem de baixos sentimentos, que, ou por curiosidade criminosa, ou por sordidos interesses, ou algum outro semelhante motivo, anda observando as acções, palavras e gestos dos outros, encobrando com disfarce o seu verdadeiro intento, e talvez sob capa de amizade, para depois os entregar aos seus inimigos.

**Escuro — Obscuro — Tenebroso — Caliginoso**

Exprimem estes vocabulos a qualidade que attribuímos aos corpos, ou lugares, segundo os differentes grãos de falta de luz, que nelles observâmos.

Assim *escuro* he o que não he claro, o que tem, ou reflecte pouca luz.

*Obscuro* o que he mais *escuro*, o que não reflecte luz alguma.

*Tenebroso* o que he ainda muito mais *escuro*, o que está coberto de *trevas*, envolvido em profunda *escuridade*.

Finalmente *caliginoso* exprime o ultimo grão da *escuridade*: he o lugar em que o homem anda como cego ás escuras, quasi ás apalpadellas, em que as *trevas* são palpaveis.

Hum lugar he *escuro* quando tem pouca luz; hum corpo he de côr *escura* quando reflecte pouca luz: hum lugar he *obscur*, *tenebroso*, ou *caliginoso*, conforme o grão da falta de luz, ou a espessura das *trevas*, que nelle se experimentão. A noite he *escura*, *obscura*, *tenebrosa*, ou *caliginosa*, debaixo das mesmas considerações, &c.

#### Solemne — Authentic

As significações destes vocabulos, consideradas sem applicação alguma particular, parece não terem entre si synonymia.

Chamâmos *solemne* o que se faz com certo apparato de ritos e ceremonias publicas, talvez com ostentação, pompa e magnificencia: neste sentido dizemos missa *solemne*, festa *solemne*, jogos *solemnes*, votos *solemnes*, &c.

Chamâmos *authentic* o que tem auctoridade e fê publica, o que foi juridicamente legalisado, o que he munido do testemunho publico, &c.; neste sentido dizemos titulo *authentic*, livro *authentic*, escripturas *authenticas*, milagre *authentic*, &c.

Como porém alguns actos, ou titulos para serem au-

*thenticos* dependem de certos ritos, ceremonias, formalidades, ou *solemnidades*, que a lei requer em sua celebração, e que em si mesmas envolvem certo apparatus, por isso se confundem nesses casos os dous vocabulos, e se usão como synonymos.

Assim, por exemplo: requer a lei para a validade do testamento que elle seja approved por tabellião publico com certas formulas; que seja por elle fechado e lacrado; que a estes actos assista hum determinado numero de testemunhas, &c. Estas formalidades, que tem alguma cousa de apparatusas, fazem que o testamento, legalmente feito, se diga *solemne*, ou *authentic*: *solemne* porque nelle se observarão os ritos (digamos assim) ordenados pela lei: *authentic* porque tem fé publica e validade legal, e esta he em parte o resultado do mesmo apparatuso com que foi celebrado.

Neste proprio sentido he que chamâmos *solemnidades* as fórmas, condições e circumstancias, que em alguns actos se requerem para a sua legalidade e validade.

### Recusar — Refusar

*Recusâmos* alguma cousa que se nos dá, ou offerece quando a não queremos receber, quando nos escusâmos de a aceitar: e tambem *recusâmos* (no mesmo sentido, mas em frase juridica) o juiz que a lei nos offerece, mas que nos he suspeito, e a testemunha de cuja veracidade duvidâmos.

*Refusar* parece-nos ter muita differença de *recusar*, aindaque nem sempre se attenda a ella no uso que fazemos destes vocabulos. *Refusâmos* quando não aceitâmos o onus, encargo, ou condição penosa, que se nos quer impôr: *refusâmos* quando nos não prestâmos ao que de

nós se pretende, quando não deferimos ao que se nos pede, &c.

Assim *recusámos* o beneficio que se nos quer fazer, e *refusámos* a batalha que o inimigo nos offerece. *Recusámos* a dadiva, a mercê: *refusámos* o jugo, a obrigação. *Recusámos*, ou *refusámos* o cargo, já como mercê, que se nos offerece, já como onus, que se nos impõe, &c.

Naquellas palavras do grande Condestavel, em Camões, cant. 4.º, est. 15.ª

«Como da gente illustre portugueza

«Ha de haver quem *refuse* o patrio marte?»

não se poderia, segundo o nosso parecer, substituir *recuse* a *refuse* sem alguma impropriedade. O mesmo dizemos do outro lugar do Poeta, cant. 10.º, est. 40.ª, aonde fala dos Parseos de Ormuz:

«... por seu mal valentes,

Que *refusam* o jugo honrado e brando.»

O Principe *refusa* a graça que se lhe pede. O magistrado *refusa* talvez ouvir o litigante, ou deferir ao seu requerimento. A natureza se *refusa* muitas vezes ás indagações do sabio, &c.

### Distracção – Diversão – Digressão

Temos ou padecemos *distracção* quando, ou involuntariamente, ou de proposito, apartámos, ou se aparta a nossa attenção do objecto em que deviamos, ou queriamos empregar-a, ou a tinhamos empregada.

Fazemos huma *diversão* quando de proposito distrahimos a attenção de hum objecto voltando-a para outro



diverso ou estranho, que talvez não tem com o primeiro relação alguma.

Finalmente fazemos huma *digressão* quando de pensado nos desviámos do caminho que levámos, ou no discurso, ou no negocio, ou no passeio, ou na jornada, apartando-nos hum pouco para outra cousa, ou para outro caminho, que não fica longe do primeiro, e que nos permite tornar logo a elle.

Assim, que tem, ou padece *distracção* o nosso espirito quando deixa de attender, v. gr., ao objecto do seu estudo, ou da sua meditação, ás palavras do orador que está falando, aos conselhos dos amigos, &c.

Faz huma *diversão* quem de proposito se aparta, v. gr., do seu estudo para applicar-se a outra cousa; do seu assumpto para tractar hum objecto estranho a elle; dos seus negocios e cuidados para tomar alguma honesta recreação, a qual por isso mesmo se chama *divertimento*.

Faz huma *digressão* quem, por exemplo, se desvia do caminho recto que levava para ir a outro lugar que não era do seu primeiro intento, mas que lhe fica a geito e o não aparta consideravelmente da sua verdadeira e principal direcção.

A *distracção* póde ser e muitas vezes he involuntaria: a *diversão* e *digressão* sempre se fazem deliberadamente.

A *distracção* succede mais de ordinario em objectos de estudo, de reflexão, de meditação. A *diversão* e *digressão* tem lugar em discursos escriptos, ou pronunciados nos negocios da vida humana, nos trabalhos fysicos, &c.

A *distracção* finalmente nasce da inconstancia do nosso espirito: a *diversão* póde ser necessaria para alliviar o espirito, ou o corpo fatigado, ou pouco susceptivel de trabalho continuo e muito aturado: a *digressão* he ás ve-

zes conveniente, ou porque serve ao fim principal que nos propomos, ou porque não nos desviando muito d'elle nos poupa novo trabalho na repetição do mesmo caminho.

299

### **Invencível – Insuperável**

*Vencer* he alcançar vantagem no combate: *superar* he passar por cima, passar além.

Pelo que *invencível* he o que não pôde ser vencido: suppõe peleja, ou combate. e suppõe hum contendor a quem se não dá vantagem.

*Insuperável* he tudo aquillo além do que, ou por cima do que, se não pôde passar: diz-se de qualquer obstaculo que se não pôde franquear, que não pôde ser sobrepujado.

*Invencível* diz-se com propriedade das cousas que combatem entre si: *insuperável* das cousas que embarcação, difficultão, encontrão, ou põem obstaculo.

Comtudo como o inimigo, v. gr., que combate conosco he, em certo modo, hum obstaculo que se nos oppõe, e o obstaculo, ou encontro, he como hum inimigo que temos a combater, por isso se trocão ás vezes os dous vocabulos, e dizemos obstaculo *invencível* e nação *insuperável*; difficuldade *invencível* e poder *insuperável*.

300

### **Homem de bem – Homem de honra – Homem de probidade Homem de virtude**

*Homem de bem*, no sentido que aqui damos a esta expressão, quer dizer o que observa exactamente as leis da sociedade em que vive, não offendendo jámais os direitos dos seus semelhantes, e guardando em tudo a decencia e decoro que convem ao seu estado e condição.

*Homem de honra* he aquelle que ás qualidades do *homem de bem* ajunta huma certa elevação, nobreza e delicadeza de sentimentos, que repugna a toda a idéa, ou ainda sombra de baixeza, dando com isto lustre e realce a todas as suas acções. A honra pôde dizer-se (segundo o pensamento e frase de hum grande escriptor) o *superfluo da alma*, que gostosamente se emprega no que he bello e generoso depois de ter praticado o que he bom e devido.

*Homem de probidade* he aquelle que pratica as virtudes essenciaes, que guarda escrupulosa justiça ainda nas cousas que não estão ao alcance das leis civis, que com benigna equidade submete os seus rigorosos direitos ás considerações da humanidade e da beneficencia, que procede sempre com boa fê, que tracta os outros homens com generosa indulgencia, que he exactamente fiel á sua palavra, &c., &c.

O *homem de virtude* não se differença do *homem de probidade* senão pelos principios e motivos que o dirigem e animão. O *homem de probidade* pôde ser tal por indole e educação, por habito, talvez por ambição, &c. O *homem de virtude* não tem outros principios de seu proceder senão a razão, as leis, a religião; nem outro movel senão o amor da justiça, do verdadeiro bem e da propria virtude. O seu character essencial he a rectidão do espirito e do coração: as forças combinadas da razão e do sentimento o movem e dirigem constantemente, sem lhe permittirem desviar-se jámais do direito caminho dos seus deveres.

301

#### Attestar — Certificar

Quem *attesta*, ou *certifica* hum facto, mostra que está certo delle e quer que os outros o acreditem: nisto con-

vem os dous vocabulos: mas o primeiro, *attestando*, fala como testemunha, quer seja de vista, quer de ouvida: o segundo, *certificando*, fala como quem está certo do facto, sem especificar a origem da certeza.

Quem *attesta* tambem *certifica*; mas quem *certifica* nem por isso *attesta*; porque póde ter certeza do facto para o *certificar* sem ter sido *testemunha* delle para o *attestar*.

Ninguém póde hoje *attestar*, propriamente falando, os milagres de Jesu-Christo: os seus discipulos porém os *attestárão* aos primeiros fleis e á posteridade nos livros sagrados do Novo Testamento: e se necessario fosse, ou se alguem com fundamento os duvidasse, a auctoridade infallivel da Igreja nos *certificaria* a sua existencia e realidade.

#### Fugir — Evitar — Escapar — Evadir — Esquivar

Tem estes verbos huma significação commum que os faz synonymos, e consiste em que todos exprimem a acção com que nos pomos a salvo de algum incommodo, trabalho, perigo, difficuldade, &c. Diferenção-se porém entre si, porque cada hum exprime differente modo desta acção.

*Fugir* de alguma cousa he apartar-se della alongando-se, correndo para o lado opposto, não se deixando alcançar, &c. *Fugimos* do lugar contagiado; *fugimos* da terra em que habitámos antes que seja descoberto o nosso crime; *fugimos* á justiça que nos procura, ao assassino que nos persegue; *fugimos* do tumulto do mundo para a solidão, &c.

*Evitar* alguma cousa he apartar-se della, desviando-se,

declinando do caminho, fazendo por se não encontrar. *Evitámos* despesas, trabalhos, perigos, difficuldades, desviando-nos das occasiões; *evitámos* o encontro desagradavel mudando de direcção, &c.

*Escapar* de alguma cousa he livrar-se della estando-lhe já nas mãos, ou proximo a isso; roubar-se ao mal que o tinha apanhado, ou que não tardaria a alcançal-o. *Escapámos* da doença, da morte, do naufragio, da prizão, das mãos do inimigo, &c.

*Evadir* alguma cousa he sahir della em salvo, destra e subtilmente, com arte, com astucia, com subterfugios, com manhas. *Evadimos* a questão, a força do argumento, a difficuldade do negocio, a prohibição da lei, &c.

Finalmente *esquivar* alguma cousa he arredar-se della, ou afastal-a de si com esquivança, isto he, com desapego, com isenção, com aspereza, com desdem. *Esquivámos* o homem mau que busca a nossa amizade; os abraços do amigo infiel; o importuno que nos persegue, &c.

## 303

## Escapar de — Escapar a

*Escapámos* de hum perigo, quando estivemos mettidos nelle, e sahimos a salvamento. *Escapámos a* hum perigo, quando nos anticipámos a evital-o.

*Escapou* da prizão quem esteve nella e pôde salvar-se; do contagio quem foi delle accommettido e recobrou saude; do naufragio quem sahio das ondas com vida, &c.

*Escapou á* prizão quem foi procurado para ser prezo e soube evadir as diligencias da justiça; ao contagio quem não foi tocado delle; ao naufragio quem esteve proximo a naufragar e arribou a porto seguro, &c.

**Claro — Manifesto**

*Claro* he o que tem luz e claridade, ou propria, ou emprestada; he o que em si mesmo tem tudo o que he necessario para poder ser visto. *Manifesto* he o que, além de ter luz e claridade, está em posição conveniente para poder ser visto; he o que está no ponto de vista accommodado á potencia visual do espectador.

O primeiro refere-se á natureza, propriedades, ou accidentes do objecto: o segundo refere-se mais especialmente a sua posição, ou situação a respeito do espectador.

O sol he *claro*, e nem sempre está *manifesto*: tem em si mesmo luz e claridade para poder ser visto; mas não está em posição propria para isso, quando, v. gr., as nuvens o encobrem, ou elle mesmo, em seu movimento, se esconde debaixo do horizonte, aonde o espectador o não póde alcançar com a vista.

A luz do dia faz *claros* todos os objectos; derrama sobre todos hum certo grão de claridade; mas nem por isso se póde dizer que todos estão *manifestos*, porque nem todos estão ao alcance da nossa vista, nem todos em posição, ou situação conveniente, para poderem ser por nós observados.

A verdade he *clara*; comtudo muitas verdades ha que não são *manifestas*, ou porque não tem sido sufficientemente desenvolvidas e collocadas em boa luz, ou porque a sua sublimidade as põe fóra do alcance dos entendimentos pouco exercitados.

A *claro* oppõe-se escuro, ou obscuro; a *manifesto* oppõe-se encoberto, occulto, ou escondido.

**Encobrir – Occultar – Esconder**

*Encobrir* he lançar hum veio, ou cobertura sobre o objecto, de modo que a nossa vista se não possa empregar nelle.

*Occultar* he não apresentar o objecto aos nossos olhos; não o deixar ver: tél-o, ou conserval-o retirado da nossa vista; não permittir que se veja.

*Esconder* he tirar o objecto de diante dos nossos olhos, pondo-o em lugar reservado aonde o não possamos alcançar com a vista.

As nuvens *encobrem* o sol: a figura da terra *occulta* aos habitantes da Europa as estrellas do polo austral: o sol *esconde-se* aos nossos olhos, quando no seu occaso desce abaixo do horizonte.

A escuridade da noite *encobre* os objectos: o doente *occulta* talvez ao medico a enfermidade vergonhosa: o criminoso *esconde-se*, ou *occulta-se* para não ser achado pela justiça.

*Encobre* a verdade quem a disfarça com estranhas apparencias, quem lança sobre ella o veio da mentira, da lisonja, da impostura, &c. *Occulta* a verdade quem a não quer declarar, quem cala o que sabe, quem não responde á pergunta, quem nega a instrucção, que se lhe pede e póde dar. *Esconde* a verdade quem a tira de diante dos nossos olhos, quem nos priva dos meios e instrumentos de que nos poderíamos servir para alcançal-a, &c.

**Muito grande – Grandissimo**

As fórmãs dos adjectivos portuguezes em *issimo*, adoptadas pelos nossos escriptores desde o seculo xv, não

forão introduzidas para trazer á lingua huma abundancia esteril: erão necessarias para melhor se poderem exprimir diferentes grãos das qualificações dos objectos, e para se fazer desaparecer do discurso polido a grosseira formula *mui muito*, que até então se usava no mesmo sentido.

*Grandissimo* pois diz mais que simplesmente *muito grande*; exprime hum grão mais elevado na escala; e as fôrmas em *issimo* correspondem ao *mui muito* dos antigos, e ao *muito muito* com que ainda hoje, na linguagem vulgar e familiar, exaggerámos as qualificações dos objectos, que são susceptíveis de diferentes gradações.

Assim quando dizemos, v. gr., que tal sujeito he *muito rico*, mas que tal outro he *riquissimo*, deve entender-se que nesta segunda expressão suppomos a qualidade de rico em mais alto grão que na primeira, significando tanto como se disseramos *mais que muito*, ou *mui muito*, ou *muito muito* rico.

Da mesma sorte se devem entender as expressões *muito douto*, *doutissimo*; *muito habil*, *habilissimo*; *muito excellente*, *excellentissimo*; e todas as outras semelhantes de que abunda o nosso idioma.

#### Civilidade – Polidez – Delicadeza

A *civilidade* he propriamente huma disposição habitual, que nos faz evitar no commercio da vida e no tracto com os homens, tudo o que póde offendel-os, ou desagradar-lhes.

A *polidez* acrescenta á *civilidade* o cuidado que pomos em agradar e obrigar os outros, e não só remove do tracto e commercio dos homens todo o genero de aspreza, e todas as maneiras inofficiosas, senão que se em-



penha em fazer cousas, que sejam agradaveis e dêem gosto ás pessoas com quem se tracta.

A *delicadeza* suppõe demais hum tacto fino, e huma certa penetração, que nos faz quasi adivinhar os desejos, os gostos, e até os pensamentos dos outros, para prevenirmos, quanto nos he possivel, os meios de os satisfazer e comprazer.

### Memoria — Lembrança — Recordação — Reminiscencia

*Memoria* he a faculdade. que tem a nossa alma, de conservar as idéas e noções dos objectos, e de as reproduzir na ausencia delles.

*Lembrança* he hum dos actos desta faculdade: he quando a *memoria* nos faz presentes essas idéas e noções.

*Recordação* he outro acto da *memoria*, quando nós (por assim dizer) lhe pedimos conta das idéas e noções, que lhe entregámos como em deposito: he chamar e trazer á *lembrança* o que havíamos encommendado á *memoria*.

Finalmente *reminiscencia* he ainda outro acto da *memoria*: he a *lembrança* de idéas e noções, que em tempos remotos nos forão presentes, e que em nós deixarão mui fracas e ligeiras impressões, das quaes, por isso mesmo, apenas podemos agora achar e reconhecer os vestigios; chegando ás vezes quasi a duvidar da preexistencia destas idéas no nosso espirito.

Tem *memoria* quem conserva as especies das cousas, que forão objecto de seus pensamentos, e as pôde reproduzir. A *memoria* pôde ser facil, ampla, tenaz, prompta, &c. A *memoria* talvez enfraquece com a idade e com a doença, e talvez se extingue de todo por indisposição do cerebro, &c.

Tem *lembrança*, ou *lembra-se* quem actualmente tem presentes, ou suscita, as especies dos objectos que já o forão de seus pensamentos. A *lembrança* pôde ser mais, ou menos remissa, mais ou menos viva, e ás vezes he tal, que parece fazer-nos realmente presentes os proprios objectos. A vista de hum lugar excita-nos de ordinario a *lembrança* do objecto agradável, ou desagradável, que ali avistámos a primeira vez. A *lembrança* de qualquer objecto traz quasi sempre comsigo a de outros, que com elle são ligados, ou associados, &c.

*Recorda-se* quem traz á *lembrança*, ou suscita as especies dos objectos que entregou á *memoria*. O homem grato *recorda-se* muitas vezes, com gosto e sensibilidade, do beneficio recebido. O bom portuguez *recorda* com saudades a antiga gloria da sua patria. O orador *recorda* o discurso antes que se exponha a recital-o em publico. O estudante *recorda* a lição antes de entrar na aula, &c.

Tem finalmente *reminiscencia* quem se lembra mui remissamente de algum objecto que em outro tempo vio, ou conheceo; quem acha em sua *memoria* alguns, quasi apagados, vestigios desse objecto. Dizem que Pythagoras ostentava ter *reminiscencia* de diferentes estados, porque a sua alma tinha passado nos tempos anteactos. Alguns filosofos forão de parecer que as idéas que temos das cousas puramente intelligiveis, bem como de alguns, que chamão primeiros principios, são meras *reminiscencias*; e segundo a maxima de Platão. tudo quanto parece que nós aprendemos de novo. não he, em realidade, se não *reminiscencia*, &c.

#### Enseada — Golfo — Bahia

*Enseada* refere-se propriamente á curvatura das praias, ou ribeiras do mar, a qual faz huma especie de arco, ou

seio, em que entrão as agoas. Lucena, liv. 1.º, cap. 13.º: «Fazendo a costa hum grande arco, a que chamâmos *enseada* de Bengala».

*Golfo* refere-se mais particularmente á grande massa das agoas do mar, que entrão na *enseada* e enchem aquelle seio, que lhe abrem as terras, offerecendo talvez, com sua maior profundidade e quietação, commodo jazigo aos navegantes.

*Bahia* he propriamente a bôca estreita da *enseada*, por onde entrão as agoas do mar; o porto, que a *enseada* faz com as extremidades do arco, pelo qual entrão os navios para se porem em segurança.

São muí conhecidas dos geógrafos as *enseadas* de Bengala, de Cambaya, os sinos persico e arabico, que Lucena chama *duas grandes enseadas* do mar oceano; os *golfos* de Veneza, de Leão; as *bahias* de Toulon, de Cadiz, e a grande *bahia* que deo o nome á cidade de S. Salvador no Brazil, &c., &c.

## 310

**Eterno — Perpetuo**

*Eterno* toma-se muitas vezes por *sempiterno*, significando o que não teve principio, nem ha de ter fim: neste sentido dizemos que Deos he *eterno*, que o mundo não he *eterno*.

Toma-se outras vezes em sentido mais restricto, significando o que não ha de ter fim, aindaque tenha tido principio: neste sentido dizemos que o espirito do homem ha de existir *eternamente*; que os premios e penas da vida futura hão de ser *eternos*.

Nesta segunda accepção confunde-se talvez *eterno* com *perpetuo*, attendendo-se tamsómente á idéa commum de durar sempre, em que ambos os vocabulos convem e são synonymos. Ha comtudo entre elles huma notavel diffe-

rença, que não permite empregal-os sempre indifferentemente.

*Eterno* he o que ha de durar sempre; mas este *sempre* he absoluto, sem limite, sem fim: *perpetuo* he tambem o que ha de durar *sempre*, mas este *sempre* admite certos limites; *sempre* até o fim dos tempos; *sempre* até o fim do tempo, ou duração propria do objecto de que se tracta; *sempre*, em geral, até o fim do tempo determinado pela natureza, pelas leis, pelo costume dos homens, &c.

Assim tal pessoa promette ao seu bemfeitor gratidão *perpetua*, tal outra contrahe huma obrigação *perpetua*, isto he, emquanto lhe durar a vida, até o fim della. O matrimonio he hum contracto *perpetuo*, isto he, até o fim da vida de qualquer dos contrahentes. As pyramides, obeliscos, estatuas, &c., são monumentos *perpetuos*, isto he, até se gastar o marmore, ou bronze de que forão construidos, &c., &c.

## 311

**Perpetuo — Perenne**

Acabámos de determinar a verdadeira noção de *perpetuo*. *Perenne* convem com elle na idéa commum de durar sempre; mas ajunta a esta idéa a de huma acção continuada, ou continuamente renovada.

Hum monumento he *perpetuo* pela sua duração, e póde dizer-se *perenne*, porque a cada instante está attestando o facto em cuja memoria se erigio. Os movimentos dos astros são *perpetuos* e *perennes* (*stellarum perennes*, *atque perpetui cursus*, diz Cicero); *perpetuos*, porque hão de durar emquanto durar a ordem do mundo; *perennes*, porque hão de durar em acção continua, incessantemente, sem interrupção. Tambem dizemos fonte *perenne*, manancial *perenne*, e não *perpetuo*; porque

neste caso attendemos mais particularmente ao fluxo continuo da agoa, do que á *perpetuidade* da sua duração.

*Vãamente* he o Latim *vane*: exprime, como os outros adverbios, o modo, ou maneira com que a cousa se faz; refere-se ao effeito immediato da acção.

*Em vão* he o Latim *in vanum*: refere-se, segundo a força da preposição, ao fim ulterior da acção, ao fructo que della se pretende tirar, ao termo a que ella se dirige.

Por onde trabalhar *vãamente* he trabalhar sem fazer obra, ou sem fazer a obra que se quer e pretende fazer: trabalhar *em vão* he não alcançar o termo, não conseguir o fim a que essa obra se dirige.

## 312

**Vãamente — Em vão**

*Vãamente* se gloria o homem de ter muitos amigos, sendo elles tão raros no mundo: e *em vão* confia que os achará favoraveis na adversidade.

«Se o Senhor não edificar a caza, *em vão* trabalhão os que a edificação.» Neste lugar do Psalmo 126.º nem o texto diz *vane*, nem nós devemos traduzir *vãamente*; visto que os edificadores effectivamente levantão o edificio, e só não conseguem o fim do seu trabalho; fazem obra, mas obra inutil e sem proveito.

## 313

**Corrompido — Depravado — Pervertido**

*Corrompe-se*, ou está *corrompida* huma cousa, quando se lhe tem introduzido algum vicio, ou se lhe tem tirado algum elemento necessario á sua conservação, ou se tem

rompido e alterado a união e harmonia natural dos seus princípios.

A mudança que d'aqui resulta faz que a cousa se torne má no seu genero, e então dizemos que está *depravada*. A *depravação* he huma consequencia da *corrupção*.

A cousa *depravada* com facilidade passa a peor estado, e quasi vem a totalmente mudar de natureza: neste ultimo grão de *corrupção*, dizemos que a cousa está *pervertida*, isto he, desnaturada, transformada em huma cousa contraria á sua primeira natureza.

Huma substancia, ou confeição medicinal começa por *corromper-se*, alterando-se em seus elementos: torna-se *depravada*, isto he, má, impropria para o seu fim, e talvez nociva: e acaba por *perverter-se* de todo, servindo mais de peçonha que de medicamento.

No sentido moral. os maus exemplos, os maus conselhos e os maus principios *corrompem* a mocidade, a qual, huma vez desviada do caminho da virtude, se *deprava* e torna viciosa; e por ultimo chega a *perverter-se* de todo, perdendo até os sentimentos proprios da humanidade, seguindo huma vida totalmente alheia da razão, tornando-se hum verdadeiro monstro.

## 314

**Cenotafio — Tumulo — Mausoleo**

*Cenotafio* he o monumento vazio. elevado á memoria de algum varão illustre defuncto.

*Tumulo* he o monumento elevado á memoria de algum varão illustre defuncto no lugar aonde repouzão as suas cinzas.

*Mausoleo* he o *tumulo*, ou *cenotafio*, elevado com grande magnificencia, ostentação e riqueza.

Por onde se vê que os tres vocabulos convem entre si

em huma idéa commum; porque todos significão o monumento elevado á memoria de algum varão illustre defuncto: differença-se porém, porque *tumulo* suppõe o proprio lugar em que está sepultado o corpo, ou em que jazem as cinzas do defuncto: *cenotafio* exclue esta idéa; he hum monumento vazio, meramente honorario: «estes foram (diz Lucena, liv. 3.º, cap. 5.º). os que os Gregos chamavam *cenotaphia*, que quer dizer *moimentos vazios*, e os Latinos *sepulchra honoraria*»; *mausoleo* suppõe ostentação e magnificencia em honra de pessoa mui notavel: he nome derivado do grandioso e esplendidissimo tumulo, elevado por Artemisa á memoria de Mausolo, rei de Caria, seu marido.

315

#### Observação — Experiencia

No sentido scientifico, fazemos huma *observação*, quando vemos e examinámos attentamente algum, ou alguns dos *fenomenos*, que a natureza espontaneamente nos offerece nas suas operações. Fazemos huma *experiencia*, quando por industria e artificio nosso preparámos e promovemos a existencia desses fenomenos, isto he, os fazemos apparecer, obrigando, em certo modo, a natureza a nos revelar os seus segredos.

O astrónomo, por exemplo, faz huma *observação*, quando olha attentamente para o ceo, ou para algum dos grandes corpos que o povoão, a fim de notar, examinar, conhecer os seus movimentos, grandezas, posições, distancias, aspectos, &c.

O chimico faz huma *experiencia*, quando mistura duas, ou mais substancias, e as expõe á acção do ar, do fogo, da agoa, &c., para notar o que dellas resulta e obter assim o conhecimento, que a natureza lhe não offereceria se não fosse sollicitada por esse artificio.

Pela *observação* ouvimos e escutámos as lições da natureza: pela *experiencia* interrogámos a natureza, e a forçámos a responder-nos, a desenvolver-se, a revelar-nos os seus segredos.

A *observação* deo nascimento a muitas artes: a *experiencia* as tem adiantado, e cada dia as aperfeiçoa.

Os meteoros, os eclipses, a vegetação das plantas, a geração dos animaes, &c., são objectos da *observação*: os phenomenos da electricidade, do magnetismo, do galvanismo, da maquina boyleana, &c., são resultados da *experiencia*.

No sentido vulgar he mui conhecida a differença destes vocabulos. *Observámos* o que se passa fóra de nós, os phenomenos, ou factos que nos são estranhos, ou temos por taes: *experimentámos* o que se passa em nós, os factos, ou phenomenos que nos toção immediatamente, que se referem a nós, cujas impressões sentimos, &c. *Observámos* que certos vicios são mui ordinarios nos homens de certas classes, e talvez *experimentámos* isso mesmo, quando tractámos com elles. *Observámos* que as nuvens mais densas e mais baixas dão ordinariamente chuva: *experimentámos* que a chuva do norte he muito mais fria que a do sul, &c.

Neste mesmo sentido dizemos que o homem aprende muito pela *observação* e *experiencia*: que a *experiencia* he grande mestra do saber viver: que sem *experiencia* dos negocios se não podem bem desempenhar certos cargos publicos, &c.

### Estrangeiro — Estranho

*Estrangeiro* he tudo o que não he da nossa terra, da nossa patria, nação, ou gente.

*Estranho* he tudo aquillo que nos he desconhecido:



que nos não he familiar, a que não estamos acostumados; tudo o que nos he novo, extraordinario. alheio, desusado, &c.

Hum homem he para nós *estrangeiro*, quando he de outra nação; e he *estranho*, quando nunca o vimos; quando não temos tido com elle conversação, tracto, familiaridade, &c.

Hum traste he *estrangeiro* quando he fabricado fóra do reino, e por officiaes, que não são nossos compatriotas: hum trajo he *estranho* quando he alheio de nossos costumes, quando o não temos visto usado, &c.

Lucena, liv. 4.º, cap. 6.º, falando dos Portuguezes, diz que a respeito dos Mouros de Ternate, erão gente «tão *estranha* nos costumes e religião, quam *estrangeira* na terra e natureza».

### Beatificação — Canonisação

São termos de Jurisprudencia ecclesiastica, e ambos exprimem, segundo a actual disciplina da Igreja, o acto da auctoridade pontificia, pelo qual huma pessoa de virtude eminente, e dotada do dom de milagres, he posta, depois da morte, no catalogo dos bemaventurados.

Mas pela *beatificação* declara o Papa, que a pessoa *beatificada* pôde ser venerada em publico sem superstição; que o culto que se lhe der não he reprehensivel, nem por elle se incorre em censura, ou pena alguma ecclesiastica.

Pela *canonisação* declara o Papa, que a pessoa *canonisada* deve ser tida e venerada como tal em toda a Igreja, e por todo o povo catholico.

Pela *beatificação* permite-se dar culto publico á pessoa *beatificada*. A *beatificação* he como graça particular,

concedida a huma communidade, corporação, ou igreja que a sollicita.

Pela *canonisação* ordena-se a toda a Igreja catholica venerar e dar culto ao santo *canonisado*. A *canonisação* he como lei geral, que obriga a todos os fieis.

### Indicar — Designar

Convem estes vocabulos na sua significação generica, pela qual exprimem a acção com que intentámos fazer conhecer, ou dar a conhecer algum objecto; e distinguem-se pela sua significação especifica, porque cada hum delles exprime differente modo de dar a conhecer o objecto de que se tracta.

*Indicar* he dar a conhecer apontando, mostrando com o dedo, ou com a mão: *designar* he dar a conhecer por sinaes, notas, ou caracteres.

Os numeros que se vêem sobre o mostrador de hum relogio *designão* as horas: o ponteiro as vai successivamente *indicando* no seu movimento.

Certas linhas nas cartas geograficas *indicão* os caminhos, as estradas, as correntes dos rios, &c. Certos outros sinaes *designão* as cidades, villas, lugares, igrejas, pousadas, &c.

O *indice* de hum livro *indica* o lugar em que se ha de procurar cada materia: as bandeiras dos navios *designão* a nação a que pertencem.

No meio de huma multidão de gente *indicámos* certa pessoa, que queremos dar a ver, ou a conhecer, apontando para ella, mostrando-a com o dedo, com a mão, ou por outro semelhante modo: se essa pessoa porém não está em posição de ser assim *indicada*. *designámo*-la, ou

damol-a a conhecer por sinaes, ou caracteres que lhe se-  
jão proprios, &c.

### Emprehender — Entrepender

*Emprehender* he determinar-se alguem a fazer alguma cousa, começal-a; e diz-se quasi sempre das acções grandes, das que encerrão difficuldade, ou perigo, das que são importantes e laboriosas, &c. Neste sentido dizemos *emprehender* a conquista de Africa; o descobrimento de novos mares e novas terras; *emprehender* huma viagem longa e arriscada; *emprehender* a fundação e edificação de huma nova cidade, &c.

*Entrepender*, ou *enterpender*, he accometter de impreviso, sobresaltear, tomar por *entrepresa*, isto he, por huma acção militar subita e imprevista, huma praça, huma fortaleza, huma cidade, &c.

Por onde se vê que não são synonymos estes vocabulos, nem aqui terião lugar, se os não vissemos algumas vezes usados, como taes, por escriptores aliás doutos, confundindo-se (ao que parece) as suas significações pela semelhança material dos vocabulos, bem como, tambem ás vezes se confundem *perseverar* com *preservar*, e *alvoroço* com *alboroto*.

### Arte — Mister

Todo o *mister* he *arte*; mas nem toda a *arte* he *mister*.

Ha pois na significação destes vocabulos huma idéa que he commum a ambos; mas distinguem-se pela idéa

especifica, que he propria de hum só. Em summa distinguem-se entre si como genero e especie.

*Arte* he o genero: quer dizer toda a obra manual que se faz por preceitos e regras; *mister* he a especie: quer dizer toda a obra manual que se faz por preceitos e regras, em objectos, que dizem respeito ás necessidades mais indispensaveis da vida social e civil. Assim a pintura, a esculptura, a architectura, a musica, &c., são *artes*; a padaria, a carpintaria, a ferraria, a çapataria, &c., são *misteres*.

D'aqui parece resultar outra differença notavel entre *arte* e *mister*; e vem a ser, que a primeira não tendo por fim satisfazer as necessidades indispensaveis da vida, mas sim concorrer para o agrado e prazer, tambem não tem estimação e valor, senão quando se exercita em hum certo grão de perfeição, e por isso requer conhecimentos, instrucção, e talvez genio no artista: ao mesmo passo que o *mister*, como necessario ás commodidades indispensaveis da vida, he mais dependente do trabalho mecanico que da iuvenção, talento, ou genio; he exercitado por muitos, e contenta-se com a simples pericia pratica do artifice.

Esta parece ser a differença que ha entre *artes* liberaes e mecanicas, sendo as primeiras propriamente *artes*, ou *bellas artes*, e as segundas *artes mecanicas*, ou *misteres*. Os que exercitão as primeiras chamão-se *artistas*; os que exercitão as segundas *artifices*.

Huns e outros se dirigem nos seus trabalhos por preceitos e regras: mas o *artista* aprende-as scientificamente, e deve ser instruido em todas as materias historicas e filosoficas, que se requerem para o bom desempenho da sua *arte*. O *artifice* pôde exercitar, e ordinariamente exercita o seu *mister* com o só conhecimento pratico das regras e preceitos. com a só pericia adquirida pelo uso e exercicio.

**Belleza — O bello**

*Belleza* he hum vocabulo abstracto: pertence á linguagem da metafysica. *O bello* he hum vocabulo concreto: pertence á linguagem das bellas artes.

*Belleza* exprime a noção abstracta e generica de huma qualidade, que compete a todos os objectos da natureza, ou da arte, a que chamâmos *bellos*. *O bello* exprime o typo ideal que o artista tem formado em sua fantasia, e que lhe serve de modelo, ou exemplar para a execução de suas producções. He a *belleza* (digamos assim) personificada, despojada de todos os defeitos, e levada ao mais alto gráo de perfeição.

Porém a noção metafysica de *belleza*, derivada da contemplação dos objectos naturaes, ou artificiaes, que nos são conhecidos, he varia, depende de condições, e he o resultado da comparação que o nosso espirito faz entre esses mesmos objectos. E d'aqui vem a variedade, que se encontra nos differentes seculos, nas differentes nações, e até nos differentes individuos da mesma nação, quando julgão da *belleza* de qualquer objecto.

Pelo contrario *o bello*, o typo ideal da *belleza*, tende (se assim podemos dizel-o) ao *bello* absoluto, ao *bello* immudavel e essencial, que não depende de condição alguma, que não he propriamente o resultado de nossas comparações; que he o mesmo em todos os tempos e em todos os povos, e que seria o mesmo em todos os individuos, se todos elles fossem capazes de tão sublime concepção.

Em summa, a noção de *belleza* he obra puramente intellectual: o *typo do bello* he obra do genio, da inspiração, do enthusiasmo.

Ha muitos outros vocabulos respectivamente analogos, que tem entre si a mesma differença, e confirmão e illustrão a nossa explicação. Taes são, por exemplo, a *justiça*, o *justo*, a *utilidade*, o *util*.

*Justiça* e *utilidade* exprimem os conceitos metafysicos destas duas qualidades, os quaes de nenhum modo se podem confundir. O *justo* porém e o *util* exprimem o seu typo ideal, o seu modelo essencial e immutavel; exprimem o *verdadeiro justo*, o *verdadeiro util*. D'onde vem, que sendo tão differentes entre si as noções abstractas de *justiça* e de *utilidade*, comtudo o *justo* e o *util* se confundem de algum modo, não havendo cousa alguma *verdadeiramente justa*, que não seja *util*; nem cousa alguma *verdadeiramente util*, que não seja *justa*.

### Rejeitar — Engeitar

He hum pouco subtil a differença que notámos entre estes dous vocabulos: mas parece-nos que *rejeitar* he repellir, talvez com rudeza, a offerta que se nos faz; lançar-a (se assim podemos expressar-nos) contra quem nol-a faz. *Engeitar* he lançar de nós com desamor, com despeito, com desagrado, o objecto que já tínhamos em nosso poder, que já tínhamos aceitado, ou que estava á nossa disposição.

*Rejeitámos* o cargo que se nos offerece, e que temos em pouca conta; o conselho, que nos desagrade; o favor, que nos humilha; a condição dura e intoleravel, que se nos impõe, &c.

*Enjeitámos* o filho, que não queremos reconhecer; *enjeitámos* ao vendedor a fazenda, que achámos adulturada; *enjeita o infeliz a esperança de ser contente* (Palmeirim, tom. 1.º, pag. 35), &c.

### Convenção — Pacto — Contracto — Tratado

*Convenção* he propriamente a acção de duas, ou mais pessoas, que convem entre si em alguma cousa, que se ajustão e concordão nella; mas toma-se tambem pelo effeito desta acção, pelo proprio ajuste; e neste sentido he termo generico, applicavel a todos e quaesquer casos, em que o ajuste pôde ter lugar.

*Pacto* he a *convenção*, de que resultão direitos e obrigações naturaes, reciprocas.

*Contracto* he termo da Jurisprudencia civil, e refere-se a certas especies de *convenção*, ou ajuste, de que resultão direitos, obrigações e acções civis, e a que o mesmo Direito prescreve fôrmas e dá nomes especificos. Taes são a compra e venda, a locação, o commodato, o deposito, a sociedade, &c.

*Tratado* finalmente he a *convenção*, ou ajuste entre dous Estados, ou Principes soberanos, lançado por escripto.

### Carecer — Necessitar — Precisar

*Carecer* de huma cousa he simplesmente não a ter: *necessitar* he *carecer*, sentindo falta, havendo mister, não escusando: *precisar* he ter necessidade precisa e indispensavel, talvez urgente.

O animal bruto *carece* de razão: o homem *necessita* de alimento, e *precisa* de huma certa quantidade de pão cada dia.

Muitos homens *carecem* de estudos e instrucção, mas alguns *necessitam* de os ter para fazerem hum papel de-

cente no mundo, e todos *precisão* dos que são indispensaveis ao seu estado e profissão.

### Tristeza — Tristura

A terminação em *eza*, n'hum grande numero de vocabulos portuguezes, exprime a noção abstracta da qualidade. Assim, por exemplo, *barateza* exprime a qualidade do que he barato; *firmeza*, a qualidade do que he firme; *careza*, do que he caro; *dureza*, do que he duro; *singeleza*, do que he singelo; *aspereza*, do que he aspero, &c., &c.

A terminação em *ura*, em outro grande numero de vocabulos portuguezes, exprime o effeito, o resultado de alguma acção, operação. trabalho, &c. Assim o effeito do escrever he a *escriptura*; do criar, a *criatura*; do queimar, a *queimadura*; do misturar, a *mistura*; do pintar, a *pintura*; do curvar, a *curvatura*, &c., &c.

Pelo que *tristeza* exprime a qualidade, que faz o homem triste; o affecto, paixão, ou estado da alma, a que damos este nome: *tristura* parece que se refere mais propriamente aos effeitos desta paixão, e que envolve, com particular energia, os sinaes externos que a acompanhão; significando huma *tristeza* pesada, intima, profunda, que se manifesta fortemente no semblante, e em todo o habito da pessoa.

### Continuar — Proseguir — Perseverar — Persistir

*Continuar* he hir fazendo o que se começou a fazer; não interromper a obra, ou o trabalho; não o descontinuar.



*Proseguir* he propriamente seguir avante, hir sempre andando após: por onde parece suppor alguma reflexão e determinado proposito em quem *prosegue*; ao mesmo tempo que o *continuar* pôde ser mero effeito do habito e costume de fazer a cousa, que se *continúa*.

*Perseverar* he *proseguir* não só com determinado proposito, mas até sem querer mudar, ou antes com animo de não mudar.

*Persistir* he *proseguir* com constancia, com apego, com afinco, e talvez com obstinação. *Persistir* envolve huma idéa propria, que se refere ao fysico, e exprime tanto como estar firme, immovel no mesmo lugar (do Latim *persisto*).

*Continúa* o artifice o seu trabalho: *prosegue* o litigante a causa que intentou: *persevera* o homem probó no caminho da virtude: *persiste* o teimoso e obstinado nas suas opiniões, nos seus projectos, nos seus planos, nos seus procedimentos.

*Continuar* e *proseguir* confundem-se muitas vezes no discurso ordinario, porque a differença, que entre elles ha, he pouco notavel, e talvez escapa á observação. *Perseverar* e *persistir* tambem ás vezes se confundem; mas *perseverar* parece mais proprio quando se fala das acções e procedimentos moraes, e quasi sempre se toma em bom sentido: *persistir* parece mais applicavel ás opiniões e ao estado da vontade, e toma-se muitas vezes em mau sentido.

### Presumpção — Conjectura

*Presumpção* (do Latim *prae-sumere*, tomar anticipadamente) he a opinião que temos, ou o juizo que fazemos a respeito de qualquer objecto, antecipando-nos ao perfeito conhecimento da verdade, isto he, antes de

termos fundamentos bastantes para huma inteira convicção.

*Conjectura* (do Latim *conjectio*, lançar, arremessar) he o juizo arremessado, quasi aventureiro, que fazemos a respeito de qualquer objecto; he, em frase popular, como quando nos botâmos a adivinhar.

O nosso espirito nunca julga sem alguns fundamentos: mas quando *presumimos*, he com fundamentos prova-veis, discorrendo sobre factos certos, sobre verdades conhecidas, tirando consequencias, &c.: quando *conjecturâmos* he sobre simples apparencias, ou meras verosimilhanças, sinaes, analogias remotas, formando talvez combinações e supposições arbitrarias, &c. *Conjectura* tem algum quanto de prognostico ou adivinhação: he, segundo a frase de Quintiliano, huma certa direcção do nosso espirito para a verdade, com alguma cousa de casual; he huma especie de tino, ou instincto da razão. Hum antigo proverbio grego diz que o melhor adivinhador he o que melhor possui a arte de conjecturar.

Mata-se hum homem. A pouca distancia encontra-se outro homem, inimigo reconhecido do morto, espada ensanguentada na mão, rosto pallido, aspecto de perturbação e agitação, fugindo do lugar do delicto, &c. Destas circumstancias resulta huma vehemente *presumpção* de que este homem foi o homicida.

Faz-se hum roubo. Ha na vizinhança hum homem pobre, ocioso, atrevido, mal avaliado do publico, &c. Póde *conjecturar-se*, mas não *presumir-se*, que fosse este o roubador; porque os motivos do juizo são, neste caso, meras verosimilhanças, que não tem relação alguma directa com o crime, nem chegam a fazer ao menos prova-vel a imputação.

No primeiro caso deverá o juiz proceder contra o *presumido* matador, e obrigar-o a purgar-se dos indicios que o accusão; no segundo caso seria huma iniquidade exigir

outro tanto do *conjecturado* roubador, sem apparecerem contra elle mais bem fundamentados argumentos.

### Mostras de amizade — Testemunhos de amizade

A *mostra* (dissemos nós no artigo 148) faz ver o objecto, aindaque não na sua totalidade; dá a ver huma parte delle, talvez a parte meramente exterior, as apparencias.

O *testemunho* he hum meio de estabelecer a verdade do que se attesta; he huma especie de prova, que serve a fazer-nos conhecer a verdade.

Consistindo pois a substancia da amizade nos sentimentos do coração, que sómente se podem provar por actos externos; *mostras* e *testemunhos* de amizade não podem ser outra cousa senão esses mesmos actos, e n'isto consiste a synonymia dos dous vocabulos; mas ha entre elles esta differença, que as *mostras* são actos, que apresentam (digamos assim) as apparencias, os exteriores da amizade, e não são intima e necessariamente ligados com ella; os *testemunhos* são tambem exteriores de *amizade*; mas taes, que a attestão, dão provas della, são mais ligados com ella, e talvez a certificação.

As maneiras agradaveis, as palavras obsequiosas e lisongeiras, hum acolhimento benevolo, &c., são *mostras de amizade*. Os bons officios, os serviços uteis, os conselhos acertados em negocio importante, o auxilio e soccorro na necessidade, ou na desgraça, &c., são *testemunhos de amizade*.

Hum falso amigo póde dar-nos talvez *mostras de amizade*: os *testemunhos* della porém sómente do verdadeiro amigo os podemos esperar.

**Invejar — Ter inveja**

Deve fazer-se differença no uso destas expressões: *invejar* tem significação activa; *ter inveja* tem significação neutra: *invejar* refere-se ás cousas; *ter inveja* ás pessoas.

*Invejâmos* os bens, a fortuna, os empregos de alguém; *temos inveja* a alguém dos seus bens, dos seus empregos, da sua fortuna.

Não diremos com propriedade que Cezar *invejava* Alexandre; mas sim que *invejava* as conquistas e a gloria de Alexandre; ou tambem que *tinha inveja* a Alexandre das suas conquistas e da sua gloria.

**Morto — Defuncto — Finado**

Empregão-se estes tres vocabulos para significar o homem, que cessou de viver: esta he a sua synonymia. Mas cada hum delles exprime por differente modo a mesma idéa; e nisto consiste a sua differença.

*Morto* he o termo proprio, com que significâmos precisamente o estado de hum ser, que deixou de ter vida; e por isso se diz genericamente não só do homem, mas tambem dos animaes brutos, e ainda de outros seres, em que considerâmos vida. Assim dizemos homem *morto*, animal *morto*, planta *morta*, fogo *morto*, &c.

*Defuncto* e *finado* são termos figurados, que empregâmos, por eufemismo, em lugar de *morto*, mas sómente falando do homem, e como para disfarçar a idéa triste e desagradavel, que nos excitaria o termo proprio. Assim

dizemos, á maneira dos Latinos, *defuncto*, isto he, o que *passou o tempo da vida*; *fnado*, isto he, o que *fez fim*.

### **Cuidadoso – Diligente – Sollicito – Desvelado – Ancioso**

Exprimem estes vocabulos, ao que parece, a gradação ascendente do cuidado e attenção, que damos a algum negocio, ou cousa de que tractámos, e que muito nos importa. Neste cuidado e attenção consiste a sua synonymia; os differentes grãos porém que cada hum exprime constituem a sua differença.

*Cuidadoso* he o primeiro grão desta escala. O homem *cuidadoso* tracta do negocio sem se esquecer delle; tem-no presente ao espirito; não omitta algum dos passos que se requerem, e ordinariamente se dão, para o ultimar.

O homem *diligente* he *cuidadoso* com estudo, com applicação, com exacção: inquire todos os meios adequados ao fim que se propõe, escolhe os melhores, e não dilata o emprego delles.

O homem *sollicito* he *cuidadoso* com instancia e assiduidade, talvez com inquietação e pena.

O homem *desvelado* he *cuidadoso* com continua vigilancia; não dorme, nem descança, emquanto não consegue o seu fim.

O homem *ancioso* finalmente he *cuidadoso* com agitação, com afflicção, com ancia.

### **Misturar – Confundir**

*Misturar* he ajuntar muitas cousas em huma só; fazer de muitas substancias hum só composto; de muitas cou-

sas hum só todo. *Misturão-se* os metaes quando se ligão; *misturão-se* diferentes farinhas para fazerem hum só massa; diferentes drogas para fazerem hum só medicamento, &c. E no sentido figurado, *misturão-se* em hum espectáculo publico homens e mulheres, velhos e meninos, fazendo hum só ajuntamento, hum só massa (digamos assim) de povo: a totalidade da nossa vida he hum *mistura* de bens e males, de dores e prazeres, de commodos e incommodos, &c.

A *mistura* não impede que possamos algumas vezes distinguir, e até separar, os differentes objectos, que se *misturarão*: outras vezes porém elles ficão de tal modo unidos e compenetrados, que seria impossivel, ou mui difficultoso, distinguil-os e separal-os.

Neste segundo caso existe a *confusão*. *Confundir*, no sentido fysico, he derreter, fundir juntamente dous, ou mais metaes, o ouro e a prata, o chumbo e o estanho, &c., os quaes consolidando-se depois em hum só massa, nem se podem distinguir, nem admittem facil separação.

Deste sentido fysico trazemos o vocabulo para o sentido moral com analogia significação, e chamâmos, v. gr., *confusão*, ou ajuntamento *confuso* de povo, aquelle em que não ha ordem, nem distincção de classes, de sexos, de idades, &c. Dizemos que he de entendimento *confuso* quem não sabe distinguir as suas idéas, nem classificar e pôr em ordem os objectos dellas. Dizemos que em hum conferencia reina a *confusão*, quando todos falam ao mesmo tempo, e se não pôde distinguir qual seja o voto de cada hum, &c.

Assim que *confundir* exprime mais que *misturar*: *confusão* acrescenta alguma cousa á idéa de *mistura*, e até ás vezes a qualifica; e por isso dizemos *mistura confusa*, e não podemos dizer *confusão misturada*.

A *misturar* oppõe-se *separar*: a *confundir* oppõe-se propriamente *distinguir*.

**Matar — Assassinar**

*Matar* quer dizer precisamente tirar a vida, ou dar a morte a hum ser vivo. He termo generico, e não especifica nem o ser a que se tira a vida, nem nenhum dos muitos modos por que se pôde dar a morte. *Mata-se* o animal bruto; *mata-se* tambem o homem, em guerra, ou fóra della; de proposito, ou por casualidade; a ferro, ou a tiro, ou com pancadas; por auctoridade publica, ou privada, &c.

*Assassinar* he huma especie incluída naquelle termo generico: he *matar* o homem injusta e violentamente, á traição, cabindo de improviso sobre a pessoa que se quer matar, e acommettendo-a ordinariamente com ferro, ou a tiro.

*Assassinar* he sempre hum crime atroz: *matar* pôde nem ser crime, e em verdade o não he, quando o soldado *mata* o inimigo na guerra; quando o executor da justiça *mata* o criminoso condemnado á morte, &c.

**Prodigio — Milagre — Maravilha**

Damos o nome de *prodigio* a hum factio que parece não pertencer ao curso ordinario das cousas, e por isso mesmo se toma talvez como prognostico de acontecimentos felices, ou infelices.

Damos o nome de *milagre* a hum factio contrario á ordem natural das cousas, e ás leis conhecidas do universo, o qual sómente pôde ser produzido por hum poder superior ás mesmas leis.

Damos o nome de *maravilha* a hum facto não vulgar, que excede a nossa expectação, e talvez a nossa propria imaginação, e que por isso grandemente nos admira.

A apparição de hum cometa, ou de algum novo corpo celeste, o eclipse do sol, ou da lua, a aurora bureal, &c., erão em outro tempo, e são ainda hoje *prodigios* para o homem ignorante, a quem taes fenomenos parecem fóra do curso ordinario dos acontecimentos naturaes.

A resurreiçãõ de hum morto he para todo o homem sensato hum *milagre*; porque visivelmente se oppõe ás leis conhecidas da natureza, que só a Omnipotencia pôde alterar, suspender, ou dispensar.

A subida de hum homem aos ares por meio de hum balão aerostatico foi ao principio huma *maravilha*, que excitou a admiração geral, até dos sabios, a quem não erão desconhecidas as leis fysicas, que dirigirão o inventor.

Pelas explicações que damos destes vocabulos he facil ver, que elles são relativos, isto he, que hum fenomeno pôde parecer *prodigioso*, *maravilhoso*, ou *milagroso* a huns, sem merecer essas qualificações a outros.

O vulgo ignorante tem como *prodigio* tudo o que não he frequente, tudo o que he raro e que não succede todos os dias. Dá o nome de *milagre* a qualquer effeito extraordinario, cuja causa lhe he desconhecida; e *maravilha-se* á vista da obra da arte, que elle não sabe apreciar, mas que lhe parece superior em perfeição a tudo o que tem visto no mesmo genero.

Houve tempo em que o abusivo emprego destes vocabulos parece que se estendeo até aos homens doutos e instruidos, e principalmente aos poetas, postoque em differente sentido. Tudo então erão *prodigios* de formosura, de belleza, de graça; *milagres* de valor, de generosidade, de liberalidade; *maravilhas* da natureza, da industria, do saber, &c.



O progresso das sciencias e das artes tem corrigido o primeiro abuso em parte; e o conhecimento da verdadeira eloquencia, e das regras de bem escrever, tem emendado o segundo.

Hoje não duvidaremos qualificar de *prodigiosos* alguns phenomenos raros, sem comtudo suppormos que elles sejam prognosticos de successos faustos, ou infaustos.

Reconhecemos a possibilidade e existencia de *milagres*; mas, exceptuando aquelles, que são attestados nas escripturas canonicas, em todos os mais requeremos provas superiores a toda a excepção, e capazes de fundamentar a nossa convicção em tal materia.

Ultimamente não duvidâmos chamar *maravilhas* da natureza, ou da arte, aquellas que pela sua raridade, perfeição, formosura, ou singular artificio merecem esse nome, e justamente excitão a nossa admiração.

Na linguagem dos escriptores sizudos tambem se devem empregar os mesmos vocabulos com igual temperança, desprezadas as ridiculas e affectadas hyperboles do gongorismo, com que no seculo xvii se aviltarão estas e outras expressões, aliás destinadas para significarem objectos dignos da nossa admiração.

### **Ceo — Paraizo — Bemaventurança**

Dizemos que as almas justas, depois da morte, sobem ao *ceo*; são levadas ao *paraizo*; vão para a *bemaventurança*; por onde se vê, que todos os tres vocabulos são synonymos, emquanto genericamente exprimem o lugar, que compete aos homens justos, depois da morte. Notemos ora as suas differenças.

*Ceo* quer dizer propriamente o lugar altissimo, onde Deos especialmente habita, e tem o throno da sua ma-

gestade. *Paraizo* quer dizer lugar de delicias. *Bemaventurança* quer dizer a somma de todos os bens.

Assim, quando dizemos que as almas justas sobem ao *ceo*, denotámos com especialidade a vista de Deos, e a companhia dos santos e dos espiritos celestes, que ellas vão gozar. Quando dizemos que são levadas ao *paraizo*, referimo-nos ás delicias do lugar que vão habitar. Quando dizemos, que vão para a *bemaventurança*, designámos especialmente a enchente de bens, que lhes está preparada na gloria. De maneira, que significando todos os tres vocabulos a mesma cousa em substancia, cada hum delles a considera debaixo de diversas relações e aspectos.

Nem he inutil observar esta differença: porquanto, se collocarmos as almas justas no *ceo*, pede a unidade do pensamento, e a coherencia do discurso e da linguagem, que digamos, que ellas habitão o templo augusto da Divindade, e as mansões eternas dos santos; que gozão a vista de Deos, e contemplão de continuo as suas perfeições, &c.

Se as collocarmos no *paraizo*, diremos, que neste lugar amenissimo, neste jardim de delicias, *comem do fructo da arvore da vida eterna, e bebem da fonte de delicias, que mana do rosto de Deos, &c.*

Se finalmente as collocarmos na *bemaventurança*, diremos que gozão o completo aggregado de todos os verdadeiros bens; bens juntos e unidos, sem falta de hum só; bens puros, sem mistura de vicio, ou de miseria; bens seguros e perduraveis. sem receio de mudança, corrupção, ou ruina, &c.

#### Abreviar — Encurtar

Já notámos no artigo 124 a differença, que ha, entre *breve* e *curto*, e por ella se conhece a que deve haver entre *abreviar* e *encurtar*.

*Abreviar* he diminuir á longura: *encurtar* he diminuir ao comprimento.

*Abreviámos* a vida, quando ou por imprudencia, ou por necessidade, gastámos mais forças do que convem: *encurtámos* o caminho, quando tomámos o atalho, que nos poupa alguns passos, e nos leva em menos tempo ao mesmo ponto.

### Compendiar – Epitomar

São vocabulos, com que exprimimos o trabalho daquelles escriptores, que nos dão em *compendio*, ou *epitome* os elementos de algumas artes, ou sciencias, ou outras producções litterarias: mas ha entre os dous vocabulos huma differença, que merece notar-se.

*Compendiar*, no sentido etymologico, diz tanto como diminuir despesas, gastar com parcimonia (do Latim *compendium*, que significa o contrario de *dispendium*).

*Epitomar*, no mesmo sentido etymologico, diz tanto como diminuir cortando; reduzir a menos, tirando parte da extensão (do Grego ἐπιτομή, *amputatio*).

Por onde *compendiar*, ou escrever em *compendio* os elementos de huma sciencia, he tractar só e precisamente dos seus principios mais essenciaes, e mais fundamentaes, omittindo desenvolvimentos, applicações, e idéas secundarias e menos importantes.

*Epitomar*, ou escrever hum *epitome*, he resumir em menos extensão huma obra maior; abreviar, encurtar, fazer em menos, o que nós mesmos, ou outrem já escreveu em mais, supprimindo os desenvolvimentos, as applicações, as idéas menos principaes, &c.

### Heterodoxo — Herege

A etymologia destes vocabulos justifica a differente significação, que se lhes dá na linguagem theologica, a que pertencem.

*Heterodoxo* quer dizer o que segue huma opinião, ou doutrina diversa da que he communmente recebida, ou tambem huma opinião, ou doutrina não boa, nem recta.

*Herege* quer dizer o que segue huma opinião, ou doutrina de sua propria escolha, fazendo por essa causa separação, divisão, *seita*.

O primeiro differe do todo em doutrina, não se conformando: o segundo não só se não conforma, mas rompe a unidade, separando-se.

O *heterodoxo* erra, mas não resiste á auctoridade doutrinal da Igreja: se esta decide, o *heterodoxo* submete-se, não faz partido.

O *herege* erra tambem, mas rebella-se ao mesmo tempo contra a auctoridade legitima e infallivel, e aindaque a Igreja fale, não só não cede, mas separa-se fazendo *seita*.

O opposto de *heterodoxo* he *orthodoxo*, isto he, o que segue a boa doutrina. O opposto de *herege* he *catholico*, isto he, o que sente como todos, o que está unido ao todo.

### Exacto — Pontual — Primoroso

No sentido, em que estes vocabulos podem reputar-se synonymos, attribuem-se todos tres ao homem, que bem

cumpre seus deveres e obrigações, mas cada hum delles exprime differentes grãos desta qualidade.

He *exacto*, quem se conforma em tudo com a regra, que deve dirigil-o. He *pontual*, quem se conforma com ella, ponto por ponto; quem cumpre seus deveres com miuda exacção e fidelidade, sem faltar na minima cousa. He *primoroso*, quem á exacção e pontualidade acrescenta, não só o gosto e prazer com que cumpre suas obrigações, mas tambem aquella especie de generosidade, e delicadeza de sentimentos, que nos não permite duvidar dos nobres e desinteressados motivos, que o animão.

#### Alva — Aurora

Estes dous vocabulos exprimem as differentes apparencias, que o céu mostra, antes de nascer o sol, e marcão os dous tempos em que dividimos a madrugada.

*Alva* refere-se ao estado do céu, quando o sol se vai approximando ao horizonte, e reflecte das nuvens a primeira claridade, derramando por ellas huma brancura viva, formosa, talvez brilhante, mas suave e agradável aos olhos. O primeiro assômo desta claridade, ao romper da manhã, tambem se chama o *alvor*, ou o *primeiro alvor* do dia.

*Aurora* refere-se ao estado do ceo, quando o sol já chegado ao horizonte, mas antes de apparecer acima delle, e de nos mostrar toda a sua face, derrama pelas nuvens hum maior grão de esplendor, e lhes dá a bella côr misturada de branco, ouro, purpura e roza, que tantas vezes, e por tantos modos, tem sido descripta pelos poetas.

**Seccamente — Desabridamente — Esquivamente**

Convem estes tres adverbios em exprimir o modo pouco agradável, com que recebemos, ou tractámos a alguém, ou lhe falámos; mas ha entre elles huma gradação, na mesma ordem. em que estão enunciados.

Tractar *seccamente* he tractar sem agrado, dizer só o preciso, não fazer mostra alguma de benevolencia.

Tractar *desabridamente* he tractar com desagrado, com asperzeza, e com mostras de enfadamento.

Tractar *esquivamente* he tractar com mostras de repugnancia, e talvez de aversão; com ar e semblante de quem desdenha a communição da pessoa, e parece querer afastar-se della.

**Luctuoso — Lugubre — Funebre**

*Luctuoso* he o que causa profundo sentimento, tristeza, lucto.

*Lugubre* he o que indica dôr, sentimento, tristeza.

*Funebre* he tudo o que diz respeito ao funeral, ao apparato da sepultura, às exequias dos defunctos, &c.

A morte de hum Principe bom e justo he hum acontecimento *luctuoso*: as demonstrações de publico sentimento, que se fazem por esse motivo, são *lugubres*: o apparato e pompa das exequias, o canto e ceremonias ecclesiasticas, &c., são *funebres*.

## Fim – Limite – Extremidade – Termo

*Fim* exprime precisamente o acabamento de qualquer cousa. He termo generico, que não determina nem o objecto que acaba, nem o modo do acabamento. Faz *fim* o tempo, a extensão, a doença, a vida, o dinheiro, &c. Damos *fim* ao trabalho, á acção, á empreza, á obra, ao discurso, ao livro, &c.

*Limite* he aquella parte de huma extensão, que não só marca o *fim* e acabamento della, e talvez o começo de outra; mas designa alem d'isso, que se não pôde passar alem; envolve a idéa de não poder ser transgredido. Applica-se com particularidade aos territorios. Os *limites* de Portugal ao occidente são as praias do mar: os Pyreneos são os *limites* naturaes entre a França e a Hespanha, &c.

Tambem usámos frequentemente deste vocabulo no sentido figurado, mas sempre com a mesma significação e energia. Assim dizemos os *limites* da razão, os *limites* da liberdade, os *limites* da confiança, os *limites* das nossas faculdades, &c., suppondo nestes objectos huma certa extensão, alem da qual não convem, ou não he licito, ou não he possivel passar.

*Extremidade* suppõe hum centro, e a elle se refere: he o abstracto de *extremo*, do Latim *extremus*, superlativo de *extra*, o que está mais fóra, mais alem do centro; e oppõe-se, rigorosamente falando, a *intimidade*, do Latim *intimus*, superlativo de *intus*, o que está mais dentro, mais no meio, mais no centro. Por onde, as *extremidades*, v. gr., de huma linha são os dous pontos, que estão de ambas as partes mais alem do ponto medio; são os dous pontos que marcão o seu começo e o

seu fim. As *extremidades* do reino são as povoações que estão mais apartadas, ou mais alem do centro, ou da capital, em todas as direcções. As *extremidades* da vida humana são os dous pontos do nascimento e da morte, &c., &c.

Finalmente *termo* designou originariamente o *marco*, o sinal elevado, que demarcava os *limites* das terras, jurisdições, estradas, fronteiras, &c., e d'ahi se tomou pelos proprios *limites*, em cujas *extremidades* se costumavão ordinariamente collocar aquelles sinaes.

### Revelação – Inspiração

*Rerelar*, segundo a força original do vocabulo, he manifestar, descobrir, tirar o véo: *inspirar* he soprar interiormente. Assim, em frase theologica chamâmos *revelação* a manifestação, que Deos faz ao homem, de verdades que se não podem conhecer pelas forças da razão, ou por meios puramente naturaes: e chamâmos *inspiração* a operação, ou movimento interior, com que Deos inclina o coração do homem a fazer o bem.

*Revelação* dirige-se especialmente ao entendimento; *inspiração*, á vontade. *Revelão-se* factos, verdades, doutrinas; *inspirão-se* sentimentos, desejos, affectos, resoluções.

Por onde, quando dizemos que as doutrinas da escriptura santa são *reveladas*, ou *inspiradas* pelo Espirito Santo (que he a frase em que estes vocabulos parece empregarem-se algumas vezes como synonymos) cumpre fazer differença.

São *inspiradas*, porque Deos moveo os sagrados escriptores a escrevel-as; dirigio-os, tauta na escolha, como na disposição das materias; e assistio-lhes particu-



larmente, para que nada escrevessem, que fosse falso, ou absurdo; nada que fosse improprio, ou menos digno do seu objecto.

São *reveladas*, porque nellas se contém factos e doutrinas, que os escriptores sagrados não podião alcançar por meios humanos, e com o só emprego de suas forças naturaes.

### Summo — Supremo — Soberano

Convem estes três adjectivos em exprimir genericamente o que he altissimo, elevadissimo, excellentissimo no seu genero; o que não tem nada acima de si: mas distinguem-se por differenças, que merecem ser notadas.

*Summo* designa precisa e absolutamente a maior altura, e elevação fysica, ou moral, acima da qual se não pôde subir. Do Latim *summus*, cujo opposto extremo he *imus*, o que está no mais baixo lugar, do qual se não pôde descer.

*Supremo* designa a maior graduação na escala: suppõe inferiores, e está acima de todos. Do Latim *supremus*, superlativo de *supra*, cujo opposto extremo he *infimus*, o ultimo na escala descendente; o que está abaixo de todos.

*Soberano* designa propriamente o que he *supremo* em auctoridade e poder (artigo 117).

Dizemos, v. gr., *summo* cuidado, isto he, o maior que se pôde ter; *summa* amizade, *summa* gloria, *summa* auctoridade, alem da qual se não pôde passar.

Chamámos *supremos* certos tribunaes, porque estão no mais alto da escala, isto he, porque na escala dos differentes magistrados, ou das differentes jurisdicções

da mesma repartição, occupão o mais alto lugar, e decidem em ultima instancia.

E chamámos, v. gr., governo *soberano*, ou Principe *soberano*, aquelle que tem auctoridade e poder *supremo*, com força de se fazer obedecer.

### Perguntar – Interrogar – Inquirir

Quem pergunta quer saber, diz o vulgo. *Perguntar* he mostrar a alguem por palavras, que queremos ser informados, ou instruidos daquillo que ignorámos e desejámos saber. He termo generico, que se diz de qualquer pergunta, e por quem quer que seja feita. Quem sois vós? d'onde vindes? que ha de novo? como aconteeo tal facto? &c., &c., são perguntas que a cada passo fazemos, quando pretendemos saber as cousas a que ellas se referem.

*Interrogar* parece que significa *perguntar* com auctoridade, obrigando a responder, ou exigindo com direito a resposta. O juiz *interroga* o réo e a testemunha: o filosofo, que faz experiencias, diz-se que *interroga* a natureza: o homem prudente e virtuoso *interroga* a sua consciencia, nos casos duvidosos, antes de se determinar, &c.

*Inquirir* he propriamente examinar, indagar com miudeza, com curiosidade, com diligencia, alguma cousa que deseja bem saber. Assim, quando se usa como synonymo de *perguntar*, leva na sua significação a mesma energia. O magistrado, v. gr., *inquire* as testemunhas, *perguntando* miudamente todas as circumstancias, que no facto concorrêrão, a fim de fazer hum juizo exacto da materia sobre que ha de julgar, &c.

**Retroceder – Recuar – Retrogradar**

*Retroceder* he simplesmente descontinuar a marcha, voltando para trás.

*Recuar* he andar para trás, sem voltar a face; andar para trás na direcção opposta á direcção da face.

*Retrogradar* he voltar para trás sobre os proprios passos; desdar os passos, pelos quaes se tinha hido ávante.

Quem vai caminhando com certa direcção e destino, e encontra obstaculo, que o não deixa continuar, *retrocede*, volta para trás, ou seja pelo mesmo caminho, ou por outro. Os rios não *retrocedem*, nem os annos; vão sempre correndo. O homem virtuoso não deve *retroceder* no caminho da virtude, por mais difficil que elle se lhe represente, &c.

O homem timido, que de subito encontra em seu caminho algum objecto temeroso, ordinariamente *recua* de medo, e talvez *retrocede*. A peça de artilheria, quando lança o tiro, *recua*, e não *retrocede*, &c.

*Retrogradar* he especialmente usado na linguagem astronomica, e diz-se dos planetas, quando parece que *retrogradão* na ecliptica, movendo-se em sentido opposto á ordem dos signos. Com a mesma propriedade poderíamos dizer, que a sombra *retrogradou* no relógio de Achás, desandando os grãos, que já tinha corrido, &c.

**Enxugar – Seccar**

*Enxuga-se* o que está molhado, ou banhado externa e accidentalmente: *sécca-se* o que tem humidade propria, ou está penetrado della.

*Enxuga-se* o corpo, que sahe molhado do banho: *sécca-se* a planta, que tem humidade, e não está molhada.

*Enxuga-se* o madeiro, já sêcco, que foi molhado da chuva: *sécca-se* o madeiro cortado ha pouco, que ainda está verde, e conserva a natural humidade.

*Enxugão-se* as lagrimas, de que estão molhadas, ou banhadas as faces: *séccão-se* tambem as lagrimas quando se estancão na sua nascente.

*Enxuga-se* finalmente a roupa, porque está molhada; e tambem se *sécca*, porque está penetrada de humidade, &c., &c.

### Diafano — Transparente

*Diafano* he o corpo, através do qual passa a luz: *transparente* he o corpo, além do qual apparecem, e se vêem os objectos.

O primeiro se diz particularmente dos corpos, cujas partes são de tal modo adherentes, que fazendo huma só massa continua, deixão comtudo passar a luz através dos seus poros invisiveis. O segundo se diz particularmente dos corpos, cujas partes são de tal modo arrançadas e tecidas, que deixão entre si intervallos, ou aberturas sufficientes para que os objectos se vejam através e além dellas.

O vidro, o cristal são corpos *diafanos*: certas rendas, caças, cambraias, &c., são *transparentes*.

Todo o corpo *diafano* se póde dizer *transparente*; porque a luz, que passa através dos seus poros, nos traz as imagens dos objectos, que estão além: mas o uso não permite que todo o corpo *transparente* se possa igualmente dizer *diafano*; vistoque com este segundo vocabulo se quiz designar a particular contextura de certos corpos, ficando elle, por essa razão, applicado especial-

mente á linguagem da Fysica, bem como *transparente* á linguagem vulgar.

#### A fio — A reio — A eito

A *fio* refere-se á ordem em que vão os objectos: hir *a fio* he hir hum após outro, formando hum linha, hum *fio*.

*Arreio* (ou antes *a reio*) refere-se ao fluxo continuado e não interrompido dos objectos: os que vem *a reio*, vem sem interrupção, sem notavel intervallo, correndo sempre.

A *eito* refere-se á direcção da marcha: quem vai *a eito*, vai via recta, não declina para os lados, não escolhe caminho.

Em hum passo estreito os caminhanes vão *a fio*. A hum homem dos que chamámos afortunados vem-lhe as prosperidades *a reio*. Quando o caminho he todo máo, e não ha por onde escolher, vamos andando *a eito*.

Considerando-se bem as differenças destes vocabulos, ou expressões adverbias, facilmente se conhece a razão por que em alguns casos parece indifferente usar de qualquer delles. Assim, v. gr., dizemos que hum jogador ganhou muitos jogos *a fio*, isto he, huns após os outros, como enfiados; ou *a reio*, isto he, sem interrupção; ou finalmente *a eito*, isto he, sendo-lhe o jogo constantemente favoravel, sem declinar para nenhuma sorte avêssa, sem escolher opporrtunidade, nem tempo, nem circumstancias.

#### Nós — Nós-outros

*Nós* diz-se em sentido absoluto: *nós* lemos, *nós* conversâmos, *nós* estudâmos, &c.

*Nós-outros* diz-se em sentido relativo; suppõe sempre classes diversas de pessoas, e refere-se áquella, a que pertence quem fala, com opposição, ou exclusão clara, ou occulta, das outras.

Nestas frases: *vós* ides passear, *nós-outros* ficámos trabalhando; *vós* amais a opulencia, *nós-outros* contentámo-nos com a mediocridade, &c., a opposição he clara.

Em est'outras frases: *nós-outros* os que amámos o estudo, nem por isso temos mais estimação; *nós-outros* os que conhecemos o mundo, nem por isso escapámos aos seus embustes, &c., a exclusão he occulta, deve subentender-se.

### Prohibir – Vedar – Defender

*Prohibir* he estorvar, impedir, embaraçar, que alguém use de alguma cousa, ou pratique alguma acção, impondo-lhe para isso lei, estatuto, ou preceito, munido de sanção expressa, ou tacita.

*Prohibir* he acto proprio do legislador, ou de quem tem auctoridade, mando e poder. Deos *prohibe* as malquerenças, os odios, as vinganças, as calumnias, &c. O Principe *prohibe* os jogos de parar, os duellos, o contrabando, o uso de certas armas, &c. O decoro *prohibe* muitas cousas, que as leis divinas, ou humanas não *prohibem* expressamente, &c.

*Vedar* e *defender* são vocabulos de significação mais ampla e mais generica. Nem tudo o que se *veda*, ou *defende*, he, rigorosamente falando, *prohibido*.

*Veda-se* o sangue, que corre do golpe: *veda-se*, a agoa, ou o liquido, que mana, ou estila do vaso eivado: *veda-se* a entrada de huma caza, ou de hum lugar: o conheci-

mento do futuro he *vedado* aos mortaes: a inferna região he *vedada* aos vivos, &c.

Por onde parece que a primaria significação de *vedar* he atalhar a entrada em algum lugar, ou a sahida delle, ou o accesso a elle, &c.

Semelhantemente o dono da fazenda *defende-a* dos animaes daninhos: o tutor *defende* o pupillo: o reparo conveniente *defende* do calor, ou do frio a nova e tenra planta: o rafeiro fiel *defende* a caza, a quinta, o rebanho: o soldado *defende* a praça, &c. Do Latim *de-fendo*, composto do antigo verbo *fendo*, dar de encontro, violar, &c.

Por onde parece que a primaria significação de *defender* he desviar a cousa do choque, do encontro, do ataque, livral-a de ser violada, de ser *offendida*, &c.

Como porém quem *veda*, v. gr., o sangue, de algum modo *prohibe* que elle corra, e quem *defende* o rebanho, prohibe que elle seja offendido: e por outra parte quem *prohibe*, v. gr., entrar no lugar de prostituição, atalha, ou *veda* a entrada delle, e quem *prohibe* o adulterio, ou o sacrilegio, *defende* de ser violada, ou defendida a cousa santa, ou a mulher alheia, &c.: por isso se confundem algumas vezes os tres vocabulos, trazendo-se *vedar* e *defender* da sua significação primaria a outra secundaria e analogica, na qual os empregaremos com tanto maior acerto, quanto mais nos approximarmos da significação fundamental, que os caracteriza.

#### Antecessor — Predecessor

O sujeito, que occupou algum posto immediatamente antes de nós, he nosso *antecessor*: todos os mais que a este havião precedido no mesmo posto, são nossos *predecessores*.

Os *predecessores* podem chamar-se, em sentido menos rigoroso, *antecessores*, porque todos forão *antes* do actual; mas o *antecessor* immediato nunca pôde ser denominado *predecessor*, porque repugna a isso a composição e significação etymologica do vocabulo.

Em Latim *decessor* he o que deo lugar a outrem, isto he, o que foi *antecessor* de outrem; *prae-decessor* he o que foi antes do *antecessor*, o que precedeo ao *antecessor* immediato, &c.

354

### Fluido – Liquido

Todo o *liquido* he *fluido*; mas não ao contrario. A agua he hum *liquido*, e tambem he hum *fluido*: o ar porém he *fluido*, e não he *liquido*: por onde se vê que *fluido* he hum genero, em que se comprehende o *liquido* como especie.

Chamâmos fluidos aquelles corpos, cujas moleculas. por terem entre si mui pouca adhesão, facilmente se movem e separão: taes são o ar, os gazes. a agua, o vinho, &c.

Chamâmos *liquidos* aquelles *fluidos*, que deixados a si. tomão huma superficie parallela á superficie da terra: taes são a agua, o azougue, os metaes derretidos, o azeite, o leite. &c., &c.

355

### Tempo – Duração

O *tempo* he para a *duração* como o *espaço* he para a *extensão*. A *duração* mede-se pelo *tempo*, como a *extensão* pelo *espaço*.

Supponhamos o *tempo* como huma linha recta, dividida em muitas partes iguaes, a que chamâmos instan-



tes, horas, dias, mezes, annos, ou seculos. O objecto que continúa a existir, correndo maior porção desta linha, ou maior numero de suas divisões, he o que tem maior *duração*; assim como, suppondo o *espaço* dividido em muitas porções iguaes, a que chamámos lugares, o objecto que occupa maior numero dellas, he o que tem maior *extensão*.

Assim que o *tempo* parece ser como huma formula geral, que applicada á existencia continuada de qualquer individuo, nos dá o valor relativo da sua *duração*.

*Tempo*, tomado em toda a sua generalidade, exprime huma idéa mais vaga, mais indefinida, mais abstracta: *duração* exprime o *tempo* determinado e preciso, em que se verifica o começo, a continuação, e o fim da existencia de cada ser.

No uso vulgar da linguagem observámos muitas vezes esta mesma differença. Quando queremos notar, avaliar, exprimir precisamente o intervallo de *tempo*, que decorreo desde o primeiro até ao ultimo instante da existencia de hum objecto, usámos do vocabulo *duração*, que exprime este intervallo. Assim dizemos, v. gr., que hum homem, huma arvore, hum edificio, &c., *durou* tantos annos, teve tantos annos de *duração*.

Nos mais casos empregámos ordinariamente o proprio vocabulo *tempo*, o qual ou exprime toda a extensão da linha, que suppozemos, e abrange a *duração* de todos os seres criados; ou exprime differentes porções dessa linha, segundo o objecto a que applicámos a noção geral de *tempo*.

#### Vestigio — Pégada — Pizada — Rasto — Trilha — Pista

*Vestigio* he o sinal, ou mostra, que deixou de si, em algum lugar, a cousa que nelle esteve. He termo generi-

co, applicavel ás differentes especies de *vestigio*, designadas pelos outros vocabulos.

*Pégada* he o *vestigio* do pé do homem, ou do animal.

*Pizada* he a *pégada*, impressa no lugar em que esteve o homem, ou o animal. D'onde se vê que *pizada* he huma especie de *pégada*, e ambas são especies de *vestigio*, que he, como dissemos, o genero superior, a que são subordinadas.

*Rasto* he o *vestigio*, que deixa por toda a extensão do seu caminho a cousa, que por elle passou, ou vai passando, principalmente a *rasto*, ou de rojo.

*Trilha* he o *rasto* impresso no chão pela cousa pezada, que passa com frequencia, carregando, ou calcando.

*Pista* finalmente he o *rasto*, que deixão os animaes no caminho por onde passão.

Nas ruinas de huma cidade se descobrem, ou observão *vestigios* de sua passada grandeza e sumptuosidade.

O homem, ou o animal, que passa sobre hum pavimento de madeira, marmore, &c., com os pés molhados, faz *pégadas*. Os sacerdotes de Bel, de que fala o livro de Daniel, deixarão *pégadas* na cinza espargida sobre o pavimento do templo.

O homem ou o animal, que caminha sobre hum terreno, recentemente lavrado, faz, ou deixa *pizadas*.

As *pégadas*, ou *pizadas*, continuadas por alguma extensão de caminho, bem como os sinaes, que por elle deixou a cousa levada de rojo, mostrão o *rasto*, que devemos seguir para achar essa cousa; indicão a direcção, que ella tomou no seu caminho.

Os homens, os animaes, os carros, as cavalgadas, &c., passando com frequencia por hum caminho, por huma estrada, *trilhão* o chão, fazem o que chamámos *caminho trilhado*, caminho geralmente seguido; mostrão a *trilha* por onde podemos caminhar seguramente, e sem risco, &c.

Finalmente o animal caçador segue a caça pela *pista*, isto he, pelo *rasto*, que ella deixou na sua passagem.

Todos estes vocabulos se empregão opportunamente no sentido figurado, tendo-se attenção á significação especifica de cada hum delles, e á sua maior expressão, segundo o objecto do discurso. Assim Lucena, *Vida de Xavier*, liv. 1.<sup>o</sup>, cap. 12.<sup>o</sup>:

«E estas são todas as *pégadas*, e *rasto* da fé, e christandade que *por ali passou*.»

Bernardes, *Egloga* 6.<sup>a</sup>, falando com Sá de Miranda:

«Ah discreto pastor, quem te seguisse  
Tuas *pizadas* cá!»

O mesmo Sá de Miranda, Carta 2.<sup>a</sup>:

«Vi *caminhos* tão maus  
Tal *trilha*, e tamanho *rasto*»  
&c., &c.

357

### Divorcio — Repudio

*Divorcio* exprime separação: *repudio* exprime rejeição, repulsa, acção de lançar de si, de despedir, ou antes, de repellir da sua companhia.

Ambos são termos de Jurisprudencia. *Divorcio* he a separação dos cazados, a dissolução do vinculo matrimonial. *Repudio* he o acto do cazado, ou esposado, que enjeita, ou rejeita a mulher, ou esposa, e a lança de si, e da sua caza e familia.

O *divorcio* parece suppor a mutua incompatibilidade dos cazados, e mostra, que a livre vontade, que os unio, se acha reciprocamente mudada. O *repudio* suppõe imperio de huma parte, e dependencia da outra; estabelece

hum grande desigualdade entre as pessoas; e sujeitaria hum das ao arbitrio caprichoso da outra, se as leis dos povos, em que este mal foi, ou he tolerado, lhe não prescrevessem certos limites.

Nos paizes catholicos não he permittido nem o *divorcio*, nem o *repudio*: mas usámos do primeiro vocabulo, quando os cazados se separão, emquanto á cohabitação, e administração de bens, em virtude de hum sentença, dada por juiz competente: e podemos usar do segundo, quando o marido lança a mulher de sua caza, e recusa conviver com ella, talvez sem legitima causa, e sem esperar a decisão da auctoridade publica, a quem isso compete.

#### **Effervescencia – Fervura – Ebullicão – Fervor**

*Effervescencia* he a branda agitação de hum liquido, nascida do calor não muito forte, ou da mistura de alguma substancia, que produz esse effeito. Do Latim *effervesco*, cuja fôrma incoativa designa o começo da acção; a primeira agitação do liquido, que começa a ferver.

*Fervura* he a agitação mais forte e perturbada do liquido, nascida do calor tambem forte, e sustentado no mesmo grão, tal como se observa na agua fervendo.

*Ebullicão* diz o mesmo que *fervura*; mas he proprio da linguagem scientifica, e envolve (ao que parece) a expressa circumstancia de se desprenderem e soltarem *bolhas* do corpo fervente.

*Fervor* diz tambem o mesmo que *fervura*; mas exprime com especialidade o elevado e intenso grão de calor, que a produz e acompanha, e emprega-se as mais das vezes em sentido figurado, para significar o ardor das paixões, e a inquieta agitação, que ellas nos causão,

quando chegão a certo grão de vehemencia. Assim dizemos o *fervor*, isto he, o ardor do sol, do estio, &c.; o *fervor* da mocidade, o *fervor* das paixões, isto he, o seu intenso ardor e agitação; e em frase devota o *fervor* do espirito, o *fervor* da devoção, &c., &c.

Quando empregâmos *effervescencia* em sentido translato, tambem lhe conservâmos a significação caracteristica. Assim a *effervescencia* das paixões he o seu primeiro desenvolvimento e movimento agitado; a *effervescencia* do povo he a inquieta agitação do povo por alguma causa que a isso o excita, &c., &c.

### Carencia — Falta — Privação

Falando com propriedade, diremos que tem *carencia*, quem não tem a cousa: que tem *falta*, quem não tem a cousa e necessita della: e que sofre *privação* da cousa, quem a teve, e a perdeu, ou lhe foi tirada.

A planta tem *carencia* de sentimento: o homem pobre tem *falta* de meios de subsistencia: o nobre criminoso he ás vezes punido com a *privação* da nobreza e dos seus privilegios.

### O homem — Todo homem

Quando dizemos, por exemplo, *o homem he mortal*, *todo o homem he mortal*; o sentido he o mesmo, e ambas as proposições são igualmente verdadeiras, porque o attributo he essencial ao sujeito. Ha comtudo entre ellas huma differença, que convem notar.

*O homem* exprime primaria e directamente a noção da especie humana: *todo homem* exprime primaria e dire-

clamente a collecção inteira dos individuos que pertencem á mesma especie. Em termos logicos: *o homem* refere-se á comprehensão da idéa; *todo homem*, á sua extensão.

Como porém a noção da especie seja applicavel a todos os individuos, que nella se comprehendem; e por outra parte na collecção dos individuos se verifiquem todas as idéas que constituem essa noção: por isso *o homem* exprime tambem indirecta e secundariamente a collecção; assim como *todo homem* exprime indirecta e secundariamente a noção. E nisto consiste a synonymia das duas frases, cuja differença sómente se póde achar na applicação e uso dellas.

Quando da proposição geral pretendemos tirar conclusões tambem geraes, contentámo-nos de empregar a fôrma mais abstracta, e dizemos, v. gr., *o homem* he mortal, e por consequencia sujeito a todo o genero de fraquezas e defeitos.

Quando porém da proposição geral queremos tirar conclusões particulares, ou particularmente applicaveis a algum, ou a alguns individuos, então como que insistimos em mostrar mais expressamente, que esse individuo he comprehendido na generalidade da frase, e dizemos, v. gr., *todo homem* he mortal e sujeito a fraquezas, e por isso nenhum direito tendes a julgar-vos isento desta lei commum, &c.

## 361

**Astro — Estrella — Constellação**

*Astro* he qualquer desses grandes corpos luminosos, que povoão o ceo.

*Estrella* he o *astro*, que brilha no ceo, durante a noite, com luz sua propria, e não muda sensivelmente a distancia, em que está a respeito dos outros.

*Constellação* he o ajuntamento de hum certo numero de *estrellas*, ao qual se attribue huma figura, e se dá hum nome para o distinguir de outros ajuntamentos da mesma especie.

O sol, a lua, os planetas, os cometas, e as proprias *estrellas* são *astros*.

Os corpos luminosos e scintillantes, que brilhão de noite no ceo, e não mudão sensivelmente o seu lugar respectivo, são *estrellas*.

Os signos do zodiaco, a balança, o touro, o escorpião, &c., são *constellações*.

Algumas vezes damos o nome de *estrellas* aos planetas, que nos parecem mais pequenos que a lua, e brilhão no ceo, de noite, como por exemplo venus, marte, jupiter, &c.: mas nesse caso lhe chamâmos *estrellas errantes*, para as differencarmos das *estrellas* propriamente taes, que se chamão *fixas*.

#### **Pelejar — Combater — Luctar — Brigar — Guerrear — Batalhar**

*Pelejar* parece ser o mais generico de todos estes vocabulos, e exprime todo o genero de contenda, que tem entre si duas, ou mais pessoas, pretendendo cada huma vencer a parte contraria, e mostrar a sua superioridade.

*Combater* he propriamente *bater-se com...*; *pelejar* batendo-se; contender com acções e factos.

*Luctar* he *combater* corpo a corpo, sem armas. Vieira, *Xavier dormindo*, tom. 8.º de *Sermões*, pag. 31: «*porém na lucta* (diz) *que he combate sem armas, e corpo a corpo...*», &c.

*Brigar* he *combater* hum partido com outro, huma facção com outra. «*Chamâmos briga* (diz Leitão, na *Miscellanea*, pag. 354) *huma peleja, onde se ajuntão muitos*».

*Guerrear* he fazer guerra: comprehende todo o genero de hostilidades contra o inimigo publico, e suppõe, que se lhe fazem muitas e repetidas; que esta he a força da terminação frequentativa do vocabulo.

*Batalhar* finalmente he *combater* hum exercito, ou hum grande divisão do exercito, com outra do inimigo.

*Pelejão* duas ou mais pessoas; *pelejão* com armas, ou sêm ellas; de palavra, ou por acções; em *briga*, *lucta*, *batalha*, ou *combate*, &c.

*Combatem* entre si os homens, os brutos, os elementos: *combate-se* em duello, em *lucta*, em briga, em batalha: *combate* no homem o dever com a inclinação; a virtude com o appetite; as paixões humas com outras, &c.

*Lucta* hum homem com outro homem: *lucta* tambem o homem com as paixões, com a adversidade, com a morte; *lucta* com as ondas o naufragante; *luctão* certos animaes em desafio, &c.

*Brigão* as facções, os partidos, os bandos, &c.

*Guerreão* duas, ou mais nações, e *batálhão* os seus exercitos, as suas armadas, &c. *Batalha* suppõe acção geral, ou quasi geral, em que póde haver hum, ou mais conflictos. As acções particulares chamão-se mais propriamente *combates*, *recontros*, *choques*, &c. Assim dizemos a *batalha* do campo de Ourique, a *batalha* do Salado, de Aljubarrota, de Montes Claros, de Bussaco, &c., e não chamâmos *batalhas* a muitos e frequentes *combates*, de que faz menção a nossa Historia militar.

#### Força — Energia — Efficacia — Violencia

*Força* he, em geral, o vigor intrinseco, a natural potencia, que tem qualquer sujeito, para produzir cer-



tos effeitos, tanto na ordem fysica, como na ordem moral.

Quando a *força* he potentemente activa, chamámos-lhe *energica*: quando he tal, que produz sempre o seu effeito, chamámos-lhe *efficaz*: quando he excessiva, ou empregada com excesso, chamámos-lhe *violenta*.

Por onde *energia*, *efficacia*, *violencia* são, propriamente falando, propriedades, qualidades, ou accidentes da *força*.

A *energia*, v. gr., de hum discurso consiste na *força* poderosa e activa, com que elle persuade o ouvinte. A *efficacia*, v. gr., de huma súplica consiste na *força*, que ella tem de obter infallivelmente o que se supplica. A *violencia*, v. gr., de huma paixão consiste na *força* excessiva, com que leva o coração do homem além dos limites prescriptos pelo dever, e talvez o arrasta a desordens e a crimes.

Na ordem fysica observão-se a cada passo effeitos analogamente differentes, segundo as *forças* obrão, ou se empregão, com *energia*, *efficacia*, ou *violencia*.

#### De repente — De subito

*De repente* exprime o que acontece, ou se faz, sem preparação, sem demora, logo logo, em continente. *De subito* exprime o que acontece, ou se faz, inopinadamente, sem providencia, talvez contra toda a expectação, n'hum abrir e fechar de olhos.

O orador fala *de repente*; o improvisador faz versos *de repente*, e nada disto se póde dizer feito *de subito*.

O raio fere *de subito*; o salteador accommette *de subito*; a ave de rapina cahe *de subito* sobre a preza, isto he, em hum instante, em hum abrir e fechar de olhos,

não só sem preparação e providencia, mas até sem haver tempo para ella, sem o caso se presumir, nem aguardar.

Quem morre *de repente* tem talvez horas de vida entre o ataque e a morte: quem morre *de subito* he como ferido de hum golpe de raio, he accommettido na fonte da vida.

D'onde parece que quando a frase não requer tanta exacção, e os dous vocabulos se podem empregar quasi indifferentemente, então mesmo *de subito* acrescenta alguma cousa a *de repente*, exprimindo (digamos assim) hum *repente* mais imprevisto, mais precipitado, mais rapido.

### Cegamente — Às cegas

O verdadeiro christão crê *cegamente* o mysterio, que a Igreja propõe á crença dos fieis, aindaque o não entenda, nem comprehenda: mas nem por isso o crê *às cegas*; porque sabe, que Deos falou, e que a Igreja he interprete infallivel das suas palavras, e não pôde propor o erro.

O subdito exacto e fiel executa *cegamente* o que lhe manda o seu superior, aindaque não entenda, nem comprehenda o motivo, a conveniencia, ou o fim do preceito: mas nem por isso obedece *às cegas*; porque sabe, que lhe he imputavel a desobediencia, e não o acerto, ou desacerto do preceito.

Parece pois, que crer e obedecer *cegamente* he crer e obedecer, sem entrar no exame e conhecimento directo do que se nos manda crer e praticar. E que crer e obedecer *às cegas* he crer e obedecer, sem ter para isso motivo algum prudente e razoavel.

Quem crê *cegamente* não discorre sobre o objecto da sua crença; não entra no exame directo da proposição

que se lhe manda crer. Quem crê *às cegas*, não tem motivo prudente, que determine a sua crença.

O vulgo crê *às cegas* tudo quanto lhe dizem. O homem sensato não duvida ás vezes crer *cegamente* o que lhe attestão pessoas, em cuja intelligencia e probidade tem a mais perfeita confiança.

O mancebo inconsiderado regula-se *cegamente* pelos errados conselhos do amigo, que *às cegas* escolheo: quer dizer, que escolheo o amigo sem conhecer o seu caracter, nem ter motivo algum de o suppor virtuoso, prudente e fiel; e que segue os seus conselhos sem reflectir se são bons, ou maus, e se o conduzem pelo caminho do vicio, ou da virtude.

### Proprietario — Dono — Senhor

Usámos algumas vezes destes vocabulos, como synonymos, e dizemos, por exemplo, que tal, ou tal sujeito he *proprietario*, *dono*, ou *senhor* de huma herdade, de huma caza, de huma quinta, &c., mas ha entre elles differenças características, que não permitem que os empreguemos indifferentemente em todos os casos.

*Proprietario* refere-se precisamente ao direito, que cada hum tem, de dispor do que he seu, a seu arbitrio, conformando-se com as leis; ao que chamámos *direito de propriedade*. O *proprietario* de huma cousa he o que tem direito de usar, gozar, e dispor della, como bem lhe parecer, dentro dos limites determinados pela lei.

*Dono* exprime particular, e especificamente huma idéa de elevação, superioridade, e talvez dominação: e por isso não sómente se usa no mesmo sentido de *proprietario*, pela excellencia desta qualidade, e pelo dominio que ella suppõe; mas tambem se diz, v. gr., dos pais de fa-

mílias, que são *donos* da caza, aindaque não sejam *proprietarios*; dos avós, que antigamente se chamavão *donos*; das mulheres nobres, cazadas, viuvras e religiosas, que se chamão *donas*, &c.

*Senhor* exprime tambem a idéa de dominação, mas ajunta-lhe a de auctoridade e poder. Neste sentido dizemos *senhor* de hum reino, quem o governa; *senhor* de terras, quem exercita nellas certa jurisdicção e poder; dizemos que ficou *senhor* do campo, quem venceo a batalha; que he *senhor* de si, quem domina, governa e tem subjugadas as suas paixões; quem se conserva com inteireza e sem perturbação nos lances difficeis, que mais costumão alterar o homem, &c., &c.

## 367

**Justa – Torneio**

São vocabulos frequentemente usados nas Historias da cavallaria, e ainda nas nossas antigas chronicas.

*Justa* he o combate de homem a homem, a cavallo, com lança.

*Torneio* he o combate de muitos, arrançados em quadrilhas, ou bandos, de huma parte e de outra, fazendo voltas em torno, ora a cavallo, ora a pé, com lança, ou espada.

## 368

**Perigo – Risco**

*Perigo* suppõe a grande probabilidade de hum máo acontecimento proximo.

*Risco* suppõe a possibilidade, a contingencia, e talvez alguma probabilidade remota de máo successo.

Quem está mui gravemente doente, está em *perigo* de

vida: quem se embarca para huma viagem longa e difficil, põe-se em *risco* de naufragar.

As companhias, ou cazas de seguro tomão sobre si o *risco* (e não dizemos o *perigo*) de huma negociação.

*Perigo* suppõe o mal tão imminente, que em algumas frases usámos do verbo *perigar*, para exprimir o effectivo máo successo. Assim falando, v. g., de hum naufragio, dizemos a cada passo: toda a gente *perigou*, querendo dizer que toda a gente se afogou, que toda pereceo, &c. (Veja o artigo 112.)

### **Cá — Aqui**

São adverbios de lugar, e designão o lugar para onde veio, ou aonde está, quem fala; mas *cá* designa esse lugar mais vaga e indeterminadamente; *aqui* designa hum lugar mais determinado e circumscripto.

Vim para *cá*, isto he, para este reino, e estou *aqui*, isto he, nesta cidade, ou provincia. Se passares para *cá*, para estas bandas, *aqui* te espero, na minha caza, ou neste lugar, em que habito, &c.

### **Fingir — Simular — Dissimular — Disfarçar**

*Fingir* he empregar falsas e artificiosas apparencias, para occultar o que a cousa he na realidade, ou para representar o que não he. De todos os vocabulos deste artigo he este o mais generico, e abrange toda e qualquer especie de *fingimento*. *Finge* o estatuario hum homem, hum animal, hum ser inanimado. *finge* o pintor huma especie de madeira, de pedra, de planta, huma flor, hum

vaso, &c.; *finge* o hypocrita a virtude; *finge* o actor a personagem de rei, de dama, de criado, &c.

*Simular* he huma especie de *fingimento*, que sómente se attribue ao homem, e em materia de costumes; quer dizer, mostrar alguém com apparencias falsas o contrario do que na verdade he; *fingir* differente pessoa moral, differente character, differentes costumes, do que na verdade tem, com o fim de induzir os outros em erro. *Simular* a virtude he ser hypocrita: *simular* a intenção e o proposito he *fingir* proposito e intenção differente da que na verdade temos, &c.

*Dissimular* he outra especie de *fingimento*, e consiste simplesmente em encobrir por acções, ou maneiras reservadas, as proprias opiniões, sentimentos, designios, &c.

A *dissimulação* não he odiosa como a *simulação*. A *simulação* he sempre hum vicio: a *dissimulação* he muitas vezes util, e póde ser dictada pela prudencia. Ninguém póde ser obrigado a manifestar a todos, e em todas as occasiões, os seus sentimentos; mas todos tem obrigação de não usar de falsas apparencias, com o presupposto de enganar os outros, e de os induzir em erro.

*Disfarçar* he propriamente *fingir* differente pessoa no trajo, nos vestidos, na continencia, nas mostras exteriores. Esta especie de *fingimento* póde ser crime, e póde tambem ser brinco e mero jogo. •

### Maledicencia — Detracção — Calumnia

São tres vicios, odiosos em maior, ou menor gráo, mas todos directamente oppostos á paz da sociedade, ao re-

ciproco respeito e benevolencia, que os homens se devem huns aos outros, e á caridade universal, que he o fundamento da moral christãa.

A *maledicencia* he o habito de dizer mal dos nossos semelhantes. A *detracção* he o habito de diminuir, deslustrar e denegrir a fama, reputação e estima, que outrem goza na sociedade. A *calumnia*, mais odiosa e mais funesta que ambas, inventa para fazer mal; accusa maliciosa e falsamente para infamar; imputa com má fé delictos, que talvez nunca existirão, para cobrir de opprobrio a infeliz victima do seu furor. O seu fim he tirar a honra, a reputação, e o bom nome, a quem porventura o preza mais que a vida. O *calumniador*, quando não póde, ou lhe não convem, inventar e imputar crimes, suppõe intenções perversas nas acções mais indifferentes, e até nas boas e virtuosas. Neste vasto campo triumpho o malvado, quasi sem opposição.

A ociosidade, a loquacidade e a ignorancia são, ás vezes, as causas unicas da *maledicencia*. Hum ajuntamento de ociosos, amigos de falar, e que não sabem manter a conversação com cousas instructivas e uteis, acha nas imperfeições, nos defeitos, e talvez nos vicios alheios, hum objecto tão facil e prompto, como fecundo, para seus entretenimentos.

A *detracção* he ordinariamente filha da inveja, e tão vil e infame como ella. O invejoso, a quem a boa fama, o credito, e a reputação alheia deslumbra e humilha, faz por diminuir, por *detrahir* alguma cousa do merecimento, que de todo não póde negar, e põe-lhe, artificialmente, tachas, que o desdorem e o deslustrem.

A *calumnia* parece não poder ter outra origem, que o odio cego e implacavel. Não ha côres com que se pinte o caracter desta paixão atroz, e os seus funestos effectos. Ella não respeita nem a elevação do throno, nem a hu-

milde choupana do pobre. He como a horriavel peste, que leva a toda a parte a desolação e a morte.

**Apossar-se – Usurpar – Invadir – Conquistar**

*Apossar-se* alguém de alguma cousa he simplesmente metter-se de posse della, apoderar-se della. fazer-se senhor della.

*Usurpar* parece que exprime tanto como usar contra direito e justiça. Emprega-se para significar o uso injusto que fazemos do que não he nosso, por via de auctoridade, prepotencia, &c.

*Invadir* he cahir sobre alguma cousa, que nos não pertence; entrar nella violentamente, com impeto, e talvez com força armada.

*Conquistar* he tomar em guerra huma cidade, provincia ou reino: appossar-se com força armada em guerra aberta.

*Apossar-se* tem significação mais generica; *usurpar*, *invadir* e *conquistar*, mais especifica. *Apossar-se* não determina nem o objecto, de que nos *apossâmos*, nem a justiça, ou injustiça da acção, nem modo algum especifico de a praticar. *Usurpar* e *invadir* supõem que a acção he injusta, e designão o modo de a executar. *Conquistar* supõe guerra aberta e declarada, e exprime a tomada de alguma porção dos estados alheios, por armas, e em consequencia da mesma guerra.

Podemos *apossar-nos* de huma quinta, de huma caza. de hum movel, de huma porção de dinheiro: podemos *apossar-nos* do que he nosso, do que temos por nosso. aindaque se nos dispute, &c.

*Usurpâmos* os bens, os direitos, o poder, a jurisdic-



ção alheia: *usurpámos* por via de auctoridade, de prepotencia, de engano, ou de outro semelhante modo.

*Invadimos* o territorio, que não he nosso, huma provincia, hum reino, hum paiz, por via de facto, entrando nelle de golpe, com impeto, com violencia, á força de armas, sem ter precedido declaração de guerra, nem acto algum de hostilidade.

*Conquistámos* finalmente, quando em guerra, devidamente declarada, nos apossámos por armas de qualquer parte do paiz, ou territorio da potencia, com quem estamos em guerra, &c.

## 373

**Salto — Pulo**

*Salto* he o movimento esforçado, com que o corpo do homem, ou do animal, se levanta todo do chão, para vencer de golpe huma altura, ou salvar hum obstaculo, quer seja de baixo para cima, quer de cima para baixo, quer para algum dos lados.

*Pulo* he o *salto* para cima, tornando a cabir no mesmo lugar, ou em outro proximo.

*Salta* o homem do muro abaixo; *salta* o cavallo, salvando a teia do campo; *salta* o tigre ao alto para prear o homem, ou o animal, que se acolhe á altura da arvore, &c.

*Pula* a bolla, a pella, o corpo elastico, cahindo no chão; *pula* o dançarino; *pula* o homem de alegria, &c.

## 374

**Aborrecer — Odar — Abominar — Detestar — Execrar**

Já indicámos em outro lugar (artigo 30) que todos os nossos affectos e paixões se reduzem a duas grandes

classes, huma das quaes tem por principio o amor do bem, e a outra a aversão do mal. A esta segunda classe pertencem os vocabulos deste artigo, os quaes exprimem diferentes grãos, ou circumstancias dessa aversão.

*Aborrecer* he ter aversão forte a alguma cousa, que se nos representa como má, ou desagradavel, sentindo á vista della huma especie de estremecimento, ou horror, que quasi involuntariamente nos obriga a evitar a sua presença.

*Odiar* he ter aversão entranhavel, profunda, á cousa ou pessoa, que se nos representa como directamente contraria á nossa felicidade. Quando esta paixão tem por objecto hum ser racional e sensivel, he sempre acompanhada do desejo de lhe fazer mal, ou de que lhe venha mal.

*Abominar* he ter aversão entranhavel a huma cousa, tendo-a como de mau agouro, de sinistra influencia, ameaçadora de graves males.

*Detestar* he *odiar*, ou *abominar* huma cousa, protestando por palavras, ou acções, que a reprovâmos, que a condemnâmos, que estamos firmemente resolvidos a fugir della, como essencialmente má e odiosa.

*Execrar* he *detestar* alguma cousa como proscripta pela religião, posta fóra da protecção do ceo, &c.

O *aborrecimento* tem, ás vezes, alguma cousa de involuntario, e puramente mecanico, e depende de hum sentimento, a que nem sempre podemos resistir. Os outros vocabulos exprimem affectos mais voluntarios, e que tem o seu motivo no juizo, que fazemos dos objectos.

*Aborrecemos* tudo o que he tedioso; *aborrecemos* o medicamento, e talvez a comida, quando enfermos; o infeliz *aborrece* talvez a vida; huma alma bem nascida *aborrece* tudo o que he vileza e baixeza, &c.

*Odiâmos* tudo o que nos parece destructivo da nossa

felicidade. O homem vingativo *odeia* o seu inimigo; o homem virtuoso *odeia* o vicio e a maldade, &c.

*Abominámos* tudo o que he de mau agouro, de funestas consequencias, que ameaça maiores males. O homem proba *abomina* a seducção, o embaimento, a vil inveja, a calumnia, &c.

*Detestámos* tudo o que he extraordinariamente mau, pessimo, digno de entranhavel odio. *Detestámos* a ingratidão, a perfidia, a traição; *detestámos* certas maximas e opiniões; *detestão* as mãis e as esposas a guerra sanguinosa, &c.

Finalmente *execrámos* a profanação das cousas santas, o sacrilegio, a blasfemia, a impiedade, &c., &c.

### Sobterrar — Sepultar

No sentido, em que estes vocabulos são synonymos, exprimem a acção de metter debaixo da terra hum cada-ver, mas tem entre si notavel differença.

*Sobterrar*, ou *enterrar* póde dizer-se de qualquer cadaver; *sepultar* sómente se diz, com propriedade, dos corpos humanos, e sempre com alguma relação ás ceremonias pias e religiosas da *sepultura*.

O coveiro *enterra*, ou *sobterra* o cadaver; os parentes, os amigos, os ecclesiasticos o *sepultão*, o entregão á sepultura.

Póde notar-se, que a policia não tenha sempre a providencia de mandar *sobterrar* os cadaveres dos animaes.

As cazas de misericordia tem, entre nós, a piedosa obrigação de *sepultar* os corpos dos criminosos, que padecêrão o ultimo supplicio, &c.

## Citar — Allegar

*Citâmos* hum auctor, hum texto, huma lei: *allegâmos* factos, razões, exemplos, argumentos.

*Citar* he chamar alguem a juizo: quem *cita* hum auctor, hum texto, &c., invoca o seu testemunho, a sua auctoridade; chama-o, de algum modo, a juizo, para vir com a sua auctoridade conciliar credito e respeito á proposição, que se quer provar; para vir dar testemunho da verdade, &c.

Quem *allega* faz a exposição e deducção dos factos, das razões, dos argumentos, que tem a seu favor; trabalha por provar, ou demonstrar a verdade, por convencer o leitor com bons fundamentos, &c.

Em summa: *allegar* he fazer huma *allegação*, hum discurso: *citar* he metter no discurso o nome, as palavras, o texto, com que nos queremos apoiar e auctorisar.

Como porém a auctoridade *citada* tem ás vezes lugar de prova, ou argumento, e outras vezes nos servimos das razões de hum auctor em nossa *allegação*, adoptando-as como nossas; por isso se diz tambem que *allegâmos* hum auctor, ou as suas palavras, confundindo neste caso *allegar* com *citar*.

## Apocryfo — Supposto

Com estes adjectivos qualificâmos os livros, ou scriptos, relativamente aos seus auctores, e ao gráo da sua authenticidade; mas com differença.

*Apocryfo* he vocabulo grego, que significa o que he incognito, ou occulto. Deo-se pois a denominação de *apocryfos* aos livros, ou escriptos, que se guardavão secretamente, e se não confiavão ao conhecimento do publico: taes erão entre os Romanos os livros das Sybillas. Depois chamarão-se *apocryfos* os livros de auctor incerto, ou não conhecido, cuja authenticidade era, por isso mesmo, duvidosa e suspeitosa. Usa-se finalmente do mesmo vocabulo na linguagem dos escriptores ecclesiasticos, para caracterisar, com especialidade, todos os escriptos de assumpto sagrado, ou religioso, que a Igreja catholica não incluio no canon das escripturas authenticas, e divinamente inspiradas; nem permite que se leião em publico como taes; nem que delles se tirem argumentos para provar as verdades theologicas.

*Supposto* he vocabulo latino, e significa a cousa falsamente posta em lugar da verdadeira. Por onde se chama *supposto* o livro, ou obra, que falsamente se attribue a quem não foi o seu auctor. A auctoridade do livro *supposto* tambem de ordinario se reputa suspeitosa: tudo ha obras, e escriptos, que por erro se tem attribuido a auctores, que os não escrevêrão, e cuja doutrina nem por isso he menos verdadeira, ou menos pia.

### Já — Depressa — Promptamente

*Já* refere-se ao momento presente: *depressa* exprime a celeridade da execução: *promptamente* exclue as de longas.

O opposto de *já* he logo, depois, d'aqui a pouco: o opposto de *depressa* he devagar: o opposto de *promptamente* he com demora, com dilação, com detença.

Nem tudo o que se faz *já* se pôde fazer *depressa*; e

nem tudo o que se faz, ou se quer *depressa* se pôde fazer *promptamente*.

Às vezes para se fazer a cousa *depressa*, convem não a fazer *já*; e para a fazer *promptamente*, convem não a fazer *já*, nem *depressa*. Muitas cousas se devem fazer *devagar*, por isso mesmo que se querem *promptamente* feitas.

Quem quer fazer o negocio *já*, arrisca-se a hir fóra do tempo opportuno: quem o quer fazer *depressa* talvez lhe não dá a consideração devida: quem o faz *promptamente* cumpre bem o seu dever.

### Conforme — Segundo

São frases adverbias, que exprimem huma relação de conformidade, conveniencia, congruencia, &c.: mas *conforme* he mais proprio para exprimir a rigorosa *conformidade*; *segundo*, para exprimir a conveniencia, congruencia, &c.

O esculptor deve fazer a estatua *conforme* o' modelo, que se lhe dá; e ampliar ou estreitar as dimensões, *segundo* o local, em que ha de ser collocada. As fórmulas devem ser identicas com as do modelo: as dimensões devem ser convenientes ao local.

O homem de juizo obra *segundo* as circumstancias e a conjuncção das cousas; mas sempre *conforme* as máximas da razão e da sã moral: quer dizer, que as acções do homem de juizo devem ter huma relação de perfeita *conformidade* com as regras da moral, e huma relação de justa congruencia com as circumstancias dos tempos e das cousas.

Deos ha de julgar os homens *conforme* os invariaveis

principios da sua eterna justiça, e *segundo* as boas, ou más acções, que elles tiverem praticado durante a sua vida, &c.

#### Astronomia — Astrologia

Estes dous vocabulos, de origem e composição grega, exprimem quasi a mesma noção. O primeiro quer dizer sciencia das leis dos astros; o segundo sciencia dos astros.

O uso porém tem posto entre elles hum a notavel differença. Chamámos *astronomia* a sciencia dos astros, propriamente dita, a qual examina, calcula e determina a grandeza, distancias e movimentos dos astros, as leis destes movimentos, &c. E chamámos *astrologia* a sciencia (se este nome se lhe pôde dar) que em outro tempo se crêo, que ensinava a prognosticar os successos pela situação e aspectos dos astros, e á qual se dava então o nome de *astrologia judiciaria*.

#### Importuno — Fastidioso — Tedioso — Molesto — Odioso

A impressão desagradavel, que nos fazem alguns objectos, nem sempre he igual, nem sempre he uniforme: nós a sentimos em differentes grãos, talvez misturada, ou modificada com differentes sentimentos, que a qualificação, por isso a exprimimos por certos vocabulos de significação complexa. Taes são os deste artigo.

Chamámos *importuno* o objecto, quando elle se nos faz desagradavel, por vir fóra de tempo, de lugar, de conjuncção propria e conveniente.

Chamámos-lhe *fastidioso*, quando pela sua continua-

ção, uniformidade, ou monotonia, gera em nós huma especie de saciedade, de inappetencia, de fastio.

Chamâmos-lhe *tedioso*, quando ao fastio, que nos causa, se ajunta o aborrecimento e a repugnancia de o sofrer.

Chamâmos-lhe *molesto*, quando nos causa inquietação, agitação e perturbação do espirito; quando nos põe n'hum estado incommodo e penoso.

Chamâmos-lhe finalmente *odioso*, quando as impressões, que nos causa, chegam a excitar em nós huma aversão forte, irresistivel, e tal, que não só nos he penoso ver o objecto, mas até desejaríamos destruil-o, ou aniquilal-o, ou pelo menos fazel-o desaparecer para sempre de diante dos nossos olhos.

O pretendente que vem tractar do seu negocio fóra de tempo, de lugar, de occasião, he *importuno*. O objecto, que se nos apresenta, e nos distrahe, quando estamos occupados em alguma importante e necessaria meditação, he *importuno*. A visita do verdadeiro e fiel amigo nunca he *importuna*, &c.

Hum discurso prolixo, ou nimiamente extenso, he *fastidioso*. Os prazeres repetidos, e não variados, são *fastidiosos*. A propria musica, que tão agradavelmente move as almas harmonicas e bem compostas, pôde ser *fastidiosa*, pela nimiedade, continuação e uniformidade.

Os objectos *fastidiosos*, continuados, fazem-se *tediosos*. O fastio gera naturalmente o aborrecimento, a repugnancia, o tedio.

Os objectos *importunos*, *fastidiosos*, ou *tediosos* são mais ou menos *molestos*. O mesmo objecto simplesmente desagradavel nos he *molesto*; porque o desagrado he já hum incommodo, que o nosso espirito sente, e este incommodo he o que se chama *molestia*. Comtudo damos mais particularmente a qualificação de *molestos* aos objectos, que nos inquietão e perturbão; que nos agitação e



vexão; que nos causão trabalho, pena, desgosto, &c. Hum letigio he hum negocio *molesto*. São talvez *molestos* os cuidados do pai de familias na administração de seus bens, na educação e estabelecimento de seus filhos, &c.

Finalmente os objectos, que se nos representam como essencialmente máos, e destructivos da nossa felicidade, são *odiosos*. *Odiosa* he a inveja, a maledicencia, a calumnia: *odiosos* são todos os vicios a quem seriamente reflecte na sua origem e nos seus funestos effeitos: *odiosos* são os mexeriqueiros, os enredadores, os mentirosos: *odiosissimos* são os ingratos. Que qualificação daremos aos monstros, que perseguem com calumnias a quem lhes faz, ou fez bem?

### Entrar — Penetrar

*Entrar* he simplesmente hir dentro, ou hir de fóra para dentro: *penetrar* he entrar muito dentro, hir aos lugares mais intimos, *entrar* vencendo alguma difficuldade.

*Entrar* he o Latim *intrare*, propriamente passar o limiar da porta para dentro: *penetrar* he o Latim *penetrare*, composto, segundo alguns etymologistas Latinos, de *penitus* e *intrare*, hir muito dentro, entrar muito dentro.

Com a mesma differença se empregão no sentido translato. *Entrámos* em hum negocio, em huma sociedade, em huma empreza; *entrámos* nos estudos; *entrámos* na vida publica, &c. *Penetrámos* os segredos, as intenções, os intimos sentimentos, os projectos de alguem; *penetrámos* huma questão, huma materia, hum plano, isto he, himos ao fundo delle, comprehendemol-o bem, &c.

**Insipido — Insulso**

São dous vocabulos, que qualificação os objectos, relativamente ao sentido do gosto; mas *insipido* he mais generico; significa o que não tem sabor: *insulso* he mais especifico: significa o que não tem sal.

O primeiro estende-se a todos os sabores, e exprime a negação, ou privação delles: o que he *insipido* não he doce, nem adocicado, nem amargo, nem azedo, nem salgado, nem acerbo, nem picante, &c.

O segundo limita-se unicamente á sensação, que resulta do tempero do sal, nos objectos do orgão do gosto: o que he *insulso* não tem sal, ou não tem o sal necessario para excitar no nosso orgão a sensação propria do objecto.

Como porém a palavra *sal* se toma ás vezes genericamente por *sabor*, e até no sentido figurado dizemos que huma cousa tem ou não tem sal, quando nos agrada ou não agrada; quando lhe achámos ou não achámos gosto; por isso não admira, que tambem muitas vezes confundámos os dous vocabulos, maiormente se tivermos os varios sabores dos corpos naturaes como impressões dos varios saes, de que elles communmente são compostos.

**Pezado — Oneroso — Gravoso**

*Pezado*, no sentido natural, he o corpo que tem *pezo* (artigo 94): no sentido translativo diz-se do officio, do cargo, do emprego, do dever, do contracto, &c., pelas obri-

gações mais ou menos *pezadas*, que impõe a quem o exercita.

*Oneroso* (do Latim *onus*, pezo, carga) parece á primeira vista ter a mesma significação que *pezado*; mas notámos-lhe duas differenças: primeira, que *oneroso* sómente se usa no sentido translato, para qualificar qualquer genero de obrigação, ou dever, que se nos faz *pezado*, ou nos causa pezo; segunda, que pela terminação em *oso* indica, que a cousa he de sua natureza, e em si mesma *pezada*, e propria para produzir esse effeito (artigo 94).

Assim hum cargo, hum officio, hum contracto, hum imposto, hum dever pôde ser *pezado* por circumstancias accidentaes, mas he *oneroso*, quando de si mesmo, e de sua propria natureza e indole tem o ser *pezado*.

*Gravoso* tem a mesma terminação que *oneroso*; mas parece exprimir mais que elle. O que he *gravoso* he de sua natureza notavelmente *oneroso*, excessivamente *pezado*, oppressivo, capaz de fazer cahir debaixo do pezo, &c.

### Louvor — Honra — Gloria

Damos *louvor*, *honra*, *gloria* a alguem, e tambem merecemos, ou adquirimos *louvor*, *honra*, *gloria*. Em ambos os casos tem os tres vocabulos differenças analogas.

Damos *louvor* a alguem, quando por palavras e discursos mostrámos estimar e approvar as suas acções; quando elogiámos as suas boas qualidades, o seu saber, o seu procedimento, a sua virtude, emfim tudo aquillo por que o homem se faz benemerito da estima e approvação dos outros homens.

Damos *honra* a alguem, quando por palavras de *louvor*, e por acções de respeito e rendimento mostrámos a

vantajosa idéa, que fazemos da sua probidade e virtude, e o reconhecemos não só como exacto observador dos seus deveres, mas também como animado de nobres, desinteressados e generosos sentimentos.

Damos *gloria* a alguém, quando ajuntámos o nosso brado á voz publica e geral, para engrandecer e exaltar os seus relevantes e mui distinctos merecimentos; para fazer cada vez mais manifesta, mais extensa e mais illustre a opinião e fama de suas sobreexcellentes qualidades e virtudes, e de suas generosas e magnanimas acções.

Semelhantermente merecemos e adquirimos *louvor* por tudo quanto nos faz dignos da estima, da approvação e da boa opinião dos outros homens. O cumprimento de nossos deveres, a applicação a estudos uteis, as acções de beneficencia, a regularidade de costumes, &c., são cousas dignas de *louvor*.

Merecemos e adquirimos *honra*, quando ás praticas da verdadeira probidade, e ao exacto cumprimento dos nossos deveres, ajuntámos a nobreza e generosidade de sentimentos, e aquella elevação da alma, que aspira ao primor da virtude, e exclue tudo o que he baixo, interessado, servil.

Finalmente merecemos e adquirimos *gloria* por virtudes e qualidades superiores, por acções grandes e excellentes, por empresas difficeis, executadas com utilidade da patria, ou do genero humano, &c.

O extremo opposto do *louvor* he o vituperio; da *honra*, a deshonra; da *gloria*, a infamia.

### Remorso – Arrependimento – Contrição

*Remorso* (do verbo *re-morder*) he hum vocabulo, que sómente se usa no sentido figurado, e exprime a severa

e reiterada reprehensão, que nos dá a nossa propria consciencia, reprovando e condemnando a acção má, que praticámos. O *remorso* não nos consente gozar de verdadeira paz, emquanto nós mesmo não desapprovámos e destruimos os motivos, que inspirarão essa acção, e não reformámos a vontade que a produzio.

*Arrependimento* he o pezar, que sentimos, de haver-mos praticado alguma acção má, em qualquer situação da nossa vida, principalmente na ordem moral. Este sentimento he sempre acompanhado da detestação desse mal, e do deliberado e firme proposito de o não tornarmos a commetter (artigo 216).

O *remorso* produz algumas vezes o *arrependimento*, e nesse caso he tão salutar, quanto, pelo contrario, he terrivel, não se lhe seguindo o mesmo effeito.

A *contrição* he o *arrependimento* profundo, a dor viva e vehemente, que nos despedaça o coração, quando considerámos o mal que commettemos. He termo theologico, que sómente se diz do *arrependimento* dos peccados, considerados como offensas de Deos, quando este *arrependimento* he inspirado e excitado pela caridade, e pelos motivos mais sublimes da religião.

### Nocivo — Damnosos — Perniciosos

*Nocivo* (do Latim *noxia*, *noxius*) he tudo o que faz, ou póde fazer mal: *damnosos* (do Latim *damnum*, *damnosus*) he o que causa perda nos bens, na fazenda, nos haveres: *perniciosos* (do Latim *perniciēs*, *perniciosus*) o que causa total ruina e morte, ou põe em grave perigo.

Por onde se vê, que *nocivo* he mais generico que *damnosos*, e ambos exprimem menos que *perniciosos*. Comtudo no uso commum se empregão algumas vezes

quasi indifferentemente, e sem respeito á significação específica, que os distingue; senão que *pernicioso* se toma sempre pelo que he mui gravemente *nocivo*, ou *damnos*, como nas expressões erro *pernicioso*, febre *perniciosa*, vicio *pernicioso*, &c.; conselho *pernicioso*, isto he, o que pôde perder-nos.

### Responder – Replicar

*Responder* he satisfazer á pergunta, á consulta, á questão, a todo o discurso, que se nos dirige, e que demanda huma *resposta*.

*Replicar* he *contra-responder*; instar sobre a *resposta*; reiterar talvez a pergunta com mais desenvolvimento; reforçar as razões do discurso, que se nos dirigio, e a que já *respondemos*.

Em frase forense o libello contém a demanda do auctor: a *resposta* ao libello chama-se contrariedade: a instancia do auctor sobre a contrariedade, reforçando, e talvez ampliando o libello, tem o nome de *réplica*.

O juiz, o magistrado *responde* á petição com hum despacho: se o supplicante julga ter que dizer ao despacho, ou contra elle, faz huma *réplica*, &c.

### Abundancia – Cópia – Abundante – Copioso

Applicámos estes vocabulos aos objectos, em cuja quantidade notámos algum excesso alem do que he bastante, do que he necessario: mas *abundancia* exprime simplesmente grande quantidade; *cópia* exprime multiplicidade.

*Abundancia* e *abundante* referem-se mais propriamente á quantidade intensiva; á quantidade de materia informe; a tudo o que se augmenta por addição de outra materia, ou por novos grãos de intensidade.

*Copia* e *copioso* parece referirem-se mais propriamente á quantidade discreta, á multidão de cousas individuaes, a tudo o que se augmenta por addição de individuos da mesma especie.

Assim dizemos *abundancia* de dinheiro, e *copia* de moeda: *abundancia* de prata, ou de ouro, e *copia* de metaes preciosos: *abundancia* de producção e colheita, e *copia* de fructos, &c.

E dizemos tambem que hum paiz he *abundante* de vinho, ou azeite, e *copioso* em gados e creações: que hum livro he *abundante* de doutrina e instrucção, e *copioso* em factos e exemplos: que huma familia he *abundante* de bens da fortuna, e *copiosa* em uteis servidores do estado, &c.

390

### Partir — Dividir

Os vocabulos *partir* e *dividir* ambos suppõem, que de hum todo se fazem partes; mas *partir* importa sempre a real separação das partes, e *dividir* significa muitas vezes a separação meramente ideal, ou a que se faz por calculo e medida; suppõe que considerámos separadamente, ou talvez que marcámos as differentes partes de hum todo, aindaque ellas fiquem realmente unidas.

Assim dizemos que o anno se *divide* em mezes, os mezes em dias, os dias em horas; que o circulo se *divide* em grãos, os grãos em minutos. &c.: e dizemos que hum pão se *parte* em duas ametades, huma pedra em pedaços, hum pomo em quartos; que os bens de huma herança se *partem* ou *dividem* entre os coherdeiros, &c.

Muitas vezes fazemos a *divisão* por medida ou calculo, antes de *partir*, para que a partilha seja depois justa e exacta.

391

### Repartir – Distribuir

*Repartir* he dar as partes da cousa partida a dous, ou mais: *distribuir* he *repartir*, e talvez dividir, com certa regularidade, proporção e ordem.

*Reparte-se* o dinheiro aos pobres, o pão aos convidados; *repartem-se* os bens entre os coherdeiros, o despojo entre os socios, &c. *Distribuem-se* os lucros de huma negociação, em proporção dos capitães com que cada hum entrou; *distribue-se* hum tributo pelo povo, com respeito ás posses de cada cidadão; *distribue* o homem publico o seu tempo, segundo o numero e importancia de suas obrigações; chamámos *justiça distributiva* a que dá a cada hum, conforme o seu merecimento, &c.

392

### Venal – Mercenario

*Venal*, no sentido natural e obvio, quer dizer o que está á venda; o que se póde vender; o que he apto para se vender. *Mercenario*, no sentido natural e obvio, quer dizer o homem, que trabalha por huma ajustada paga. Nenhuma destas significações tem algum mau sentido accessorio.

Applicando porém os mesmos vocabulos ao homem, em sentido moral, contrahem de algum modo huma noção de desprezo, e exprimem qualidades afins, mas diferentes, e em differente gráo odiosas e deshonoras.

Chamámos *venal* o homem, que vende a honra, a vir-



tude, a consciencia, os talentos, a reputação, isto he, que faz por dinheiro, ou paga, acções indignas, injustas, torpes, vis, &c., acções que elle mesmo porventura não faria se lhe não pagassem.

Chamâmos *mercenario* o homem, que faz pelo só interesse, pela só paga, o mesmo que deveria fazer por obrigação, por justiça, por honra, por caridade, por beneficencia.

He *venal* o juiz, que julga contra o seu entender, por dinheiro, ou peita. He tambem *venal* o juiz que julga conforme a justiça por dinheiro; porque de hum homem que assim avilta o character augusto da magistratura, não temos razão de esperar sentimento algum generoso e desinteressado. He *venal* o escriptor, que escreve contra a sua opinião, por paga; ou que escreve conforme as opiniões de quem lhe paga: he *venal* a mulher que se prostitue por dinheiro: he *venal* todo o homem, que faz qualquer acção má e injusta por dinheiro, &c.

He *mercenario* o parochio, por exemplo, que exercita o seu officio pelo só interesse; o ecclesiastico, que só por paga se aprompta para os deveres sagrados da sua profissão: he *mercenario* todo o homem, que no cumprimento de suas obrigações civis, moraes e religiosas sómente tem em vista o interesse da recompensa, ou o temor da pena, contando em pouco, ou talvez desprezando, os motivos mais nobres e mais elevados, que deverião animal-o.

### Vibração — Oscillação — Ondulação

O movimento da corda de hum instrumento musico, fortemente estendida, *teza*, e ferida pelo arco, pela tecla, ou pelo dedo do tocador, offerece-nos a idéa da *vibração*. *Vibração* he propriamente o movimento tremulo do

corpo elastico, que sendo ferido se agita, até recobrar o estado de quietação.

O movimento da pendula de hum relógio, ou de qualquer corpo pendente, produzido pelo impulso que se lhe dá, offerece-nos a idéa da *oscillação*. *Oscillação* he propriamente o movimento do corpo pendente, ora para hum lado, e ora para o outro, até que chega a parar no ponto de descanso.

O movimento das ondas offerece-nos a idéa da *ondulação*. *Ondulação* he propriamente o movimento de hum corpo fluido, ou liquido em massa, que vem e se retira, cresce e decresce, eleva-se e abate-se, como as ondas do mar, ou do rio.

Assim parece que a *vibração* he especialmente produzida pela elasticidade do corpo; a *oscillação* pela sua gravidade; a *ondulação* pela gravidade e fluidez.

São termos das sciencias fysicas, que algumas vezes se applicão aos objectos ordinarios, e talvez em sentido figurado, com significações respectivamente analogas.

#### Accusador — Denunciante — Delator

O *accusador* dirige-se aberta e formalmente á justiça para solicitar della, contra alguém, a justa e legitima punição, e reparação de algum damno, injuria, ou malfeitoria.

O *denunciante* annuncia, ou manifesta á justiça hum delicto, ou projecto delle, ou, em geral, hum facto contra o interesse publico.

O *delator* observa, espreita, e vai referir em segredo, sob pretexto de interesse publico, o que elle crê ter visto, e ás vezes o que elle, por interesses particulares, deseja fazer crer.

O *accusador* promove o seu interesse particular, e juntamente o do publico, por meios legais. O *denunciante* quer mostrar-se inspirado pelo zêlo do bem publico. O *delator* he sempre vil no modo com que procede, e quasi sempre iniquo, e talvez perverso, nas intenções e nos fins.

O fim primario do *accusador* he a conservação dos seus direitos, e a reparação legal do damno ou injuria, que recebeo. Este fim nada tem de injusto, ou deshonoroso.

O fim primario do *denunciante* e *delator* deveria ser o zêlo do interesse publico: e como este zêlo he rarissimo, e os *denunciantes* e *delatores* são muitos, e ordinariamente das classes da sociedade, nas quaes se não podem esperar sentimentos nobres e generosos; por isso não admira que huns e outros sejam mal avaliados do publico; maiormente porém os *delatores*, cujo procedimento parece totalmente alheio do homem bom, franco, sincero e honrado.

### Inefavel – Indizível – Inexplicavel – Inenarravel

*Inefavel* (do Latim *fari*, proferir, pronunciar palavras) he propriamente aquillo, de que se não póde falar, que se não póde pronunciar, sobre que se não póde proferir palavra. Toma-se sempre em bom sentido, e refere-se áquelles objectos, dos quaes por sua incomprehensivel grandeza e sublimidade não podemos ter verdadeira noção, e por isso nos não he dado proferir palavras, que os signifiquem. Taes são os mysterios da religião, os attributos de Deos, as operações da graça, os segredos da Providencia, &c.

Dissemos que *inefavel* se toma sempre em bom sentido: no sentido opposto corresponde-lhe, de algum modo, *nefando*; mas com expressão relativamente menos

energica, por lhe faltar a terminação de possibilidade em *avel*. Assim *inefavel* he o que se não pôde falar; *nefando*, o que se não deve falar.

*Indizível* (do Latim *dico*, ou antes do Grego *δῆμις*, exprimir, mostrar) he o que se não pôde dizer com assás clareza, e de maneira que demos aos outros sufficiente conhecimento do assumpto. Refere-se ordinariamente aos objectos dos nossos sentimentos e affeições, quando estas são taes, que não he facil, nem parece possível, exprimir-as com toda a sua energia. Assim dizemos, v. gr., que as delicias do estudo, a doçura e os prazeres da amizade, a suavidade da virtude, &c., são cousas *indizíveis*; que he necessario experimental-as para as conhecer.

*Inexplicavel* (do Latim *explicare*, desdobrar, desenvolver, desembrulhar) he aquillo de que se não podem achar e entender as cousas, nem os motivos e razões da sua existencia, nem os meios que para ella se empregarão. Refere-se ordinariamente ás cousas que tem sido objecto de nossas especulações, e de que não podemos dar huma conveniente e filosofica explicação. Assim dizemos, que alguns phenomenos são *inexplicaveis*, que hum acontecimento he *inexplicavel*, que hum artificio, hum mecanismo he *inexplicavel*, &c.

*Inenarravel* (do Latim *enarrare*, contar por ordem e circumstanciadamente) he tudo aquillo, que ou por sua indole maravilhosa, ou pela sua vasta extensão, ou pela multiplicidade e variedade de suas circumstancias, se não pôde referir nem inteira e ordenadamente, nem com todas as particularidades e individuação. As maravilhas da natureza, os prodigios da criação, e reproducção dos seres, &c., são *inenarraveis*.

Bem se vê que todos estes adjectivos exprimem, em diferentes grãos, a impossibilidade em que ás vezes nos achámos de falar digna e convenientemente sobre certos

objectos. Isto, que constitue a sua synonymia, faz tambem que em alguns casos os possamos empregar huns pelos outros. Mas quem attender á origem e composição etymologica de cada hum, e observar os differentes objectos, a que ordinariamente se applicão, facilmente conhecerá, que a synonymia não he completa, e que nem sempre se podem usar sem escolha.

### Desejar — Appetecer

Ambos estes vocabulos exprimem a acção da nossa alma, quando ella propende para os objectos, que se lhe representão como bons e agradaveis, e tem vontade de os alcançar. Mas differencão-se entre si pelo differente modo, grau e effeitos da mesma acção.

*Desejar* pôde ser effeito, ou consequencia da reflexão, e do serio e verdadeiro conhecimento do objecto. *Appetecer* he quasi sempre hum sentimento mais mecanico, que reflexivo; he ás vezes o primeiro impulso, o primeiro impeto da alma, para o objecto, que se lhe representa agradável.

*Desejar* he ter vontade continuada de alcançar e possuir o objecto. *Appetecer* he sentir huma propensão forte e rapida, huma especie de impulso cego para o objecto; he ser arrebatado por elle e para elle; ter vontade inquieta e ardente de o alcançar, he *desejar avidamente*, com paixão.

D'onde vem que *desejar* se emprega mais ordinariamente, quando falámos de objectos moraes, licitos, honestos; *appetecer*, quando falámos de objectos fysicos e sensiveis. *Desejar* sómente se pôde dizer, com propriedade, dos individuos racionais; *appetecer* tambem se pôde attribuir aos irracionais, &c.

## Visão — Apparição

*Ver* e *apparecer* exprimem noções mui differentes e mui geralmente conhecidas. *Ver* he o acto da potencia visiva; he hum acto nosso, das nossas faculdades; hum acto que se passa todo (digamos assim) em nós e dentro de nós. *Apparecer* he o acto de hum objecto estranho, que se apresenta e manifesta á nossa vista; que se faz visivel; he hum acto que se passa todo fóra de nós.

A mesma differença analogamente se deve achar entre *visão* e *apparição*.

Usámos do vocabulo *visão*, quando nos referimos primaria e especialmente á acção dos nossos órgãos, das nossas faculdades, da nossa imaginação, talvez sem dependencia de objecto algum externo. E usámos do vocabulo *apparição*, quando primaria e especialmente nos referimos a alguma imagem, figura ou simulacro; a algum objecto externo real, ou fantastico, que se nos apresenta, ou manifesta; que se nos dá a *ver*; que nos *apparece*.

Por onde, chamámos mais ordinariamente *visões* aquellas, que acontecem em sonho; porque nesse estado parece que todo o trabalho e acção he sómente dos nossos órgãos internos, ou da nossa imaginação e fantasia: e chamámos *apparições* aquellas, que acontecem em estado de vigilia; porque nesse estado, não sendo tão facil, nem tão ordinaria a illusão da fantasia, parece que não poderá existir a *visão*, sem que real, ou fantasticamente exista fóra de nós, e nos *appareça* o objecto della.

Em summa: para haver *visão*, basta que os nossos órgãos internos ou externos sejam movidos, como o serião.

se o objecto estivesse presente: para haver porém *aparição* he necessario que o objecto real, ou fantastico esteja effectivamente presente.

### Insignia – Bandeira – Estandarte – Pendão – Guião

*Insignia* he de todos estes vocabulos o mais generico: exprime todo o distinctivo, que se põe, ou se traz em lugar, que todos o vejam, e talvez levantado ao alto, para servir de *senal*; para por elle conhecermos e distinguirmos a corporação, familia, ordem, classe, emprego, &c., da pessoa, ou cousa. Os escudos de armas, as veneras das ordens militares, os topes dos chapéus. os penachos, &c., são *insignias*.

*Bandeira* he huma especie de *insignia*; e *estandarte* e *pendão* são especies de *bandeira*.

*Bandeira* he hum tecido maior, ou menor, de linho, seda, algodão, ou outra materia, de figura quadrada, ou quadrilonga, pendente de huma haste alta, o qual pela côr, escudo, figura, ou pintura, que mostrá, dá a conhecer os corpos militares de infantaria, os navios de diferentes nações, as corporações dos officios mecanicos, algumas irmandades religiosas, &c.

*Estandarte* he huma especie de *bandeira*, pelo qual hoje distinguimos os corpos militares de cavallaria. O official militar a quem compete levar o *estandarte* se chama *porta-estandarte*, assim como na infantaria se chama *porta-bandeira* o alferes, que leva a *bandeira* nas marchas e nos actos militares.

Finalmente *pendão* he outra especie de *bandeira*, mais comprida que larga, rematando pela parte inferior em duas pontas, talvez com franjas e borlas, &c. Foi em outro tempo *insignia* militar: hoje parece ser tamsómente

distinctivo de algumas particulares irmandades e confrarias religiosas.

Quando a *bandeira* ou *pendão* vai adiante, guiando a marcha, dá-se-lhe o nome de *guião*.

#### **Distancia — Intervallo**

*Distancia* he vocabulo abstracto; exprime tamsómente huma relação entre dous termos: *intervallo* he vocabulo concreto; exprime hum espaço posto entre dous termos.

*Distancia* significa a relação da separação em que estão dous objectos, a qual deve ser determinada por huma medida: *intervallo* significa o espaço que ha entre esses dous objectos, o qual em huma das suas dimensões serve de medida á *distancia*.

#### **Caduco — Decrepito**

No sentido primario *caduco* he o que está para cabir, o que facilmente cahe: *decrepito* he o que está quebrado, ou facilmente quebra, ou estala.

Por onde applicados estes vocabulos ao homem, exprimem o sujeito, que por sua longa idade, talvez acompanhada de molestias e trabalhos, mostra grande e sensível decadencia de forças fysicas e intellectuaes, e parece prometter mui pouca duração. Nisto consiste a synonymia que ha entre elles. Tem comtudo, no uso do nosso idioma, huma differença, que convem notar.

*Decrepito* sómente se diz do homem e da sua idade (homem *decrepito*, idade *decrepita*); *caduco* applica-se a muitos outros objectos, em que considerámos pouca duração e fragil consistencia. Assim dizemos, que são *ca-*



*ducos* os bens do mundo, *caducas* as suas grandezas, as suas honras, &c., e não lhe podemos chamar *decrepitos*, postoque a significação original e etymologica do vocabulo não repugne a esta applicação.

## 401

**Intenção — Designio — Intuito**

*Intenção* quer dizer a fixa determinação da vontade para hum premeditado objecto.

*Designio* quer dizer a idéa escolhida e adoptada; o plano, ou *desenho*, que nos propomos seguir na execução do objecto intentado.

Pelo que parece, que *intenção* se refere mais á vontade, que resolve e determina; e *designio* ao entendimento, que inventa, traça, *desenha* os meios, o caminho, o methodo.

*Intuito* he propriamente o fim que intentámos alcançar; o presupposto que havemos formado e levámos diante dos olhos; o alvo, ou fito, a que nos dirigimos na acção.

## 402

**Triunfante — Ovante**

São dous vocabulos, cuja differença se deve buscar na lingua Latina, d'onde derivão.

O *triunfo* (do Latim *triumphus* e *triumphare*) era entre os Romanos a ostentação publica da victoria em honra do vencedor; a cerimonia solemne e pomposa, que se fazia em honra do general do exercito, quando entrava em Roma, depois de haver conseguido alguma grande e assignalada victoria.

A *ovação* (do Latim *ovatio* e *ovare*) era entre os mes-

mos Romanos huma especie de triunfo menor, differente do primeiro no apparato e nas ceremonias: era o triunfo concedido ao general, que tinha vencido os inimigos sem derramar sangue, ou que tinha alcançado alguma victoria menos importante.

No *triunfo* maior o general era conduzido em carro, e sacrificava aos Deoses hum touro: no *triunfo* menor, ou na *ovação*, entrava a pé, ou a cavallo, e sacrificava huma ovelha, &c.

Com analogia differença se devem usar entre nós os dons vocabulos *ovante* e *triunfante*. Comtudo alguns nossos poetas modernos parece que empregão *ovante* como termo mais nobre e mais pomposo, que *triunfante*, acaso por ser menos vulgar, e lhes parecer mais proprio por isso da linguagem poetica.

### Transcrever — Copiar — Trasladar

Aindaque estes vocabulos se possão usar, e usem em alguns casos indifferentemente, tem comtudo differenças que excluem a perfeita synonymia.

*Transcrever*, passar o escripto de hum papel para outro, repetindo-o; he repetir o escripto; escrever em hum papel ou livro o que está escripto em outro, servindo este de modelo, ou original.

*Copiar* he propriamente multiplicar os exemplares: e por isso se diz não só do escripto, mas tambem do desenho, da pintura, da esculptura, &c. E em sentido figurado diremos que o homem  *copia*  em si as virtudes do seu modelo, &c., expressão em que não podemos usar de *transcrever*.

*Trasladar* tem significação ainda mais generica e mais ampla que *copiar*. *Trasladar* he propriamente mudar de

hum lugar, ou de hum tempo para outro. Assim, não só dizemos que o estudante *traslada* (isto he, *transcreve* ou *copia*) o modelo de escripta, que tem presente; que o homem *traslada* ou *copia* em si as virtudes do seu modelo, imitando-as; mas dizemos tambem que o traductor *traslada* huma obra vertendo-a de huma lingua em outra; o que não he simplesmente *transcrever*, ou *copiar*; e finalmente que se *traslada*, isto he, que se transfere huma festa, ou huma solemnidade de hum dia, ou tempo para outro, &c., nas quaes duas ultimas frases nenhum lugar podem ter os verbos *copiar* ou *transcrever*.

#### Acontecimento — Accidente — Successo — Caso — Aventura

Damos o nome de *acontecimento* a tudo, em geral, o que succede no mundo, tanto na ordem fysica como na moral, tanto no publico como no particular; assim nas cousas como nas pessoas. Hum terremoto, hum incendio, huma guerra, hum eclipse, hum nascimento, hum casamento, a morte de hum homem, a quèda de hum imperio, &c., &c., são *acontecimentos*: por onde se vê que he termo generico, de que os outros se podem considerar como especies.

*Accidente* he hum *acontecimento*, que parece ser estranho á substancia e natureza do objecto, e talvez á sua situação e circumstancias actuaes, e que por isso vem sem ser previsto, nem aguardado. A quèda de hum edificio, que parecia não ameaçar ruina, he hum *accidente*: a morte repentina de huma pessoa, que parecia estar em boa saude, he hum *accidente*, &c. O vocábulo *accidente*, empregado absolutamente e sem epitheto, toma-se as mais das vezes em mau sentido; e quando queremos de-

signar algum *accidente* feliz, e agradável, ajuntámos-lhe sempre essa qualificação.

*Successo* exprime o *acontecimento*, que resulta de cousas ou factos anteriores (do Latim *sub-cedo*, vir depois): envolve huma noção de causalidade, e emprega-se ordinariamente para significar o exito e resolução de huma cousa que se aguardava ou esperava, e que porventura se tinha preparado ou premeditado. Assim dizemos o *successo* de hum negocio, de huma empresa, de hum plano; o *successo* das nossas diligencias; o *successo* de huma viagem; o *successo* justificou o bom emprego dos meios, &c.

*Caso* he hum *acontecimento*, que julgámos totalmente fortuito, ou porque ignorámos as causas que o produzirão, ou porque não descobrimos nelle ligação alguma com os factos anteriores, que nos são conhecidos.

*Aventura* finalmente parece exprimir com mais propriedade alguns *acontecimentos* não só inesperados, mas estranhos, singulares, talvez graciosos e extravagantes, que dizem respeito ás pessoas; ou elles sejam totalmente imprevistos e casuaes, ou derivem de algum premeditado enredo, ou sejam o resultado de hum concurso de circumstancias não vulgares. Que Portuguez dotado de alguma curiosidade e gosto, não tem lido e admirado muitas vezes as *Aventuras* de Fernam Mendes Pinto, referidas no excellent livro de suas *Peregrinações*? O illustre Fénélon tambem deo este nome ás do seu *Tele-maco*.

### Exhalar — Evaporar

*Exhalão* os corpos, quando lanção de si effluvios subtilissimos, quasi sempre invisiveis, que se diffundem em roda do corpo *exhalante*. Estes effluvios chamão-se *exhalações*.

*Evaporão* os corpos, quando em consequencia do calor lanção de si particulas subteis e humidas, que ordinariamente se vêem subir ao alto, como o fumo. Estas particulas chamão-se *vapores*.

*Exhalão* algumas flores hum cheiro suavissimo, isto he, particulas tenuissimas e invisiveis, que vem tocar deliciosamente o nosso olfacto. *Exhalão* alguns animaes, na época dos seus amores, cheiros fortes, talvez agradaveis. As *exhalações* dos cemiterios podem ser funestas á vida. Muitos corpos estão de continuo *exhalando* effluvios, &c.

A agoa dos lagos, dos rios, do mar diminue pela *evaporação*. Da terra ferida do sol se levantão *vapores*. O fumo he formado dos *vapores* que sahem dos corpos em certo gráo de calor, &c.

#### Assenso — Approvação

A razão *assente*: a consciencia *aprova*.

O *assenso* dá-se á verdade: a *aprovação*, ao bem. *Assentimos* a huma proposição, que nos parece verdadeira: *approvâmos* huma resolução, huma acção, que nos parece boa.

*Assentimos* a hum voto, a hum parecer, que nos parece fundado em boas razões: *approvâmos* hum conselho, hum plano, hum arbitrio, que nos parece fundado em prudencia e justiça.

#### Inclinação — Afeição — Amizade — Amor — Ternura

Quando considerâmos hum objecto como agradável, e bom, isto he, como proprio para servir á nossa felicidade

de, naturalmente sentimos em nós huma disposição para o amar; huma tendencia, huma força, hum pendor que nos leva para elle. Esta he a *inclinação* (artigo 28).

A *inclinação* continuada, não combatida, nem desvanecida, antes de algum modo cultivada pelo maior exame das qualidades do objecto, e pela maior convicção que vamos adquirindo da sua bondade, gera a *afeição*, que he mais forte e mais duravel que a simples *inclinação*, menos activa que a *amizade*, e mais tranquilla que o *amor*.

A *afeição* confirmada pelo tempo e pela estima, cada vez maior, das qualidades do objecto, acontece recahir em pessoas, que achámos conformes connosco em costumes e sentimentos virtuosos, e que talvez se ligão e unem a nós por alguma occulta sympathia. Neste caso está formada a *amizade*; sentimento tão precioso como raro, o qual se alimenta, desenvolve e conserva, e se torna mais energico, e mais duravel por huma correspondencia constante e segura; por huma illimitada e bem empregada confiança; pela mutua prestação de conselhos, exemplos, consolações e auxilios na necessidade; emfim pela participação reciproca de penas e de prazeres.

O *amor* differença-se muito da *amizade*, e muito mais da simples *afeição*. *Amor* he o nome que damos, em geral, a todas as *afeições* benevolas, que ligão os homens huns aos outros, e até aos objectos inanimados e insensíveis, ou estas *afeições* nasção do instincto, ou do dever, ou do sentimento moral, com tanto que tenham chegado a certo grão de energia e actividade. N'este amplissimo sentido (que he huma prova da imperfeição e pobreza do idioma) dizemos que o homem tem *amor* de Deos, e *amor* de si; que o pai tem *amor* ao filho, o amigo ao amigo, o homem grato ao seu bemfeitor, &c.; e dizemos tambem que temos *amor* ao lugar em que

nascemos, á caza que habitámos, aos bens que cultivámos, e ao proprio animal, que nos serve bem e fielmente. No mesmo sentido dizemos *amor* filial, *amor* fraternal, *amor* da patria, dos livros, dos estudos, *amor* da verdade, do bello, *amor* dos prazeres, &c., sendo que muitos destes *amores* tem origens, caracteres e effeitos mui differentes, e deverião ser exprimidos por vocabulos proprios, postoque todos consistem n'hum afeição forte, energica, activa e apaixonada, que tende a unir-nos da maneira possivel ao objecto amado.

No sentido mais particular e mais ordinario, em que se toma este vocabulo, exprime huma paixão mais violenta, que a amizade, huma paixão talvez precipitada e cega. Este *amor* não admite exame, nem reflexão; sobressalta o coração, quasi de improviso, e chega a dominar-o, sem lhe dar tempo de voltar sobre si: he talvez excitado por meras apparencias, e nutre-se quasi sempre da esperanza de prazeres suggeridos pelos sentidos.

*Ternura* não he propriamente huma acção, mas sim hum estado, huma situação da alma, que póde existir, em differentes grãos, com o *amor*, com a *amizade*, com a *afeição*, e até com a simples *inclinação*. Mistura-se as mais das vezes com os sentimentos benevolos das pessoas, que são dotadas de particular sensibilidade; por onde se vê que della depende, e nella consiste o seu especial character.

#### Calor — Calma

Na linguagem vulgar parece que confundimos algumas vezes estes vocabulos, principalmente quando falámos do tempo do estio. Assim dizemos que está muito *calor*, ou

muita *calma*; que o tempo está muito *calmoso*; que a sesta he *calmosa*; que o estio foi de grandes *calores*, ou de grandes *calmas*, &c. Mas he facil ver, que não ha rigorosa synonymia entre os dous vocabulos, e que se empregámos *calma* por *calor*, he porque figuradamente tomámos pelo effeito humas das causas, que o produzem.

*Calor* he a sensação que experimentámos opposta á sensação de frio, e produzida pelo calorico. *Calma* he propriamente a cessação de agitação e perturbação no movimento das agoas do mar, nascida da cessação do vento, que produz esses effeitos: d'onde vem dizermos que *acalmou* o vento, que *acalmou* a tempestade, que o mar está em *calma*, &c., e no figurado que o *negocio está em calma*, como algumas vezes diz Vieira nas *Cartas*, isto he, que se não tracta delle, que está parado, &c.

Por onde parece que applicámos *calma* para significar o *calor*, quando falámos do estio, vistoque nesta estação se experimenta maior força de *calor*, quando não ha vento, nem viração alguma que refresque a atmosfera, vindo consequentemente a *calma*, isto he, a total cessação do movimento do ar a ser huma causa do maior *calor*, e a tomar-se figuradamente pelo seu effeito: bem como dizemos no mesmo sentido, que o *sol* está *forte*, ou ardente, tomando *sol* pelo *calor*, que elle produz.

Ha ainda outra differença entre *calor* e *calma*, e vem a ser, que o primeiro destes vocabulos, exprimindo em geral huma sensação, não determina o gráo da sua energia, podendo dizer-se que sentimos *calor*, desde o mais remisso até o mais alto gráo da impressão, a que damos este nome: o segundo vocabulo, porém, sempre exprime hum alto gráo de *calor*, e sómente se emprega, como dissemos, quando se fala dos *calores* fortes e ardentes do estio.



### Calma – Calmaria – Bonança

Acabámos de dizer que o vocabulo *calma* exprime a cessação do movimento agitado e tumultuoso das agoas do mar, em consequencia da total cessação do vento.

*Calmaria* exprime, por força da sua terminação (artigo 149) muita *calma*, continuação de *calma*, *calma* continuada. São bem conhecidas dos navegantes as *calmarias* que talvez se experimentão em certas paragens do mar: assim dizemos, v. gr., as *calmarias* de Guiné, as *calmarias* da linha, &c.

*Bonança* tem muita differença de hum e outro vocabulo; porquanto exprimindo tambem hum certo grão de tranquillidade do mar, e serenidade do tempo, não exclue, antes suppõe aquelle movimento das agoas e dos ventos, que he favoravel à navegação. Assim dizemos que está o mar em *bonança*, ou que está o mar *bonança*, quando o navio he docemente impellido por ventos brandos, favoraveis, prosperos, que tambem por esse motivo se chamão, na linguagem dos homens do mar, *ventos bonanças*.

### Cavallo – Faca – Rocim – Palaftrem – Potro – Ginete

*Cavallo* quer dizer o animal quadrupede bem conhecido. He nome da especie, não envolve idéa alguma accessoria, e pôde por isso mesmo applicar-se ás differentes raças e variedades do mesmo animal (Latim *equus*).

*Faca* he o *cavallo* de pequena estatura. He vocabulo derivado do arabe *haqqa*, d'onde vem *hacanea*, ou *haq-*

*genea*, que tambem se escreveo *facanêa*, e significa o *cavallo* maior que a *faca*, e menor que o *cavallo* ordinario (Latim *mannus*).

*Rocim* he o *cavallo* velho, estropeado ou mau; talvez o *cavallo* de trabalho, que se chama assim para differença do que chamão de regalo (Latim *canterius*).

*Palafrem* he o *cavallo* manso, em que costumavão montar as damas e senhoras, e talvez os Principes nas suas entradas publicas. Tambem se dava, ás vezes, o mesmo nome aos *cavallos* em que montavão os creados, quando acompanhavão seus amos.

*Potro* he o *cavallo*, desde que nasce até á idade de quatro annos, pouco mais ou menos, em que muda os dentes.

*Ginete* não he casta, ou raça particular de *cavallo*. *Gineta* chamavão os antigos a cavallaria curta, ou huma particular maneira de cavalgar á curta, e d'aqui veio a frase *cavalgar á gineta*; chamarem-se *ginetes* e *ginetarios* os que assim cavalgavão; e dar-se finalmente o nome de *ginetes* aos proprios *cavallos*. He vocabulo de origem africana segundo alguns escriptores, e derivado do grego segundo a opinião de outros.

### Temperamento — Constituição — Compleição

*Temperamento* he a combinação e mistura proporcionada dos humores do corpo animal.

*Constituição* he o conjuncto das qualidades e propriedades, que resultão da composição, distribuição e arranjo harmonico dos solidos e liquidos do corpo animal, e das suas forças, dos seus elementos, dos seus principios, &c.

*Compleição* he o resultado do temperamento e constituição, relativamente ao vigor, robustez e saude do corpo animal.

O *temperamento* he bom, quando os humores do corpo estão misturados em conveniente proporção e equilibrio.

A *constituição* he boa, quando os diferentes elementos, de que se compõe o corpo, as suas partes solidas e liquidas estão dispostas e distribuidas com harmonia entre si, de maneira que fação sem embaraço e sem difficuldade as suas funcções respectivas.

A *compleição* he boa, quando por effeito do bom *temperamento* e *constituição*, o corpo mostra hum estado habitual de força, robustez, vigor e saude.

Se no corpo humano predomina consideravelmente algum dos humores, o *temperamento* contrahe certos defeitos, que lhe são proprios.

Se entre as partes solidas e liquidas do corpo humano, e entre as suas forças relativas não ha harmonia, a *constituição* he má.

Da má *constituição* resulta ordinariamente huma *compleição* fraca, frouxa, morbosa, &c.

### Apparecer – Comparecer

*Apparecer* he propriamente fazer-se visivel, pôr-se á vista, dar-se a ver; pôr-se adiante dos nossos olhos.

*Comparecer* he *apparecer* com determinada intenção de ser visto; fazer de proposito mostra de si; fazer-se ver, apresentar-se talvez por ordem ou mandado superior.

*Apparecer* diz-se das cousas e pessoas. *Comparecer* sómente se pôde dizer das pessoas.

*Apparece* hum meteoro no ceo, hum novo astro, hum fenomeno não usado: *apparecem* nodoas no corpo: *apparece* huma fonte no valle, hum thesouro na excavação, &c., *apparece* o animal, ou o traste que se havia perdido, &c.

*Comparece* o reo citado em juizo; o magistrado convocado no tribunal; o socio avisado na sociedade, &c., &c.

## 413

**Alienar – Vender**

*Alienar* tem significação mais generica. *Vender*, mais especifica. *Venda* he especie de *alienação*.

*Alienar* he transferir para outrem a propriedade ou dominio, que temos em alguma cousa. Podemos *alienar* por doação, por dote, por venda, por troca, &c.

*Vender* he passar a outrem a propriedade, ou dominio, que temos em alguma cousa, entregando-a ao comprador mediante hum preço determinado e ajustado pelo consenso reciproco de ambos.

O opposto de *alienar* he adquirir: o opposto de *vender* he comprar.

## 414

**Asylo – Refugio**

Exprimem estes dous vocabulos a noção de hum lugar real, ou figurado, ao qual nos acolhemos, para escaparmos a algum mal, ou nos salvamos de algum perigo, e nos pormos em segurança. Mas *refugio* tem significação mais generica; *asylo* mais especifica e mais restricta.

Dá-se o nome de *refugio* a toda a sorte de lugar, em que, subtrahindo-nos a qualquer perigo, nos pomos em segurança. E dá-se o nome de *asylo* ao lugar privilegiado, no qual, por força das leis, ou da publica opinião, ficámos ou nos pomos ao abrigo de qualquer perigo, e em segurança.

Os templos, os lugares sagrados, &c., são *asylos* para certos delinquentes, que as leis não permitem tirar desses lugares, quando a elles se acolhem. O porto he o *refugio* dos navegantes batidos da tempestade. A solidão he o *refugio* do filosofo que ama a tranquillidade, &c.

### Attribuir — Imputar

*Attribuimos* ás pessoas e ás cousas: *imputámos* ás pessoas. *Attribuimos* huma acção, hum effeito, hum phenomeno, hum acontecimento: *imputámos* o mal, a culpa, o crime.

Por onde *attribuir* he mais generico: *imputar* mais restricto e mais especifico.

*Attribuimos* hum effeito a certa causa, hum invento a certo auctor: huma propriedade ou qualidade a certa substancia, &c.: *imputámos* hum crime a certa pessoa.

*Attribuir* he dar a alguém, ou a alguma cousa: *imputar* he lançar sobre alguém, lançar em sua conta, quasi constituil-o devedor.

*Attribuir* pôde dizer-se em bom ou mau sentido: *imputar* quasi sempre se diz em mau sentido, quando julgámos alguém responsavel por algum mal que fez.

*Attribuir*, quando se diz do mal ou do crime, refere-se á nossa particular opinião: *imputar*, no mesmo caso, refere-se com mais propriedade á auctoridade publica, que julga a pessoa culpavel e responsavel, &c.

**Culpar — Accusar**

*Culpar* alguém he lançar-lhe a culpa de algum **mau** feito. *Accusar* alguém he perseguil-o por esse **mau** feito perante o juiz.

**Licito — Permittido**

He *licito* tudo o que nenhuma lei prohibe. He *permittido* tudo o que alguma lei positiva auctorisa a fazer, ou dá licença para se fazer, sendo antes prohibido.

Ha muitas cousas, que consideradas em si e na sua substancia são indifferentes. Estas são *licitas*, emquanto a lei as não prohibe. O passeio, o jogo honesto, a distracção do espirito, a conversação, &c., são cousas, em geral, *licitas*.

Ha tambem muitas cousas que as leis positivas tem prohibido. Se outra lei posterior declara que tem cessado os motivos da prohibição, e expressamente a levanta, essas cousas vem a ser *permittidas* e consequentemente *licitas*. Semelhantemente o que he prohibido pela lei, póde ser *permittido* a alguma pessoa, ou classe de pessoas, quando a mesma ou outra lei assim o declara expressamente.

O comer carne em qualquer tempo ou dias do anno era cousa em si *licita*, antes que a lei da Igreja o prohibisse; mas depois da prohibição sómente he *permittido* o seu uso ás pessoas que por justos motivos são dispensadas da abstinencia pela propria auctoridade da Igreja.

A *licito* oppõe-se illicito. A *permittido* oppõe-se prohibido,

## Alto—Profundo

Parece que no idioma portuguez, assim como no latino, se considera ou mede a *altura* dos objectos, tanto para cima, como para baixo, a respeito do plano em que está, ou se suppõe o observador. Assim dizemos, v. gr., *alta* torre, muro *alto*, o que tem hum certo grão de elevação, e *alto* fosso, poço *alto*, o que tem hum certo grão de *profundidade*. No mesmo sentido dizemos mar *alto*, e *alto* pego, aonde as agoas são mais fundas, isto he, aonde achámos grande distancia desde a superficie até ao fundo do mar, &c.

Mas postoque nos casos em que *alto* exprime profundidade pareça ser synonymo de *profundo*, ha comtudo entre elles alguma differença, vistoque o vocabulo *profundo* exprime sempre, em virtude da sua composição etymologica, o que he muito fundo ou notavelmente fundo. Assim huma cova, v. g., que se pôde dizer *alta* vinte ou trinta palmos, impropriamente se diria *profunda*, e no *alto* mar ha pegos *profundos*, que se não dirião simplesmente *altos*.

Mas alem disso *profundo* e *profundidade* applica-se a muitos casos, em que se não concebe *altura*, nem *abaxamento* local; como em caverna *profunda*, chaga *profunda*, que indicação que *profundo* se oppõe tambem a *superficial*.

Em outras significações, não pôde o vocabulo *profundo* confundir-se com *alto*, nem parece necessario individuar aqui as suas differenças. Dizemos, por exemplo, chaga *profunda*, golpe *profundo*, e não *alto*, tomando *profundo* pelo que vai muito alem da superficie para dentro, muito ao interior, muito ao centro, e

no mesmo sentido, aindaque figuradamente, dizemos tambem dor, magoa, sentimento *profundo*, e não *alto*, o que se sente no intimo do coração, &c.

### Amante — Enamorado

Considerando-se a composição e terminações destes vocabulos, *amante* he o que actualmente ama, e *enamorado* he o que está todo possuido e penetrado de amor (artigos 114 e 205).

Em *amante* a terminação corresponde á dos participios do presente activos dos verbos latinos, e exprime a actualidade da acção. Em *enamorado* a terminação corresponde á dos participios perfeitos passivos dos verbos latinos, e exprime o estado actual passivo do sujeito, mas a preposição componente *en* dá particular energia á significação principal, e exprime que o sujeito está não só possuido do amor, mas todo mettido nelle, e nelle entranhado. Assim *em-pégado*, *em-possado*, *en-cadeado*, *en-calmado*, *em-brenhado*, *em-boscado*, *en-taipado*, *en-senhoreado*, *en-regelado*, e mil outros vocabulos portuguezes tomão por força da mesma particula huma significação mais expressiva e mais energica do que terião no seu estado simples.

Desta differença, que temos notado entre *amante* e *en-amorado*, resulta, ao que parece, outra não menos importante, e he que o primeiro, referindo-se á simples actualidade, se diz mais vulgarmente da pessoa, que actualmente dá mostras de *amor*, e que talvez a ellas se limita; o segundo, suppondo hum sentimento mais concentrado e mais intimo, diz-se tambem da pessoa que sem parecer *amante*, está comtudo senhoreada do amor,



postoque talvez impossibilitada de o mostrar por sinais externos.

Algumas vezes acontece que huma pessoa esteja *enamorada*, sem ousar mostrar-se, ou parecer *amante*: e outras vezes acontece que alguma pessoa se mostre *amante*, sem estar *enamorada*.

### Amor – Caridade

Os vocabulos latinos *amor* e *charitas* já entre os escriptores Romanos tinham grande differença: *amor* dizia-se do *amor* honesto e do *amor* torpe; *charitas*, sómente do primeiro; *amor* dizia-se dos homens e dos animaes; *charitas*, sómente dos homens e de Deos; *amor* significava o *amor* sem especificar a sua origem; *charitas*, o *amor* nascido da virtude e nella fundado.

O christianismo veio fazer a *caridade* ainda mais santa, mais respeitavel, e mais sublime, e poz consequentemente huma differença muito maior entre os dous vocabulos no uso da linguagem christãa.

Neste sentido *caridade* he o *amor*, que temos a Deos, tanto por suas ineffaveis perfeições, como por ser o nosso summo bem; e o *amor* que temos aos homens como creaturas suas, e irmãos nossos, nascido hum e outro em nosso coração, e elevado á ordem sobrenatural dos sentimentos religiosos pela inspiração da graça.

Desta segunda especie de *caridade* diz S. Paulo que *he paciente e benigna, que não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, que não folga com a injustiça, mas sim com a verdade; que tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre, &c.* (Cor., cap. 13.º, v. 4.º a 7.º)

Aonde acharemos hoje algum arremedo de tão bello e admiravel original?

### Coróa — Diadema

*Coróa* he termo generico: exprime o enfeite, ou ornamento, que cinge e circunda a cabeça de alguma pessoa, em sinal de honra, distincção, auctoridade, gloria, &c., e por ampliação se diz tambem do ornamento que circunda a parte mais elevada de alguma cousa, ou de algum edificio, &c. Comprehende varias especies, como são, por exemplo, a *coróa* de flores, hervas e folhas (*Latim sertum*) que se chama *grinalda*, e talvez, em linguagem pastoril, *capella*; a *coróa* de louro (*corona laurea*), com que erão laureados os Poetas nos tempos antigos, e com que ainda em seculos mais modernos foi coroado o illustre Petrarcha; a *coróa* de oliveira (*corona olympica*), que se dava aos vencedores nos jogos olympicos; a *coróa* de carvalho, ou enzinho (*corona civica*), que se dava ao cidadão romano que tinha salvado a vida a outro em acção de guerra; emfim as *coróas* oval, mural, naval, castrense, &c., &c.; entre os Romanos a *coróa nupcial*, que ainda hoje faz parte das ceremonias do casamento entre os Gregos, e as *coróas* de barão, de conde, de duque, &c., que entre nós servem de ornamento ao escudo de armas destes differentes titulos de nobreza.

Huma destas especies he o *diadema*. *Diadema* exprime propria e especificamente a *coróa real*, ornamento privativo dos Reis, insignia de magestade e imperio. Tinha differentes fórmas, e talvez consistia em huma fita de ouro enriquecida de pedras preciosas. Hoje são bem conhecidas as fórmas das *coróas* ou *diademas* imperiaes e reaes, e as variedades com que se distinguem as dos Soberanos de algumas nações da Europa.

## Azul — Ceruleo

São dous adjectivos que qualificação os objectos com respeito á côr: mas *azul* he termo mais usado na locução commum; *ceruleo* na locução poetica.

*Azul* exprime, em geral, a côr a que damos esse nome, e modifica-se com outros vocabulos, quando queremos determinar as gradações da mesma côr, v. gr., *azul* claro, *azul* celeste, *azul* escuro, *azul* ferrete, &c. *Ceruleo* parece referir-se quasi sempre ao *azul* natural, e particularmente ao *azul* claro que mostra o ceo quando sereno e sem nuvens, ou ao escuro e carregado, que mostram as grandes massas de agoa, no mar, nos rios, nos lagos, &c. E a esta mesma significação parece dever-se reduzir o *caeruleus imber* de Virgilio, e *caerula concha*, e *caeruleus pluviam denuntiat*. (*Georgicas*, liv. 1.º, v. 453.º; *Eneida*, liv. 10.º, v. 209.º, &c.)

Camões diz :

Thetis todo o *ceruleo* senhorio  
(Cant. 1.º, est. 16.º)

Convoca as alvas filhas de Nereo  
Com toda a mais *cerulea* companhia  
(Cant. 2.º, est. 19.º)

Dai lugar altas e *ceruleas* ondas.  
(Cant. 9.º, est. 49.º)

Servio, ao liv. 8.º da *Eneida*, diz que «*caeruleus color maris est*».

## Cabello — Coma — Guedelha — Grenha

*Cabello* e *guedelha* são termos da linguagem commum; *coma*, da linguagem poetica. *Cabello* exprime

precisamente o seu objecto sem modificação alguma: *coma* exprime especialmente o *cabello* comprido, e talvez composto, entrançado, ornado, &c. *Guedelha* he o *cabello* comprido da cabeça, ou barba, em madechas torcidas, ou flocos, mal composto. *Grenha* he o *cabello* crespo, embaraçado, mal composto.

Fernão Alvares, *Lusitania Transformada*, Pros. 12: «E querendo os mareantes lançar mão da occasião boa, que mais ainda no mar que na terra se prende por huma só *guedelha*».

Camões diz :

As arvores agrestes, que os outeiros  
Tem com frondente *coma* ennobrecidos.  
(Cant. 9.º, est. 57.º)

Joane, a quem do peito o esforço cresce,  
Como a Sansam hebreo da *guedelha*.  
(Cant. 4.º, est. 12.º)

424

### Tutor — Curador

São termos de Jurisprudencia civil. O *tutor* he dado ao pupillo: o *curador* he dado ao prodigo, ao furioso, ao demente, ao ausente, a todas as pessoas que se achão impossibilitadas de tratar por si dos seus bens e negocios.

O *tutor* tem por primaria obrigação a creação, educação, defensa e protecção do pupillo encommendado á sua *tutella*; e por secundaria e accessoria, a administração dos seus bens, e o governo e direcção dos seus negocios.

O *curador* tem por primaria obrigação a administração dos bens, e a gestão dos negocios da pessoa que está

encarregada á sua *curadoria*, aindaque accessoriamente deva tambem tractar da sua pessoa e vida.

### Furioso – Furibundo – Enfurecido

Estes vocabulos tem respectivamente a mesma differença que já notámos entre *iroso*, *iracundo*, *irado*. (Veja-se artigo 205.)

### Humido – Molhado

*Humido* he o que de si mesmo tem humidade, ou o que está internamente repassado della e conserva a que contrahio: v. gr., a terra, que não he arida, a planta e o madeiro emquanto verde, a roupa mal enxuta, &c.

*Molhado* he o que externa e accidentalmente foi banhado, aspergido, ou borrifado de agoa, v. gr., a pedra mettida no rio, os vestidos expostos ao orvalho, ou ao respingo das ondas, o madeiro á chuva, &c.

O que he, ou está *humido*, secca-se: o que está *molhado* enxuga-se. (Veja-se o artigo 348.)

*Humido* he o Latim *humidus*: *molhado* he o Latim *madidus*, e tambem *vuidus*.

### Barbaridade – Crueldade – Ferocidade

*Barbaridade* refere-se ao estado do sujeito: *crueldade* e *ferocidade* ao character e disposição habituaes da alma.

He *barbaro* o homem. que não goza os beneficios da

civilisação, cujas faculdades moraes e intellectuaes não estão desenvolvidas. He *cruel*, ou *feroz*, o homem de character sanguinario, que se deleita em fazer sofrer, e ver sofrer os outros; que propende para derramar sangue, e em derramal-o se compraz.

O homem *barbaro* mata talvez os seus prisioneiros, porque os tem por inimigos, e julga que só com a morte delles assegura a sua existencia e socego. Alguns povos *barbaros* matão os velhos, com o fim de os livrar de huma existencia penosa, &c. Esta *barbaridade* he filha do erro; nasce da falta do conveniente desenvolvimento da razão, dos sentimentos moraes, e das affeições benevolas.

O homem *cruel* ou *feroz* tambem mata os seus prisioneiros, mas dá-lhes primeiro horriveis tormentos; compraz-se de os ver sofrer; dança em roda das fogueiras, e talvez lhes bebe o sangue. Esta *crueldade* e *ferocidade* nasce de huma fereza natural do coração, suppõe a perfeita insensibilidade aos affectos de benevolencia, de compaixão e de humanidade; suppõe o homem totalmente desnaturado; suppõe hum monstro.

A *barbaridade* encontra-se nos povos selvagens, ou naquelles que apenas tem entrado no estado de civilisação. A *crueldade* e *ferocidade* tambem se encontra, e não poucas vezes, nas nações civilisadas e polidas! (Veja-se artigo 257.)

A *ferocidade* he o requinte da *crueldade*: he a *crueldade* levada ao mais alto grão.

#### Boas acções — Boas obras

Chamámos em geral *boas acções* todas as que conformão com a razão, com as leis, com as regras da virtude:

e chamâmos em particular *boas obras* todas as que nascem da fé e da caridade christã, e são uteis á salvação eterna do homem; e ainda mais especialmente aquellas que dizem respeito á caridade para com o proximo infeliz.

Por onde toda a *boa obra* he huma *boa acção*, mas não ao contrario.

*Boas acções* he expressão do estilo commum: *boas obras* he mais do estilo religioso, ou theologico.

Combater o vicio he huma *boa acção*: guardar a integridade da justiça; resistir aos encantos do prazer, ás tentações da ambição; recusar o emprego que não podemos desempenhar; dizer sempre a verdade; guardar as leis da cortezania, quando se não oppõe ao dever, &c., &c., são *boas acções*, e podem não ser *boas obras*, se forem corrompidas na sua origem, nos seus motivos, ou nos seus fins.

Soccorrer o infeliz, visitar os doentes e encarcerados, alliviar a sua miseria, vestir os nus, &c., &c., são *boas obras*, e tambem o são todas aquellas que fazemos na ordem da vida religiosa, e que tem o seu fundamento na fé e na caridade.

### Marinho — Marítimo

*Marinho* he o que nasce no mar, e nelle se cria, vive e habita: *marítimo* he o que pertence e diz respeito ao mar, ou seja por sua natureza, ou por visinhança, ou por alguma relação politica.

Dizemos sal *marinho*, deoses *marinhos*, plantas *marinhas*, concha *marinha*, animal *marinho*, boi *marinho*, cavallo *marinho*, &c.; e dizemos povo *marítimo*, praias *maritimas*, campos *maritimos*, povoação *maritima*, commercio *marítimo*, forças *maritimas*, cidades *maritimas*, &c.

**Madeira — Lenha**

Parece que ha entre estes dous vocabulos portuguezes a mesma differença, que já notou hum jurisconsulto Romano entre os dous vocabulos latinos correspondentes *materia* e *lignum*.

*Materia* (diz Ulpiano), *est illa quae ad aedificandum, fulciendumve aedificium est necessaria; lignum vero quicquid comburendi causa comparatum est.*

Assim damos o nome de *madeira* á parte solida das arvores, depois de cortadas, que serve para qualquer genero de obra, para edificios, trastes, moveis, utensilios das artes, &c.; e damos o nome de *lenha* á parte das arvores e matas, arbustos, &c., que cortada, e feita pedaços, se destina para queimar, para fazer fogo. Os restos da *madeira*, que já não servem, ou se não podem aproveitar para obra, guardão-se para *lenha*.

**Ameaçar — Comminar**

*Ameaçar* he annunciar ou fazer entender a alguém com palavras ou gestos o mal que lhe havemos de fazer. *Comminar* he *ameaçar legalmente*; he annunciar a alguém com palavras o mal que a lei manda fazer-lhe no caso de faltar á sua observancia; ou o mal que o juiz ou o que tem auctoridade publica lhe fará se não obedecer ás suas ordens.

Assim que toda a *comminação* he *ameaça*; mas nem toda a *ameaça* he *comminação*. *Ameaça* he genero, *comminação* he especie.



### Embrião — Feto

*Embrião* tem significação mais ampla; he mais generico: *feto* mais restricta. O primeiro diz-se do homem, do animal, das plantas; e tambem se usa no sentido translato: o segundo sómente se diz do homem e do animal, e sómente se diz no sentido proprio.

*Embrião* quer dizer o corpinho ainda informe do homem, ou do animal, no ventre da mãe, ou da planta na semente, no qual se não distinguem os membros do animal, ou as partes da planta, nem a sua organização, e apenas talvez se divisão os seus primeiros lineamentos confusos, mal formados e não desenvolvidos.

*Feto* quer dizer o corpinho do homem ou do animal no ventre da mãe, quando nelle apparecem já todas as suas partes, hum pouco mais desenvolvidas e menos confusas, e se reconhece facilmente a sua organização e determinada figura que lhe he propria.

### Offensa — Injuria — Affronta — Ultrage — Contumelia

*Offensa*, segundo a sua composição etymologica (de *ob*, em presença, e *fendo*, violar, dar de encontro), deveria exprimir o mau tratamento fysico, que se faz a alguem em sua pessoa; e neste sentido parece que o tomou o auctor da *Malaca Conquistada*, dizendo que o mouro tinha sido mais sensivel á *offensa*, que á *injuria*. Comtudo no sentido vulgar damos á *offensa* huma significação mais ampla, e talvez denominámos com este vocabulo certas acções, que nos não atreveriamos a quali-

ficar de rigorosamente *injuriosas*. Assim hum sinal de menos respeito, huma falta de attenção, de civilidade, de polidez, de delicadeza nos *offende*, sem todavia nos *injuriar*. Por onde parece que *offensa* exprime menos que *injuria*, e tem, por isso mesmo, mais extensa applicação.

*Injuria*, considerando tambem a sua composição etymologica (de *in*, contra, e *jus*, direito), deveria exprimir toda a acção voluntariamente praticada contra razão e direito, e neste sentido chamariamos *injuria* a acção *offensiva*, que se fizesse a alguem, por ditos, ou factos, na pessoa, na honra, na fama, na fazenda, nos interesses, &c., indo contra qualquer dos seus legitimis direitos. Comtudo na accepção commum damos com particularidade o nome de *injuria* a certas acções, ou ditos, que nos desauthorisão, que nos aviltão, que deprimem a nossa auctoridade ou character, que nos offendem emfim na pessoa, na fama, na honra, e que nos farião perder a estima e o respeito que nos he devido, se as sofressemos sem alguma grave demonstração de sentimento.

*Injuria* he hum genero, que comprehende varias especies. Se consiste em palavras chama-se *convicio*: se consiste em palavras proferidas na propria presença da pessoa injuriada chama-se *contumelia*. Se consiste em alguma acção atrevida e insolente contra o decoro e honra da pessoa, principálmente sendo praticada pelo inferior a respeito do superior e em sua presença chama-se *affronta*: finalmente se consiste em alguma acção excessiva e exorbitantemente *injuriosa* chama-se *ultraje*.

Em geral, porém, a applicação destes vocabulos he de tal modo dependente do uso, da opinião, da força e desenvolvimento dos sentimentos moraes, da qualidade e circumstancias das pessoas, &c., que não será difficil encontrar quem chame *injuria*. *affronta*, ou *ultraje*, o que

não merece esse nome, ou quem faça talvez por obsequio o que he verdadeiramente *injurioso*, e até *affrontoso*.

### Comparar — Confrontar — Cotejar

*Comparar* huma ou mais cousas com outra, ou com outras, he tel-as presentes ao mesmo tempo, e examinar com reflexão já huma, já outra, com o fim de notar as semelhanças, ou differenças que entre ellas ha.

*Confrontar* he *comparar* duas ou mais cousas, pondo-as frente a frente.

*Cotejar* he *comparar* muitas vezes duas ou mais cousas, pondo-as humas ao lado das outras.

*Comparar* he termo generico: diz-se de qualquer *comparação* tanto real, como meramente intellectual, ou abstracta: *comparão-se* as idéas e os seus objectos. *Confrontar* e *cotejar* são termos de significação mais restricta: *confrontão-se* e *cotejão-se* os objectos reaes presentes, hum homem com outro homem, hum painel com outro painel, hum animal com outro animal. Differença-se entre si por exprimirem differente modo de collocar os objectos para os *comparar*, e pela particular terminação frequentativa do verbo *cotejar*, que acrescenta alguma cousa á sua significação: por onde diremos com mais propriedade *cotejar*, v. gr., os lugares de hum manuscrito com o seu original, e *confrontar*, v. gr., o reo com as testemunhas, &c.

### Dignidade — Magestade

A *dignidade* consiste propriamente nas qualidades do sujeito, aindaque tambem se possa manifestar nas cou-

sas externas. A *magestade* parece que consiste primariamente no apparato exterior das pessoas que pertencem ás classes mais elevadas da sociedade, aindaque tambem dependa das qualidades do sujeito.

Ajuntámos algumas vezes estes dous vocabulos, e dizemos que alguém se apresenta revestido de *dignidade* e *magestade*: que faz as funcções publicas com grande *dignidade* e *magestade*, &c.

Nestes casos *dignidade* refere-se em especial á continencia da pessoa; *magestade* ao apparato e pompa externa do ceremonial. Presença respeitavel; sizudeza e seriedade não severa, mas grave e ao mesmo tempo affavel; repouso mesurado nas acções e gestos, &c., constituem a *dignidade*. A magnificencia, riqueza, e talvez profusão do apparato externo constitue a *magestade*.

Hum e outro vocabulo sómente se pôde empregar com propriedade, falando de grandes senhores, de principes, de magistrados, generaes, &c., emfim de pessoas constituidas nas classes, ou nos empregos mais elevados da sociedade.

## 436

## Ver — Perceber

Todos sabem que nós não podemos *ver* os objectos, nem *ouvir* os sons, nem *gostar* os sabores, &c., sem *perceber* a impressão que elles fazem sobre os nossos órgãos externos, e que neste sentido logico *perceber* entra na significação dos vocabulos *ver*, *ouvir*, *gostar*, &c., a qual comprehende a acção dos objectos externos sobre os nossos órgãos dos sentidos, a transmissão desta impressão até ao cerebro, e a apprehensão e *percepção* que della faz e tem o nosso espirito.

Não he neste sentido que tomámos aqui o vocabulo *perceber*.

Muitas vezes porém na locução vulgar dizemos, por exemplo, que he facil *ver* os acontecimentos publicos, mas difficil *perceber* as molas particulares e occultas, que põem em acção os homens e as cousas. Que os amantes usão de todo o genero de disfarce, para que ninguém *veja* a expressão reciproca de seus sentimentos, mas que o observador attento *percebe* a hum simples volver de olhos a paixão de que estão possuidos, &c.

Do mesmo modo dizemos, por exemplo, que *ouvimos* musica, mas não podemos *perceber* os instrumentos de que se compõe, nem a peça que se toca; que *ouvimos* palavras, mas não *percebemos* o que se diz; que *ouvimos* som, mas não podemos *perceber*, nem a sua origem, nem de que parte vem, &c., &c.

Nestas frases, e nas outras analogas, respectivas aos outros sentidos, *ver*, *ouvir*, &c., exprimem precisamente a sua significação usual: *perceber* exprime alguma coisa mais, e envolve na sua significação o conceito que fazemos do objecto, não só pelo que elle apresenta aos nossos sentidos, mas tambem (digamos assim) pelo que elle esconde; pelo que só fugitivamente nos quer mostrar, ou por accidentes miudos e delicados, que talvez escapão á acção ordinaria da vista.

O vulgo *vê* os acontecimentos que se passam diante dos seus olhos: o homem reflexivo *percebe* talvez as causas delles, reflectindo em accidentes miudos, que na verdade acompanhão esses acontecimentos, mas que não são alcançados senão pelo observador attento.

*Vemos* olhando: *percebemos* reflectindo, discernindo, analysando. *Vemos* de qualquer modo: *percebemos* vendo com distincção, com agudeza, com penetração.

*Ouvimos* a harmonia confusa dos instrumentos que toção ao longe, mas não *percebemos*, isto he, não discer-

nimos, por causa da distancia, nem os instrumentos que se tocão, nem a combinação dos sons de cada hum. O echo de huma sala confunde muitas vezes o som dos instrumentos que nella se tocão e se *ouvem*, e não deixa *perceber* as miudezas delicadas da harmonia, e do jogo musico da composição, &c., &c.

### Guerreiro — Bellicoso — Marcial

A terminação em *eiro* he frequente no idioma portuguez para caracterisar o officio, a occupação habitual, o emprego permanente de alguém. Assim carpinteiro, ferreiro, padeiro, pedreiro, marceneiro, tendeiro, barqueiro, carreiro, mensageiro, &c., &c. Pelo que homem ou povo *guerreiro* quer dizer propriamente o que he dado á guerra; o que faz frequentemente a guerra; o que faz (digamos assim) da guerra o seu officio, o seu emprego habitual. E por huma razão analogá chamâmos, v. gr., musica *guerreira* a que se usa na guerra, a que recorda os habitos da guerra; apparatus *guerreiro* o que se observa e pratica habitualmente na guerra, &c., &c., costumes *guerreiros*, &c.

A terminação em *oso* exprime, como já dissemos em outro logar (artigo 205), a inclinação, a propensão, a facilidade natural para alguma cousa, e tambem a plenitude de huma qualidade: pelo que nação, ou povo *bellicoso*, quer dizer o que he inclinado á guerra, o que ama a guerra, o que tem natural propensão, e genio e gosto para ella.

A terminação em *al* caracteriza (digamos assim) huma relação de pertinencia, de proveniencia; exprime o que he pertença ou dependencia de alguma cousa, ou della

provém, ou com ella tem relação (artigo 135). Assim *marcial* exprime, litteral e rigorosamente falando, o que diz relação a Marte, deos da guerra entre os antigos, o que he pertença, ou dependencia, accessorio, ou effeito do deos Marte, &c.

Pelo que animo *marcial*, continencia *marcial*, coragem *marcial*, valor *marcial*, &c., quer dizer o animo, continencia, coragem e valor *marcial*, que por sua gentileza, nobreza, elevação e superioridade fazem lembrar o deos da guerra, e parecem qualidades por elle communicadas, ou inspiradas.

### **Campo – Campina – Campanha**

*Campo*, como já dissemos (artigo 271), he hum espaço mais ou menos extenso de terra chãa.

*Campina* he hum campo grande, hum campo extenso, que talvez em parte se cultiva, e serve ordinariamente ao pasto dos gados e rebanhos.

*Campanha* são *campos*, ou *campinas* continuadas; planuras extensas e espaçosas, parte cultivadas, parte incultas, ou de pousio, &c., que talvez se encontrão proximas a alguma grande povoação, da qual tomão o nome, como a chamada *campanha* de Roma, que era parte do Lacio. Hum poeta portuguez diz as *campanhas* do Ponto, da Tessalia, &c. Vieira fala algumas vezes das *campanhas* do Brazil, &c. (*Sermões*, tom. 6.º, pag. 390.) Os Francezes lhe dão hoje ás vezes o nome de *savanes*, que parece significar grandissimas extensões de terreno plaino. He o vocabulo castelhano *sabana*, que tambem se acha nos antigos documentos portuguezes, e significava *lençol*. grande toalha, ou panno, &c., do Grego *σαβανον*.

## Obscurecer – Offuscar

*Obscurecer* hum objecto he precisamente tirar-lhe a luz: *offuscar* hum objecto he interpor entre elle e o espectador alguma cousa, que não só o não deixa ver tal como elle he, mas até o representa manchado com nodos, e talvez ennegrecido.

A noite *obscurece* os objectos, e não os *offusca*: as nuvens *obscurecem* e talvez *offuscão* o sol, tirando-lhe a luz, e fazendo que o vejamos como assombrado e cuberto de nodos.

Hum homem *obscurece* a gloria de outro, diminuindo a luz e claridade de seus louvores, não dando ás grandes acções o lustre que ellas merecem. Outro *offusca* a fama ou a gloria do seu inimigo manchando a sua reputação, pondo nodos em seus procedimentos, attribuindo-lhe defeitos, que o desdourão e deslustrão.

Attendendo á especifica significação de *offuscar* se conhece a razão por que este verbo se applica tanto ao objecto, como á potencia, &c.

As paixões *obscurecem* o entendimento, tirando-lhe a luz, e tambem o *offuscão* levantando nuvens, que cobrem os objectos de apparencias falsas e enganosas, &c.

## Artificial – Artificioso

*Artificial*, segundo a sua terminação (artigo 135) quer dizer o que provém da arte, ou a ella pertence: *artificioso*, segundo a sua terminação (artigo 205) quer dizer o que he cheio de arte, o que mostra (digamos assim)



a plenitude da arte, o que he feito com muita arte, e com grande engenho.

A obra *artificial* he producto da arte, he feita pela arte, imitando a natureza; não he natural. Assim dizemos canal *artificial*, o que não he feito pela natureza, mas pela arte; monte *artificial*, chuva *artificial*, gruta, cascata, arvore *artificial*, &c.

A obra *artificiosa* he executada com exquisita e apurada arte; he producto da arte aperfeiçoada, suppõe hum artifice consummado. Assim huma estatua falante, he huma obra artificiosa, &c.; huma maquina que mostra o systema do mundo, e os movimentos dos astros, &c.; hum relógio he huma maquina artificiosa, &c.

Semelhantermente se devem entender outros vocabulos, que mostrão entre si analogas differenças e mutuas terminações.

#### Penetrante — Penetrativo

A terminação em *ante* caracteriza a actualidade da acção, como já temos dito em outros artigos. A terminação em *ivo* caracteriza a potencia, a virtude, a força de fazer alguma cousa. Assim *confortativo*, o que tem a virtude de confortar; *corrosivo*, de corroer; *augmentativo*, de augmentar; *justificativo*, de justificar, *operativo*, de abrir; *causativo*, de causar; *sensitivo*, de sentir; *productivo*, de produzir; *auditivo* (orgão), de ouvir; *visivo*, de ver, &c.

Pelo que *penetrante* he o que penetra actualmente; *penetrativo* he o que tem a virtude de penetrar. Diremos ferida *penetrante*, e ferro *penetrativo*.

Analogamente se hão de entender os outros vocabulos. que sendo de identica origem, mostrão a mesma

diferença de terminações. Assim *justificante* e *justificativo*, *causante* e *causativo*, *nutriente* e *nutritivo*, &c.

### Original — Originario

O que he *original* pertence á origem, refere-se á origem, recebe a origem. O que he *originario* refere-se aos que d'elle descendem, dá a origem.

Peccado *original* he o que contrahimos da origem: pintura *original* he a que veio da origem. Fonte *originaria* he a que dá origem a outras: esplendor *originario* he o do sol, que se communica aos outros corpos.

*Original* tem hum sentido absoluto, he o que pertence á origem. *Originario* suppõe cousas que d'elle descendem, ou se derivão.

Significação *original* de hum vocabulo he a que elle tem ou teve de sua origem: significação *originaria* he aquella d'onde outras derivão, ou aquella que depois foi passando por varios e differentes estados.

### Servo — Escravo — Captivo

Estes vocabulos exprimem a qualidade da pessoa, que não goza plenamente da sua liberdade, e nisto são synonymos: differençã-se porém, tanto pelas differentes maneiras, com que se pôde perder a liberdade, como pelos differentes grãos em que ella se perde.

*Servo*, postoque derivado do Latim *servus*, tem com-

tudo no nosso idioma mui differente significação. Os Latinos designavão por *servus* o que nós hoje chamámos *escravo*; e por *famulus* o que nós talvez designámos por *servo*.

Assim não he raro entre nós dizermos de hum criado, de hum jornaleiro, de hum feitor, &c., que he bom e fiel *servo*. Esta denominação nada tem de vil, ou abjecta. Della usão os Romanos Pontifices no seu titulo, chamando-se *servos dos servos de Deos*: della usámos nós também, denominando *servos* de Deos os que se dão á vida devota; chamando talvez bons *servos*, ou *servidores* do Estado, da Igreja, &c., os que *servem* o Estado e a Igreja com zêlo, intelligencia e fidelidade; e finalmente dando-nos a nós mesmo o titulo de *servos* de alguma pessoa a quem queremos mostrar por esse modo a nossa veneração e respeito. Em nenhum destes casos seria admissivel o vocabulo, ou a denominação de *escravo*; nem *servo* se pôde tomar nesse sentido nas frases indicadas.

Da palavra *servo* derivámos *serviço*, *servidão* e *servidor*, e também aqui se manifesta o capricho da lingua: porquanto *serviço* exprime o trabalho, a obra, os actos, tanto do *servo*, como do *escravo*, e refere-se indifferentemente a qualquer genero de *serviço* forçado, ou voluntario, feito ao publico, ou ao particular, por obrigação ou por obsequio, por paga ou sem ella. *Servidão* parece mais relativo a *escravidão*, mas *escravidão* sómente se diz das pessoas, e *servidão* também das cousas, e exprime propriamente o estado da pessoa, ou cousa, que he obrigada a algum *serviço* coactivo, forçado, perpetuo. *Escravidão* he mais forte que *servidão*; esta opprime, aquella destroe a liberdade. A *servidão* abate, envilece; a *escravidão* embrutece; a *servidão* impõe hum jugo; a *escravidão* hum jugo de ferro: a *escravidão* emfim he a mais dura e a mais rigorosa das *servidões*. *Servidor* he propriamente, segundo a força da sua terminação, o que

serve habitualmente, o que tem esse officio, o que nisso se emprega, &c.;

*Escravo* he vocabulo tomado, ao que parece, da lingua germanica. Com elle qualificámos em geral a pessoa que se acha totalmente privada da sua liberdade, que está no pleno poder e propriedade de outrem. Neste sentido chamámos *escravos* os que vendem a propria liberdade, os que nascem sem o uso della de pais *escravos*, aquelles cuja liberdade foi vendida pelos pais, &c.

Quando porém alguém perdeo a liberdade, em consequencia de ser feito prisioneiro de guerra por alguma das nações que ainda usão deste barbaro direito, nesse caso se denomina propriamente *captivo*, vocabulo que exprime, em rigor, o mesmo que tomado violentamente, apprehendido por força e violencia. E d'aqui vem que, no sentido figurado, chamámos *escravo*, ou *captivo*, v. gr., dos vicios, a pessoa que delles se acha dominada, e preza por tal maneira, que quasi se não pôde subtrahir á sua tyrannia: assim como chamámos, em sentido menos odioso, *captivo*, v. gr., de huma formosura aquelle, que della se sentio, como violentamente arrebatado, prezo e subjugado. &c.

444

#### Turba — Turma — Caterva — Chusma

Todos estes vocabulos são *collectivos*, e exprimem em geral multidão de pessoas, mas com sua differença.

*Turba* parece referir-se especialmente a hum consideravel multidão confusa de pessoas, sem ordem, e sem separação de sexo, de idade, de classe.

*Turma* significava entre os Romanos hum companhia de trinta e dous soldados a cavallo, debaixo do mando de hum decurião. No idioma portuguez não tem significação tão determinada, mas toma-se por hum certo numero de

soldados, ou tambem de pessoas, que estão juntas para o mesmo fim, e com alguma ordem.

*Caterva* significava na lingua latina multidão de soldados, principalmente das nações barbaras; por onde tomou entre nós a significação generica de multidão indeterminada de gente, sem ordem, confusa, &c., mas com a idéa accessoria de gente baixa e desprezível, de mau character e de maus costumes; e tambem se diz das cousas inanimadas, *caterva* de náos, *caterva* de livros, sempre com idéa de desprezo.

Finalmente *chusma* tambem significa multidão de gente, mas refere-se em sentido mais proprio e especifico á gente de serviço dos navios e galés, talvez á *caterva* de escravos que andão ao remo, &c. E analogamente se applica aos animaes, e ás vezes ás cousas inanimadas, mas com a mesma noção de desprezo.

## 445

**Renegar — Abjurar**

*Renegar* he abandonar a religião verdadeira, que se tinha seguido, ou adoptado, e passar a professar huma religião falsa. *Abjurar* he reprovar em publico o erro, que se tinha seguido ou adoptado em materias religiosas.

*Renega*, v. gr., o christão, que abandona a sua religião, para seguir a mahometana, a judaica, ou outra qualquer.

*Abjura* o herege, ou sectario, os seus erros para entrar no catholicismo, ou voltar ao gremio da Igreja.

## 446

**Caravana — Cafla**

Estes dous vocabulos, de origem arabe, são frequentes nos nossos historiadores da Asia, e muitas vezes se

confundem como de significação identica. Mas attendendo á sua origem etymologica, e ainda ao uso que delles se faz, parece que *caravana* se refere directamente a multidão de pessoas, que viajam em conserva para mutua defeza: e *cafila* á multidão de animaes de carga, conduzidos por homens, que tem esse officio, ou emprego.

Desta differença resulta, que o vocabulo *caravana* se applica por analogia a outros objectos, que de nenhum modo se explicariam com propriedade pela palavra *cafila*, assim como *cafila* se diz ás vezes figuradamente em casos, em que não poderíamos empregar *caravana*.

Assim as expedições maritimas dos cavalleiros de Malta contra os mahometanos se chamavão *caravanas* e não *cafílas*: e em frase plebéa chamâmos muitas vezes *cafila* e não *caravana*, a hum ajuntamento de gente vil e de maus costumes.

## 447

**Desaprovar — Reprovar**

*Desaprovar* diz menos que *reprovar*, bem como *desapprovação* diz menos que *reprovação*.

*Desapprovâmos* o que não julgâmos conveniente, nem decente, nem certo, nem conforme ao nosso modo de pensar. *Reprovâmos* o que temos por mau, vicioso, falso, indigno de se fazer, ou de se pensar.

*Desapprovâmos*, quando se nos pede a nossa opinião, o nosso parecer, por via de conselho: a *desapprovação* he opinativa. *Reprovâmos*, quando somos obrigados a dar o nosso juizo, por via de auctoridade: a *reprovação* he dogmatica.

*Desapprovâmos* não dando o nosso assenso, não fazendo juizo favoravel, não achando bom que se faça: *reprovâmos*, talvez com aversão, com indignação, com

desprezo; e talvez prohibindo, condemnando, proscrevendo, &c.

### Talento — Genio

Ambos estes vocabulos exprimem certas disposições naturaes do nosso espirito, relativas ao estudo das sciencias e artes, e aos progressos que nellas fazemos, ou podemos fazer. Nisto podem haver-se como synonymos: ha comtudo entre elles differenças mui notaveis.

O *talento* he commum a muitos: o *genio* he raro.

O *talento* desenvolve-se com o estudo e applicação: o *genio* nem sempre espera por este trabalho; manifesta-se ás vezes antes de todo o estudo e applicação.

O *talento* necessita de ser auxiliado por circumstancias favoraveis: as difficuldades e obstaculos o apoucaõ: a pobreza o soffoca. O *genio* despreza as difficuldades, rompe os obstaculos; nada o contém ou retarda no seu vôo rapido; tudo vence, de tudo triunfa.

O *talento* he methodico, vai pelo caminho trilhado; segue as regras. O *genio* he mais livre na sua marcha; desdenha talvez as regras que o prendem, e o querem circumscrever; inventa caminhos novos; deixa-se guiar da inspiração e do enthusiasmo.

O *talento* analisa, combina, desenvolve, e talvez amplia: o *genio* cria.

O *talento* fará sabios distinctos, bons artistas, habeis guerreiros. O *genio* fará Aristoteles e Newtons, Apelles e Rafaeis, Cesares e Bonapartes.

O *talento* merece estima, respeito e louvor. O *genio* immortaliza o homem que o possue.

O *talento* emfim he huma disposição, aptidão, ou capacidade natural, que faz o homem habil para alguma sciencia, arte, ou profissão.

O *genio* he huma força particular de razão e de intelligencia, que eleva o espirito ás concepções mais sublimes, ou conduz o homem a grandes, nobres e generosas acções.

**Excitar – Incitar – Estimular – Instigar – Provocar**

*Excitar* (do Latim *ex*, e *citare*, ou *ciere*, mover) significa precisamente *mover de . . .*, tirar a pessoa ou cousa do estado de quietação, inercia, apathia, abatimento, &c., e fazer que ella se ponha em acção. *Excitão-se* as forças abatidas no enfermo: *excitão-se* as paixões, que estavam quietas, ou adormecidas: *excitão-se* affectos e desejos, &c.

*Incitar* (do Latim *in*, e *ciere*) significa precisamente *mover para . . .*, fazer que a cousa se ponha em movimento para hum determinado objecto, ou fim; com huma certa direcção. Assim com vozes se *incitão* os cavalloos á carreira; os cães caçadores a buscar a caça; com exemplos e discursos se *incita* o homem para o bem, ou para o mal, &c.

Por onde se vê a differença que ha entre *excitar* e *incitar*, dos quaes vocabulos o primeiro não pede necessariamente que se exprima o fim ou termo da *excitação*, o segundo pelo contrario pede que se designe o fim da *incitação*. Assim *excita-se*, v. gr., o ardor do soldado, e *incita-se* o soldado a entrar no conflicto; *excita-se* no coração do homem o amor da gloria, e *incita-se* o homem a fazer acções gloriosas, &c.

*Estimular* (Latim *stimulare*) he propriamente picar, pungir, ferir com agulhão, talvez nos lugares mais sensiveis: pelo que se toma, no sentido translativo, por *excitar* ou *incitar* vivamente, por hum modo mais urgente,



dar hum impulso mais prompto, mais vivo, mais energico, tal como o que se dá ao animal *picando-o*.

*Instigar* exprime ainda mais que *estimular*. A sua significação suppõe hum *estímulo* mais vivo, mais profundo, huma acção mais penetrante, talvez continuada, ou repetida.

Finalmente *provocar* (chamar fóra) exprime huma especie de desafio, e quando se emprega como synonymo de *excitar*, *incitar*, *estimular*, ou *instigar*, acrescenta á significação destes vocabulos a idéa de hum determinado intento de irritar a cousa, que se *provoca*, a fim de a forçar ao combate. Assim as affrontas *provocão* a colera; os insultos *provocão* a vingança, &c.: as acções baixas feitas em presença do homem honrado *provocão* a sua indignação, &c.

### Imagem — Effigie — Retrato — Simulacro

*Imagem* he de todos estes vocabulos o que admite huma significação mais ampla e mais generica. Nós não só chamámos *imagem* a representação fiel da figura e das fórmás externas de qualquer objecto, mas também dizemos que o primeiro homem foi feito á *imagem* de Deos; que o somno he a *imagem* da morte; que os nossos sentidos transmittem ao espirito as *imagens* dos objectos; que os filhos são a *imagem* dos pais. &c., tomando *imagem* por huma semelhança generica, ou por aquillo que nos representa a idéa do objecto.

*Effigie* he huma especie de *imagem*: significa propriamente a representação expressa da figura e das fórmás externas de hum objecto fysico e real. ou seja feita por meio da pintura. ou da esculptura. ou da gravura, ou de

outra semelhante arte. *Effigie* no sentido proprio sómente se diz das pessoas, e não suppõe huma semelhança tão perfeita como o *retrato*, d'onde vem que chamâmos *effigies* as figuras de Jesu-Christo, dos Apostolos, dos primeiros Pontífices, ou de outras antigas personagens, de que não podemos ter *retratos* propriamente taes.

*Retrato* pois he a *effigie* de alguma pessoa individual, pintada, esculpida, ou gravada á vista do objecto, e com tão exacta semelhança, que he facil reconhecer por ella o seu original.

*Simulacro* he propriamente huma *imagem* vãa, informe e sem realidade, talvez falsa, ou que apenas mostra algum toque do objecto, se este em realidade existe. Assim hum *simulacro* de cidade, hum *simulacro* de virtude exprime falsas, vãs, ou informes apparencias destes objectos: os idolos são *simulacros*, isto he, vãs *imagens* de falsos deoses. &c.

*Effigie* he termo generico, que comprehende algumas especies, entre ellas a *estatua*, que he *effigie*, talhada em relevo inteiro, representando os deoses falsos (que tambem se chamão *idolos*); os heroes, e homens distinctos, &c.; a *figura*, nome que damos especialmente ás *effigies* dos santos, tambem em relevo inteiro, distinguindo-as assim das *estatuas* profanas.

### Profanação — Sacrilegio

No uso commum da linguagem chamâmos *profano* tudo o que não he santo, religioso, sagrado; e neste sentido dizemos, v. gr., livros *profanos*, amor *profano*, templo *profano*, &c., por opposição aos livros santos, ao

amor *religioso* de caridade, aos templos *sagrados* do verdadeiro Deos, &c.

Pelo que *profanar* he fazer *profana* huma cousa sagrada, ou religiosa, e *profanação* he a acção pela qual fazemos *profana*, ou tractâmos como tal, a cousa que he consagrada, ou destinada a usos religiosos.

*Sacrilegio* he propriamente a offensa que fazemos às cousas sagradas, santas, ou religiosas. A *profanação* pôde ser filha do erro, da ignorancia, da inadvertencia, e talvez da urgente necessidade: nestes casos pôde não ser criminosa. O *sacrilegio* suppõe intenção deliberada, e consequentemente he sempre hum crime, mais ou menos grave.

O uso, por exemplo, de hum vazo, ou de huma vestimenta sagrada, em cousas que não pertencem ao culto religioso, he huma *profanação* mais ou menos grave: e será tambem hum *sacrilegio*, se se verificar o deliberado proposito de vilipendiar, escarnecer, ou tractar com desprezo a cousa santa ou religiosa.

O terreno, em que está edificado hum templo, he hum lugar sagrado ou religioso. Quem commette homicidio dentro d'elle, commette huma *profanação*, e he reo de *sacrilegio*. Se o templo porém se demolio, o lugar torna-se *profano*, e já não he *profanação* empregal-o em usos meramente civis e seculares, &c.

### Elogio — Panegyrico

*Elogio* he o discurso que se faz, de palavra, ou por escripto, em louvor de alguma pessoa, ou de alguma sua louvavel qualidade, acção, ou producção.

*Panegyrico* he o discurso eloquente, solemne e pom-

posso, que se recita em publico em louvor de alguma pessoa eminente, e de mui distincto merecimento.

*Elogio* applica-se a qualquer discurso que se faz, ou falando, ou recitando em publico, ou simplesmente escrevendo, no qual se louva alguma pessoa, ou alguma qualidade, ou qualidades da pessoa. Assim fazemos o *elogio* de hum homem benemerito, de huma acção virtuosa, dos talentos de alguém, e até das suas obras e producções litterarias, &c.

*Panegyri* era entre os antigos Gregos, e he ainda entre os modernos, a festa ou solemnidade publica, o ajuntamento geral em que talvez erão coroados homens de eminente merecimento, no meio das acclamações do povo. (Pouqueville, *Voyage dans la Grèce*, 1820, tom. 1.º, cap. 27.) Daqui parece ter vindo a significação, que se deo a este vocabulo, tomando-o pela parte mais principal da solemnidade. No nosso idioma se applica especialmente aos *elogios* sagrados, que se fazem aos santos nas grandes solemnidades ecclesiasticas, e que são recitados em publico, e em grande concurso de fieis, pelo orador a quem se encarrega esse difficil empenho.

Ainda hoje se dá na Grecia o nome de *panegyri* às grandes festas e feiras annuaes. (Ibid., tom. 2.º, cap. 54.)

#### Imitar — Remediar — Copiar — Contrafazer

*Imitar* he fazer o que fazem, ou como fazem os outros: fazer á semelhança. *Imita-se* não alterando o typo que se tomou para exemplar: a isto se chama propriamente *copiar*. *Imita-se* tambem tomando do mesmo typo sómente as feições (digamos assim) geraes, as notas caracteristicas, os pontos mais salientes, as côres domi-

nantes, mas alterando, modificando, aformoseando e ornando, segundo o gosto particular de cada hum. Assim se distingue nos escriptores, e maiormente nos oradores, poetas, &c., a *imitação* servil, da *imitação* livre, sendo a primeira filha de hum talento apoucado e da esterilidade do auctor, e sendo a segunda huma qualidade quasi indispensavel, que ensina o escriptor a apropriar a si as riquezas alheias, e a aproveitar-se dignamente dos trabalhos dos homens illustres, que o precedêrão na mesma carreira.

*Remedar*, ou *arremedar*, he huma especie de *imitação*, he *imitar* os modos ridiculos e affectados, os defeitos, as momices, os biocos, &c., de alguém; he *incitar* zombando, escarnecendo, ridiculizando; *imitar* burlescamente; e tambem se diz ás vezes da *imitação* que se faz, ou pretende fazer seriamente, mas que sahe tosca, grosseira, impropria, e talvez ridicula, &c., á qual damos o nome de *arremedos*.

*Copiar* he outra especie de *imitação*; he *imitar* fiel e exactamente, multiplicando os exemplares (artigo 403), e por isso se diz com mais propriedade da escriptura, pintura, esculptura, &c., e figuradamente do homem que *copia* em si as virtudes, as acções, e o character de outro homem, *imitando-o*.

*Contrafazer* usa-se mais frequentemente no nosso idioma com a significação de contrariar, de fazer contra, e neste sentido dizemos *contrafazer* o genio, a inclinação, o gosto, isto he, fazer o contrario do que elle nos pede. Comtudo usámos tambem do adjectivo verbal *contrafeito*, applicando-o a hum objecto *imitado*, feito conforme a outro: e dizemos flor *contrafeita* pela que he artificial, e imita a natural, por onde mais parece synonymo de *artificial*, que de *imitado*. No mesmo sentido chamámos modos *contrafeitos* os que não são naturaes, os que são inspirados pelo artificio. &c.

**Audacia — Ousadia**

Ambos estes vocabulos tem a mesma origem, mas *audacia* toma-se as mais das vezes em má parte. *Ousadia* tambem se toma em boa parte. *Ousadia* mostra coragem, resolução e firmeza. *Audacia* mostra altivez e temeridade.

Os Latinos exprimão *ousadia* por *audentia*, e *audacia* por *audacia*.

**Acre — Agro — Acerbo**

São vocabulos que exprimem differentes qualidades do sabor.

O sabor *acre* morde e queima, como o do alho, da pimenta, &c.: o sabor *agro* tira a azedo, como o da ginja, e de algumas fructas, e talvez he agradavel: o sabor *acerbo* he azedo-aspero, adstringente como o das uvas verdes, e de outras fructas não maduras.

O *acre* morde e queima, como o alho, a pimenta, a mostarda.

O *agro* tira a azedo, e ás vezes não he desagradavel; como a ginja; o agrião, que he *agro*, tem o nome.

O *acerbo* he azedo-aspero, e de sabor adstringente, styptico; como o da uva verde, e de outras fructas não maduras, fructos silvestres, bravios.

Quando algum destes vocabulos se usa em sentido translató, he necessario empregal-o conforme as differenças de suas significações. Reprehensão *acre*, isto he, forte, vehemente; genio *acre*, isto he, mordaz, caustico: dor *acerba*, isto he, aspera, cruel, dura de sofrer.

### Afundar — Mergulhar — Submergir — Afogar

*Afundar* diz tanto como hir ao fundo; he simples verbo de movimento, e hũm daquelles a que os grammaticos chamão neutros.

*Mergulhar* he precisamente metter na agoa, ou entrar na agoa.

*Submergir* he metter debaixo da agoa.

Finalmente *afogar* he, em sentido proprio, matar o animal tirando-lhe a respiração.

*Afunda* o nadador, quando vai buscar algum objecto ao fundo do rio, do mar, ou do lago: *afunda* a sonda, quando tem o peso competente: *afunda* o buzio o pescador das perolas, &c.

*Mergulha* na agoa o navio até certa altura: *mergulha* tambem o nadador, quando se mette de todo na agoa, e *mergulha* quem quer *afundar*.

*Submerge-se* a embarcação quando fica de todo coberta de agoa: *submergem-se* algumas madeiras para se curarem na agoa antes de servirem á obra que se intenta: *submerge-se* huma povoação quando as agoas a cobrem, e talvez a dominão.

### Jurista — Legista — Direito — Leis

*Jurista* he o que estuda, ou professa a sciencia do *direito*. *Legista* he o que estuda ou professa a sciencia das *leis*. Que differença porêm ha entre *direito* e *leis*?

O *direito* examina as relações geraes dos homens e das sociedades, e deduz dessas relações os deveres, também geraes, que os homens e as sociedades tem entre si. As *leis* applicão os principios do *direito* aos povos, ou sociedades, em particular, considerando-as debaixo das suas relações accidentaes e accessorias, e conforme os seus differentes estados e situações.

Assim as maximas, os principios, as regras do *direito* são universaes, são invariaveis, são de todos os povos, de todos os tempos, de todas as nações. Os preceitos, as determinações, as ordenações das *leis*, são particulares, são variaveis, e devem mudar segundo os tempos e os differentes estados por que hum povo, ou nação, vai successivamente passando, ou segundo a natureza da associação, a forma do seu governo, &c., &c.

Quando dizemos que o corpo das *leis* de huma nação forma o *corpo* do seu *direito*, tomâmos *direito* em huma accepção mais restricta, falâmos do *direito* particular dessa nação constituido pelas *leis*, que são como disse-mos huma derivação e applicação do *direito* universal, commum a todos os povos.

### Colono — Inquilino

Tanto o *colono* como o *inquilino* tomão de arrendamento hum predio para o usarem e desfructarem, por huma determinada paga que devem satisfazer ao dono, ou senhorio. Mas chama-se especialmente *colono* o que arrenda hum predio rustico; e chama-se *inquilino* o que arrenda hum predio urbano, e principalmente cazas para habitar. O primeiro paga huma *pensão*, o segundo hum *aluguer*. (Veja-se o artigo 222.)



**Impubere — Pupillo — Menor**

*Impubere* he o individuo masculino ou feminino da especie humana, que ainda não chegou á idade da puberdade, a qual se fixa commummente para o primeiro nos quatorze, e para o segundo nos doze annos completos.

*Pupillo* he o *impubere*, que deixa de estar no poder paterno, ou por morte do pai, ou por outra alguma causa.

*Menor* he o que tendo já chegado á puberdade, não tem comtudo a idade determinada pelas leis para se reputar maior, e poder governar e administrar os seus bens. Esta idade he entre nós a dos vinte e cinco annos completos.

**Terreno — Territorio — Terra**

*Terreno* refere-se com mais propriedade á agricultura: *territorio* á auctoridade publica e á jurisdição.

Hum *terreno* he secco, humido, productivo, fecundo, &c. Hum *territorio* he extenso, limitado, demarcado, fechado ou aberto, &c.

Dizemos que tal ou tal *terreno* he proprio ou improprio para certo genero de plantações ou sementeiras: e que o *territorio* de tal acaba em taes lugares, ou abrange taes povoações, &c.

*Terra* he termo mui generico: ora se entende pelo globo, em geral, que habitámos, ora pela cidade, villa ou lugar, em que nascemos, e que se diz ser a nossa *terra*, ora pela qualidade do solo com respeito á agricultura, que dizemos ser *terra* boa, *tetra* de pão, *terra* de

prado, &c., ora por alguma porção notavel da sua superficie, como *terra* de França, *terra* de Italia. &c.

*Terreno* e *territorio* tem significações mais especificas.

### Preguiça – Acidia

Na linguagem dos theologos moralistas, falando do setimo vicio capital, emprega-se algumas vezes o vocabulo *acidia* quasi como synonymo de *preguiça*. O mesmo Bluteau, no *Vocabulario* diz: «*Acidia*, hum dos sete peccados mortaes, a saber: *preguiça* e *negligencia*, com que a alma se retira das cousas espirituaes e divinas». Mas nessa mesma linguagem, e nesse mesmo sentido, ha entre os dous vocabulos huma notavel e mui substancial differença.

*Preguiça* he fugir das cousas espirituaes, como difficeis, laboriosas, molestas. *Acidia* he fugir das cousas espirituaes por tédio, aversão, repugnancia, aborrecimento, e talvez desprezo.

A *preguiça* sacrifica o dever religioso á inacção, á inercia, que he o character do preguiçoso. A *acidia* aborrece a obrigação religiosa; e a desprezaria e repugnaria. aindaque lhe não custasse esforço. ou trabalho algum.

### Obrepticio – Subrepticio

São dous vocabulos mui frequentes na linguagem juridica, mas nem sempre usados conforme a sua verdadeira differença.

*Obrepticio* he formado do Latim *ob-repo*: *subrepticio* do Latim *sub-repo*. O primeiro exprime o que se offerece

à vista ou consideração de outrem occulta e fraudulentamente, e como por baixo de mão: o segundo exprime o que se subtrahê ao conhecimento e consideração de outrem, com fraude e occultamente.

Assim no sentido juridico ha *obrepção*, quando, v. gr., astuta e artificiosamente se allega, ou offerece como verdade a falsidade: e ha *subrepção*, quando se subtrahê a verdade, ou parte della ao conhecimento do superior ou juiz.

Huma allegação, supplica, ou representação he *obrepticia*, quando com malicia apresenta factos falsos: he *subrepticia*, quando occulta a verdade, ou parte della, ou as circumstancias, que a farião conhecida no seu verdadeiro aspecto.

Hum rescripto, huma resolução, huma ordem he *obrepticia*, quando foi dada sobre factos falsos, e falsamente allegados: e he *subrepticia*, quando foi dada sobre factos verdadeiros, mas desfigurados e diminutos, pela subtracção de circumstancias substanciaes, e que serão necessarias para o exacto conhecimento da verdade.

### Fingido — Dissimulado

O *fingido* representa o que não he: o *dissimulado* encobre o que he. (Veja-se o artigo 370, em que já notámos a grande differença que ha entre *fingir* e *dissimular*, postoque algumas vezes se confundão, e se usem como synonymos.)

Diogo do Couto, Dec. 4.<sup>a</sup>, liv. 8.<sup>o</sup>, cap. 14.<sup>o</sup>, falando de Abrahão Baxa, grande privado do Gram-Turco Soleimão, e encarecendo o muito que favorecia os christãos, diz que por esta causa a mãe e a mulher de Soleimão lhe chamavão *turco fingido* e *christão dissimulado*, querendo

nisto dizer que era *christão*, mas que o encobria e disfarçava, mostrando-se *turco* sem o ser. &c.

#### Rebanho — Grei — Armento — Manada

*Rebanho* he propriamente o ajuntamento de animaes quadrupedes que vivem de pasto. Parece ser o termo mais generico de que usâmos.

*Grei* he o rebanho de animaes menores, carneiros, cabrões, ovelhas, cabras, &c.

*Armento* he o rebanho de animaes maiores, bois, vacas, cavallos, egoas.

*Gado* he termo colectivo.

#### Basto — Vasto

Estes dous adjectivos não são synonymos. *Basto* exprime o que he composto de muitas cousas postas mui juntas humas das outras, como *basto arvoredo*, *bastos salgueiros*, *mato basto de espinhos*, &c.

*Vasto* exprime o que he muito extenso, e excede nisso a medida ordinaria das cousas da sua especie: assim *cidade vasta*, *vastos desertos*, *vasta solidão*, &c.

#### Penna — Pluma

*Penna* diz-se das que são mais grossas, e mais duras, como são as das azas e caudas das aves. *Pluma* he proprio para exprimir as outras *pennas* mais brandas, mais

pequenas, mais macias, ao tacto das quaes he revestido o corpo das aves. Assim dizemos que a ave começa a *emplumar* quando começam a nascer-lhe as *plumas*, ou a *plumagem* por todo o corpo: e dizemos que está *empennada*, ou começa a *empennar*, quando tem chegado ao crescimento conveniente para se formarem e tomarem consistencia as *pennas* maiores das azas e cauda. *Pluma* porém he tambem maior e mais grossa que a simples *pennugem*, porque esta consiste nos primeiros *pellosinhos* que apontão, quando a ave começa a querer *emplumar*. Assim dizemos analogamente a *pennugem* da barba do homem, o primeiro pello fino, tenue, brando, que aponta; e *pennugem* da fructa, v. gr., do pecego, o cotão que elle tem sobre a casca, &c.

#### Tyranno — Despota

Estes vocabulos na sua origem grega significão simplesmente o senhor, o principe, que governa huma provincia, cidade ou reino, com auctoridade e poder absoluto. Mas no uso das linguas modernas tem cada hum delles tomado huma significação propria. que os distingue entre si. Chamâmos *despota* o que governa com poder e auctoridade absoluta, isto he. que se julga superior ás leis e isento dellas; que não tem outras regras, nem outras leis de governo senão o seu entender, ou a sua vontade e o seu querer; que julga poder fazer tudo o que lhe apraz, sem attenção aos merecimentos, direitos, ou justiça dos subditos; emfim *que os governa como hum senhor a seus escravos*, que he propriamente e em rigor o que quer dizer *despota*.

Chamâmos *tyranno* o que ao poder absoluto, e talvez usurpado do despotismo, ajunta hum character cruel e san-

guinario; que não faz caso algum, antes faz jogo da vida, da honra e dos bens dos subditos; que os sacrifica aos seus odios, às suas vinganças, aos seus interesses, aos seus caprichos, às suas suspeitas e desconfianças, e quẽ tem por nada, ou talvez se compraz, de derramar sangue, ou de atormentar as miseraveis e desgraçadas victimas, que lhe estão sujeitas.

Por aqui se vê a differença que fazemos entre *despota* e *tyranno*, e se conhece tambem que postoque do *despotismo* seja mui facil passar á *tyrannia*, comtudo pôde, absolutamente falando, haver hum *despota* que não seja *tyranno*, quando, v. gr., a bondade do coração, e a humanidade e natural brandura do *despota* supprir ao que lhe falta de respeito á auctoridade das leis, e às santas e invariaveis regras da justiça e do dever.

### Buscar — Procurar

Muitos vezes se empregão estes dous vocabulos como synonymos; mas ha entre elles huma differença bem notavel.

*Buscar* he fazer diligencia para achar e descobrir. v. gr., huma cousa ou pessoa que está escondida, que está encoberta, que se perdeu, ou está perdida, ou tambem huma cousa que está ausente para a trazer e fazer presente.

*Procurar* he curar, tractar com diligencia, com zêlo. talvez com empenho, huma cousa, hum negocio, huma pessoa, &c. He certo que quem *busca* huma cousa tem algum *cuidado* della, e neste sentido se pôde dizer que a *buscámos*, ou *procurámos*. Mas esta synonymia não dá lugar a se dizer *buscar* por *procurar*. Assim *procurá-*

mos hum negocio, huma causa; e não a *buscámos*. *Procurar* a morte a alguém, não he *buscal-a*, nem tam-bem se diz que *buscámos* a administração, v. gr., dos bens e da pessoa do pupillo quando a *procurámos*, e tractámos della.

### Reputação — Fama — Celebridade

*Reputação* parece exprimir precisamente o juizo, opi-nião, ou conceito que os outros homens fazem, ou tem de nós, com respeito aos costumes e procedimentos. Neste sentido se diz que tal, ou tal pessoa, tem boa ou má *reputação*, isto he, que a opinião dos outros lhe at-tribue bons ou maus costumes, bons ou maus procedi-mentos. E d'aqui vem que, quando queremos exprimir outro genero de reputação, acrescentámos ordinariamente hum vocabulo que determine o nosso pensamento, di-zendo, v. gr., que este ou aquelle homem tem boa. ou má *reputação litteraria*; tem grande *reputação de sabio*; tem *reputação de bom militar*, &c.

*Fama* he o juizo que corre no publico, ou conceito que se faz de nós em consequencia de qualidades, ou acções notaveis boas, ou más, mas que fazem falar de nós, e divulgar-se esse juizo communicando-se de huns a outros por palavras. Hum homem póde adquirir *fama* por suas virtudes eminentes, por algum talento util, por huma empreza difficil, por hum grande crime, e por qualquer acção publica e notavel em bem, ou em mal.

*Celebridade* he propriamente a fama do homem illus-tre em virtudes, ou talentos uteis, cujos louvores são exaltados por toda a parte, e em todos os tempos.

*Reputação* sómente convem ás pessoas: *fama* e *cele-bridade* tambem se applica ás cousas.

### Jornada – Viagem – Peregrinação

*Jornada* parece ser propriamente a que se faz por terra de hum para outro determinado lugar, em que se gasta pelo menos hum dia, ou grande parte delle. Fazemos *jornada* de Lisboa a Coimbra, do Porto a Braga, &c.

*Viagem* parece que significava entre os antigos mais particularmente a que se fazia por mar. Hoje he tambem usado para significar jornadas continuadas a differentes terras, dentro ou fóra do paiz, ou mesmo jornada dilatada a huma determinada terra. Assim dizemos, fazer *viagem* ao Rio de Janeiro, á India, a Inglaterra; e tambem fazer huma *viagem* a França, a Allemanha; fazer huma *viagem* pela Europa, pelo reino, por huma provincia, &c.

*Peregrinação* exprime propriamente jornadas repetidas em terras estranhas, sem habitação permanente; andar em paizes estranhos de cidade em cidade, de reino em reino, &c. Hoje adopta-se nesta significação o vocabulo *viagem*; quasi que só empregâmos *peregrinação* para significar a viagem a terras estranhas apprehendida por motivo religioso, e neste sentido dizemos, fazer huma *peregrinação* a Roma, a Compostella, a Jerusalem, &c. Em estilo devoto diz-se que a nossa vida he *peregrinação*, porque em realidade, segundo a expressão de S. Paulo, *ad Hebr.*, v. 13 e 14, não temos no mundo cidade permanente, mas buscâmos a futura, aonde habitaremos para sempre.

### Imposição – Impostura

*Imposição* quer dizer o acto de pôr sobre, e toma-se em sentido physico, ou moral. *Imposição* de hum corpo



sobre outro corpo; *imposição* das mãos sobre o ordi-  
dando; *imposição* de hum tributo sobre os vassallos;  
*imposição* de hum preceito sobre os subditos.

*Impostura* quer dizer pôr sobre alguém crimes que  
não commetto, para o accusar, e tambem pôr sobre si  
virtudes, ou qualidades, que não tem, para embair os  
outros.

### Decencia — Conveniencia

A *decencia* consiste na conformidade das nossas ac-  
ções, trajos, gestos e maneiras com os sentimentos e  
opiniões communs dos outros homens.

A *conveniencia* consiste na relação, ou conformidade  
das acções, trajos, gestos e maneiras de cada hum com  
a sua propria idade, emprego e condição.

He *decente* não ser porfioso na conversação; não falar  
sempre; não tomar a mão em qualquer disputa, quando  
estão pessoas de mais respeito, idade, ou saber, &c.

He *conveniente* á idade viril a sizudeza e reflexão, á  
mocidade a resolução e valor, ao magistrado a gravidade  
e sizudeza, &c.

### Apreçar — Apreciar

São vocabulos que tem a mesma origem, mas a que o  
uso tem dado differente significação.

*Apreçar* he pôr preço, informar-se do preço de al-  
guma cousa que entra em commercio, e he objecto de  
compra e venda.

*Apreciar* he propriamente dar estimação, ter em gran-  
de valor, prezar em muito, fazer apreço.

He do homem de juizo *apreciar* a saude; mas seria

rematada loucura *apreçal-a*, ou pôr-lhe preço, porque o não tem.

#### Preço – Apreço

*Preço* he o custo da cousa, o que se dá por ella ao vendedor, a somma de dinheiro que se dá em troca de alguma cousa ao proprietario della.

*Apreço* he a estimação que se faz da cousa ou pessoa; o caso que della se faz; a conta em que se tem.

Põem-se *preço* ás cousas que são objecto de commercio; faz-se *apreço* das cousas e pessoas sem relação alguma ao seu valor commercial.

#### Desgraça – Adversidade – Calamidade – Desastre

*Desgraça* he accidente infeliz, que mostra o homem decahido da graça de alguma pessoa, ou da fortuna.

*Adversidade* he *caso adverso*, golpe da fortuna contrario aos nossos projectos, ou esperanças, ou aos meios que buscavamos para nossa felicidade.

*Calamidade* he propriamente grande accidente infeliz nascido de phenomenos naturaes. Hum terremoto, huma inundação, hum incendio, são *calamidades*.

*Desastre* he infortunio casual e não esperado, nem presumido, que parece só podia resultar da má estrella do sujeito. A morte do Principe D. Affonso, filho de el-Rei D. João II, foi *desastrada*.

Muitas *desgraças* continuadas fazem o homem *desgraçado*. Huma serie de *adversidades* fazem o homem infeliz, sem prosperidade. Huma *calamidade* faz huma epocha *calamitosa* na historia de hum povo, ou de huma

nação. *Humã desastre faz desastrado o successo, e o momento em que succedeo.*

### Aspecto — Continencia — Catadura

*Aspecto* he o parecer do semblante, o que vemos, ou se nos representa no semblante de outrem.

*Continencia* he não só o *semblante*, mas tambem a pessoa, isto he, toda a apparencia do homem. emquanto indica o seu estado da alma. Comprehende a composição do rosto e membros, e a postura do corpo relativa á expressão das paixões, ou affectos de que o homem está possuido: em huma palavra o ar do rosto, e a postura do corpo.

*Catadura* sempre se usa em mau sentido, e significa o mau aspecto. *Catadura feroz, feia, horrenda, fera, temerosa, &c.*

Vieira, *Sermões*, tom. 6.º, pag. 140: «Mudou tanto de semblante e trajo que a catadura, como verdadeiramente de guerra, era cheia de fereza e de horror, e as roupas não inteiras, mas rasgadas, tintas todas em sangue».

### Atenção — Reflexão — Contemplação

*Atenção* he o estado da nossa alma, quando se fixa sobre o objecto presente examinando-o de todos os lados para bem o conhecer e distinguir de qualquer outro.

*Reflexão* he a operação da nossa alma, quando successivamente, e mais de huma vez, volta ao mesmo objecto com o intento de o examinar novamente, ou mais de espaço.

*Contemplação* he a atenção fixa por longo tempo,

profunda e não interrompida, sobre hum mesmo objecto, que muito nos agrada, ou nos importa, ou excita por algum motivo o nosso interesse, ou a nossa admiração.

## 478

**Alvorço – Alvoroto**

Não são synonyms. O primeiro significa a *alegria inquieta* que se experimenta em hum bem presente, que muito se desejava, ou com a esperança proxima de o possuir, ou com huma cousa de gosto repentina e não esperada. O segundo significa commoção popular. motim talvez sedicioso por causa publica, revolta de gente por causa de perigo real, ou apprehendido.

## 479

**Ter esperança – Ter confiança em alguém**

*Ter esperança em alguém* he aguardar hum bem que appetecemos, e que presumimos que essa pessoa nos dará.

*Ter confiança em alguém* he ter esperança nessa pessoa, com seguridade fundada em boas razões.

## 480

**Ser – Estar**

*Ser* refere-se á essencia e prosperidade do sujeito, e ainda ás suas qualidades e modificações habituaes. O homem *he* mortal; o homem *he* dotado de razão; este homem *he* bom, *he* rico; este edificio *he* grande, *he* regular; este livro *he* novo; a edição *he* elegante, &c.

*Estar* refere-se á posição, ou situação actual do sujeito, ao seu estado. Este edificio *está* velho, *está* acabado; a caza *está* fechada; este homem *está* pobre; aquelle que *era* homem de juizo, *está* louco; este livro que *he* bem escripto, *está* mal impresso, &c.

*Ser* exprime a existencia intellectual.

*Estar* refere-se á existencia real e aos seus modos.

Os classicos confundião estes dous verbos enganados talvez pelo latim.

### Conversar com alguém — Conversar alguém

*Conversar com alguém* he ter conversação, entreter-se falando por algum tempo com essa pessoa.

*Conversar alguém* he tractar frequentemente, ou familiarmente com alguém, talvez conviver com essa pessoa.

### Colher — Colligir

*Colher* he simplesmente haver a si, ajuntando, pondo em guarda.

*Colligir* he haver a si, ajuntando e pondo em guarda com escolha.

*Colhem-se* os fructos da terra no tempo proprio; *colligem-se* raridades, objectos das artes, plantas, moedas, pensamentos de hum ou mais auctores, &c.

Quem *colhe* faz huma *colheita*: quem *collige* faz huma *collecção*.

Quem faz *colheita* de livros, de manuscriptos, &c., forma huma bibliotheca: quem faz huma *collecção* de livros e manuscriptos, forma huma bibliotheca *escolhida*.

**Demittir — Abdicar — Desistir — Renunciar — Despojar-se  
Ceder — Repudiar**

*Demittir* he deixar o officio, cargo, ou emprego publico. A *demissão* pôde não ser voluntaria.

*Abdicar* he demittir voluntariamente, e diz-se com especialidade dos grandes cargos. *Abdicar* o reinado; *abdicar* a corôa, &c.

*Desistir* he deixar não proseguindo; *desistir* de huma demanda, de huma empresa, da execução de hum projecto, &c.

*Renunciar* he deixar voluntariamente a posse, o direito, a pretensão, e talvez o desejo e affeição de qualquer cousa.

*Despojar-se* he deixar os vestidos, tirando-os do corpo, e por ampliação, privar-se voluntariamente de alguma cousa, que nos he conjuncta, a que temos affeição, que nos he cara.

*Ceder* he deixar não resistindo, entregar a quem demanda, ou disputa, ou pretende isso que se cede.

*Repudiar* he deixar alguma cousa, cuja posse nos faria vergonha.

**Penas — Afflicções — Cruz**

*Penas* exprime todos os sentimentos desagradaveis, incommodos, ou dolorosos, que são inseparaveis da natureza humana, e que em maior, ou menor numero, e gráo de força, acompanhão a todo o homem enquanto vive sobre a terra.

*Afflicções* são penas extraordinarias e mais activas.

nascidas dos varios accidentes infelizes. que o homem experimenta, ou pelo concurso de circumstancias casuaes, ou pela maldade dos outros homens, ou pela sua má direcção nos negocios da vida. ou emfim pelos erros graves do seu procedimento civil, ou moral.

*Cruz* he proprio do estilo devoto, e comprehende todas as penas e afflicções, que o homem padece nesta vida, considerados como meios de que a Providencia se serve com o intuito, ou de nos desprender do amor desordenado dos bens da terra, ou de nos punir e corrigir de nossos maus feitos.

## 485

**Acolher — Agazalhar**

*Acolher* he tomar a si de bom ou mau grado.

*Agazalhar* he acolher de bom grado: acolher abrigando, favorecendo.

## 486

**Sizudo — Serio — Grave**

*Sizudo* diz tanto como homem de sizo, de juizo: mas refere-se particularmente ao juizo prudencial, que o homem emprega nos procedimentos moraes e nos negocios da vida.

*Serio* diz particular respeito ao ar e maneiras externas do homem. He serio o que não he jovial, o que não mostra ar de graciosidade, e menos de zombaria.

*Grave* parece significar o homem sizudo e serio, que em tudo procede com sizudeza, peso e reflexão, e cujas maneiras externas são igualmente serias.

### Discrição — Reserva

*Discrição* he dizer, ou fazer quanto he necessario e quanto basta. O discreto contém-se.

*Reserva* he abster-se de fazer, ou dizer. O reservado abstém-se.

### Falta — Defeito

*Falta* he huma acção, ou omissão leve contra as regras do dever, nascida da humana fraqueza. Suppõe sempre culpa.

*Defeito* indica mais propriamente imperfeição natural, em que não tem parte, ou tem mui pouca parte a vontade do homem.

As *faltas*, que o homem commette no cumprimento de seus deveres, nascem ás vezes de *defeitos*, que a educação e a reflexão devêra ter corrigido.

O animal irracional nunca pôde commetter huma *falta*, e pôde ter muitos *defeitos*.

### Historia — Conto

«Essa differença me parece que se deve fazer dos *contos* ás *historias* (diz Lobo, *Côrte na aldeia*. Dial. 10.), que ellas pedem mais palavras que elles, e dão maior lugar ao ornamento, e concerto das razões, levando-as de maneira, que vão affeiçoando o desejo dos ouvintes: e os *contos* não requerem tanto de rhetorica, porque o princi-



pal, em que consistem, he na graça do que fala, e na que tem de seu a cousa que se conta.»

### O ceo — Os ceos

Não são synonymos estas expressões, nem se devem usar promiscuamente em todos os casos.

Quando, por exemplo, dizemos *as aves do ceo*, não nos he permittido variar a expressão, e dizer *as aves dos ceos*.

A razão desta differença he que alguns antigos distinguão muitos *ceos*, e davam o nome *ceo*, v. gr., á região da atmosfera, *ao ceo* das estrellas, *ao empireo*, ou *ceo altissimo*, &c.

D'onde quando entendemos falar da atmosfera da terra, ou do espaço que vai d'ahi aos astros, podemos dar-lhe o nome de *ceo*; mas quando queremos falar do *ceo* mais elevado, usâmos melhor da palavra *ceos*, com a qual escusâmos o epitheto. Assim dizemos, v. gr., *padre nosso* que estâs nos *ceos*. Outras vezes queremos que se entendão *todos os ceos*, e então usâmos tambem de *ceos* no plural, como quando dizemos *Deos creou os ceos* e a terra, &c.

### Vergonha — Pudor — Pejo — Modestia

*Vergonha* quer dizer, perturbação da alma excitada pela idéa de alguma cousa que nos deshonra, ou que merece a desapprovação dos homens sensatos e virtuosos, ou que apprehendemos como tal, seguida ou acompanhada regularmente de côr no rosto.

*Pudor* he *vergonha honesta*, *vergonha* excitada pela

apprehensão do que offende. ou póde offender a honestidade, hum sentimento de temor e aversão que nos desvia e nos faz corar de tudo o que offende a honestidade e a modestia.

*Pjeo* he a embarço do animo, talvez manifestado nas acções externas, causado pela vergonha, ou pudor.

*Modestia* he a composição externa dos gestos, falas, &c.. propria para indicar os sentimentos internos.

### **Mortandade – Matança – Carneceria**

*Mortandade* exprime grande numero de mortos. ou á força de armas na guerra, em tumulto, &c., ou por causas naturaes, como peste, epidemia, contagio, &c.

*Matança* he mortandade á força de armas.

*Carneceria* he matança de homens. ou de animaes.

### **Prazer – Delicia – Voluptuosidade**

*Prazer* significa simplesmente qualquer sensação, ou sentimento agradável.

*Delicia* he hum prazer mais exquisito, mais vivo, mais forte.

*Voluptuosidade* he o prazer sensual que resulta dos movimentos agradaveis e delicados, que experimentámos nos órgãos dos sentidos.

Causa-nos *prazer* a vista de hum objecto formoso, o tacto de hum objecto macio, o descobrimento da verdade, a fortuna dos amigos, a consideração de havermos feito huma boa acção, &c.

Causa-nos *delicia* contemplar hum painel variado em

que a natureza ostenta as suas bellezas; hum edificio ricamente ornado pela arte e opulencia; gozar a conversação de alguns amigos virtuosos e sabios, que com reciproca franqueza e cordialidade se communicão os seus pensamentos; ler huma obra em que a cada passo se descobrem verdades uteis ennuuciadas com gosto e eloquencia, &c.

Causa-nos *voluptuosidade* huma musica molle e effeminada; o gosto dos alimentos exquisitos, as sensações do amor, &c.

### Cansaço – Fadiga – Afan

*Cansaço* he o effeito do grande trabalho, que quebranta as forças.

*Fadiga* he o cansaço excessivo, que opprime e quasi tira as forças.

*Afan* he o effeito do trabalho penoso, que quasi tira a respiração. (Da raíz *han*, verdadeira onomatopêa que representa a respiração violenta de huma pessoa muito fatigada; som, que empregão os trabalhadores, como para tomarem a respiração e se darem maior esforço, quando querem descarregar hum grande golpe forte, puxar hum grande pezo, &c.)

Por onde se vê que estes tres vocabulos exprimem tres differentes grãos do estado do homem, que tem trabalhado muito.

### Ignorante – Ignaro

*Ignorante* he o que não tem conhecimentos, ou o que não tem conhecimento de tal, ou tal objecto, ou sciencia, arte, &c.

*Ignaro* he o que não sabe nada, nem he capaz de saber.

Dizemos que hum homem he *ignorante*, quando não tem instrucção alguma: dizemos que he *ignorante* em historia, v. gr., quando pouco, ou nada sabe neste ramo de conhecimentos; e damos ao vulgo o epitheto de *ignaro*, porque elle nada sabe, nem he capaz de saber.

#### Onde — Em que — No qual

Todas estas expressões se podem usar indifferente-mente, quando se referem ao *lugar*, e por isso dizemos com acerto: *a terra onde nasci, ou em que, ou na qual nasci; o lugar onde, ou em que, ou no qual vos avistei*, &c. Quando porém falámos do *tempo* não podemos usar de *onde*, e por este motivo he errada esta frase; *nos tempos antigos, onde os reis não dedignavão os trabalhos da agricultura*, &c., devendo dizer-se *em que, ou nos quaes* os reis. &c.

#### Capaz — Habil — Idoneo

*Capaz* suppõe que ha da parte da natureza o que he preciso para alguma cousa.

*Habil* suppõe essa faculdade natural, expedita e facil.

*Idoneo* suppõe não só a capacidade e habilidade, mas tambem as mais circumstancias, que fazem o sujeito proprio para alguma cousa.

*Capacidade* refere-se ás faculdades naturaes. *Habilidade* refere-se ás faculdades cultivadas e desenvolvidas. *Idoneidade* refere-se a tudo o que deve concorrer no sujeito, para ser empregado.

O homem he *capaz*, v. gr., de aprender huma sciencia, quando tem os talentos proprios para ella. Está *habil* nessa sciencia, quando tem feito nella os necessarios estudos; e he *idoneo* para a ensinar, quando ajunta á *habilidade* os bons costumes, e caracter de mestre.

### Pretender — Requestar

*Pretender* he fazer diligencia por alcançar.

*Requestar* he pretender com sollicitude, com instancia, com empenho.

### Verdadeiro — Veridico

*Verdadeiro* diz-se das pessoas e das cousas, e refere-se: 1.º, á conformidade que ellas tem com as idéas que nós formámos da sua natureza. Neste sentido dizemos que tal, ou tal substancia he verdadeiro oiro, verdadeiro marmore, verdadeiro porfido, &c., &c. Jesu-Christo he verdadeiro Deos e verdadeiro homem, &c. 2.º Tambem se usa particularmente para exprimir a qualidade moral do homem, que fala sempre a verdade, isto he, que diz o que julga ou sente, que não desmente nas palavras o que tem na sua mente, ou no seu coração. Neste sentido parece que esta expressão comprehende a *veracidade* e a *sinceridade*. E applica-se 3.º, finalmente, aos vocabulos pronunciados ou escriptos, quando elles exprimem os objectos significados, as idéas, juizos, ou factos acontecidos, taes como na realidade são, ou acontecerão.

*Veridico*, sómente se diz das pessoas quando narrão algum facto com verdade, ou das palavras com que hum facto se acha narrado. v. gr., este historiador he

veridico, esta historia he veridica, esta narração he veridica, &c., &c.

### **Maldade – Malicia – Malignidade – Ruindade**

*Maldade* he a qualidade moral do homem que o inclina a obrar mal.

*Malicia* he a natural esperteza e astucia do homem para facilmente perceber, ou julgar o mal, ou talvez para pratical-o.

*Malignidade* he a qualidade moral do homem que se compraz em fazer mal aos outros, que se regosija com o mal alheio, que he inclinado a envenenar as acções dos outros, suppondo-lhes maus fins, ou intenções.

*Ruindade* exprime a maldade moral, ou fysica; mas he mais propria para exprimir a segunda: assim dizemos a *ruindade* de hum caminho, de hum caza, de hum discurse, &c., e não a *maldade*, &c.

### **Fundar – Instituir – Estabelecer**

No sentido rigoroso destes vocabulos, *fundar* he pôr ou lançar os fundamentos; *instituir* he dar estatutos, leis, regulamentos; *estabelecer* he dar firmeza e estabilidade, permanencia, fazer fixo, estavel, duradouro, &c.

Quando pois estes vocabulos se applicão ás instituições sociaes, dizemos que alguém *fundou*, v. gr., hum collegio, quando lançou os primeiros fundamentos delle, traçando o seu plano, e talvez começando a executal-o; que o *instituiu*, quando lhe deo leis, regras, estatutos; que o *estabeleceo*, quando lhe consignou rendas e o fez permanente.

Raras vezes acontece que hum estabelecimento publico possa ter este nome sem concorrerem as tres acções de *fundar*, *instituir* e *estabelecer*, e por isso usámos os tres vocabulos quasi indifferentemente, quando não he necessario especificar cada huma das suas significações.

## 502

**Posição — Situação**

*Posição*, falando em todo o rigor, he a acção de pôr em lugar; mas confunde-se ordinariamente com o effeito desta acção, a que damos o nome de *postura*, e neste sentido differença-se de *situação*, em que *posição* significa precisamente a maneira com que o objecto está em hum lugar, e *situação* significa a *posição* com respeito aos arredores que cercão esse lugar.

Assim *posição* determina o lugar, o posto em que está o objecto; a *situação* determina a scena, a praça.

A *posição* he commoda, geitosa, recta, inclinada, &c.

A *situação* he bella, agradavel ou desagradavel, &c.

## 503

**Causa — Motivo — Razão**

São bem differentes em significação estes vocabulos, e contudo não poucas vezes se confundem e se usão como se forão synonymos. assim na locução vulgar e familiar, como nos escriptos, dizendo-se quasi indifferentemente, v. gr., a *causa*, ou o *motivo* ou *razão* por que assim procedi, ou por que isto succedeo, &c.

Porém *causa* diz relação a effeito; *motivo* a movimento; *razão* a consequencia. A *causa* produz; o *motivo* move, inclina; a *razão* explica, demonstra, conclue.

A *causa* pôde ser fysica ou moral, mediata ou immediata, &c. Todos os phenomenos do mundo tem sua *causa* e todas as *causas* tem huma primeira, que deo o ser e as leis ao mundo.

O *motivo* tem especialmente lugar nòs phenomenos da vontade, he o que move, inclina, persuade o ser racional e livre a obrar deste ou daquelle modo, a fazer este ou aquelle acto.

A *razão* suppõe principios intellectuaes dos quaes nos servimos para explicar o phenomeno, e concluir que elle devia ser tal.

A *causa* que criou do nada o universo he a omnipotencia do Creador. O *motivo* (se nos he dado examinal-o) por que Deos o criou pôde ser a manifestação da sua gloria. A *razão* por que o criou não podemos dar outra, senão a propria vontade e omnipotencia de Deos, porque suppostos estes dous principios, bem e necessariamente se conclue delles a existencia do universo.

He verdade que muitas vezes não só indagâmos a *causa* que produzio o effeito, mas tambem a *causa* por que foi produzido, e a esta chamâmos *causa-motiva*; mas esta denominação he em rigor tão impropria como a de *causa-final*, e ambas ellas sómente tem lugar na linguagem metafysica, quando considerâmos como *causa* tudo o que de qualquer modo concorreo para que existisse o effeito, por cuja *razão* distinguimos tambem *causa* material, *causa* formal, *causa* instrumental, &c., &c.

Os *motivos* podem viciar a pureza de qualquer obra boa, assim como desculpar e talvez justificar a que parece má. Hum acto de virtude, se tem por *motivo* a vaidade, o interesse, os respeitos humanos, muda de especie, passa a ser vicioso.

Os *motivos* qualificão a acção. A *causa* sómente a produz. A *razão* explica-a.

O juizo condemna ou absolve o reo. A *razão* por que



o faz he porque a lei applicada ao facto assim o ordena ; o *motivo* he a consciencia do dever ; a *causa* foi o crime do reo, ou a sua innocencia provada.

#### **Damno – Detrimento – Dispendio – Jactura**

*Damno* parece ser o mais generico e indeterminado de todos estes vocabulos, e exprime a perda total, ou parcial de qualquer causa que he nossa, que está no nosso dominio.

*Detrimento* (do Latim *detero*) he (rigorosamente falando) a perda ocasionada pelo longo uso, o qual gasta, diminue, arruina o objecto.

*Dispendio* he propriamente perda de dinheiro proveniente do custo da cousa, que causa esse *dispendio*.

*Jactura*, finalmente, he perda ocasionada por accidente infeliz ou adverso ; he como quando, v. gr., se lança a fazenda ao mar por temor do naufragio. (Do Latim *jacio-jactura*).

#### **Lingua – Interprete**

Damos o nome de *lingua* ao que fala por outrem, ou em nome de outrem ; e damos o nome de *interprete* ao que traduz, explica e declara as palavras de duas pessoas que falam, ou escrevem em linguas diversas, e não se entendem.

Assim a significação de *lingua* he, rigorosamente falando, mais extensa que a de *interprete*.

O embaixador, v. gr., he *lingua* do Principe ou da nação que o envia, e não he propriamente *seu interprete*.

O homem que intervem entre dous em algum negocio,

levando e trazendo as proposições, ou respostas de hum para outro, he *lingua* de ambos, e não *interprete*.

O *interprete* he obrigado a verter exactamente e sem alteração as palavras que se pronuncião ou se escrevem. O *lingua* tem mais alguma liberdade, e como se não desvie em ponto notavel do pensamento de quem o emprega pôde usar da sua propria frase, e ainda acrescentar o que lhe parecer conveniente para melhor intelligencia de quem o ouve, &c.

FIM DO TOMO VII

## INDICE DOS ARTIGOS

	Art.	Pag.
Homem – Varão.....	1	9
Convicção – Persuasão.....	2	10
Velho – Antigo.....	3	11
Velho – Ancião.....	4	11
Quietação – Repouzo – Descanço – Tranquillidade – Socego – Paz – Serenidade.....	5	12
Outro – Outrem.....	6	13
Documento – Monumento.....	7	14
Palavra – Vocabulo – Termo – Expressão.....	8	14
Precisão – Abstracção.....	9	15
Branco – Alvo – Candido.....	10	16
Variação – Variedade.....	11	17
Septicismo – Pyrrhonismo.....	12	18
Mulher – Dona – Dama – Matrona.....	13	19
Esposo – Marido.....	14	20
Occasião – Opportunidade – Conjuncção – Azo.....	15	21
Rei – Monarca – Principe – Potentado – Imperador.....	16	21
Inveja – Ciume.....	17	23
Segurança – Seguridade.....	18	24
Ronda – Patrulha.....	19	24
Paralogismo – Sofisma.....	20	25
Aguardar – Esperar.....	21	25
Cara – Rosto – Semblante – Face – Vulto.....	22	26
Firmeza – Constancia.....	23	28
Supposição – Hypothese.....	24	29
Fastos – Annaes – Chronica.....	25	30

	Art.	Pag.
Historia universal – Historia geral .....	26	31
Mutuo – Reciproco.....	27	32
Inclinação – Propensão .....	28	32
Chorar – Prantear – Lamentar-se – Carpir-se .....	29	33
Affectos – Paixões .....	30	34
Liberalidade – Generosidade.....	31	35
Pedir desculpa – Pedir perdão .....	32	36
Observação – Observancia.....	33	36
Convem – Importa – Releva – Cumpre.....	34	37
Até aqui – Até agora.....	35	37
Paternal – Paterno.....	36	38
Castidade – Pudicicia – Continencia – Virgindade – Pureza	37	38
Distincção – Diferença – Diversidade.....	38	40
Ultimo – derradeiro.....	39	41
Extraordinario – Singular.....	40	41
Morte – Passamento – Transito – Fallecimento.....	41	42
Sécco – Arido.....	42	43
Continuação – Continuidade .....	43	44
Continuado – Continuo .....	44	44
Sofrer – Aturar – Soportar – Tolerar.....	45	45
Preocupação – Prevenção .....	46	46
Riqueza – Opulencia.....	47	46
Frota – Armada .....	48	47
Altura – Alteza.....	49	47
Infidelidade – Perfidia – Deslealdade – Traição – Aleivosia.	50	47
Muito – Sobejamente.....	51	48
Acabar (neutro) – Fenecer – Perecer – Morrer – Finar-se – Falecer.....	52	48
Symbolo – Emblema – Divisa – Empreza – Tenção.....	53	49
Gosto – Sabor.....	54	51
Verão – Estio.....	55	51
Complacencia – Deferencia – Condescendencia.....	56	52
Amarellecer – Empallidecer .....	57	53
Preferir – Escolher.....	58	53
Apressar – Apressurado.....	59	54
O porvir – O futuro.....	60	55
Affirmar — Assegurar – Confirmar.....	61	55
Antecipado – Prematuro .....	62	56
Templo – Igreja – Basilica.....	63	57
Momento – Instante .....	64	58
Diccionario – Vocabulario – Glossario.....	65	59

	Art.	Pag.
Largura – Largueza.....	66	59
Para – A fim.....	67	60
Geral – Universal.....	68	61
Benevolencia – Beneficencia.....	69	61
Benevolencia – Bemquerença.....	70	62
Imprevisto – Inesperado – Inopinado.....	71	62
Sempre – Continuamente.....	72	64
Incerteza – Indecisão – Irresolução – Perplexidade.....	73	64
Desterrar – Exterminar – Degradar.....	74	66
Negligente – Preguiçoso – Indolente – Inerte.....	75	67
Prenhe – Gravida – Pejada.....	76	68
Desnaturado – Desnaturalizado.....	77	69
Victoria – Triunfo.....	78	69
Contiguo – Proximo – Visinho – Confine.....	79	70
Afortunado – Ditoso – Feliz.....	80	71
Clarão – Claridade – Esplendor.....	81	72
Claridade – Clareza.....	82	73
Clareza – Perspicuidade.....	83	73
Movel – Movediço.....	84	74
Conjuração – Conspiração.....	85	74
Novo – Recente.....	86	75
Preciso – Succinto – Conciso.....	87	76
Olfato – Cheiro.....	88	77
Gabar – Louvar.....	89	77
Respeito – Deferencia – Reverencia – Veneração – Acata- mento.....	90	78
Folga – Folguedo.....	91	79
Onda – Vaga.....	92	79
Attracção – Gravidade – Gravitação – Afinidade.....	93	80
Gravidade – Pezo.....	94	81
Obrigaçào – Dever.....	95	82
Realizar – Verificar.....	96	82
Mundo – Universo.....	97	83
Lisongear – Adular.....	98	83
Moça – Donzella – Rapariga.....	99	84
Desnecessario – Inutil – Escusado – Superfluo.....	100	85
Concorde – Conforme.....	101	86
Juventude – Mocidade.....	102	86
Acção – Acto.....	103	87
Abrogar – Derogar – Antiquar.....	104	88
Costumar – Soer – Estar affeito.....	105	89

	Art.	Pag.
Deshonesto — Obsceno.....	106	90
Ordin — Tramar — Tecer — Maquinar.....	107	90
Reconhecimento — Gratidão.....	108	92
Acabar — Cessar — Descontinuar.....	109	93
Crescer — Augmentar-se.....	110	93
Tomar — Receber — Aceitar.....	111	94
Aventurar — Arriscar.....	112	95
Alvedrio — Liberdade.....	113	96
Abundante — Abundoso.....	114	96
Incognito — Desconhecido.....	115	98
Pedir — Orar — Exorar — Rogar — Supplicar — Implorar — Obsecrar — Demandar — Requerer — Exigir.....	116	99
Superioridade — Auctoridade — Poder — Soberania — Domi- nio.....	117	100
Infante — Menino — Criança.....	118	100
Enganar — Embair — Seduzir — Illudir.....	119	101
Figura — Fôrma.....	120	102
Breve — Curto.....	121	102
Semelhança — Analogia.....	122	103
Justificação — Apologia.....	123	104
Erro — Illusão — Allucinação.....	124	105
Beigos — Labios.....	125	106
O homem — Os homens.....	126	106
Mau grado — Apezar — A despeito — Não obstante — Sem embargo.....	127	107
Fecundo — Fertil.....	128	109
Adjectivo — Epitheto.....	129	110
Postulado — Axioma.....	130	111
Ouvir — Escutar.....	131	112
Velho — Envelhecido — Envelhentado.....	132	112
Enunciar — Expressar.....	133	113
Linguagem — Língua — Idioma — Dialecto.....	134	114
Sociavel — Social.....	135	116
Oppugnar — Expugnar.....	136	118
Impugnar — Propugnar.....	137	118
Êmulo — Competidor — Rival.....	138	118
Orgulho — Vaidade — Presumpção — Vangloria.....	139	120
Immune — Isento — Immunidade — Isenção.....	140	122
Seara — Mêsse.....	141	123
Usura — Onzena.....	142	124
Absolver — Permitir — Perdoar.....	143	124

	Art.	Pag.
Systema – Theoria . . . . .	144	125
Começo – Principio – Exordio . . . . .	145	127
Futil – Frívolo . . . . .	146	128
Achar – Descobrir – Inventar . . . . .	147	129
Sinal – Indício – Mostra . . . . .	148	131
Lisonja – Lisonjaria . . . . .	149	131
Caução – Penhor – Hypotheca – Fiança . . . . .	150	132
Postura – Geito – Attitude . . . . .	151	133
Estar certo – Estar seguro . . . . .	152	134
Espada – Gladio . . . . .	153	135
Opaco – Sombrio . . . . .	154	136
Olhar – Ver – Esguardar – Avistar – Enxergar – Lobrigar – Divisar . . . . .	155	136
Annuo – Annual . . . . .	156	137
Ledice – Alegria – Jubilo – Exultação . . . . .	157	138
Limar – Polir – Brunir . . . . .	158	139
Côr – Colorido . . . . .	159	139
Fartura – Saciedade . . . . .	160	140
Perfeito – Completo . . . . .	161	141
Arder – Inflammar-se – Incendiar-se – Abrazar-se – Quei- mar-se . . . . .	162	141
Lume – Fogo . . . . .	163	143
Chamma – Flamma – Labareda . . . . .	164	144
Coragem – Valor – Bravura – Intrepidez – Hardimento – He- roismo . . . . .	165	144
Civilizado – Policiado – Polido . . . . .	166	146
Primeiro – Primitivo – Primévo . . . . .	167	146
Cheiroso – Odorífero . . . . .	168	147
Veste – Vestido – Vestidura – Vestimenta – Trajo . . . . .	169	148
Valor – Estimação – Preço . . . . .	170	149
Atrás – Após – Depois . . . . .	171	150
Na verdade – Na realidade . . . . .	172	151
Fulgurante – Fulminante . . . . .	173	152
Pobreza – Indigência – Penuria – Inopia . . . . .	174	152
Som – Tom . . . . .	175	153
Hir – Andar – Caminhar – Marchar . . . . .	176	153
Nunca – Jámais . . . . .	177	154
Acordar – Despertar . . . . .	178	155
Ajuntar – Unir – Colligir . . . . .	179	156
Borda – Margem – Ribeira – Praia – Costa . . . . .	180	157
Severidade – Rigor . . . . .	181	158

	Art.	Pag.
Transpiração - Suor .....	182	159
Povo - Plebe - Vulgo .....	183	160
Enfeites - Affeitos .....	184	161
Delgado - Fino .....	185	162
Prudencia - Discrção - Circumspecção .....	186	163
Voz - Brado - Grito - Clamor .....	187	163
Diario - Diurno .....	188	164
Inteiro - Inflexivel - Inexoravel .....	189	165
Publico - Commum .....	190	166
Indole - Genio - Natural .....	191	167
Juramento - Jura .....	192	168
Amor de si - Amor proprio - Egoismo .....	193	169
Predizer - Profetizar - Vaticinar - Prognosticar - Presa- giar - Agourar - Adivinhar .....	194	170
Interno - Interior - Intimo .....	195	173
Guiar - Dirigir - Conduzir - Levar .....	196	174
Bens livres - Bens allodiaes .....	197	175
Apartar - Separar - Afastar - Arredar .....	198	176
Nutrir - Alimentar - Sustentar .....	199	178
Livraria - Bibliotheca .....	200	178
Publicar - Promulgar - Divulgar .....	201	179
Premio - Galardão .....	202	180
Peccado - Delicto - Crime - Falta - Culpa .....	203	181
Bastante - Sufficiente .....	204	181
Iroso - Iracundo - Irado .....	205	182
Fraco - Debil .....	206	183
Furto - Roubo - Rapina - Latrocinio .....	207	184
Dotes - Prendas .....	208	184
Criar - Produzir - Gerar .....	209	185
Honra - Decoro - Dignidade .....	210	186
Cortezia - Cortezania .....	211	187
Formoso - Gentil - Galante .....	212	187
Gelo - Geada - Saraiva - Neve .....	213	188
Legitimo - Legal .....	214	189
Commummente - Ordinariamente .....	215	190
Dor - Pesar - Afflicção - Magoa - Consternação .....	216	191
Estatuta - Talhe .....	217	193
Muitas vezes - Frequentemente .....	218	193
Frequente - Crebro .....	219	194
Preguiçoso - Ocioso .....	220	195
Matrimonio - Cazamento - Nupcias - Vodas .....	221	197



	Art.	Pag.
Arrendar – Alugar . . . . .	222	198
Perspicacia – Agudeza – Penetração . . . . .	223	199
Cubiçoso – Avaro . . . . .	224	200
Religião – Piedade – Devoção . . . . .	225	201
Transportar – Transferir . . . . .	226	202
Achaque – Molestia – Enfermidade – Doença . . . . .	227	203
Pôr – Assentar – Collocar . . . . .	228	204
Tomo – Volume . . . . .	229	205
Raro – Curioso . . . . .	230	206
Unico – Só – Singular . . . . .	231	207
Verdadeiro homem – Homem verdadeiro . . . . .	232	207
Manar – Estilar – Pingar – Gotejar . . . . .	233	209
Publico – Notorio . . . . .	234	210
Calendario – Almanack . . . . .	235	211
Prodigo – Dissipador . . . . .	236	212
Demanda – Litigio – Processo . . . . .	237	213
Herdeiro – Successor . . . . .	238	214
Luzir – Reluzir – Brilhar . . . . .	239	214
Justo – Justiceiro . . . . .	240	215
Indulgencia – Clemencia . . . . .	241	216
Tolerancia – Indulgencia . . . . .	242	217
Tolerar – Approvar – Consentir – Permittir . . . . .	243	218
Estudar – Aprender . . . . .	244	220
Pertinacia – Obstinação . . . . .	245	220
Espirito – Alma . . . . .	246	221
Obter – Conseguir – Impetrar . . . . .	247	223
Nobre – Illustre . . . . .	248	223
Nulla – Irrito – Invalido . . . . .	249	224
Remedio – Medicamento . . . . .	250	225
Bastardo (filho) – Natural – Espurio . . . . .	251	226
Derribar – Destruir – Arruinar – Arrazar – Devastar . . . . .	252	227
Emprestimo – Commodato – Mutuo . . . . .	253	228
Declaração de guerra – Manifesto de guerra . . . . .	254	229
Deixar – Largar – Desamparar – Abandonar . . . . .	255	230
Graça – Mercê – Favor . . . . .	256	231
Selvagem – Feroz . . . . .	257	232
Inadvertencia – Inconsideração . . . . .	258	233
Alguns – Certos . . . . .	259	234
Punir – Castigar . . . . .	260	235
Levantar – Alçar – Erguer – Elevar . . . . .	261	236
Exemplo – Exemplar . . . . .	262	237

	Art.	Pag.
Memorias – Commentarios – Relações. ....	263	237
Ignorancia – Impericia. ....	264	239
Fortaleza – Constancia. ....	265	240
Fortuna – Acaso – Sorte – Fado – Estrella. ....	266	241
Ser digno – Merecer. ....	267	244
Crer em alguém – Crer a alguém. ....	268	345
Fallir de bens – Fazer banca-rôta. ....	269	246
Dous – Ambos. ....	270	247
Campo – Agro. ....	271	247
Simplicidade – Simpleza. ....	272	248
Critica – Censura. ....	273	249
Imprecação – Maldição – Execração – Praga. ....	274	250
Caracteres – Letras. ....	275	251
Magnanimidade – Longanimidade. ....	276	252
Satisfação – Contentamento. ....	277	253
Morada – Habitação – Domicilio – Residencia. ....	278	254
Derreter – Fundir. ....	279	255
Medo – Temor – Receio. ....	280	256
Transfiguração – Transformação. ....	281	257
Lizo – Plano. ....	282	258
Plano – Chão – Lhano. ....	283	258
Condição – Estado – Qualidade. ....	284	259
Aplacar – Acalmar. ....	285	260
Escandecencia – Ira – Colera – Sanha – Raiva. ....	286	261
Moderação – Temperança. ....	287	261
Temperança – Frugalidade – Sobriedade – Parcimonia. ....	288	262
Justiça – Equidade. ....	289	263
Ouvidos – Orelhas. ....	290	266
Humildade – Humiliação. ....	291	266
Logica – Dialectica. ....	292	267
Enterrar – Sobterrar. ....	293	268
Vigia – Sentinella – Atalaia – Espia. ....	294	269
Escuro – Obscuro – Tenebroso – Caliginoso. ....	295	269
Solemne – Authentico. ....	296	270
Recusar – Refusar. ....	297	271
Distracção – Diversão – Digressão. ....	298	272
Invencível – Insuperável. ....	299	274
Homem de bem – Homem de honra – Homem de probi- dade – Homem de virtude. ....	300	274
Attestar – Certificar. ....	301	275
Fugir – Evitar – Escapar – Evadir – Esquivar. ....	302	276

	Art.	Pag.
Escapar de - Escapar a.....	303	277
Claro - Manifesto.....	304	278
Encobrir - Occultar - Esconder.....	305	279
Muito grande - Grandissimo.....	306	279
Civilidade - Polidez - Delicadeza.....	307	280
Memoria - Lembrança - Recordação - Reminiscencia....	308	281
Enseada - Golfo - Bahia.....	309	282
Eterno - Perpetuo.....	310	283
Perpetuo - Perenne.....	311	284
Vãamente - Em vão.....	312	285
Corrompido - Depravado - Perverso.....	313	285
Cenotafio - Tumulo - Mausoleo.....	314	286
Observação - Experiencia.....	315	287
Estrangeiro - Estranho.....	316	288
Beatificação - Canonisação.....	317	289
Indicar - Designar.....	318	290
Emprehender - Empreender.....	319	291
Arte - Mister.....	320	291
Belleza - O bello.....	321	293
Rejeitar - Engeitar.....	322	294
Convenção - Pacto - Contracto - Tratado.....	323	295
Carecer - Necessitar - Precisar.....	324	295
Tristeza - Tristura.....	325	296
Continuar - Proseguir - Perseverar - Persistir.....	326	296
Presumpção - Conjectura.....	327	297
Mostras de amizade - Testemunhos de amizade.....	328	299
Invejar - Ter inveja.....	329	300
Morto - Defuncto - Finado.....	330	300
Cuidadoso - Diligente - Sollicito - Desvelado - Ancioso...	331	301
Misturar - Confundir.....	332	301
Matar - Assassinar.....	333	303
Prodigio - Milagre - Maravilha.....	334	303
Ceo - Paraizo - Bemaventurança.....	335	305
Abreviar - Encurtar.....	336	306
Compendiar - Epitomar.....	337	307
Heterodoxo - Herege.....	338	308
Exacto - Pontual - Primoroso.....	339	308
Alva - Aurora.....	340	309
Seccamente - Desabridamente - Esquivamente.....	341	310
Luctuoso - Lugubre - Funebre.....	342	310
Fim - Limite - Extremidade - Termo.....	343	311

	Art.	Pag.
Revelação - Inspiração.....	344	312
Summo - Supremo - Soberano .....	345	313
Perguntar - Interrogar - Inquirir.....	346	314
Retroceder - Recrear - Retrogradar.....	347	315
Enxugar - Seccar .....	348	315
Diafano - Transparente.....	349	316
A fio - A reio - A eito.....	350	317
Nós - Nós outros.....	351	317
Proibir - Vedar - Defender.....	352	318
Antecessor - Predecessor.....	353	319
Fluido - Liquido.....	354	320
Tempo - Duração.....	355	320
Vestigio - Pégada - Pizada - Rasto - Trilha - Pista.....	356	321
Divorcio - Repudio.....	357	323
Effervescencia - Fervura - Ebullicão - Fervor.....	358	324
Carencia - Falta - Privação.....	359	325
O homem - Todo homem.....	360	325
Astro - Estrella - Constellação .....	361	326
Pelejar - Combater - Luctar - Brigar - Guerrear - Batalhar	362	327
Força - Energia - Efficacia - Violencia.....	363	328
De repente - De subito .....	364	329
Cegamente - Ás cegas.....	365	330
Proprietario - Dono - Senhor.....	366	331
Justa - Torneio .....	367	332
Perigo - Risco.....	368	332
Cá - Aqui.....	369	333
Fingir - Simular - Dissimular - Disfarçar.....	370	333
Maledicencia - Detracção - Calumnia.....	371	334
Apossar-se - Usurpar - Invadir - Conquistar.....	372	336
Salto - Pulo .....	373	337
Aborrecer - Odiar - Abominar - Detestar - Execrar .....	374	337
Sobterrar - Sepultar.....	375	339
Citar - Allegar.....	376	340
Apocryfo - Supposto .....	377	340
Já - Depressa - Promptamente .....	378	341
Conforme - Segundo .....	379	342
Astronomia - Astrologia.....	380	343
Importuno - Fastidioso - Tedioso - Molesto - Odioso .....	381	343
Entrar - Penetrar.....	382	345
Insipido - Insulso .....	383	346
Pezado - Oneroso - Gravoso.....	384	346

	Art.	Pag.
Louvor – Honra – Gloria . . . . .	385	347
Remorso – Arrependimento – Contrição . . . . .	386	348
Nocivo – Damno – Pernicioso . . . . .	387	349
Responder – Replicar . . . . .	388	350
Abundancia – Cópia – Abundante – Copioso . . . . .	389	350
Partir – Dividir . . . . .	390	351
Repartir – Distribuir . . . . .	391	352
Venal – Mercenário . . . . .	392	352
Vibração – Oscillação – Ondulação . . . . .	393	353
Accusador – Denunciante – Delator . . . . .	394	354
Inefavel – Indizível – Inexplicavel – Inenarravel . . . . .	395	355
Desejar – Appetecer . . . . .	396	357
Visão – Apparição . . . . .	397	358
Insígnia – Bandeira – Estandarte – Pendão – Guião . . . . .	398	359
Distancia – Intervallo . . . . .	399	360
Caduco – Decrepito . . . . .	400	360
Intenção – Designio . . . . .	401	361
Triunfante – Ovante . . . . .	402	361
Transcrever – Copiar – Trasladar . . . . .	403	362
Acontecimento – Accidente – Successo – Caso – Aventura . . . . .	404	363
Exalar – Evaporar . . . . .	405	364
Assenso – Approvação . . . . .	406	365
Inclinação – Affeição – Amizade – Amor – Ternura . . . . .	407	365
Calor – Calma . . . . .	408	367
Calma – Calmaria – Bonança . . . . .	409	369
Cavalo – Faca – Rocim – Palafrem – Potro – Ginete . . . . .	410	369
Temperamento – Constituição – Compleição . . . . .	411	370
Apparecer – Comparecer . . . . .	412	371
Alienar – Vender . . . . .	413	372
Asylo – Refugio . . . . .	414	372
Attribuir – Imputar . . . . .	415	373
Culpar – Accusar . . . . .	416	374
Licito – Permittido . . . . .	417	374
Alto – Profundo . . . . .	418	375
Amante – Enamorado . . . . .	419	376
Amor – Caridade . . . . .	420	377
Coróa – Diadema . . . . .	421	378
Azul – Ceruleo . . . . .	422	379
Cabello – Coma – Guedelha – Grenha . . . . .	423	379
Tutor – Curador . . . . .	424	380
Furioso – Furibundo – Enfurecido . . . . .	425	381

	Art.	Pag.
Humido – Molhado.....	426	381
Barbaridade – Crueldade – Ferocidade.....	427	381
Boas acções – Boas obras.....	428	382
Marinho – Marítimo.....	429	383
Madeira – Lenha.....	430	384
Ameaçar – Comminar.....	431	384
Embrião – Feto.....	432	385
Offensa – Injúria – Affronta – Ultrage – Contumelia.....	433	385
Comparar – Confrontar – Cotejar.....	434	387
Dignidade – Magestade.....	435	387
Ver – Perceber.....	436	388
Guerreiro – Bellicoso – Marcial.....	437	390
Campo – Campina – Campanha.....	438	391
Obscurecer – Offuscar.....	439	392
Artificial – Artificioso.....	440	392
Penetrante – Penetrativo.....	441	393
Original – Originario.....	442	394
Servo – Escravo – Captivo.....	443	394
Turba – Turma – Caterva – Chusma.....	444	396
Renegar – Abjurar.....	445	397
Caravana – Carfila.....	446	397
Desaprovar – Reprovar.....	447	398
Talento – Genio.....	448	399
Excitar – Incitar – Estimular – Instigar – Provocar.....	449	400
Imagem – Effigie – Retrato – Simulacro.....	450	401
Profanação – Sacrilegio.....	451	402
Elogio – Panegyrico.....	452	403
Imitar – Remediar – Copiar – Contrafazer.....	453	404
Audacia – Ousadia.....	454	406
Acre – Agro – Acerbo.....	455	406
Afundar – Mergulhar – Submergir – Afogar.....	456	407
Jurista – Legista – Direito – Leis.....	457	407
Colono – Inquilino.....	458	408
Impubere – Pupillo – Menor.....	459	409
Terreno – Territorio – Terra.....	460	409
Preguiça – Acidia.....	461	410
Obrepticio – Subrepticio.....	462	410
Fingido – Dissimulado.....	463	411
Rebanho – Grei – Armento – Manada.....	464	412
Basto – Vasto.....	465	412
Penna – Pluma.....	456	412

	Art.	Pag.
Tyranno – Despota.....	467	413
Buscar – Procurar.....	468	414
Reputação – Fama – Celebridade.....	469	415
Jornada – Viagem – Peregrinação.....	470	416
Imposição – Impostura.....	471	416
Decencia – Conveniencia.....	472	417
Apreçar – Apreciar.....	473	417
Preço – Apreço.....	474	418
Desgraça – Adversidade – Calamidade – Desastre.....	475	418
Aspecto – Continencia – Catadura.....	476	419
Atenção – Reflexão – Contemplação.....	477	419
Alvorço – Alvoroto.....	478	420
Ter esperança – Ter confiança em alguém.....	479	420
Ser – Estar.....	480	420
Conversar com alguém – Conversar alguém.....	481	421
Colher – Colligir.....	482	421
Demittir – Abdicar – Desistir – Renunciar – Despojar-se – Ceder – Repudiar.....	483	422
Penas – Aflições – Cruz.....	484	422
Acolher – Agazalhar.....	485	423
Sizudo – Serio – Grave.....	486	423
Discrição – Reserva.....	487	424
Falta – Defeito.....	488	424
Historia – Conto.....	489	424
O ceo – Os ceos.....	490	425
Vergonha – Pudor – Pejo – Modestia.....	491	425
Mortandade – Matança — Carneceria.....	492	426
Prazer – Delicia – Voluptuosidade.....	493	426
Cansaço – Fadiga – Afan.....	494	427
Ignorante – Ignaro.....	495	427
Onde – Em que – No qual.....	496	428
Capaz – Habil – Idoneo.....	497	428
Pretender – Requestar.....	498	429
Verdadeiro – Veridico.....	499	429
Maldade – Malicia – Malignidade – Ruindade.....	500	430
Fundar – Instituir – Estabelecer.....	501	430
Posição – Situação.....	502	431
Causa – Motivo – Razão.....	503	431
Damno – Detrimento – Dispendio – Jactura.....	504	433
Lingua – Interprete.....	505	433





## INDICE DOS VOCABULOS

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
A despeito.....	127	107	Accidente.....	404	363
A oito.....	350	317	Acções (Boas).....	428	382
A fim.....	67	60	Accusador.....	394	354
A fio.....	350	317	Accusar.....	416	374
A reio.....	350	317	Aceitar.....	111	94
Abandonar.....	255	230	Acerbo.....	455	406
Abdicar.....	483	422	Achaque.....	227	203
Abjurar.....	445	397	Achar.....	147	129
Abominar.....	374	337	Acidia.....	461	410
Aborrecer.....	374	337	Acolher.....	485	423
Abrazar-se.....	162	141	Acontecimento.....	404	363
Abreviar.....	336	306	Acordar.....	178	155
Abrogar.....	104	88	Acre.....	455	406
Absolver.....	143	124	Acto.....	103	87
Abstracção.....	9	15	Adivinhar.....	194	170
Abundancia.....	389	350	Adjectivo.....	129	110
Abundante.....	{ 114	96	Adular.....	98	83
	{ 389	350	Adversidade.....	475	418
Abundoso.....	114	96	Afan.....	494	427
Acabar (activo).....	109	93	Afastar.....	198	176
Acabar (neutro).....	52	48	Affectos.....	30	34
Acalmar.....	285	260	Afeição.....	407	365
Acaso.....	266	241	Afeites.....	184	161
Acatamento.....	90	78	Affinidade.....	93	80
Acção.....	103	87	Affirmar.....	61	55

TOMO VII

29

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Allicção.....	216	194	Amizade (Mostras de)	328	299
Allicções.....	484	422	Amizade (Testemunho		
Affronta.....	433	385	de).....	328	299
Afogar.....	456	407	Amor.....	420	365
Afortunado.....	80	71		407	377
Afundar.....	456	407	Amor de si.....	193	169
Agazalhar.....	485	432	Amor proprio.....	193	169
Agora (Até).....	35	37	Amoroso.....	114	96
Agourar.....	194	170	Analogia.....	122	103
Agro.....	271	247	Ancião.....	4	11
	455	406	Ancioso.....	331	301
Aguardar.....	21	25	Andar.....	176	153
Agudeza.....	223	199	Annaes.....	25	30
Ajuntar.....	179	156	Annual.....	156	137
Alçar.....	261	236	Annuo.....	156	137
Alegria.....	157	138	Antecessor.....	353	319
Aleivosia.....	50	47	Antecipado.....	62	56
Alguns.....	259	234	Antigo.....	3	11
Alienar.....	413	372	Antiquar.....	104	88
Alimentar.....	199	178	Apartar.....	198	176
Allegar.....	376	340	Apezar.....	127	107
Allodiaes (Bens).....	197	175	Aplacar.....	285	260
Allucinação.....	124	105	Apocryfo.....	377	340
Alma.....	246	221	Apologia.....	123	104
Almanak.....	235	211	Após.....	171	150
Alteza.....	49	47	Apossar-se.....	372	336
Alto.....	418	375	Apparecer.....	412	371
Altura.....	49	47	Apparição.....	397	358
Alugar.....	222	198	Appetecer.....	396	357
Aluguer.....	222	198	Approvação.....	406	365
Alva.....	340	309	Approvar.....	243	218
Alvedrio.....	113	96	Apreçar.....	473	417
Alvo.....	10	16	Apreciar.....	473	417
Alvorço.....	478	420	Apreço.....	474	418
Alvoroto.....	478	420	Aprender.....	244	220
	414	96	Apressado.....	59	54
Amante.....	419	376	Apressurado.....	59	54
Amarellecer.....	57	53	Aqui.....	369	333
Ambos.....	270	247	Aqui (Até).....	35	37
Ameaçar.....	431	384	Arder.....	162	141
Amizade.....	407	365	Arido.....	42	43

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Armada .....	48	47	Avarento .....	224	200
Armento. ....	464	412	Aventura .....	404	363
Arrazar .....	252	227	Aventurar .....	112	95
Arredar .....	198	176	Avistar. ....	155	136
Arrendar .....	222	198	Axioma .....	130	111
Arrependimento.....	216	191	Azo .....	15	21
	386	348	Azul .....	422	379
Arriscar .....	112	95	Bahia. ....	309	282
Arruinar .....	252	227	Banca-rota.....	269	246
Arte .....	320	291	Bandeira.....	398	359
Artifice .....	320	291	Barbaridade.....	427	381
Artificial.....	440	392	Basilica.....	63	57
Artificioso .....	440	392	Bastante.....	204	181
Artista .....	320	291	Bastardo (Filho)....	251	226
Âs cegas. ....	365	330	Basto.....	465	412
Aspecto .....	476	419	Batalhar.....	362	327
Assassinar .....	333	303	Beatificação .....	317	289
Assegurar.....	61	55	Beißos.....	125	106
Assenso .....	406	365	Belleza.....	321	293
Assentar. ....	228	204	Bellicoso. ....	437	390
Astre.....	266	241	Bello (O).....	321	293
Astro .....	361	326	Bem (Homem de)....	300	274
Astrologia.....	380	343	Bemaventurança ....	335	305
Astronomia .....	380	343	Bemquerença.....	70	62
Astroso .....	277	241	Beneficencia.....	69	61
Asylo.....	414	372	Benevolencia .....	69	61
Atalaia.....	294	269		70	62
Até agora.....	35	37	Bens allodiaes.....	197	175
Até aqui.....	35	37	Bens (Fallir de)....	269	246
Atrás.....	171	150	Bens livres.....	197	175
Atenção.....	477	419	Bibliotheca .....	200	178
Attestar .....	301	275	Boas acções.....	428	382
Attitude .....	151	133	Boas obras.....	428	382
Attracção.....	93	80	Bonança.....	409	369
Attribuir .....	415	373	Borda.....	180	157
Aturar .....	45	45	Brado.....	187	163
Auctoridade.....	117	100	Branco .....	40	46
Audacia .....	454	406	Bravura .....	165	144
Augmentar-se.....	110	93	Breve.....	121	102
Aurora.....	340	309	Brigar.....	362	327
Authentico. ....	296	270	Brilhar.....	239	214

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Brunir .....	458	439	Ceder .....	483	422
Buscar .....	468	444	Cegamente .....	365	330
Cá .....	369	333	Cegas (Ás) .....	365	330
Cabello .....	423	379	Celebridade .....	469	415
Caduco .....	400	360	Cenotafio .....	314	286
Cafila .....	446	397	Censura .....	273	249
Calamidade .....	475	418	Ceo .....	335	305
Calendario .....	235	214	Ceo (O) .....	490	425
Caliginoso .....	295	269	Ceos (Os) .....	490	425
Calma .....	{ 408	367	Certificar .....	301	275
	{ 409	369	Certos .....	259	234
Calmaria .....	409	369	Ceruleo .....	422	379
Calor .....	408	367	Cessar .....	409	93
Calumnia .....	371	334	Chamma .....	164	144
Caminhar .....	176	153	Chão .....	283	258
Campanha .....	438	391	Cheiro .....	88	77
Campina .....	438	391	Cheiroso .....	168	147
Campo .....	{ 271	247	Chorar .....	29	33
	{ 438	391	Chronica .....	25	30
Candido .....	10	16	Chusma .....	444	396
Canonisação .....	317	289	Circumspecção .....	186	163
Cansaço .....	494	427	Citar .....	376	340
Capaz .....	497	428	Ciume .....	17	23
Captivo .....	443	394	Civilidade .....	307	280
Cara .....	22	26	Civilisado .....	166	146
Caracteres .....	275	251	Clamor .....	187	163
Caravana .....	446	397	Clarão .....	81	72
Carecer .....	324	295	Clareza .....	{ 82	73
Carencia .....	359	325		{ 83	73
Caridade .....	420	377	Claridade .....	{ 81	72
Carneceria .....	492	426		{ 82	73
Carpir-se .....	29	33	Claro .....	304	278
Caso .....	404	363	Clemencia .....	241	216
Castidade .....	37	38	Colera .....	286	261
Castigar .....	260	235	Colher .....	482	421
Catadura .....	476	419	Colligir .....	{ 179	156
Caterva .....	444	396		{ 482	421
Caução .....	150	132	Collocar .....	228	204
Causa .....	503	431	Colono .....	458	408
Cavallo .....	410	369	Colorido .....	159	139
Cazamento .....	221	197	Coma .....	423	379

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Combater.....	362	327	Contiguo.....	79	70
Começo.....	145	127	Continencia.....	37	38
Commentarios.....	263	237		476	419
Communar.....	431	385	Continuação.....	43	44
Commodato.....	253	228	Continuado.....	44	44
Commum.....	190	166	Continuamente.....	72	64
Commummente.....	215	190	Continuar.....	326	296
Comparar.....	434	387	Continuidade.....	43	44
Comparecer.....	412	371	Continuo.....	44	44
Compendiar.....	337	307	Conto.....	489	424
Competidor.....	138	118	Contrafazer.....	453	404
Complacencia.....	56	52	Contrato.....	323	295
Compleição.....	411	370	Contrição.....	386	348
Completo.....	161	141	Contumelia.....	433	385
Conciso.....	87	76	Convem.....	34	37
Concorde.....	101	86	Convenção.....	323	295
Condescendencia.....	56	52	Conveniencia.....	472	417
Condição.....	284	259	Conversar alguém....	481	421
Conduzir.....	196	174	Conversar com alguém	481	421
Confiança em alguém			Convicção.....	2	10
(Ter).....	479	420	Copia.....	389	350
Confine.....	79	70		403	362
Confirmar.....	61	55	Copiar.....	453	404
Conforme.....	101	86	Copioso.....	389	350
	379	342	Côr.....	159	139
Confrontar.....	434	387	Coragem.....	165	144
Confundir.....	332	301	Corôa.....	421	378
Conjectura.....	327	297	Corrompido.....	313	285
Conjunção.....	15	21	Cortezania.....	211	187
Conjuração.....	85	74	Cortezia.....	211	187
Conquistar.....	372	336	Costa.....	180	157
Conseguir.....	247	223	Costumar.....	105	89
Consentir.....	243	218	Cotejar.....	434	387
Conspiração.....	84	74	Crebro.....	219	194
	23	28	Crer a alguém.....	268	245
Constancia.....	265	240	Crer em alguém.....	268	245
Constellação.....	361	326	Crescer.....	110	93
Consternação.....	216	191	Criança.....	118	100
Constituição.....	411	370	Criar.....	209	185
Contemplação.....	477	449	Crime.....	203	181
Contentamento.....	277	253	Crítica.....	273	249

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Crueldade .....	427	381	Derreter .....	279	255
Cruz .....	484	422	Derretimento .....	279	255
Cubiçoso .....	224	200	Derribar .....	252	227
Cuidadoso .....	331	301	Desabridamente .....	341	310
Culpa .....	203	181	Desamparar .....	255	230
Culpar .....	416	374	Desanimado .....	115	98
Cumpre .....	34	37	Desaprovar .....	447	398
Curador .....	424	380	Desastrado .....	266	241
Curioso .....	230	206	Desastre .....	475	418
Curto .....	121	102	Descanço .....	5	12
Dama .....	13	19	Descobrir .....	147	129
Damno .....	504	433	Desconhecido .....	115	98
Damnoso .....	387	349	Descontinuar .....	109	93
De repente .....	364	329	Desculpa (Pedir) .....	32	36
De subito .....	364	329	Desculpado .....	115	98
Debil .....	206	183	Desejar .....	396	357
Decencia .....	472	417	Desgraça .....	475	418
Declaração de guerra ..	254	229	Deshabitado .....	115	98
Decóro .....	210	186	Deshonesto .....	106	90
Decrepito .....	400	360	Designar .....	318	290
Defeito .....	488	424	Designio .....	401	361
Defender .....	352	318	Desistir .....	483	422
Deferencia .....	56	52	Deslealdade .....	50	47
	90	78	Desnaturado .....	77	69
Defuncto .....	330	300	Desnaturalizado .....	77	69
Degradar .....	74	66	Desnecessario .....	100	85
Deixar .....	253	230	Despeito (A) .....	127	107
Delator .....	394	354	Despertar .....	178	155
Delgado .....	183	162	Despojar-se .....	483	422
Delicadeza .....	307	280	Despota .....	467	413
Delicia .....	493	426	Desterrar .....	74	66
Delicto .....	203	181	Destruir .....	252	227
Demanda .....	237	213	Desvelado .....	331	301
Demandar .....	116	99	Detestar .....	374	337
Demittir .....	483	422	Detracção .....	371	334
Denunciante .....	394	354	Detrimento .....	504	433
Depois .....	171	150	Devastar .....	252	227
Depravado .....	313	285	Dever .....	95	82
Depressa .....	378	341	Devoção .....	225	201
Derogar .....	104	88	Diadema .....	421	378
Derradeiro .....	39	41	Diafano .....	349	316

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Dialectica .....	292	267	Dous. ....	270	247
Dialecto .....	134	414	Duração. ....	355	320
Diario. ....	188	164	Ebullicão. ....	338	324
Diccionario. ....	63	59	Effervescencia. ....	358	324
Diferença .....	38	40	Efficacia. ....	363	328
Dignidade. ....	{ 210 186	{ 387	Effigie .....	450	401
	{ 435		Egoismo .....	193	169
Digno (Ser) .....	267	244	Eito (A). ....	350	317
Digressão. ....	298	272	Elevar. ....	261	236
Diligente. ....	331	301	Elogio. ....	452	403
Direito .....	457	407	Em que. ....	496	428
Dirigir. ....	196	174	Em vão .....	312	285
Discrição .....	{ 186 163	{ 424	Embair. ....	119	101
	{ 487		Embargo (Sem). ....	127	107
Disfarçar. ....	370	333	Emblema. ....	43	49
Disforme. ....	115	98	Embrião. ....	432	385
Dispendio. ....	504	433	Empallidecer. ....	57	53
Dissimulado. ....	463	411	Emprehender. ....	319	291
Dissimular. ....	370	333	Emprestimo. ....	253	228
Dissipador .....	236	212	Empresa. ....	53	49
Distancia. ....	399	360	Êmulo .....	138	118
Distincção .....	38	40	Enamorado .....	449	376
Distracção .....	298	272	Encobrir .....	305	279
Distribuir. ....	391	352	Encurtar .....	336	306
Ditoso. ....	80	71	Energia. ....	363	328
Diurno .....	188	164	Enfeites .....	184	161
Diversão. ....	298	272	Enfermidade .....	227	203
Diversidade .....	88	40	Enfurecido .....	425	381
Dividir. ....	390	351	Enganar. ....	119	101
Divisa. ....	53	49	Enjeitar. ....	322	294
Divisar. ....	155	136	Enseada. ....	309	282
Divorcio. ....	357	323	Enterrar. ....	293	268
Divulgar. ....	201	179	Entrar .....	382	345
Documento. ....	7	44	Entrepender. ....	319	291
Doença. ....	227	203	Enunciar .....	133	113
Domicilio. ....	278	254	Envelhecido. ....	132	112
Dona .....	13	19	Envelhentado .....	132	112
Dono. ....	366	331	Enxergar .....	155	136
Donzella. ....	99	84	Enxugar. ....	348	315
Dor. ....	216	191	Epitheto. ....	129	110
Dotes. ....	208	184	Epitomar. ....	337	307

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Equidade.....	289	263	Estudante.....	114	96
Erguer.....	261	236	Estudar.....	244	220
Erro.....	124	105	Estudioso.....	114	96
Escandescencia.....	286	261	Eterno.....	310	283
Escapar.....	302	276	Evadir.....	302	276
Escapar a.....	303	277	Evaporar.....	405	364
Escapar de.....	303	277	Evitar.....	302	276
Escolher.....	58	53	Exacto.....	339	308
Esconder.....	305	279	Excitar.....	449	400
Escravo.....	443	394	Execração.....	274	250
Escuro.....	295	269	Execrar.....	574	337
Escusado.....	100	85	Exemplar.....	262	237
Escutar.....	131	112	Exemplo.....	262	237
Esguardar.....	155	136	Exortar.....	405	364
Espada.....	153	135	Exigir.....	116	99
Esperança (Ter).....	479	420	Exorar.....	116	99
Esperar.....	21	25	Exordio.....	145	127
Espia.....	294	269	Experiencia.....	315	287
Espirito.....	246	221	Expressão.....	8	14
Esplendor.....	81	72	Exprimir.....	133	113
Esposo.....	14	20	Expugnar.....	136	118
Espurio.....	251	226	Exterminar.....	74	66
Esquivamente.....	341	310	Extraordinario.....	40	41
Esquivar.....	302	276	Extremidade.....	343	311
Estabelecer.....	501	430	Exultação.....	157	138
Estado.....	284	259	Faca.....	410	369
Estandarte.....	398	359	Face.....	22	26
Estar.....	480	420	Fadiga.....	494	427
Estar affeito.....	405	89	Fado.....	266	241
Estar certo.....	152	134	Fallecer.....	52	48
Estar seguro.....	152	134	Fallecimento.....	41	42
Estatuta.....	217	193	Fallir de bens.....	269	246
Estilar.....	233	209	Falta.....	203	181
Estimação.....	170	149		359	325
Estimular.....	449	400		488	424
Estio.....	55	51	Fama.....	469	415
Estrangeiro.....	346	288	Fundar.....	501	430
Estranho.....	346	288	Fartura.....	160	140
Estreia.....	266	241	Fastidioso.....	381	343
Estrella.....	266	241	Fastos.....	25	30
	361	326	Favor.....	256	231



	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Fecundo.....	128	109	Fundição.....	279	253
Feliz.....	80	71	Fundir.....	279	253
Fenecer.....	52	48	Funebre.....	342	310
Ferocidade.....	427	381	Furibundo.....	425	381
Feroz.....	257	232	Furioso.....	425	381
Fertil.....	128	109	Furto.....	207	184
Fervor.....	358	324	Fusão.....	279	253
Fervura.....	358	324	Futil.....	146	128
Feto.....	432	385	Futuro (O).....	60	55
Fiança.....	150	132	Gabar.....	89	77
Figura.....	120	102	Galante.....	212	187
Filho bastardo.....	251	226	Galardão.....	202	180
Filho natural.....	251	226	Geada.....	213	188
Fim.....	343	311	Geito.....	151	133
Finado.....	330	300	Gelo.....	213	188
Finar-se.....	52	48	Generosidade.....	31	35
Fingido.....	463	411	Genio.....	191 448	167 399
Fingir.....	370	333	Gentil.....	212	187
Fino.....	185	162	Geral.....	68	61
Fio (A).....	350	317	Gerar.....	209	185
Firmeza.....	23	28	Ginete.....	410	369
Flamma.....	164	144	Gladio.....	153	135
Fluido.....	354	320	Gloria.....	385	347
Fogo.....	163	143	Glossario.....	65	59
Folga.....	91	79	Golfo.....	309	282
Folguedo.....	91	79	Gosto.....	54	51
Força.....	363	328	Gotejar.....	233	209
Fôrma.....	120	102	Graça.....	256	231
Formoso.....	212	187	Grande (Muito).....	306	279
Fortaleza.....	265	240	Grandissimo.....	306	279
Fortuna.....	266	241	Gratidão.....	108	92
Fraco.....	206	183	Grave.....	486	423
Frequente.....	219	194	Gravida.....	76	68
Frequentemente.....	218	193	Gravidade.....	93 94	80 81
Frivolo.....	146	128	Gravitação.....	93	80
Frota.....	48	47	Gravoso.....	384	346
Frugalidade.....	288	262	Grei.....	464	412
Fugir.....	302	276	Grenha.....	423	379
Fulgurante.....	173	152	Grito.....	187	163
Fulminante.....	173	152			
Fundar.....	301	130			

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Guedelha .....	423	376	Illudir .....	119	101
Guerra (Declaração de) .....	254	229	Illusão .....	124	105
Guerra (Manifesto de) .....	254	229	Illustre .....	248	223
Guerrear .....	362	327	Imagem .....	450	401
Guerreiro .....	437	390	Imitar .....	453	404
Guião .....	398	359	Immune .....	140	122
Guiar .....	196	174	Immunidade .....	140	122
Habil .....	497	428	Imperador .....	26	21
Habitação .....	278	254	Impericia .....	264	239
Hardimento .....	165	144	Impetrar .....	247	223
Herdeiro .....	238	214	Implorar .....	116	99
Herege .....	338	308	Importa .....	34	37
Heroismo .....	165	144	Importuno .....	381	343
Heterodoxo .....	338	308	Imposição .....	471	416
Hir .....	176	153	Impostura .....	471	416
Historia .....	489	424	Imprecação .....	274	250
Historia geral .....	26	31	Imprevisto .....	71	62
Historia universal .....	26	31	Impubere .....	459	409
Homem .....	1	9	Impugnar .....	137	118
Homem (O) .....	{ 126	106	Imputar .....	415	373
	{ 360	325	Inadvertencia .....	258	233
Homem (Todo) .....	360	325	Inanimado .....	115	98
Homem de bem .....	300	274	Incendiar-se .....	162	141
Homem de honra .....	300	274	Incerteza .....	73	64
Homem de probidade .....	300	274	Incitar .....	449	400
Homem de virtude .....	300	274	Inclinação .....	{ 28	32
Homem verdadeiro .....	332	207		{ 407	365
Honra .....	{ 210	186	Incognito .....	115	98
	{ 385	347	Inconsideração .....	258	233
Honra (Homem de) .....	300	274	Inculpado .....	115	98
Humido .....	426	381	Indecisão .....	73	64
Humildade .....	291	266	Indemnidade .....	103	87
Humiliação .....	291	266	Indemnisação .....	103	87
Hypotheca .....	150	132	Indicar .....	318	290
Hypothese .....	21	29	Indicio .....	148	131
Idioma .....	134	114	Indigencia .....	174	152
Idoneo .....	497	428	Indizível .....	395	355
Ignaro .....	495	427	Indole .....	191	167
Ignorancia .....	264	239	Indolente .....	75	67
Ignorante .....	495	427	Indulgencia .....	{ 241	216
Igreja .....	63	57		{ 242	217

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Inefavel .....	395	355	Invincível.....	299	274
Inenarravel.....	395	355	Inventar.....	147	129
Inerte.....	75	67	Ira.....	286	261
Inesperado.....	71	62	Iracundo .....	205	182
Inexoravel.....	189	165	Irado.....	205	182
Inexplicavel.....	395	355	Iroso .....	205	182
Infante .....	118	100	Irresolução.....	73	64
Infidelidade.....	50	47	Irrito.....	249	224
Inflamar-se.....	162	141	Isenção.....	140	122
Inflexível.....	189	165	Isento.....	140	122
Informe .....	115	98	Já.....	378	341
Inhabitado .....	115	98	Jactura.....	504	433
Injuria.....	433	385	Jámais .....	177	154
Inopia.....	174	152	Jornada.....	470	416
Inopinado.....	71	62	Júbilo.....	157	138
Inquilino .....	458	408	Jura .....	192	168
Inquirir.....	346	314	Juramento.....	192	168
Insignia .....	398	359	Jurista .....	457	407
Inspido.....	383	346	Justa .....	367	332
Inspiração.....	344	312	Justiça .....	289	263
Instante .....	61	58	Justiceiro.....	240	215
Instigar.....	449	400	Justificação.....	123	104
Instituir.....	501	430	Justo .....	240	215
Insulso.....	383	346	Juventude .....	102	86
Insuperavel.....	299	274	Labareda .....	164	144
Inteiro .....	189	165	Labios.....	125	106
Intenção.....	401	361	Lamentar.....	29	33
Interior.....	185	173	Largar.....	255	230
Interno.....	185	173	Largueza.....	66	59
Interprete.....	505	433	Largura.....	66	59
Interrogar.....	346	314	Latrocínio.....	207	184
Intervallo.....	399	360	Ledice .....	157	138
Intimo.....	185	173	Legal.....	214	189
Intrepidez.....	165	144	Legista.....	457	407
Intuito .....	401	361	Legítimo.....	214	189
Inutil .....	100	85	Leis .....	457	407
Invadir.....	372	336	Lembrança.....	308	281
Invalido .....	249	224	Lenha.....	430	384
Inveja.....	17	23	Letras.....	275	251
Inveja (Ter).....	329	300	Levantar.....	261	236
Invejar.....	329	300	Levar.....	196	174

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Lhano .....	283	258	Maquinar.....	107	90
Liberalidade .....	34	35	Maravilha.....	334	303
Liberdade.....	113	96	Marchar.....	176	153
Lícito.....	417	374	Marcial.....	437	390
Limar.....	158	139	Margem.....	180	157
Limite.....	313	311	Marido.....	14	20
Lingua.....	134	414	Marinho.....	429	383
	505	433	Marítimo.....	429	383
Linguagem.....	134	114	Matança.....	492	426
Liquefacção.....	279	255	Matar.....	333	303
Líquido.....	354	320	Matrimonio.....	221	197
Lisongear.....	98	83	Matrona.....	13	19
Lisonja.....	149	131	Mau grado.....	127	107
Lisonjaria.....	149	131	Mausoleo.....	314	286
Litigio.....	237	213	Medicamento.....	250	225
Livraria.....	200	178	Medo.....	280	256
Livres (Bens).....	197	175	Memoria.....	308	281
Lizo.....	282	258	Memorias.....	263	237
Lobrigar.....	155	136	Menino.....	118	100
Logica.....	292	267	Menor.....	459	409
Longanimidade.....	276	252	Mercê.....	256	231
Louvar.....	89	77	Mercenario.....	392	352
Louvor.....	385	347	Merecer.....	267	244
Luctar.....	362	327	Mergulhar.....	456	407
Luctuoso.....	342	310	Messe.....	141	123
Lugubre.....	342	310	Milagre.....	334	303
Lume.....	163	143	Mister.....	320	291
Luzir.....	239	214	Misturar.....	332	301
Madeira.....	430	384	Moça.....	99	84
Magestade.....	435	387	Moção.....	103	87
Magnanimidade.....	276	252	Mocidade.....	102	86
Mágoa.....	216	191	Moderação.....	287	261
Maldade.....	500	430	Modestia.....	491	425
Maldição.....	274	250	Molestia.....	227	203
Maledicencia.....	371	334	Molesto.....	381	343
Malicia.....	500	430	Molhado.....	426	381
Malignidade.....	500	430	Momento.....	64	58
Manada.....	464	412	Monarca.....	16	21
Manar.....	233	209	Monumento.....	7	14
Manifesto.....	304	278	Morada.....	278	254
Manifesto de guerra...	254	229	Morrer.....	52	48

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Mortandade .....	492	426	O futuro .....	60	55
Morte .....	41	42	O homem .....	426	406
Morto .....	330	300	O porvir .....	60	55
Mostra .....	148	131	Oblação .....	403	87
Mostras de amizade ..	328	299	Obras (Boas) .....	428	382
Motivo .....	503	431	Obrepticio .....	462	410
Movediço .....	84	74	Obrigaçào .....	95	82
Movel .....	84	74	Obsceno .....	406	90
Movimento .....	403	87	Obscurecer .....	439	392
Muitas vezes .....	218	193	Obscuro .....	295	269
Muito .....	51	48	Obsecrar .....	116	99
Muito grande .....	306	279	Observação .....	33	36
Mulher .....	13	19		315	287
Mundo .....	97	83	Observancia .....	33	36
Mutuo .....	27	32	Obstante (Não) .....	127	107
	253	228	Obstinação .....	245	220
Na realidade .....	172	151	Obter .....	247	223
Na verdade .....	172	151	Occasião .....	15	21
Não obstante .....	127	107	Occultar .....	305	279
Natural .....	191	167	Ocioso .....	220	196
Natural (Filho) .....	251	226	Odiar .....	374	337
Necessitar .....	324	295	Odioso .....	381	343
Negligente .....	75	67	Odorífero .....	168	147
Negociante .....	114	96	Offensa .....	433	385
Negocioso .....	114	96	Offerenda .....	403	87
Nenhum .....	6	13	Offuscar .....	439	392
Neve .....	213	188	Olfato .....	88	77
Ninguém .....	6	13	Olhar .....	155	136
No qual .....	496	428	Onda .....	92	79
Nobre .....	248	223	Onde .....	496	428
Nocivo .....	387	349	Ondulação .....	393	353
Nós ..	351	317	Oneroso .....	384	346
Nós-outros .....	351	317	Onzena .....	142	124
Notorio .....	234	210	Opaco .....	154	136
Novo .....	86	75	Opportunidade .....	15	21
Nulla .....	249	224	Oppugnar .....	136	118
Nunca .....	177	154	Opulencia .....	47	46
Nupcias .....	221	197	Orar .....	116	99
Nutrir .....	199	178	Ordinariamente .....	215	190
O bello .....	321	293	Ordir .....	107	90
O ceo .....	490	425	Orelhas .....	290	266

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Orgulho .....	439	120	Penhor.....	450	432
Original .....	442	394	Penna.....	466	412
Originario.....	442	394	Pensão.....	222	498
Os ceos .....	490	425	Penuria.....	174	452
Os homens.....	426	406	Perceber.....	436	388
Oscillação .....	393	353	Perdão (Pedir).....	32	36
Ousadia .....	454	406	Perdoar.....	143	424
Outrem.....	6	43	Perecer .....	52	48
Outro .....	6	43	Peregrinação .....	470	446
Ovante.....	402	361	Perenne.....	341	284
Ouvidos.....	290	266	Perfeito.....	161	441
Ouvir .....	434	412	Perfidia.....	50	47
Pacto.....	323	295	Perguntar.....	346	314
Paixões .....	30	34	Perigo .....	368	232
Palafrem.....	440	369	Permittido.....	417	374
Palavra.....	8	14	Permittir .....	243	218
Panegyrico.....	452	403	Pernicioso.....	387	349
Para.....	67	60	Perpetuo .....	340	283
Paraizo.....	335	305		344	284
Paralogismo.....	20	25	Perplexidade .....	73	64
Parcimonia .....	288	262	Perseverar.....	326	296
Partir.....	390	351	Persistir.....	326	296
Passamento.....	41	42	Perspicacia.....	223	199
Paternal.....	36	38	Perspicuidade.....	83	73
Paterno.....	36	38	Persuasão.....	2	10
Patrulha.....	19	24	Pertinacia.....	245	220
Paz.....	5	12	Pervertido.....	313	285
Peccado .....	203	181	Pezado.....	384	346
Pedir.....	116	99	Pezar .....	216	191
Pedir desculpa.....	32	36	Pezo.....	94	81
Pedir perdão.....	32	36	Piedade .....	225	201
Pégada.....	356	321	Pingar.....	233	209
Pejada.....	76	68	Pista.....	356	321
Pejo .....	491	425	Pizada.....	356	321
Pelejar.....	362	327	Plano.....	283	258
Penas.....	484	422	Plebe.....	183	160
Pendão.....	398	359	Pluma.....	466	412
Penetração.....	223	199	Pobreza .....	174	452
Penetrante.....	441	393	Poder .....	117	100
Penetrar.....	382	345	Policiado .....	166	446
Penetrativo .....	441	393	Polidez.....	307	280

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Polido.....	166	146	Princípio.....	145	127
Polir.....	158	139	Privação.....	359	325
Pontual.....	339	308	Probidade (Homem de).....	300	274
Pôr.....	228	201	Processo.....	237	212
Porvir (O).....	60	55	Procurar.....	468	414
Posição.....	502	431	Prodígio.....	334	303
Postulado.....	130	111	Prodígo.....	236	212
Postura.....	151	133	Produzir.....	209	185
Potentado.....	16	21	Profanação.....	451	402
Potro.....	410	369	Profetizar.....	194	170
Povo.....	183	160	Profundo.....	418	375
Praga.....	274	250	Prognosticar.....	194	170
Praia.....	180	157	Proibir.....	352	318
Prantear.....	29	33	Promptamente.....	378	341
Prazer.....	493	426	Promulgar.....	201	179
Precisão.....	9	15	Propensão.....	28	32
Precisar.....	324	295	Proprietario.....	366	331
Preciso.....	87	76	Propugnar.....	137	118
Preço.....	{ 170	149	Proseguir.....	326	296
	{ 474	418	Provocar.....	449	400
Predecessor.....	353	319	Proximo.....	79	70
Predizer.....	194	170	Prudencia.....	184	163
Preferir.....	58	53	Publicar.....	201	179
Preguiça.....	461	410	Publico.....	{ 190	166
	{ 75	67		{ 234	210
Preguiçoso.....	{ 220	195	Pudicicia.....	37	38
Prematuro.....	62	56	Pudor.....	491	425
Premio.....	202	180	Pulo.....	373	337
Prendas.....	208	184	Punir.....	260	235
Prenhe.....	76	68	Pupillo.....	459	409
Preocupação.....	46	46	Pureza.....	37	38
Presagiar.....	194	170	Pyrrhonismo.....	12	18
Presumpção.....	{ 139	120	Qual (No).....	496	428
	{ 327	297	Qualidade.....	284	259
Pretender.....	498	429	Queimar-se.....	162	141
Prevenção.....	46	46	Quietação.....	5	12
Primeiro.....	167	146	Radiante.....	114	96
Primévo.....	167	146	Radoso.....	114	96
Primitivo.....	167	146	Raiva.....	286	261
Primoroso.....	339	308	Rapariga.....	99	84
Príncipe.....	16	21	Rapina.....	207	184

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Raro.....	230	206	Requerer.....	416	99
Rasto.....	356	321	Requestar.....	498	429
Razão.....	503	431	Reserva.....	487	424
Realidade (Na).....	172	151	Residencia.....	278	254
Realizar.....	96	82	Respeito.....	90	78
Rebanho.....	464	412	Responder.....	388	350
Receber.....	111	94	Retrato.....	450	401
Receio.....	280	256	Retroceder.....	347	315
Recente.....	86	75	Retrogradar.....	347	315
Reciproco.....	27	32	Revelação.....	344	312
Reconhecimento.....	108	92	Reverencia.....	90	78
Recordação.....	308	281	Ribeira.....	180	157
Recuar.....	347	315	Rigor.....	181	158
Recusar.....	297	271	Riqueza.....	47	46
Reflexão.....	477	419	Risco.....	368	332
Reforma.....	103	87	Rival.....	138	118
Reformação.....	103	87	Rocim.....	410	369
Refugio.....	414	372	Rogar.....	116	99
Refusar.....	297	271	Ronda.....	19	24
Rei.....	16	21	Rosto.....	22	26
Reio (A).....	350	317	Roubo.....	207	184
Rejeitar.....	322	294	Ruindade.....	500	430
Relações.....	263	237	Sabor.....	54	51
Releva.....	34	37	Saciedade.....	160	140
Religião.....	225	201	Sacrilegio.....	481	402
Reluzir.....	239	214	Salto.....	373	337
Remediar.....	453	404	Sanha.....	286	261
Remedio.....	250	225	Saraiva.....	213	188
Reminiscencia.....	308	281	Satisfação.....	277	353
Remittir.....	143	124	Scepticismo.....	12	18
Remorso.....	386	348	Seara.....	141	123
Renegar.....	445	397	Seccamente.....	341	310
Renunciar.....	483	422	Seccar.....	348	315
Repartir.....	391	352	Secco.....	42	43
Repente (De).....	364	329	Seduzir.....	119	101
Replicar.....	388	350	Segundo.....	379	242
Repouso.....	5	12	Segurança.....	18	24
Reprovar.....	447	398	Seguridade.....	18	24
Repudiar.....	483	422	Selvagem.....	257	232
Repudio.....	357	323	Sem embargo.....	127	107
Reputação.....	469	415	Semblante.....	22	26



	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Semelhança .....	122	103	Subito (De) .....	364	329
Sempre .....	72	64	Submergir .....	456	407
Senhor .....	366	331	Subrepticio .....	462	410
Senhorio .....	117	100	Successo .....	404	363
Sentinella .....	294	269	Successor .....	238	214
Separar .....	198	176	Succinto .....	87	76
Sepultar .....	375	339	Sufficiente .....	204	181
Ser .....	480	420	Summo .....	345	313
Ser digno .....	267	244	Suor .....	182	159
Serenidade .....	5	12	Superfluo .....	100	85
Serio .....	486	423	Superioridade .....	117	100
Servo .....	443	394	Supplicar .....	116	99
Severidade .....	181	158	Supposição .....	24	29
Simpleza .....	272	248	Supposto .....	377	340
Simplicidade .....	272	248	Supremo .....	345	313
Simulacro .....	450	401	Sustentar .....	199	178
Simular .....	370	333	Symbolo .....	53	49
Sinal .....	148	131	Systema .....	144	125
Singular .....	{ 40 41		Talento .....	448	399
	{ 231 207		Talhe .....	217	193
Situação .....	502	431	Tecer .....	107	90
Sizudo .....	486	423	Tedioso .....	381	343
Só .....	231	207	Temor .....	280	256
Sobejamente .....	51	48	Temperamento .....	411	370
Soberania .....	117	100	Temperança .....	{ 287 261	
Soberano .....	345	313		{ 288 262	
Sobriedade .....	288	262	Templo .....	63	57
Soberrar .....	{ 293 268		Tempo .....	355	320
	{ 375 339		Tenção .....	53	49
Socego .....	5	12	Tenebroso .....	295	269
Social .....	135	116	Ter confiança em alguém .....	479	420
Sociável .....	135	116	Ter esperança .....	479	420
Soer .....	105	89	Ter inveja .....	329	300
Sofisma .....	20	25	Termo .....	{ 8 14	
Sofrer .....	45	45		{ 343 311	
Solemne .....	296	270	Ternura .....	407	365
Sollicito .....	331	301	Terra .....	460	409
Som .....	175	153	Terreno .....	460	409
Sombrio .....	154	136	Territorio .....	460	409
Soportar .....	45	45	Testemunhos de ami-		
Sorte .....	266	241	zade .....	328	299

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Theoria.....	144	125	Vãamente.....	312	285
Todo homem.....	360	325	Vaga.....	92	79
Tolerancia.....	242	217	Vaidade.....	139	120
Tolerar.....	{ 45 45		Valor.....	{ 165 144	
	{ 243 218			{ 170 149	
Tom.....	175	153	Vangloria.....	139	120
Tomar.....	111	94	Vão (Em).....	312	285
Tomo.....	229	205	Varão.....	1	9
Torneio.....	367	332	Variação.....	11	17
Traição.....	50	47	Variedade.....	11	17
Trajo.....	169	148	Vasto.....	465	412
Tramar.....	107	90	Vaticinar.....	194	170
Tranquillidade.....	5	12	Vedar.....	352	318
Transcrever.....	403	362		{ 3 11	
Transferir.....	226	202	Velho.....	{ 4 11	
Transfiguração.....	281	257		{ 132 112	
Transformação.....	281	257	Venal.....	392	352
Transito.....	41	42	Vender.....	413	372
Transparente.....	349	316	Veneração.....	90	78
Transpiração.....	182	159	Ver.....	{ 155 136	
Transportar.....	226	202		{ 436 388	
Trasladar.....	403	362	Verão.....	55	51
Tratado.....	323	295	Verdade (Na).....	172	151
Trilha.....	356	321	Verdadeiro.....	499	429
Tristeza.....	325	296	Verdadeiro homem...	232	207
Tristura.....	325	296	Vergonha.....	491	425
Triunfante.....	402	361	Veridico.....	499	429
Triunfo.....	78	69	Verificar.....	96	82
Tumulo.....	314	286	Veste.....	169	148
Turba.....	444	396	Vestido.....	169	148
Turma.....	444	396	Vestidura.....	169	148
Tutor.....	424	380	Vestigio.....	356	321
Tyranno.....	467	413	Vestimenta.....	169	148
Ultimo.....	39	41	Veze (Muitas).....	218	193
Ultrage.....	433	385	Viagem.....	470	416
Unico.....	231	207	Vibração.....	393	353
Unir.....	179	156	Victoria.....	78	69
Universal.....	68	61	Vigia.....	294	269
Universo.....	97	83	Violencia.....	363	328
Usura.....	142	124	Virgindade.....	37	38
Usurpar.....	372	336	Virtude (Homem de)...	300	274

	Voc.	Pag.		Voc.	Pag.
Visão.....	397	358	Volume.....	229	205
Visinho.....	79	70	Voluptuosidade.....	493	426
Vocabulario.....	65	59	Voz.....	185	163
Vocabulo.....	8	14	Vulgo.....	183	160
Vodas.....	221	197	Vulto.....	22	26